U.PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Aurora Maria Ribeiro da Silva

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VELHICE

TESE DE DOUTORAMENTO
PSICOLOGIA
2011

AURORA MARIA RIBEIRO DA SILVA

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VELHICE

Tese apresentada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto para a obtenção do Grau de Doutora em Psicologia, orientada pela Professora Doutora Gabrielle Poeschl e co-orientada pelo Professor Doutor Alain Clémence.

PORTO – 2011

Tese financiada pelo POPH - QREN - Tipologia 4.1 - Formação Avançada, comparticipada pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do MCTES através da Bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia com a referência SFRH / BD / 18573 / 2004.

Resumo

O actual protagonismo populacional dos indivíduos com idade superior a 65 anos originou uma realidade populacional de consequências ainda desconhecidas. Actualmente, multiplicam-se os estudos motivados pelo envelhecimento populacional, num verdadeiro esforço multidisciplinar para o entendimento do fenómeno, principalmente nas suas dimensões sociais e económicas. Uma medida sobre a importância que a sociedade confere ao envelhecimento pode ser dada pelos sucessivos esforços das Nações Unidas na área. No nosso entendimento, a dimensão do fenómeno torna premente aprofundar, igualmente, o conhecimento relativo ao objecto social velhice. O conhecimento sobre a representação da velhice é um passo fundamental para o dimensionamento de políticas de valorização e dignificação da velhice, em termos institucionais, da sua preparação e vivência, e da melhoria das relações entre as gerações.

Para atingir o objectivo de estudar a representação social da velhice, elegemos como referencial teórico e metodológico a Teoria das Representações Sociais, mais especificamente a perspectiva da Escola de Genebra que se tem revelado fecunda e adequada para o estudo de objectos sociais de grande relevância como é o caso da velhice e do envelhecimento.

A nossa investigação empírica surge organizada numa série de estudos, recorrendo a metodologias qualitativas e quantitativas, em cujo desenvolvimento privilegiámos a ancoragem sociológica – que se articula com o nível posicional e o nível ideológico e que concerne a pertenças específicas dos indivíduos a grupos, como por exemplo o grupo etário, o sexo e o nível socioeconómico.

Em termos gerais, os resultados dos diversos estudos revelam uma representação social da velhice caracterizada pela multidimensionalidade, passível de identificar a coexistência de dois princípios gerais: ganhos *vs* perdas e biológico *vs* psicossocial. Os dados sugerem que a visão sobre a velhice se vai tornando mais triste à medida que a idade dos respondentes aumenta: os adolescentes e os jovens adultos surgem com uma visão neutra – ou mesmo positiva – e esta visão começa a transformar-se na meia-idade, tornando-se ainda mais negativa na representação das pessoas da terceira idade. Os dados encontrados revelam ainda que as actividades desempenhadas por homens e mulheres na velhice, para além de se distanciarem do mundo do trabalho, apontam para a manutenção dos papéis de género. Por fim, os dados indiciam uma representação mais positiva da própria velhice que da velhice dos outros, fundada num papel proactivo na preparação da velhice.

Abstract

The present leading role of individuals aged more than 65 years old originated a population reality of still unknown consequences. Nowadays, the number of studies, motivated by the population ageing process, increase, in a true multidisciplinary effort to understand the phenomenon, mainly in its social and economic dimensions. A measure on the importance that society confers to ageing can be given by the consecutive efforts of the United Nations in the area. From our point of view, the dimension of the phenomenon urges to deepen, equally, the knowledge concerning the social object old age. The knowledge of the representation of old age is an essential step for the dimensioning of policies of valorization and dignification of oldness, in institutional terms, in terms of its preparation and experiencing, and of the betterment of relationships between generations.

To achieve the aim of studying the social representation of old age, we selected as theoretical and methodological referential the Theory of Social Representations, more specifically the perspective of the Geneva School that has revealed itself fruitful and adequate for the study of social objects of great relevance as it is the case of old age and ageing.

Our empirical research is organized in a series of studies, by using qualitative and quantitative methodologies, on whose development we privileged the sociological anchorage – that articulates with the positional level and the ideological level and that concerns specific belongings of the individuals to groups, as for example the age group, the gender and the socioeconomic level.

In general terms, the results of the several studies disclose a social representation of old age characterized by multidimensionality, capable of identifying the coexistence of two general principles: gains*vs* losses and biological *vs* psychosocial. The data suggest that the insight into old age becomes sadder and sadder as the subjects grow older: teenagers and young adults appear with a neutral insight – or even positive – and this vision starts changing in middle age, becoming even more negative in the representation of people of old age. The data found reveal further that the activities performed by men and women in old age, besides distancing themselves from the world of work, point at the upkeep of gender roles. Finally, the data indicate a more positive representation of one's own oldness than that of others, grounded on a proactive role in the preparation of old age.

Résumé

Le protagonisme actuelle de personnes âgées de plus de 65 ans a donné lieu à une réalité populationnel de conséquences encore méconnues. À l'heure actuelle, se multiplient les études motivées par le vieillissement populationnel, dans un vrai effort multidisciplinaire pour la compréhension du phénomène, principalement dans leurs dimensions sociales et économiques. La taille de l'importance que la société confère au vieillissement peut être mesurée par les successifs efforts des Nations Unies dans le secteur. À notre avis, la dimension du phénomène nécessite d'approfondir, également, la connaissance concernant l'objet social de la vieillesse. La connaissance sur la représentation de la vieillesse est une étape fondamentale pour le dimensionnement des politiques d'évaluation et de valorisation de la vieillesse, dans des termes institutionnels, de sa préparation et de la manier de la vivre et de l'amélioration des relations entre les générations.

Pour 'étudier la représentation sociale de la vieillesse, nous adoptons comme référentiel théorique et méthodologique la Théorie des Représentations Sociales, plus spécifiquement la perspective de l'École de Genève qui s'est révélé féconde pour l'étude d'objets sociaux de grande importance comme c'est le cas de la vieillesse et du vieillissement.

Notre recherche empirique est composée d'une série d'études qui utilisent méthodologies qualitatives et quantitatives. Nous avons privilégié l'ancrage sociologique - articulé avec le niveau positionnel et le niveau idéologique aussi que les appartenances spécifiques des personnes à des groupes, comme par exemple le groupe l'âge, le sexe et le niveau socio-économique.

Dans des termes généraux, les résultats des études révèlent une représentation sociale de la vieillesse caractérisée par la multi-dimensionnalité, et permettent d'identifier la coexistence de deux principes généraux: gains *vs* pertes et biologique *vs* psychosociaux. Les données suggèrent que la vision sur la vieillesse se rend plus triste au fur et à mesure que l'âge des répondants augmente: les adolescents et les jeunes adultes ont une vision neutre - ou même positive - et cette vision commence à se transformer avec l'avance en âge puis devient négative chez les personnes du troisième âge. Les données révèlent encore que les activités exercées par les hommes et les femmes dans la vieillesse, s'éloignent du monde du travail et semblent mener à la conservation des rôles de genre. Finalement, les données montrent une représentation plus positive de la propre vieillesse que de la vieillesse des autres, liée dans un rôle proactif dans la préparation de la vieillesse.

Agradecimentos

O doutoramento é um processo solitário mas não é um caminho que se percorre sozinha. Pela presença ao longo deste percurso quero agradecer:

À professora Doutora Gabrielle Poeschl e ao Professor Doutor Alain Clémence, minha orientadora e meu co-orientador, que em alturas decisivas me ajudaram a encontrar rumo num mar por vezes muito revolto. À Doutora Gabrielle Poeschl agradeço especialmente as sugestões e o rigor na revisão deste trabalho.

Aos homens e mulheres de diferentes idades que acederam partilhar comigo os seus olhares sobre a velhice;

À Cláudia e à Raquel, amigas e companheiras de viagem, porto de abrigo seguro onde retemperei forças e que sempre me incentivaram a prosseguir;

À minha família e amigos, redes solidárias de mimos e cumplicidades, âncoras do meu bem-estar, sem os quais a minha vida não faria sentido.

Para exprimir a minha gratidão ao Tó e ao João invento, por não existirem, palavras de silêncio, de cumplicidades e de ternura.

Ao Gonçalo e à Maria Rosa que geraram e inspiram a minha vida.

Índice Geral

Índice de Quadros 20

Introdução 25

Capítulo I – Olhares sobre a velhice 35

1.1 - A velhice como conceito socio-histórico 37
1.1.1 - Velhice: imagens ao longo dos tempos 38
1.1.2 - Velhice: imagens em Portugal 43

1.2 – Mitos associados à velhice e idadismo 52
1.2.1 – Organização Mundial de Saúde e mitos sobre o envelhecimento 53
1.2.2 – Discriminação e preconceito com base na idade 56

1.3 – Seniores: um novo estrato social em ascensão 70
1.3.1 – População envelhecida: envelhecimento sem precedentes 71
1.3.2 – Organizações das Nações Unidas e envelhecimento 79
1.3.3 – Caracterização das pessoas com 65 e mais anos 88

Capítulo II – Abordagem à Teoria das Representações Sociais 91

2.1 - Considerações iniciais 95

2.2 – Representações sociais: à procura de uma definição 103

2.3 - Dimensões das representações sociais 107

2.4 – Condições de produção das representações sociais 108

2.5 – Funções das representações sociais 111

2.6 – Génese e funcionamento das representações sociais 115
2.6.1 - Objectivação 116
2.6.2 – Ancoragem 120

2.7 – Perspectiva dos princípios organizadores da Escola de Genebra 124
2.7.1 - Princípios organizadores: especificidades teóricas 124
2.7.2 - Princípios organizadores: estratégia metodológica 130

2.8 - Representações sociais da velhice 133
2.8.1 - Multidimensionalidade da velhice 134

2.8.2 - Representações da velhice no interior de grupos etários 136
2.8.3 - Representações da velhice: comparação entre diferentes grupos etários 145

2.9 – Representações sociais da velhice em amostras portuguesas: investigação a realizar 155

Capítulo III – Metodologia 159

3.1 – Apresentação e articulação entre os estudos 161

3.2 - Técnica de recolha de dados e simplificação do material recolhido 162

3.3 - Tratamento e análise dos dados 164
3.3.1 – Análise descritiva e análise de semelhança 164
3.3.2 – Análise manual de conteúdo 165
3.3.3 – Análise textual automática 166
3.3.4– Análise dos itens quantitativos 167

3.4 – Apresentação dos resultados 167

Capítulo IV – Representações sociais da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas: perdas e ganhos associados à velhice 169

4.1 – Objectivos 171

4.2 – Hipóteses 172

4.3 – Método 174
4.3.1 – Amostra 174
4.3.2 – Questionário 174
4.3.3 – Procedimento 175
4.3.4 – Plano experimental 175
4.3.5 – Análise dos dados 176

4.4 – Resultados e discussão 177
4.4.1 – Campo representacional associado à mulher idosa, ao homem idoso e às pessoas idosas 177
4.4.1.1 – Dicionário global do campo representacional da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas 177
4.4.1.2 – Análise descritiva do campo representacional da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas 178
4.4.1.3 – Análise de semelhança do campo representacional da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas 180

4.4.1.4 – Dimensões das representações sociais da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas: análise textual automática 180
4.4.1.5 – Dimensões das representações sociais da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas: análise categorial temática 191
4.4.2 – Recursos na velhice: a velhice entre perdas e ganhos 206
4.4.2.1 – Recursos perdidos: perdas 207
4.4.2.2 – Recursos conservados ou adquiridos: ganhos 211
4.4.2.3 – Variações das perdas e dos ganhos em função do alvo, grupo etário e sexo dos respondentes 216

4.5 – Conclusão 226

Capítulo V – Caracterização do modo de vida e representações das actividades desempenhadas por mulheres e por homens idosos 231

5.1 – Objectivos 233

5.2 – Hipóteses 233

5.3 – Método 234
5.3.1 – Amostra 234
5.3.2 – Questionário 234
5.3.3 – Procedimento 235
5.3.4 – Análise dos dados 235
5.3.5 – Plano experimental 236

5.4 – Resultados e discussão 236
5.4.1 – Caracterização das pessoas idosas evocadas 236
5.4.2 – Caracterização e modo de vida das mulheres idosas e dos homens idosos 238
5.4.3 – Campo representacional associado às actividades desempenhadas pela mulher idosa e pelo homem idoso 242
5.4.3.1 – Análise descritiva das actividades desempenhadas pela mulher idosa e pelo homem idoso 242
5.4.3.2 – Análise de semelhança das actividades desempenhadas pela mulher idosa e pelo homem idoso 246
5.4.3.3 – Dimensões das representações sociais das actividades desempenhadas pela mulher idosa e pelo homem idoso: análise categorial temática 246
5.4.3.4 – Actividades desempenhadas na velhice em função do alvo 251
5.4.3.5 – Actividades desempenhadas na velhice em função do sexo dos respondentes 254
5.4.3.6 – Actividades desempenhadas na velhice em função do grupo etário dos respondentes 255

5.5 – Conclusão 258

Capítulo VI – Efeito da designação utilizada sobre as representações sociais da velhice 261

6.1 – Objectivos 264

6.2 – Hipóteses 265

6.3 – Método 266
6.3.1 – Amostra 266
6.3.2 – Questionário 266
6.3.3 – Procedimento 268
6.3.4 – Análise dos dados 268
6.3.5 – Plano experimental 269

6.4 – Resultados e discussão 270
6.4.1 – Designação, caracterização e avaliação da etapa de vida atingida pelas pessoas velhas, idosas e seniores 270
6.4.2 – Campo representacional das pessoas velhas, idosas e seniores 273
6.4.2.1 – Análise descritiva dos campos lexicais associados às pessoas velhas, idosas e seniores 273
6.4.2.2 – Análise de semelhança dos campos lexicais associados às pessoas velhas, idosas e seniores 274
6.4.2.3 – Dimensões das representações das pessoas velhas, idosas e seniores 274
6.4.2.4 – Avaliação da positividade das palavras ou expressões associadas às pessoas velhas, idosas e seniores 277
6.4.3 – Sentimentos despertados pela situação das pessoas velhas, idosas e seniores 278
6.4.4– Atitudes para com as pessoas velhas, idosas e seniores 281

6.5 – Conclusão 285

Capítulo VII – Representações da velhice, própria e dos outros, e influência do nível socioeconómico: actividades na velhice e estratégias para a sua preparação 289

7.1 – Objectivos 291

7.2 – Hipóteses 292

7.3 – Método 293
7.3.1 – Amostra 293
7.3.2 – Guião de entrevista 294
7.3.3 – Procedimento 295
7.3.4 – Análise dos dados 296
7.3.5 – Plano experimental 296

7.4 – Resultados e discussão 296
7.4.1 – Análises de conteúdo 296
7.4.1.1 – Campo representacional da velhice na meia-idade 296

7.4.1.2 – Actividades a desempenhar na velhice: variações em função do alvo e fase da velhice e do nível socioeconómico e sexo dos entrevistados 298
7.4.1.3 – Estratégias para preparar a velhice: variações em função do alvo da velhice, do nível socioeconómico, do sexo dos entrevistados e da fase da velhice considerada 299
7.4.2 – Análise automática: dimensões das representações sociais da velhice própria e dos outros 303
7.4.2.1 – Classe 1 velhice dos outros: balanço entre perdas e ganhos na velhice 308
7.4.2.2 – Classe 2 velhice dos outros: semelhanças e diferenças entre homens e mulheres na velhice 313
7.4.2.3 – Classe 3 própria velhice: preocupação com a velhice e sua preparação 316

7.5 – Conclusão 322

Capítulo VIII – Conclusões finais 327

8.1 - Síntese dos principais resultados 329

8.2 – Revisitar os principais aspectos teóricos a partir dos resultados 335

8.3 – Reflexões finais 337

Referências bibliográficas 341

Anexos 367

Índice de Quadros

Quadro 1.1 – Tipos de idadismo segundo Palmore…….65

Quadro 1.2 – Portugal, 2001-2006: estrutura por idades da população residente percentagem e índices…….76

Quadro 1.3 – Esperança de vida (em anos) às diversas idades, Portugal, 2001-2006……..…….79

Quadro 4.1 – Distribuição dos respondentes pelas condições experimentais 176

Quadro 4.2 – Amplitude, fluidez e riqueza dos campos lexicais associados aos dicionários "Expressões", "Objectos" e "Global" 178

Quadro 4.3 – Amplitude, fluidez e riqueza dos campos lexicais para o conjunto dos respondentes em função do alvo 179

Quadro 4.4 – Amplitude, fluidez e riqueza dos campos lexicais para o conjunto dos alvos por grupo etário 179

Quadro 4.5 – Amplitude, fluidez e riqueza dos campos lexicais para o conjunto dos alvos e grupos etários por sexo.....179

Quadro 4.6 – Semelhança dos campos semânticos segundo o índice de *Ellegard* para os alvos pessoas idosas, homem idoso, mulher idosa 180

Quadro 4.7 – Imagem bipolar da velhice: palavras associadas à classe, *qui-quadrado* e percentagem de evocação da palavra.....182

Quadro 4.8 – Degradação física e psíquica: palavras associadas à classe, q*ui-quadrado* e percentagem de evocação da palavra.....183

Quadro 4.9 – Lazeres: palavras associadas à classe, q*ui-quadrado* e percentagem de evocação da palavra.....185

Quadro 4.10 – Aparência física: palavras associadas à classe, *qui-quadrado* e percentagem de evocação da palavra 186

Quadro 4.11 – Dispositivos de apoio: subcategorias, número de palavras diferentes nas categorias, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria.....192

Quadro 4.12 – Social: subcategorias, número de palavras diferentes nas categorias, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria 194

Quadro 4.13 – Filosófica: subcategorias, número de palavras diferentes nas categorias, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria 195

Quadro 4.14 – Axiológica: subcategorias, número de palavras diferentes nas categorias, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria 196

Quadro 4.15 – Vestuário: subcategorias, número de palavras diferentes nas categorias, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria 197

Quadro 4.16 – Recreação: subcategorias, número de palavras diferentes nas categorias, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria 199

Quadro 4.17 – Debilidades: subcategorias, número de palavras diferentes nas categorias, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria 200

Quadro 4.18 – Sentimentos: subcategorias, número de palavras diferentes nas categorias, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria 201

Quadro 4.19 - Morbilidade: subcategorias, número de palavras diferentes nas categorias, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria 203

Quadro 4.20 – Aspecto: subcategorias, número de palavras diferentes nas categorias, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria 203

Quadro 4.21 – Subsistência: subcategorias, número de palavras diferentes nas categorias, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria 204

Quadro 4.22 – Perdas funcionais, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria 208

Quadro 4.23 – Perdas de aparência, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria 209

Quadro 4.24 – Perdas afectivas e psicológicas, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria 209

Quadro 4.25 – Perdas nas interacções sociais, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria 209

Quadro 4.26 – Perdas financeiras, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria 210

Quadro 4.27 – Perdas de estatuto, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria 210

Quadro 4.28 – Frequência de evocação nas subcategorias das perdas para o conjunto dos respondentes. Comparação entre as subcategorias. Valores do ^{2} 210

Quadro 4.29 – Ganhos morais e afectivos, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria 212

Quadro 4.30 – Ganhos ocupacionais, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria 213

Quadro 4.31 – Ganhos nas relações interpessoais, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria 213

Quadro 4.32 – Ganhos familiares, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria 214

Quadro 4.33 – Ganhos religiosos, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria 214

Quadro 4.34 – Ganhos gerais, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria 214

Quadro 4.35 – Ganhos de aparência, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria.....215

Quadro 4.36 – Frequência de evocação nas subcategorias dos ganhos para o conjunto dos respondentes. Comparação entre as subcategorias. Valores do ^{2} 215

Quadro 4.37 – Número de palavras diferentes por perdas e ganhos, frequência de evocação na categoria e subcategoria por alvo e para o conjunto dos alvos. Valores do ^{2}.....217

Quadro 4.38 – Frequência de evocação nas categorias e subcategorias das perdas e dos ganhos para o conjunto dos alvos por sexo e por grupo etário.Valores do ^{2}.....219

Quadro 4.39 – Frequência de evocação nas categorias e subcategorias das perdas e dos ganhos para o conjunto dos alvos por sexo e para o grupo etário por sexo. Valores do ^{2}.....221

Quadro 5.1 – Distribuição dos respondentes pelas condições experimentais. 236

Quadro 5.2 – Frequência de evocação do sexo dos alvos por sexo dos respondentes. Valores do ^{2} 238

Quadro 5.3 – Amplitude, fluidez e riqueza dos campos lexicais por grupo etário e global por sexo para o conjunto das actividades desempenhadas pelo homem idoso e pela mulher idosa 243

Quadro 5.4 – Amplitude, fluidez e riqueza dos campos lexicais por grupo etário e por sexo para o alvo actividades desempenhadas pela mulher idosa 244

Quadro 5.5 – Amplitude, fluidez e riqueza dos campos lexicais por grupo etário e por sexo para o alvo actividades desempenhadas pelo homem idoso 244

Quadro 5.6 – Semelhança dos campos semânticos segundo o índice de *Ellegard* para os alvos actividades desempenhadas pela mulher idosa, homem idoso e global 246

Quadro 5.7 – Actividades de recreação: subcategorias, número de palavras diferentes na categoria, frequência por palavra evocada para os dois alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria.....247

Quadro 5.8 – Actividades de subsistência: subcategorias, número de palavras diferentes na categoria, frequência por palavra evocada para os dois alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria.....249

Quadro 5.9 – Actividades Sociais: subcategorias, número de palavras diferentes na categoria, frequência por palavra evocada para os dois alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria 250

Quadro 5.10 – Actividades de cuidado pessoal: subcategorias, número de palavras diferentes na categoria, frequência por palavra evocada para os dois alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria 250

Quadro 5.11 – Actividades religiosas: número de palavras diferentes na categoria, frequência por palavra evocada para os dois alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na categoria.....251

Quadro 5.12 – Frequência por categoria e sucbcategoria das actividades para o conjunto dos respondentes e alvos. Valores do ^{2}.....252

Quadro 5.13 – Frequência de evocação, por categoria e subcategoria, das actividades desempenhadas pelos respondentes femininos e masculinos para o conjunto dos alvos. Valores do ^{2}.....255

Quadro 5.14 – Frequência de evocação nas categorias e subcategorias das actividades para o conjunto dos alvos e sexo por grupo etário. Valores do ^{2}.....256

Quadro 6.1 – Distribuição dos respondentes pelas condições experimentais.....270

Quadro 6.2 – Palavras referidas para chamar à etapa da vida. Frequência e percentagem de evocação por palavras, comuns e específicas e por alvo.....271

Quadro 6.3 – Média de idades, desvio padrão, idade mínima e máxima a partir da qual os respondentes consideram uma pessoa velha, idosa ou sénior.....272

Quadro 6.4 – Amplitude, fluidez e riqueza dos campos lexicais por alvo e global por sexo para o conjunto dos respondentes.....273

Quadro 6.5 – Semelhança dos campos semânticos segundo o índice de *Ellegard* para os alvos pessoas velhas, pessoas idosas e pessoas seniores.....274

Quadro 6.6 – Categorias e percentagem de evocação. Frequências por categoria e subcategoria para o total dos respondentes por alvo pessoas velhas, idosas e seniores.....275

Quadro 6.7 – Sentimentos: solução factorial após rotação varimax. Saturação, média e desvio padrão dos itens (1=nada forte, 7=muito forte) para o conjunto dos respondentes. *Alpha* de *Cronbach*.....279

Quadro 6.8 – Médias das emoções despertadas por grupo etário, alvo e sexo (1=nada forte e 7=muito forte). Análise da variância.....280

Quadro 6.9 – Idadismo: solução factorial após rotação varimax. Saturação, média e desvio padrão dos itens (1=discordo totalmente e 5=concordo totalmente) para o conjunto dos respondentes. *Alpha* de *Cronbach*.....282

Quadro 6.10 – Médias das dimensões do idadismo por grupo etário, por alvo e por sexo. Análise da variância.....283

Quadro 7.1 – Distribuição dos entrevistados pelas condições experimentais.....296

Quadro 7.2 – Palavras referidas pelo conjunto dos entrevistados quando pensam em pessoas, e em si próprios, nas três fases etárias consideradas. Frequência e percentagem de evocação.....297

Quadro 7.3 – Actividades a desempenhar na velhice: frequência nas categorias por sexo dos entrevistados, alvo da velhice e fases de velhice.....298

Quadro 7.4 – Estratégias para preparar a velhice: frequência nas categorias por sexo dos entrevistados, alvo da velhice e fases de velhice. Valores do ^{2}.....300

Quadro 7.5 – Balanço entre perdas e ganhos na velhice: palavras associadas à classe, *qui-quadrado*, frequência e percentagem de evocação da palavra.....304

Quadro 7.6 – Semelhanças e diferenças entre homens e mulheres na velhice: palavras associadas à classe, *qui-quadrado*, frequência e percentagem de evocação da palavra 305

Quadro 7.7 – Preocupação com a velhice e sua preparação: palavras associadas à classe, *qui-quadrado*, frequência e percentagem de evocação da palavra 306

Introdução

As projecções sobre a estrutura da população do espaço político, económico e social de que Portugal faz parte, a União Europeia, apontam para um aumento da população com 65 anos ou mais, de 17.1% para 30.0% em 2060. Em valores numéricos estamos perante um cenário de crescimento da população considerada idosa de 84.6 milhões, em 2008, para 151.5 milhões em 2060 (Giannakouris, 2008).

A inevitabilidade do envelhecimento da população tem repercussões potencialmente dramáticas ao nível da economia e das condições de vida da população mundial, podendo o efeito combinado do aumento da população idosa e da escassez de recursos económicos justificar o aumento de situações de exclusão e da imagem negativa do idoso, visto como dissipador de recursos preciosos.

A *Organização das Nações Unidas* tem procurado que as novas realidades sobre o envelhecimento sejam reconhecidas, com especial empenho desde 1982, ano em que, em Viena, se realizou a primeira assembleia mundial sobre o envelhecimento e aprovou o *Plano Internacional sobre o Envelhecimento de Viena*. Em 1991,esta organização, criou e aprovou os Princípios das Nações Unidas a favor das Pessoas Idosas (Resolução 46/91), também referidos por *Princípios para os Idosos*, e em 2002 realizou a *Segunda Assembleia Mundial sobre o envelhecimento*. Nesta *Assembleia Mundial* o envelhecimento demográfico foi considerado um facto sem precedentes, universal, de longa duração e de grande impacte social cuja complexidade justificou a elaboração do *Plano de Acção Internacional de Madrid sobre o Envelhecimento*.

Neste *Plano de Acção Internacional Sobre o Envelhecimento* são apontadas medidas a aplicar no sentido da transformação de diversos elementos constitutivos da representação tradicional sobre o velho e o envelhecimento: i) melhorar o nível dos rendimentos dos idosos e a sua participação no mundo do trabalho, remunerado ou não-remunerado, ii) incentivar e reconhecer a participação dos idosos na vida cultural e social, iii) promover a participação dos idosos nos processos de decisão política a todos os níveis, iv) garantir acesso ao conhecimento, educação e capacitação especialmente em termos da sociedade tecnológica, v) fomentar a saúde e bem estar dos idosos.

Acompanhando a promoção das medidas referidas acima, o *Plano de Acção Internacional Sobre o Envelhecimento* salienta a necessidade de criar uma imagem positiva do

envelhecimento, baseada no reconhecimento da autoridade, sabedoria, dignidade e prudência resultantes da experiência, que se sobreponha à imagem negativa existente em algumas sociedades relacionada com o reduzido contributo económico para a sociedade, debilidade e dependência. As mulheres são consideradas ainda mais negativamente uma vez que sobre elas recai o peso do estereótipo do género feminino que aumenta a probabilidade da sua representação como frágeis e dependentes.

As medidas propostas no *Plano de Acção Internacional Sobre o Envelhecimento* para a alteração da imagem do velho e do envelhecimento dão particular atenção à educação das crianças e jovens "Encorajar os educadores para que reconheçam e incorporem nos seus cursos os contributos feitos por pessoas de todas as idades, incluindo as pessoas de idade" (p. 43, tradução nossa) e reconhecem o papel fundamental dos meios de comunicação social na alteração da representação dos idosos:

> b) Encorajar os meios de comunicação a promover imagens em que se destaquem a sabedoria, os pontos fortes, as contribuições, e o valor inventivo das mulheres e dos homens de idade, incluindo as pessoas com deficiênciais; (…) d) Encorajar os meios de comunicação a transcender a apresentação de estereótipos e a revelar a plena diversidade da humanidade; e) Reconhecer que os meios de comunicação são precursores da mudança e podem actuar como factores orientadores na promoção do papel que corresponde às pessoas de idade nas estratégias de desenvolvimento, inclusive das zonas rurais; f) Divulgar os contributos das mulheres e dos homenns de idade apresentando as suas actividades e preocupações nos meios de comunicação; g) Encorajar os meios de comunicação e os sectores público e privado a evitar a discriminação no emprego por razões etárias e a apresentar imagens positivas das pessoas de idade; h) Promover uma imagem positiva dos contributos das mulheres idosas a fim de aumentar a sua autoestima (p. 43, tradução nossa).

Finalmente, o *Plano de Acção Internacional Sobre o Envelhecimento* considera como necessário promover e desenvolver investigação diversificada e especializada sobre o envelhecimento em todos os países e facilitar, através do conhecimento, a aplicação das recomendações e medidas definidas no próprio Plano.

Face ao exposto, consideramos que a oportunidade de investigações sobre as representações sociais da velhice, tema central do nosso trabalho, entronca directamente nas actuais transformações na estrutura da população portuguesa e europeia e vai de encontro, entre outras, às recomendações do *Plano de Acção Internacional Sobre o Envelhecimento.*

A inevitabilidade do envelhecimento da população apresenta inegável impacto não só no mercado de trabalho, mas também nos sistemas de protecção social, organização familiar e societária e, dum modo geral, a sociedade está a adaptar-se ao desafio do envelhecimento. Tanto ao nível governamental como da sociedade civil, têm surgido algumas respostas para lidar com a problemática do envelhecimento demográfico.

Assim, nos últimos anos, assistiu-se a uma proliferação de dispositivos de apoio social, tipificados por exemplo no Despacho conjunto n.º 407/98 de 18 de Maio, dos Ministérios da Saúde e do Trabalho e da Solidariedade, que vão desde o afastamento do idoso do seu contexto de vida habitual, os Lares, até soluções onde esta desinserção não acontece como é o caso dos Centros de dia, do Serviço de apoio domiciliário e do Acolhimento familiar. Estas iniciativas, que podem ser desenvolvidas localmente ou promovidas por instituições governamentais ou por organizações não governamentais, têm naturezas muito diversificadas, não só quanto à sua estrutura, mas também quanto aos objectivos que vão desde objectivos de carácter económico, como é o caso de instituições com fins lucrativos, até objectivos eminentemente sociais.

O envelhecimento populacional também pode ser visto como tendo repercussões ao nível da atitude individual. Nos últimos anos verifica-se uma crescente preocupação das populações com os seguros e com os complementos de reforma, aforro esse que é estimulado pelo próprio governo facultando isenções fiscais (Lei n.º 107-B/2003, de 31 de Dezembro, artigo 86). A acompanhar esta mudança em termos de respostas sociais podemos referir que já existe crédito bancário para aquisição de casa para pessoas com 50 e mais anos, podendo o empréstimo atingir os 80 anos de vida do requerente (BES *on line*)

A intensidade do envelhecimento populacional e consequentes implicações que envolve tem chamado a atenção dos investigadores um pouco por todo o mundo. Se por um lado surge como inegável o impacto do envelhecimento demográfico é também inegável a importância de estudar este fenómeno.

As investigações realizadas em Portugal sobre a problemática do envelhecimento centram-se sobretudo nos domínios da Demografia, Gerontologia e Geriatria. Encontramos estudos que salientam conteúdos mais específicos tais como: a caracterização da imagem da pessoa idosa (Sámouco, Botelho & Ramilo, 1994); os aspectos sociológicos (Brissos, 1992; Saldanha, 1996), os aspectos psicossociais (Neto, 1999; Paúl & Fonseca, 1999) e as análises demográficas (cf. por exemplo Carrilho & Patrício, 2008; Martins, 2006; Nazareth, 1994). Outros trabalhos procuram uma aproximação ao estudo das representações sociais da velhice e do envelhecimento numa lógica de compreender a especificidade das representações de determinados grupos profissionais (Almeida, 1999; Magalhães, 2003; Miranda & Miranda, 1998).

Partindo da constatação da intensidade do envelhecimento e das diferentes implicações que envolve, cientes de que novos desafios se colocam a uma sociedade constituída por pessoas cada vez mais velhas e atendendo à escassez de estudos portugueses neste domínio, consideramos importante estudar as representações sociais da velhice e dos idosos.

Nesta investigação utilizaremos como quadro teórico e metodológico a teoria das representações sociais (Moscovici, 1976), seguindo mais precisamente a perspectiva da Escola de Genebra (Doise, Clémence & Lorenzi-Cioldi, 1992). Pensamos que o quadro teórico das representações sociais pode contribuir para a compreensão deste fenómeno uma vez que permite identificar os modos compartilhados de pensar e actuar (Poeschl, 2003), ou seja permite caracterizar os conhecimentos e crenças de diferentes grupos sociais face à velhice. Esse conhecimento, construído através de vários processos, muda em função das experiências sociais dos indivíduos para dar sentido aos acontecimentos e justificar as suas condutas, orientando as atitudes, os comportamentos e as relações com os outros indivíduos e grupos (Poeschl, 2003).

O propósito central desta tese é, em termos globais, estudar as representações sociais da velhice e dos idosos, aceder ao seu campo representacional, identificar os princípios organizadores que modelam as diferentes posições que caracterizam as opiniões de diferentes grupos e estudar a ancoragem desses mesmos princípios. Em simultâneo, procuramos aumentar a compreensão da velhice contribuindo para um melhor entendimento do papel que homens e mulheres na fase mais avançada da vida desempenham na sociedade.

No sentido de promover a inteligibilidade da investigação realizada estruturamos a tese em oito capítulos.

No primeiro capítulo, apresentamos diferentes olhares sobre a velhice onde incluímos uma abordagem diacrónica às representações da velhice e do velho no Ocidente, com o propósito de evidenciar os diversos momentos da elaboração social de conceitos de velhice. Intentamos uma compreensão da imagem da velhice em Portugal na perspectiva de um devir histórico-social que se pode caracterizar numa visão dicotómica: a velhice negativa e a velhice positiva. Procuramos clarificar alguns dos mitos associados à velhice e salientar algumas particularidades associadas ao idadismo, definido como atitudes contra ou a favor de um determinado grupo etário associadas a comportamentos discriminatórios, que foram formuladas ao longo dos tempos. Por fim, apresentamos uma síntese sobre o envelhecimento demográfico no mundo e em Portugal, referimos algumas das acções levadas a cabo pela Organização das Nações Unidas sobre a problemática do envelhecimento, sintetizamos os *Princípios das Nações Unidas a favor das Pessoas Idosas,* por vezes referidos como *Princípios para os Idosos* (ONU, 1991), e apresentamos a tipologia proposta por Serrão (2006) para caracterizar as pessoas com 65 e mais anos.

No segundo capítulo apresentamos uma abordagem à Teoria das Representações Sociais, inicialmente expressa por Moscovici (1976), que tem sido amplamente divulgada e enriquecida em Portugal por Poeschl e colaboradores (cf. por exemplo Poeschl, 2001, 2003; Ribeiro & Poeschl; 2008; Poeschl, Pinto, Múrias, Silva & Ribeiro, 2006; Afonso & Poeschl, 2006; Poeschl, Silva, & Clémence, 2004; Poeschl & Pinto, 2001). Nesta abordagem damos particular relevo à perspectiva dos princípios organizadores da Escola de Genebra (Doise, 1985, 1986, 1990, 1992; Doise *et al.*, 1992), cuja orientação teórica e metodológica constitui o fio condutor da investigação realizada. No desenvolvimento deste capítulo, apresentamos uma revisão do estado da arte no estudo das representações sociais da velhice, donde sobressai a multidimensionalidade e complexidade das representações assim como a sua diferenciação em função dos grupos etários. Por fim introduzimos a investigação realizada situando-a no âmbito da linha teórica e metodológica que lhe serviu de orientação e apresentamos os objectivos que presidiram à organização da investigação realizada.

No terceiro capítulo, que introduz a parte empírica do nosso trabalho, pretendemos explicitar em traços gerais a metodologia que presidiu à realização da investigação. Procedemos à apresentação dos estudos e sua articulação. Clarificamos alguns aspectos relacionados com a

técnica de recolha, de tratamento e de análise dos dados. Por fim, explicitamos a apresentação dos resultados e esclarecemos a opção de estruturar o Estudo 1 em dois capítulos a saber: *Representações sociais da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas: ganhos e perdas associados à velhice* (Capítulo 4) e *Caracterização do modo de vida e representações das actividades desempenhadas por mulheres e homens idosos* (Capítulo 5).

No quarto capítulo, para além de apresentarmos os objectivos e hipóteses referentes à especificidade dos resultados aí incluídos, descrevemos os aspectos metodológicos gerais utilizados no Estudo 1 (amostra, questionário, procedimento, plano experimental e análise dos dados) e apresentamos e discutimos os resultados referentes às *Representações sociais da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas: ganhos e perdas associados à velhice.* Assim, neste capítulo, procuramos conhecer o que diferentes gerações de portugueses de ambos os sexos (adolescentes, jovens adultos, pessoas da meia-idade e da terceira idade), do norte de Portugal, pensam sobre a velhice, aspecto que já tem revelado dados interessante noutros estudos (Sousa & Cerqueira, 2005; 2006). Para aceder à opinião das gerações integradas na amostra utilizamos três alvos – mulher idosa, homem idoso e pessoas idosas – sobre os quais cada respondente foi convidado a pronunciar-se relativamente a diferentes aspectos. Os resultados obtidos permitem, entre outros aspectos, identificar os princípios organizadores ancorados geracionalmente que intervêm nas tomadas de posição e nas relações sociais particulares que cada geração estabelece com os alvos. Os resultados permitem ainda equacionar os recursos na velhice, perdidos (perdas) e adquiridos ou mantidos (ganhos).

No quinto capítulo, *Caracterização do modo de vida e representações das actividades desempenhadas por mulheres e homens idosos*, apresentamos os objectivos, as hipóteses, o plano experimental e os resultados específicos a este domínio do Estudo 1 que, entre outros aspectos permitem elencar as actividades desempenhadas pela mulher idosa e pelo homem idoso, que remetem para a manutenção dos papéis de género já encontrados noutras fases da vida (cf. por exemplo Poeschl & Silva, 2001).

No sexto capítulo apresentamos o Estudo 2, *Efeito da designação utilizada sobre a representação social da velhice*, onde pretendemos conhecer, junto de respondentes com características idênticas às do Estudo 1, de que forma a denominação utilizada, pessoas seniores, pessoas idosas e pessoas velhas, afecta a representação e a avaliação da fase mais avançada do ciclo vital. Os resultados obtidos sugerem a possibilidade de existirem diferentes

fases na velhice e permitem identificar dimensões de sentimentos despertados pelos alvos, bem como atitudes, de respondentes de diferentes grupos etários, face aos mesmos.

O Estudo 3, *Representação da velhice própria e dos outros e influência do nível socioeconómico: actividades a desempenhar na velhice e estratégias para a sua preparação* é apresentado no sétimo capítulo. Neste Estudo 3 pretendemos clarificar a visão de pessoas da meia-idade sobre a velhice, emergente do Estudo 1, fomentando uma maior implicação pessoal através da comparação entre a velhice dos outros e a própria velhice. Em simultâneo, partindo dos resultados encontrados no Estudo 2, procurámos analisar a existência de diferentes fases na velhice. Por fim pretendemos, com este estudo, identificar as estratégias usadas para preparar a velhice. Os resultados obtidos sugerem uma diversidade de estratégias para preparar a velhice e indicam diferenças no modo de entender a própria velhice e a velhice dos outros.

Finalmente, no capítulo oito, apresentamos as conclusões dos estudos realizados: sintetizámos os principais resultados, revisitamos aspectos teóricos centrais a partir dos resultados obtidos e apontamos possíveis linhas orientadoras para futuras investigações na área científica trabalhada.

Capítulo I – Olhares sobre a velhice

Este capítulo está estruturado em três pontos. No primeiro ponto, assumindo a velhice como uma construção socio-histórica, apresentamos uma resenha sobre a forma como esta tem sido encarada ao longo dos tempos dando particular relevo à situação portuguesa. Nesta resenha utilizamos fontes bibliográficas mais usuais no tratamento desta temática (cf. por exemplo Minois, 1999) e outras menos usuais porque mais literárias ou artísticas (cf. por exemplo a referência ao longo deste ponto a algumas obras literárias de Shakespeare, Francis Bacon, Oscar Wilde, Gil Vicente, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Eugénio de Andrade, entre outros, e as pinturas de Niklaus Manuel e Lucas van Leyden). A utilização de fontes de cariz mais artístico teve subjacente a ideia expressa por Duby (2002): "A arte é a expressão da sociedade em seu conjunto: crenças, ideias que faz de si e do mundo. Diz tanto quanto os textos de seu tempo, às vezes até mais" (p. 32). No ponto dois, partindo da proposta apresentada pela OMS no âmbito das comemorações do ano Internacional das Pessoas Idosas (UN, 1999), procuramos clarificar alguns mitos associados à velhice e salientar algumas particularidades associadas ao idadismo. Por último, no ponto três, adoptando a visão apresentada por Serrão (2006), fazemos uma síntese sobre o envelhecimento demográfico no mundo e em Portugal, referimos algumas das acções levadas a cabo pela Organização das Nações Unidas que constituem marcos de referência sobre a problemática do envelhecimento, sintetizamos os *Princípios das Nações Unidas a favor das Pessoas Idosas* (UN, 1991) e apresentamos a tipologia proposta por Serrão (2006) para caracterizar as pessoas com 65 e mais anos.

1.1 - A velhice como conceito socio-histórico

A caracterização socio-histórica da velhice resulta tradicionalmente em visões muito parciais do fenómeno, tanto devido à escassez de fontes como às características da sua produção. Frequentemente, deparamos com generalizações feitas a partir de um reduzido número de fontes, que narram condições de privilégio para a velhice, que mais não são do que o reconhecimento de estatuto de certos homens que atingiram uma determinada faixa etária, sem que esses privilégios possam ser considerados para todos os velhos ou, especialmente devidos à velhice. Particularmente emblemático deste aspecto é o caso dos senadores do Império Romano. Como salienta Minois (1999), não devemos confundir o tratamento reservado pela sociedade a certos velhos com a atitude perante a velhice.

A dificuldade de caracterizar a velhice reside, ainda, na diversidade de situações em que podemos encontrar a velhice, um tempo da vida que pode incluir indivíduos com 50 anos e indivíduos com cem anos, indivíduos ricos e poderosos e os indivíduos mais pobres da sociedade, sujeitos fortes e outros incapacitados. Como evitar que a abordagem histórica da velhice resulte apenas em fragmentos, de um todo indizivelmente mais complexo, que frequentemente obscurecem o entendimento? Como evitar que a parcialidade das fontes, e a sua escassez, conduzam a uma história da velhice dos notáveis?

Estudar a velhice e o envelhecimento, numa visão diacrónica, implica tentar perceber a forma como sociedades concretas se estruturaram em diversos aspectos, na forma como as sociedades representam a velhice, como a demarca temporalmente, de que se salientam as relações com o trabalho, a organização social, o quotidiano, o poder, a religião e, mesmo, a mitologia. Como afirma Bourdieu (2004) "(...) a idade é uma variável biológica socialmente manipulada e manipulável" (p. 145).

O aparecimento de grande número de trabalhos sobre a história da velhice nos últimos anos é especialmente relevante na alteração de algumas leituras mais simplistas do passado: "Os recentes trabalhos sobre a velhice vieram alertar-nos para a complexidade de atitudes e experiências em todas as épocas ao longo dos tempos e para a diversidade de fontes e de métodos através dos quais os historiadores poderão tentar reinterpretá-los." (Thane, 2003, p. 1, tradução nossa).

Como se percebe da leitura do texto seminal de Minois (1999), a ambivalência relativamente à velhice tem sido uma constante na história do Ocidente, desde a Antiguidade Clássica até aos nossos dias. Uma breve revisão sobre alguns modos como a velhice tem vindo a ser encarada ao longo dos tempos, servirá essencialmente como introdutória da multiplicidade das representações de que esta tem sido objecto.

1.1.1 - Velhice: imagens ao longo dos tempos

No texto clássico de Hesíodo (séc. VIII-VII a.C.), *Trabalhos e Dias*, o autor descreve cinco raças de homens. A primeira, a raça de ouro, corresponde à raça dos homens dotados de voz, que os imortais criaram como deuses, com espírito despreocupado, vivendo à margem de penas e de misérias; a velhice medonha não os surpreendia. A segunda raça, a de prata, corresponde aos homens que vivem muito pouco tempo após o termo da juventude, cheios de

sofrimento pela sua loucura. A terceira raça é de homens violentos, perecíveis, que morrem em combate. A quarta raça, a raça dos heróis de Tróia a quem foi concedido o descanso dos Bem-aventurados longe das preocupações dos mortais. Ao descrever o seu próprio tempo, a quinta raça, a do ferro, o autor volta à questão da velhice em termos agora mais dramáticos, referindo-se ao momento em que Zeus aniquilará esta quinta raça como o momento em que "Aos pais logo que envelheçam, eles os desonrarão. /Insultá-los-ão com palavras duras, / malvados, que nem conhecem o castigo divino! / E aos pais já idosos não oferecerão alimento." (Hesíodo, 109-201 cit. por Peçanha, 2006, p. 167). A velhice como condição não é vista com alegria por Hesíodo, antes é medonha, e estava excluída da vida do homem nos tempos míticos da felicidade passada. O que se adivinha para o velho real, que será Hesíodo, é a ameaça da dependência e da ingratidão dos novos.

Os poemas homéricos, possivelmente contemporâneos de *Trabalhos e Dias* de Hesíodo (Pereira, 1988), com grande influência educacional na Grécia e no Ocidente, apresentam uma das mais positivas e celebradas imagens da velhice, nas descrições feitas na *Íliada* de Príamo, o inimigo, rei de Troia e pai do herói Heitor, que se apresenta perante Aquiles, o assassino do filho, para implorar o seu corpo (Homero, XXIV, 518-526 cit. por Pereira, 1982). A coragem e a dor de Príamo comovem o próprio inimigo.

Anacreonte, no séc. VI-V a.C., lamentará a sua sorte de poeta idoso a quem "Eros, olhando para a minha barba / grisalha, com um sopro das suas asas douradas, / voa ao largo" (Pereira, 1988, p. 118). Píndaro, pela mesma altura, descreve a ventura do homem e convida à fruição do possível perante a inevitabilidade da morte: "(...) Para quem tem de morrer, /porque há-de consumir em vão, sentado à sombra, /uma velhice apagada, /sem provar quanto há de belo" (Pereira, 1988, p. 151).

Na época clássica, a condição de velho é caracterizada por Aristófanes (séc. V-IV a.C.) como repleta de perigos e desastres, que a idade, que os devia prevenir, potencia e, por vezes, cobre de ridículo. É assim que nas *Nuvens* (Aristófanes, séc. V-IV a.C.) o pai, Estrepsíades, agredido pelo filho, Fidípides, num confronto do novo contra o velho – no caso a nova contra a velha educação – ouve o Coro lembrar-lhe que é ele o culpado pelo atrevimento e arrogância do filho. E se a função de julgar é indicativa da importância e prestígio social dos velhos, o mesmo Aristófanes se encarregará de a ridicularizar fazendo do juiz em *As Vespas* (Aristófanes, séc. V-IV a.C.) um velho senil obcecado pelos julgamentos, fonte de preocupações e cuidados para o filho e para os criados.

Em Roma, a veneração pela velhice é patente no facto de os homens de idade avançada serem os escolhidos para a chefia de Roma, dando origem à sua instituição emblemática: o senado (*senectutem*). Será, então, a velhice considerada pelas suas qualidades de honra e de experiência? O satírico Juvenal (65-140) apresenta-nos uma outra visão da velhice: o velho a quem a idade não apagou o desejo mas limitou o corpo: "Porém, a insaciável vontade de devorar os alimentos, que se tem ou que se deseja ter, não consegue superiorizar a fraqueza da idade. Apesar de muitos solicitarem aos deuses uma longa vida, a verdade é que os traços físicos e psicológicos não são mais os mesmos e, por isso, o velho há-de roer com uma boca desdentada — *frangendus misero gingiua panem inermi* — o seu paladar já não se conseguirá deleitar nem com o vinho nem com a comida" (Juvenal, 65-140 cit. por Abreu, 2001, pp. 86-87).

E se Cícero (séc. I a.C.) fala da felicidade dos que podem levar uma velhice digna, inteiramente dedicada aos seus livros, na sua expressão *descanso com dignidade*, a visão da velhice digna não terá sido, mesmo na Roma Clássica, a forma prevalecente de viver o tempo, como o facto do seu *Senectute* corresponder a uma defesa relativamente aos pensamentos comuns dos seus contemporâneos sobre o mal da velhice e em que se expressa de forma clara a luta latente entre os jovens e os velhos. Ovídio (43 a.C.- 17 d.C.), anos mais novo, lamentara nas *Metamorfoses* "O tempo, que tudo devora, e tu, invejosa velhice, vós tudo destruís, e tudo que foi afectado pelo passar dos anos, consumis, pouco a pouco, pela morte" (Ovídio cit. por Minois, 1999, p. 124).

Os velhos de Plauto (254-184 a.C.) ora severos e teimosos, ora compreensivos e cheios de bom senso (Plauto cit. por Araújo, 2006) expressam bem a dualidade de representações legadas pelos textos, dos mais populares aos mais eruditos.

As expressões sobre a velhice que a antiguidade clássica nos legou são também exemplares sobre a forma duplice de entender a velhice em Roma: a velhice como doença, expressa no *Senectus enim insanabilis morbus* de Sêneca (4 a.C.) e no *Senectus ipsa est morbus* de Terêncio (190-159 a.C.), ou a velhice como segunda infância, *Senectus est velut altera pueritia*, parecem mais representativas do entendimento comum sobre os velhos que o *Senectus prima consulenda***,** mais dirigida à velhice com poder.

A longa Idade Média não esteve ausente da teorização dúplice sobre a velhice (cf. por exemplo Goff, 1980) onde as imagens "quase sempre influenciadas por um enquadramento

mítico que as relacionava ora a uma escala de decadência ora a uma consumação temporal que aproximava seus extremos da beatitude" (Souza, 1999, p. 2). Nesta caracterização ganham importância os relatos das vidas dos santos, representando, geralmente, imagens positivas (por vezes miraculosas) da velhice e de respeito para com os velhos, principalmente pais e mães (cf. por exemplo *The Golden Legend or Lives of the Saints, on Line*) e a informação bíblica (Minois, 1999). No entanto, a velhice é essencialmente vista como a incapacidade para realizar uma função social – o trabalho ou a guerra. Particularmente a mulher velha é um símbolo da decadência física e moral. No séc. XIII, Rustico de Filippo, Cecco Angiolierri ou Dante Alighieri (cit. por Eco, 2007) apresentam a mulher velha de forma cruel na "decadência do corpo e no cheiro que dele emana" (p. 163).

A partir do séc. XIV, com o aumento do protagonismo dos mais velhos, assiste-se ao agudizar das críticas que lhes são dirigidas e ao confronto entre a juventude e a velhice (Minois, 1999). Com o retomar dos valores civilizacionais da antiguidade Greco-Romana, reavivam-se os conflitos geracionais que Cícero tão bem retrata no *Senectus*. A velhice passa a ser o pesado fardo que só a loucura pode ajudar a suportar, nas palavras do humanista Erasmo de Roterdão (Roterdão, 1993).

Shakespeare dá uma terrível imagem da velhice na figura do velho e louco rei Lear e a caracterização que apresenta em *As You Like It,* especialmente após o trabalho de Minois (1999), tem sido apontada como uma visão do velho na sociedade dos séc. XVI e XVII: "*All the world's a stage, / And all the men and women merely players: / They have their exits and their entrances; /And one man in his time plays many parts, / His acts being seven ages. At first the infant, / (...) / That ends this strange eventful history, / Is second childishness and mere oblivion, / Sans teeth, sans eyes, sans taste, sans everything"* (Acto II, Cena VII, versos 147-174).

Esta visão terrível da velhice insere-se numa prolixa tradição artística, da escrita às artes plásticas, que não poderá ter deixado de representar um dos estereótipos sociais da época e uma das nuances da luta entre a juventude e a velhice, muitas vezes adivinhando-se-lhe, subjacente, um confronto de poder e riqueza. As gravuras *A Velha, Jovem e Demónio*[1], de

[1] Anexamos imagem de *A Velha, Jovem e Demónio,* de Niklaus Manuel (disponível em: http://www.kunstmuseumbasel.ch/en/collection/gallery/). Niklaus Manuel (1484-1530) foi um pintor, escritor e estadista suíço, considerado um notável representante das ideias do Renascimento e da Reforma na Itália e na Alemanha. A obra *A Velha, Jovem e Demónio* pode ser encontrada no Kunstmuseum Gallery, Basel na colecção dedicada ao séc. XV e XVI (Anexo 1).

Niklaus Manuel, Basileia, (1515) e *Velho louco Beijando Rapariguinha*, de Lucas van Leyden[2] (1520) são apenas alguns dos exemplos presentes nas artes plásticas.

Contemporâneo de Shaskespear, Francis Bacon (1561-1626), nos *Essays Civil and Moral, XLII - Youth and Age*, tenta uma abordagem científica da velhice, sintetizando não apenas as características em termos comparativos, e complementares, com as da juventude, mas reflectindo a importância que o velho pode representar no desempenho da função social, que obriga e recomenda uma convivência com a juventude: "*Certainly it is good to compound employments of both; for that will be good for the present, because the virtues of either age may correct the defects of both; and good for succession, that young men may be learners, while men in age are actors; and, lastly, good for extern accidents, because authority followeth old men, and favor and popularity youth"* (Vol. III, Part 1).

A visão mais amena da velhice proposta por Francis Bacon contrasta com a ridicularização patente em Goya, sexagenário, que em 1810-1812 pinta as suas famosas *Las viejas*[3]. Pateticamente mascaradas das belas jovens que se presumem, as mulheres deformadas pela idade, olham-se ao espelho que interroga o espectador: *Que Tal? S*em terem já consciência do pai tempo, espectro que se ergue em segundo plano, e se prepara para a cena final.

Oscar Wilde resume melhor que ninguém o horror à velhice do séc. XIX no *Retrato de Dorian Gray* (Wilde, 1890), em que o protagonista oferece o mundo e a alma em troca da juventude:

[2] Anexamos imagem de *Velho Louco Beijando Rapariguinha*, de Lucas van Leyden (disponível em: http://www.museum-kunst-palast.de/mediabig/663A/index.html). Lucas van Leyden (1494 – 1533) é considerado um dos mais influentes gravadores europeus do séc. XVI e um dos mais atentos ao quotidiano da sua época (cf. Dijk, 2008). Lucas van Leyden's *artistic presence in Italy: the influence of his engravings on Italian contemporaries*. A obra *Velho louco Beijando Rapariguinha* pode ser vista no Museum Kunstpalast, em Dusseldorf (Anexo 2).

[3] Anexamos imagem de *Las viejas,* de Goya (disponível em: http://www.musenor.com/rs/rs2.htm). Francisco Goya y Lucientes (1746-1828) foi um dos mais perspicazes observadores do seu tempo. Os vícios e as fraquezas humanas, como disse Goya a propósito dos Caprichos, em Fevereiro de 1799, as gravuras apresentam "os vícios, extravagâncias e desacertos comuns a toda sociedade" (cf. Navarro, 2007). A obra *As Velhas*, por vezes também chamada *Tempo*, pode ser visitada no Museu das Belas Artes, Lille, França (Anexo 3).

Ao longo das épocas consideradas, as fontes, independentemente da sua natureza, apresentam uma caracterização maioritariamente negativa da velhice. Nesta visão negativa estão presentes as referências à degradação física e, com menor frequência, à perda de faculdades cognitivas e à degenerência moral. Ainda que com menor frequência, emerge em alguns autores uma visão dicotómica da velhice: uma visão negativa relacionada com a perda de capacidades físicas e uma visão positiva assente na sabedoria e na experiência.

1.1.2 - Velhice: imagens em Portugal

Em Portugal, no dealbar da nacionalidade, o que parece caracterizar a velhice entre as gentes comuns é a fraqueza física, que impede o trabalho e representa muitas vezes a miséria:

> Sobretudo entre as gentes comuns, entre os camponeses e mesteirais que constituíam, por toda a parte, a grande massa da população. Para eles a velhice, a verdadeira velhice, chegava com a incapacidade de trabalhar, de continuar a desenvolver aquela actividade que, a mais das vezes, o indivíduo desenvolvera desde a infância. Era a fraqueza física, tantas vezes acrescida pela doença, que definia o velho. Numa sociedade de rigores, que privilegia o feito físico, a fragilidade da velhice, com efeito, para a Idade Média, a fragilidade do velho só pode ser comparada à da criança muito pequenina (Gonçalves, 1991, p. 5).

A caracterização que Gil Vicente faz sobre os sonhos de amor inconsequentes de um velho, enquadra-se no tema clássico do velho que esquece a sua idade e procura os prazeres dos jovens. A farsa de *O Velho da Horta* (1512) (Vicente, 1998) exalta os valores da vida e da juventude, a jovem cruel por quem o velho se apaixona, contrapondo a imagem da velhice e da morte, o Velho da Horta: "Não vedes que sois já morto e andais contra a natura?" (p. 74) – Responde a jovem aos avanços do velho. A idêntica conclusão chegará o velho, no término da farsa, com a moça já casada com um jovem da mesma idade:

> Velho: - Ó roubado, da vaidade enganado, da vida e da fazenda! Ó Velho, siso enleado! Quem te meteu desastrado em tal contenda? Se os jovens amores, os mais têm fins desastrados, que farão as cãs lançadas no conto dos amadores? Que sentias, triste Velho, em fim dos dias? Se a ti mesmo contemplaras, souberas que não vias, e

> acertaras. Quero-me ir buscar a morte, pois que tanto mal busquei. Quatro filhas que criei eu as pus em pobre sorte. Vou morrer. Elas hão-de padecer, porque não lhe deixo nada; da quantia riqueza e haver fui sem razão despender, mal gastada (pp. 104-105).

Na sua relação com a alcoviteira, o velho revela ainda outro dos "defeitos" da velhice: o frágil discernimento que torna o velho presa de burlões, a mesma falta que o torna propenso aos sonhos vãos.

A representação do velho, particularmente cruel em Gil Vicente, ou da velha, libidinosa ou apaixonada e fortemente ridicularizada, insere-se amplamente na tradição artística, referida anteriormente, presente nos séculos XVI e XVII.

Na sua Poesia Didáctica, D. João Manuel (1469-1500) aponta "Nem mais certo antecristo / Que o velho vingativo" (cit in Oliveira & Machado, 1968).

No imaginário português, o conflito latente entre o novo e o velho, entre os homens novos e os velhos está, melhor que em qualquer outra descrição, no velho do Restelo dos *Lusíadas* (1ª publicação em 1572) e nas representações míticas que a figura foi encarnando, até ao séc. XXI e nas mais diversas situações. Como refere Sá (2006):

> Para começar, ele não tem um nome. Ele é simplesmente o Velho do Restelo. O restelo (ancinho de madeira), seu instrumento de trabalho, é que lhe dá identidade. A imagem deste ancião está presa à imagem da agricultura, outrora mais venerada que o comércio amplamente desenvolvido de Portugal, seja por meio da actividade comercial individual, seja através das fortes companhias mercantis do período conhecido como o das Grandes Navegações (p. 132).

O renascentista português Amato Lusitano (1511-1568 cit. por Marques, 1994), médico e escritor, apresenta uma visão mais positiva da velhice que a maioria dos intelectuais do seu tempo. Os velhos que povoam as suas "curas" são aos sessenta anos "fortes, robustos", "activos", de "bom aspecto", "dotados de boa constituição física e disposição" e "preocupados com os negócios".

Nos séc. XVIII e XIX, com o desenvolvimento industrial, aumenta a pressão sobre as necessidades de produtividade e, consequentemente, sobre os menos aptos das classes

assalariadas. O trabalho especializado leva a uma estratificação e segregação etárias: os que aprendem, os que produzem e aqueles que saíram do ciclo produtivo, onde se incluem os idosos. A velhice é a menor produtividade e, em termos ideológico, o obstáculo aos valores do progresso e da inovação. O impacto da velhice desprotegida na sociedade, mais cruel perante as novas condições de trabalho, irá obrigar ao desenvolvimento de formas de proteção da velhice, primeiro através de iniciativas de filantropia e, nos finais do séc. XIX, com uma intervenção directa do Estado (Graça, 2000).

No Portugal de Setecentos, o velho aparece representado no âmbito dos tipos tradicionais, como representado na tradição Vicentina. Na *Noiva Fingida*, de José de Aquino Bulhoens (Bulhoens, 1790), D. Calanzano corporiza o velho presumido, pateta, demente – como é caracterizado pelos restantes personagens – ignorante da sua decrepitude que se apaixona e é enganado por uma mulher mais nova. Os próprios criados participam da farsa:

> D. Calanzano: – (…) Para hospedar a Esposa: E vós hide adornar o quarto nobre: / Outros vão ajudar o cozinheiro: / Não se poupe trabalho, nem dinheiro. / Dorinda: - Porém Senhor… / D. Calanzano: – Dorinda, não repliques. / Dorinda: - Demanço não se enfade: / Porque tão grande fúria não convém / A um esposo, Senhor, da vossa idade. / D. Calanzano: – Porque tão velho sou! Tão mal pareço! / Dorinda: - De graça e perfeição sois hú complexo. / Na verdade, meu Senhor / Sois hum guapo mossetão; / Vossa graça, e perfeição / Inveja a todos fará. / Esses lânguidos olhinhos / Tem huma certa gracinha / Que muito bem vos está … (p. 8).

Nicolau Tolentino (1740 – 1804), figura destacada na literatura portuguesa do final de Setecentos e inícios de Oitocentos, que se distingue pela mordaz atenção aos *tipos* e costumes do tempo, dá-nos a sua visão satírica da própria velhice no poema "*Carta:* Longa idade, he longo mal; / Velho, só he bom o Amigo; / O teu mesmo Crescentini / Há-de provar o que eu digo" (Tolentino, 2005).

Em 1862, na obra *Coração*, *cabeça e estômago,* Camilo Castelo Branco satiriza uma complexa imagem da velhice na figura de Josino " (…) velho incontrito (...), interesseiro, conquistador, vaidoso, a perseguir criadas, a dançar pelos bailes" descrevendo-o impiedosamente:

> E os trejeitos que faz coa perna fina...; olhando as meninas com idade para serem suas netas: Contempla as graças da gentil menina, / Já neta duma avó, que foi deveras / Namoro de Josino em priscas eras de olhos (...) Já tem um pouco os olhos desvidrados; / (...). Ousa dar-se o valor duma antigalha, / Camafeu de Herculanum ou de Pompeia. O Josino que consigue casar com uma gentil menina (alegremante "apanhado" em armadilha familiar) mas a quem "... extinta a Lua incasta do prazer, / A esposa diz que já n'alma lhe dói /Saudades do teatro italiano, / E do primo doutor... grande magano (Castelo-Branco, 1986).

Apesar da sátira, Camilo é brando ao retratar a velhice que se desconhece, assim pensando enganar o tempo, quando comparado com *Las viejas* de Goya.

Na sua selecção de *Contos para a Infância*, em 1877, no conto de abertura, *Mãe*, Guerra Junqueiro apresenta a Morte na figura de um velho (Junqueiro, 1877).

Em 1888, em plena fase realista, Eça de Queirós (2003), apresenta uma imagem serena e aprazível da velhice, na sua obra mais lida e influente – *Os Maias* – na figura do patriarca da família, Afonso da Maia, remetendo explicitamente a figura do chefe de família para a galeria dos antigos patriarcas, cúmulo de virtudes e de sabedoria tranquila:

> (...) apenas um antepassado bonacheirão que amava os seus livros, o conchego da sua poltrona, o seu whist ao canto do fogão. Ele mesmo costumava dizer, que era simplesmente um egoista: - mas nunca, como agora na velhice, as generosidades do seu coração tinham sido tão profundas e largas. Parte do seu rendimento ia-se-lhe por entre os dedos, esparsamente, n'uma caridade enternecida. Cada vez amava mais o que é pobre e o que é fraco. Em Santa Olavia, as creanças corriam para elle, dos portaes, sentindo-o acariciador e paciente. Tudo o que vive lhe merecia amor: - e era dos que não pisam um formigueiro, e se compadece da sêde d'uma planta.
>
> (…) Villaça costumava dizer que lhe lembrava sempre o que se conta dos patriarchas, quando o vinha encontrar ao canto da chaminé, na sua coçada quinzena de velludilho, sereno, risonho, com um livro na mão, o seu velho gato aos pés (p.10).

Alexandre Herculano, em 1873, reflecte ponderadamente sobre a sua velhice. Reflexão onde não falta uma dose de resignação pela velhice e reconhecimento que vive um período diferente: "É verdade que a natureza compensa o esmorecer e passar do vigor e da actividade

intelectual com a própria sonolência do espírito, voluptuosidade da velhice, ameno e dourado pôr – do – Sol, que se refrange no espectro da sepultura já vizinha e a ilumina suavemente" (Herculano, 1973, p. 1).

Na mesma linha da velhice aprazível, mesmo no final do séc. XIX, pleno de sensibilidade, Câmara (1983) coloca em cena no *Os Velhos*, quatro idosos: Manuel Patacas (74 anos), Bento (74 anos), Porfírio (75 anos) e o Prior (87 anos). Representantes da tradição rural e do passado, em confronto com a modernidade – na peça simbolizada pela chegada dos caminhos-de-ferro –, mas dotados de sabedoria e de uma quase lírica capacidade de integrar a mudança.

Na *Vida Portuguesa*, revista dirigida por Jaime Cortesão, em 1912, a empatia republicana pelos desfavorecidos descreve um casal de velhos que "Sumiam-se, n'uma vida de silenciosa miséria, bem ao fundo do seu buraco negro" e que de repente se tornam visíveis para a maledicente vizinhança "Porque o velho farto de vida tentou matar-se…Receios da morte, colhendo-o de surpreza no leito ou na cadeira de braços onde gastava a existência…O medo de partir sósinho, de repente, para o banquete dos vermes arrastaram-no àquilo". Uma história em tudo banal nas palavras de Oldemiro Cezar (1912), condenada rapidamente ao "Silêncio do esquecimento" (p. 16).

Em Portugal, durante grande parte do séc. XX, a velhice significa também dependência. Sequeira (1970) encontra uma minoria de 17.2% de idosos independentes economicamente, estando a imensa maioria dos idosos dependentes de esmolas, a cargo de familiares e de outras pessoas, ou (30.7%) forçados a continuar a trabalhar para conseguir sobreviver, principalmente no sector primário. Até à década de 60, o Estado não atendia a todas as situações de velhice. A falta de uma protecção social adequada – remetendo frequentemente a velhice para o domínio das responsabilidades da família – contribuia fortemente para situações de fragilidade do idoso e baixa da sua auto-estima. Embora existissem pensões de reforma, estas ainda não eram generalizadas a toda população, a partir de determinada idade. Esta insuficiente e restrita protecção social conduzia a que muitos idosos vivessem da caridade alheia e em situações de carência, principalmente, quando deixavam de trabalhar (Sequeira, 1970).

Apenas no final da década de 60 surgem os primeiros esforços consistentes no sentido de alterar a política social, criando um verdadeiro movimento para a ideia de uma política específica para os idosos. Em 1969, realizou-se em Portugal um seminário intitulado "Política

para a Terceira Idade" com o objectivo de discutir as bases de uma política social para os idosos que possibilitasse a sua dignificação (Vaz, Silva & Sousa, 2003). O reconhecimento da existência de uma situação de precariedade social de um grupo específico da população estará na origem da criação, em 1971, do serviço de "Reabilitação e Protecção aos Diminuídos e Idosos". Como salienta Fernandes (1977 cit. por Vaz *et al.,* 2003), "a lógica assistencial não foi abandonada, mas virada agora concretamente para uma categoria social, os idosos, com carências manifestas, como a própria designação da instituição o prova ao associar os idosos aos diminuídos" (p. 194).

Apenas a partir de 1974 se generalizam e universalizam as reformas por velhice e se promulga uma verdadeira política para a terceira idade, materializada na Constituição da República Portuguesa de 1976.

A partir da institucionalização dos mecanismos de reforma, a capacidade para trabalhar perde importância na representação da velhice e a sua representação centra-se, agora, essencialmente no seu efeito, principalmente o efeito visível, nas transformações físicas. A velhice está "…associada às incapacidades físicas, psíquicas e mesmo materiais que surgem nas idades muito avançadas" (Fernandes, 2001 cit. por Palmeira, 2005, p. 27).

Eugénio de Andrade, talvez o maior poeta português do corpo, "(...) manifesta, de forma inequívoca, a sua visão repulsiva da velhice, uma coisa horrível", entendida como "(...) a ruína do corpo, o peso sobre os outros, o desamparo" (Ferreira, 2005, p. 55). Nesta visão vislumbra-se um dos traços mais marcantes da velhice na segunda metade do séc. XX, o corpo tornado lugar central de identidade pessoal que é preciso proteger, principalmente da idade e da doença e cuja transformação é algo a combater (Prost, 1991).

Em *Os trabalhos da mão*, Eugénio de Andrade (1994), considera que o envelhecimento faz prescrever o contacto com o mundo e promove o fechamento em si: "Começo a dar-me conta: A mão / que escreve os versos / envelheceu. Deixou de amar as areias / das dunas, as tardes de chuva / miúda, o orvalho matinal / dos cardos. Prefere agora as sílabas / da sua aflição" (p. 84).

Tal como para Eugénio de Andrade, para Raul Brandão e Vergílio Ferreira, outros dois autores maiores do séc. XX português, a velhice e o velho são caracterizados pela ruína do corpo – que frequentemente resiste impúdico e sem sentido ao seu fim.

Raul Brandão (s/d), em *Húmus*, caracteriza a velhice com violência, sendo particularmente duro com a condição da velhice da mulher:

> As velhas caquéticas, o cortejo funambulesco de rancores, têm não sei o quê de divino. Miscelânea trágica de matéria e de alma, que se resolve em dor e em grotesco, caminhando com as suas dores ridículas, com as suas ambições ridículas – caminham sempre (p. 151). (…) Todas as velhas santas já quase canonizadas, todas as velhas católicas, apostólicas romanas, preparadas para a inércia e para o verme, largaram a correr com o mesmo destino e o mesmo assalto. Todo o velho lixo, os velhos rostos fedorentos, as velhas bocas amargas, as velhas reminiscências, os velhos suspiros abafados cada noite em novas bocas frescas, em nova carne e ansiosa de amor, em nova vida frenética de luxúria. Na velha burandanga, nas velhas, que passaram os últimos dias da vida moídas de saudade, e que já não têm mais nada que pintar; na carne podre que não aguenta verniz; na carne que exige terra (...) (p. 157). (…) São as velhas sórdidas agora. É a vez da D. Hermínia, da D. Penarícia, da D. Eulália. É a inveja sobre a inveja, a paciência sobre a paciência, o ridículo sobre o ridículo. É a langonha requentada. São os anos atrás de anos de inutilidade, os antigos cabelos postiços, os antigos dentes postiços, as antigas aflições sediças. É a dor minúscula de que toda a gente se ri, é o grotesco que custa tantas lágrimas como as grandes paixões (…) (p. 158).

A violência narrativa de Raul Brandão sobre a velhice, em *Húmus*, apenas encontra paralelo, no séc. XX, na obra *Em Nome da Terra* de Vergílio Ferreira (1997), sendo perceptível, igualmente, uma maior violência na caracterização da velhice da mulher:

> Eram sobretudo velhas, mais obstinadas em viver, mais ferradas à vida do que as moscas às mulas. Os homens eram sempre mais compreensivos, quando ouviam dentro de si que eram horas, deixavam-se morrer (…) Vejo-as a essas velhas e velhos renitentes, vêm em bando do tempo de outrora. Coxos, a cabeça torta e a babarem-se, entrevados, taralhoucos, a espinha dobrada para a cova, a fala travada de gaguez, cegos, as mãos torcicoladas como raízes de fora, ossificados, surdos, mijados, borrados (pp. 51-52).

Vergílio Ferreira (1997), descreve a decadência do corpo que arrasta múltiplas dependências e degradam a condição humana: "E imediatamente começou a lavar-me. Tão desprotegido,

Mónica. Tão desapossado do meu ser. Lavava-me a cabeça, o tronco, lavava-me as partes amorosamente. E eu pensei – depois vai pôr-me cueiros lavados." (p. 39). Mais à frente a cruel descrição da dependência dos velhos continua: "Dão-lhes o comer na cama, sentam-os numa esteira, os joelhos à boca, a malga do sustento equilibrada aí, metem-lhes o comer na goela. Rogam-lhes pragas e eles são felizes. Têm uma casa, têm perto da mão as coisas de serem gente, as vozes que conhecem, o caldo da comunidade, o banco, o terço, o penico" (p. 52).

A condição da velhice especialmente sentida pela antinomia representada pela memória da juventude da mente e do corpo é também visível em Vergílio Ferreira (1997): "Trazíamos uma mensagem dos confins das eras, a Terra esperava-nos. Trazíamos a notícia de um corpo incorruptível e perfeito. - Jura-me que nunca hás-de envelhecer – disse-te. – Juro". (p. 16). O autor " descreve uma velhice desesperada, sem grandeza ou esperança e quando lhe realçam grandeza e dignidade na velhice, através de exemplos históricos, responde: - (…) tudo isso é uma aldrabice" (1997, p. 69).

O mundo perde sentido igualmente na velhice descrita e sentida por Miguel Torga (1981) no seu poema *Cilício*: "São tristes estes dias de velhice. / O sol já não aquece, / Nenhum sonho apetece, / Os versos desfalecem ao nascer. / Mas há não sei que sádico prazer, / Que infernal sedução, / Numa melancolia assim desamparada. / É como ter razão / Numa causa perdida, mal julgada" (p. 253).

Poeta especialmente interessado e observador dos seus contemporâneos, Alexandre O'Neill (1986) tenta no poema *Os Velhos* uma ampla caracterização de tipos de velhos:

> Em suma: somos os velhos / Cheios de cuspo e conselhos, / Velhos que ninguém atura / A não ser a literatura.·E outros velhos. (Os novos afirmam-se por maus modos / Com os velhos). Senectude / É tempo não é virtude… / Decorativos? Talvez… / Mas por dentro "era uma vez…" / Velhas atrozes, saídas / De tugúrios impossíveis, / Dispararam, raivoso, o dente / Contra tudo e toda a gente. / Velhinhas de gargantilha / Visitam o neto, a filha, / E levam bombons de créme / Ou palitos "de la reine".
>
> A ler p'lo sistema Braille / — Ó meus senhores escutai! — / Um velho tira dos dedos / Profecias e enredos. / Outros mijam, fazem esgares, / Têm "poses" e vagares

/ Bem merecidos. Nos jardins, / Descansam, depois, os rins. / Aqueloutros (os coitados!) / Imaginam-se poupados / Pelo tempo, e às escondidas / Partem p'ra novas surtidas… / Muito digno, o reformado / Perora, e é respeitado / Na leitaria: "A mulher / É em casa que se quer!" / Velhotes com mais olhinhos / Que tu, fazem recadinhos, / Pedem tabaco ao primeiro / E mostram pouco dinheiro…

E os que juntam capicuas / E fotos de mulheres nuas? / E os tontinhos, os gaiteiros, / Que usam cravo e põem cheiros? / (Velhos a arrastar a asa / Pago bem e vou a casa.) / E a velha que se desleixa / E morre sem uma queixa? / E os que armam aos pardais / Nessas hortas e quintais? / (Quem acerta co'os botões / Deste velho? Venha a cidade / Ajudá-lo a abotoar / Que não faz nada de mais!) / Velhos, ó meus queridos velhos, / Saltem-me para os joelhos: / Vamos brincar? (p. 46).

Numa tentativa de complementar a visão emanente das produções artísticas, procuramos a significação da velhice e de velho, segundo o Dicionário de Português da Porto Editora (2005), e constatamos que a dualidadde positivo-negativo está presente nas definições encontradas. Relativamente à velhice verificamos que a palavra é classificada gramaticalmente como um substantivo[4] e definida como "estado do que é velho, antiguidade, vetustez; idade avançada; os velhos e decrepitude". Pensamos que a definição apresentada sugere uma imagem pouco favorável, ou no mínimo ambígua, já que antiguidade pode ser entendida com uma valência positiva associada a relíquia (preciosidade) ou com uma valência mais negativa associada a velharia (ranço) e que decrepitude é associada à decadência, apresentando claramente uma valência negativa.

No sentido duma melhor aproximação à significação de velhice é conveniente atentar à noção de velho para a qual a definição remete. Podemos verificar que a palavra velho, mantendo como fonte o referido dicionário, é classificada gramaticalmente como substantivo e como adjectivo[5], é definida respectivamente como "homem de idade avançada" e "que tem muita idade, idoso; antiquado, antigo; muito usado; que exerce há muito uma profissão". Do mesmo modo que velhice, a definição de velho veicula uma imagem ambígua com uma valência

[4] Palavra que designa entidades concretas (pessoa, objecto, animal, etc.) ou entidades abstractas (acção, estado, qualidade, etc.).
[5] Palavra que acompanha um substantivo, qualificando-o ou determinando-o.

predominantemente negativa, associada ao vocábulo antiquado (desusado, obsoleto, jarreta) e usado (gasto, estragado) e uma valência mais positiva associada ao exercício duma profissão.

Em síntese, as imagens da velhice presentes nas fontes portuguesas consideradas reflectem os estereótipos mais comuns no contexto da produção artística, literária e ensaística europeia. Na imagem do velho avultam as considerações relativas à fraqueza física, intelectual e moral, com particular atenção à moral sexual, e mesmo social (cf. a carga simbólica associada ao *Velho do Restelo*). A representação positiva da velhice é feita no contexto clássico da emulação da vida dos patriarcas e está presente, por exemplo, na obra emblemática de Eça de Queirós e, ainda que de forma menos explícita, no pensamento sobre a velhice própria de Alexandre Herculano. A partir do séc. XX, a degradação física ocupa um lugar de maior destaque nas caracterizações da velhice na produção literária.

1.2 – Mitos associados à velhice e idadismo

Subjacentes ao desenvolvimento deste ponto estão algumas considerações: i) a idade é uma das categorias que é activada quando estamos na presença de outra pessoa (Fiske, 1998); ii) a activação, de que resulta a inclusão duma pessoa num determinado grupo etário, é feita com base em determinados indicadores físicos, como por exemplo aspecto da pele e do cabelo (ter ou não rugas e/ou cabelos brancos) (Hechausen & Lang, 1996); iii) a categorização por idades, tal como outras, não se efectua de um modo isento de valorização (Tajfel, 1981); iv) a inclusão das pessoas nos grupos etários "poderá estar na base da criação de segmentações e distinções […] e fomentar atitudes idadistas" (Marques & Lima, 2010, p. 15) que atingem sobretudo as pessoas mais idosas e v) a activação dos estereótipos de envelhecimento afecta o desempenho das pessoas idosas, melhorando a sua performance em diversos domínios se os atributos estereotípicos são positivos e piorando-a se são negativos (Levy, 1996, 2003; Levy, Ashman & Dror, 1999-2000; Levy & Banaji, 2002; Marques, Lima & Novo, 2007).

Com base nestas considerações organizamos este ponto em dois momentos. No primeiro momento, apresentamos uma visão da Organização Mundial de Saúde (WHO, 1999) que procura identificar e refutar alguns dos principais mitos associados ao envelhecimento e às pessoas idosas. No segundo momento, abordamos a discriminação e preconceito com base na idade. Nesta abordagem procuramos clarificar o conceito de idadismo e a sua ligação privilegiada com a velhice, referir algumas das suas manifestações presentes no dia-a-dia, apresentar diferentes tipos de idadismo e referir algumas formas de o avaliar.

1.2.1 – Organização Mundial de Saúde e mitos sobre o envelhecimento

A Organização Mundial de Saúde (OMS) no âmbito das comemorações do *Ano Internacional das Pessoas Idosas* (WHO, 1999), com o tema "Fiquemos activos para bem envelhecer" (p. 2, tradução nossa), reconhece, nas palavras da sua Directora Geral, Gro Harlem Brundtland, que é essencial para as pessoas idosas continuarem a ter um papel activo na sociedade que abranja todas as dimensões da vida: física, mental, social e espiritual. Por outro lado a OMS considera que a maioria das pessoas idosas, no seu dia-a-dia, são um exemplo de participação na sociedade, desmentindo um conjunto de pensamentos erróneos sobre a velhice e as pessoas idosas. A OMS reconhece ainda que o exemplo de participação social das pessoas idosas "levou a OMS a rever a sua abordagem do envelhecimento" (idem), nomeadamente levou esta Organização a elaborar uma brochura, *Envelhecimento: transcender os mitos*, que "destrói certos mitos difundidos sobre o envelhecimentos e as pessoas idosas" (p. 3).

Na referida brochura a OMS declara que viver num mundo em envelhecimento obriga a: "i) reconhecer que as pessoas idosas são um recurso precioso e a combater a discriminação exercida sobre as pessoas idosas; ii) permitir às pessoas idosas participar activamente no processo de desenvolvimento; iii) assegurar às pessoas idosas cuidados de saúde satisfatórios e promover a sua saúde; iv) promover a solidariedade entre gerações" (p. 5). No sentido de facilitar a consecução dos aspectos acabados de referir a OMS ao mesmo tempo que identifica seis mitos sobre a velhice e as pessoas idosas apresenta argumentos para rebater esses mesmos mitos. Em seguida referimos os mitos e os argumentos apresentados pela OMS.

Mito número um: a maior parte das pessoas idosas vive em países industrializados. Segundo a OMS esta afirmação não é verdadeira porque a maioria das pessoas idosas (60%) vive em países em desenvolvimento. De acordo com os dados apresentados, em 1999 existiam cerca de 600 milhões de pessoas idosas em todo o mundo, estima-se que em 2020 o número de pessoas idosas ascenderá a um bilião e que 700 milhões de pessoas idosas viverão em países em desenvolvimento.

Mito número dois: as pessoas idosas são todas iguais. À afirmação que considera as pessoas idosas todas iguais a OMS contrapõe que as pessoas idosas são um grupo muito variado dado que cada pessoa envelhece de um modo diferente devido a vários factores tais como o sexo, a pertença étnica e cultural, o meio onde vive e a sua própria experiência de vida. De facto o clima, a situação geográfica, a constituição familiar, as particularidades no plano biológico

(por exemplo a tensão arterial e a resistência física), as doenças que ocorrem ao longo da vida, as experiências pessoais, o nível de instrução, os recursos económicos e o desempenho de diferentes papéis sociais são "factores que distinguem cada vez mais as pessoas à medida que estas vão envelhecendo", fazendo com que, por exemplo, "duas crianças de dez anos sejam mais parecidas do que duas pessoas de 80 anos" (p. 7).

Mito número três: homens e mulheres envelhecem da mesma maneira. Ao rebater este mito a OMS refere que homens e mulheres envelhecem de modo diferente em parte devido a aspectos biológicos: "as mulheres parecem mais resistentes do que os homens de qualquer idade, particularmente durante a primeira infância. As mulheres adultas podem também apresentar uma superioridade biológica, pelo menos até à menopausa, porque as hormonas as protegem, por exemplo, contra as isquemias cardíacas" (p. 10).

A diferença entre homens e mulheres face ao envelhecimento conduz sobretudo a uma maior percentagem de população idosa do sexo feminino que é maioritária devido à sobremortalidade masculina (Carrilho & Patrício, 2008) traduzindo-se num aumento da esperança média de vida das mulheres. No entanto, tal como salienta a OMS, uma maior longevidade expõe mais as mulheres às doenças crónicas comummente associadas à velhice. As diferenças entre homens e mulheres deste grupo etário reflectem-se ainda no tipo de morbilidade que os afecta e que se repercute ao nível da interacção social e da qualidade de vida :

> (…) as mulheres são mais susceptíveis que os homens de sofrerem de osteoporose, de diabetes, de hipertensão, de incontinência e de artrite. Reduzindo a mobilidade, as doenças crónicas incapacitantes tais como a atrite, afectam a capacidade de estabelecer contactos sociais e por consequência, a qualidade de vida. Os homens são mais susceptíveis de sofrerem cardiopatias e acidentes vasculares cerebrais, mas, com a idade, essas doenças tornam-se também para as mulheres causa de doença e incapacidade (p. 10).

Mito número quatro: as pessoas idosas são frágeis. Segundo a OMS muito longe de serem frágeis, na sua maioria, as pessoas idosas mantêm uma boa saúde, isto é mantêm uma boa capacidade funcional. É esta capacidade funcional, variável de pessoa para pessoa independentemente do seu grupo etário de pertença, que permite às pessoas idosas executar as tarefas da sua vida diária e manter um papel activo na vida comunitária. Embora a OMS

reconheça o declínio da capacidade do sistema biológico após a idade adulta, alerta para o facto da rapidez do declínio ser "essencialmente determinada por factores ligados ao modo de vida dos adultos, onde o tabagismo, o consumo de álcool, a alimentação e a classe social assumem relevância" (p. 14). A OMS alerta, ainda, para o facto da "acelaração do declíneo devido a factores exteriores poder ser revertida em todas as idades" (p. 14) através da adopção de políticas sociais e de práticas saudáveis, nomeadamente "O fim do tabagismo e uma ligeira melhoria da forma física, por exemplo, pode reduzir o risco de cardiopatia coronária nomeadamente na velhice. Para as pessoas deficientes, a melhoria dos métodos de readaptação e os ajustes no ambiente físico podem contribuir para atrasar a progressão da incapacidade" (*ibidem*).

Mito número cinco: as pessoas idosas não têm nada para dar. Para a OMS há duas ideias erróneas, ligadas ao mundo laboral, que suportam este mito: i) a redução da capacidade funcional e ii) a sobrevalorização do trabalho remunerado. Relativamente à redução da capacidade funcional a OMS contrapõe que a diminuição da capacidade funcional das pessoas idosas, enquanto mão-de-obra, devido ao aumento da idade, é um falso argumento uma vez que, para além da diversidade existente entre as pessoas idosas "O progresso tecnológico diminuiu as exigências físicas de numerosos empregos permitindo às pessoas, mesmo com deficiências graves, ser perfeitamente produtivas do ponto de vista económico" (p. 16). Em reforço de que a redução da capacidade funcional é um falso argumento, a OMS acrescenta que o afastamento das pessoas idosas do mundo do trabalho decorre sobretudo da sua desvantagem ao nível da preparação e da formação escolar e da discriminação de que são alvo pelo facto de serem idosas. Ainda segundo a OMS a sobrevalorização do trabalho remunerado traz consequências negativas para a valorização das pessoas idosas uma vez que contribui para a invisibilidade e desrespeito do trabalho que estas executam e que tem "um papel importante nas actividades não-remuneradas tais como a agricultura, o sector informal e o voluntariado" (p. 16). A OMS acrescenta que o pouco reconhecimento destas actividades em muitas economias, dado não serem tomadas em conta na avaliação das actividades económicas nacionais, contribui frequentemente para ignorar e subavaliar o papel desempenhado pelos cidadãos idosos.

Mito número seis: as pessoas idosas são um fardo económico. Este mito, directamente ligado ao mito anterior, surge segundo a OMS devido à ideia que as sociedades deixarão de ter, nos próximos anos, meios para assegurar o apoio económico e o acesso aos cuidados de saúde

para as pessoas idosas. Ainda de acordo com a OMS a difusão desta ideia decorre do reconhecimento do crescente envelhecimento populacional e da focalização do debate mundial "sobre o custo para a sociedade das reformas e dos cuidados de saúde das pessoas idosas e não sobre a manutenção e importância do contributo económico dos cidadãos idosos para a sociedade" (p. 18).

A OMS contrapõe que a maior parte das pessoas idosas contribui para o desenvolvimento da sociedade de inúmeras formas, independentemente de o seu trabalho ser ou não remunerado, e que o grande desafio não é o envelhecimento das populações mas a necessidade de examinar, modificar e/ou elaborar novas políticas sanitárias, sociais e económicas "que assegurem no futuro um nível de vida decente a todos os membros da sociedade, jovens e velhos" (p. 20).

Em síntese, pensamos poder dizer que os mitos supramencionados difundem uma visão negativa e estereotipada das pessoas idosas, onde a improdutividade e a fragilidade prevalecem, contribuindo para a discriminação das pessoas idosas e para que velhice, doença e encargo sejam tomados muitas vezes como sinónimos. No entanto a proposta apresentada pela OMS, reconhecendo o declínio da capacidade do sistema biológico que advém com o avançar da idade, procura contrariar essa visão desfavorável sobre as pessoas idosas salientando que "É importante reconhecer que o envelhecimento não é uma doença mas a oportunidade de usar os recursos adquiridos ao longo da vida e que as pessoas idosas podem ser uma fonte preciosa para as famílias e para a comunidade" (p. 6).

1.2.2 – Discriminação e preconceito com base na idade

Definição de idadismo e sua ligação à velhice

O termo "*ageism*", denominação anglo-saxónica para a qual não existe uma versão precisa em português, tem sido traduzido por idadismo (cf. por exemplo Alves & Novo, 2006; Marques e Lima, 2010) embora este termo ainda não conste nos dicionários de língua portuguesa.

A palavra "*ageism*" foi apresentada pela primeira vez na década de sessenta por Robert Butler, primeiro Director do *National Institute on Aging* (Estados Unidos da América), com a grafia "*age-ism*". Butler (1969) usou o termo "age-ism" para descrever a oposição que surgiu na população de Chevy Chase, Washington D.C., após esta ter sido confrontada com a decisão da construção dum edifício destinado a uma residência específica para pessoas idosas. Nos protestos, a população residente, apresentava frases como por exemplo: "Estamos a abrir

a porta a pessoas que não sabem como viver" e " A residência deve chegar algum dia mas não agora nem neste lugar" (Butler, 1969, p. 243, tradução nossa). Butler (1969), com base nas manifestações que ocorreram em Chevy Chase, apresenta o idadismo como uma nova forma de fanatismo que começa a emergir, a par do racismo, da discriminação com base na classe social e do sexismo. O autor define a "discriminação com base na idade, ou idadismo, como um preconceito de um grupo etário para com outros grupos etários" (p. 243) e alerta para o facto de poder vir a afectar todas as pessoas: "Não crescemos todos brancos ou negros, mas todos ficaremos velhos" (p. 246).

Butler (1980) identifica no idadismo três aspectos distintos mas relacionados entre si: i) as atitudes preconceituosas para com os idosos, a velhice e o processo de envelhecimento, tanto por parte das pessoas em geral como por parte dos próprios idosos; ii) as práticas discriminatórias sobre a velhice, no campo laboral e no desempenho de outros papéis sociais e iii) a adopção de políticas e práticas institucionais que, embora sem intenção, podem perpetuar crenças sobre a velhice e podem reduzir a possibilidade de desfrutar de uma velhice satisfatória e digna.

Palmore (1999), tal como Butler (1969, 1980), compara o idadismo ao racismo e ao sexismo e considera-o o terceiro "ismo" da sociedade contemporânea que começa a ter visibilidade social e a ser combatido. Apesar de Palmore (2003) encarar o idadismo um "ismo" como os outros dois, aponta duas diferenças fundamentais: i) o idadismo é um tipo de "ismo" de que todos poderemos vir a ser alvos, e ii) por outro lado é o menos conhecido uma vez que a maior parte das pessoas pode nunca ter ouvido falar dele, ou apenas ter ouvido vagamente falar dele, até o sentir directamente. Ao considerar o idadismo um "ismo" Palmore (2005), como os outros, refere que ele "pode ser combatido usando os mesmos métodos que têm obtido sucesso no combate ao racismo e ao sexismo (…) educação, persuasão, protestos, organização, legislação, direitos civis - e através de exemplos pessoais de «envelhecimento bem sucedido» que desafiam os estereótipos negativos" (p. 90, tradução nossa).

Para Palmore (1999) o idadismo pode ser definido como "preconceito e discriminação contra ou a favor de um determinado grupo etário" (p. 4, tradução nossa). A definição apresentada por Palmore (1999) acrescenta à anteriormente apresentada por Butler (1969) o facto do idadismo poder ser a favor ou contra um dado grupo etário e reforça a multidimensionalidade do idadismo já presente na definição anterior com a manutenção dos vocábulos preconceito e discriminação. No sentido de clarificar que a definição de idadismo proposta por Palmore

(1999) reforça a multidimensionalidade do conceito, apresentamos o modo como os referidos vocábulos são percebidos pelo autor. Palmore (1999) considera que o preconceito engloba dois aspectos que tendem a permanecer juntos: i) o estereótipo, mais cognitivo, e ii) a atitude, mais afectiva. Palmore (1999, 2001) caracteriza a discriminação como um tratamento, acção, distinção e/ou comportamento inapropriado ou injusto para com os membros dum grupo etário.

As definições de idadismo que apresentamos salientam a sua multidimensionalidade e alertam para a sua grande aplicabilidade tornando-nos a todos potencialmente objecto de preconceito e de discriminação e/ou idadistas: "O idadismo é um sistema do qual ninguém pode obter benefícios porque todos somos, ou fomos, crianças e todos (os que sobreviverem) serão eventualmente velhos" (Itzin, 1986 cit. por Macnicol, 2006, p. 8, tradução nossa).

O idadismo tem sido apresentado como preconceito e discriminação a favor ou contra um determinado grupo etário de tal forma que quem pertence a um dado grupo etário tende a ver os outros grupos etários como diferentes, distintos ou mesmo inferiores. Este processo parece assentar no que Alves e Novo (2006) denominam de uma "espécie de raciocínio pré-operatório com o qual se calcula o valor ou o merecimento de um indivíduo com base apenas numa característica, neste caso, a idade" (p. 67).

Associação entre idadismo e velhice

Apesar do idadismo poder ser aplicado a pessoas de todas as idades, ele é vulgarmente associado à velhice (Bytheway, 2005) e a conotações negativas. Esta associação leva a que se as pessoas são identificadas como idosas "(…) são categorizadas como senis, rígidas, antiquadas, inferiores, etc" (Bytheway, 2005, p. 362, tradução nossa) e tendem a ser marginalizadas, institucionalizadas, desresponsabilizadas, destituídas de poder e de dignidade (Nelson, 2002). Atendendo à temática do nosso trabalho damos particular atenção ao idadismo contra as pessoas idosas partilhando a opinião expressa por Levy e Banaji (2002) "Pensamos que o idadismo também apela aos estereótipos e preconceitos sobre os jovens mas o nosso interesse centra-se nas atitudes e crenças negativas que tem sido associadas às pessoas idosas" (p. 51, tradução nossa).

A associação, a incidência e a preocupação relativamente ao idadismo que afecta as pessoas idosas[6] parece-nos ser já visível desde o início da utilização do termo "*ageism*" tanto em Butler (1969, 1975, 1980) como em Palmore (1977, 1999, 2003, 2005).

Butler (1969) considera que "O idadismo reflecte uma profunda dificuldade da parte dos jovens e das pessoas de meia-idade – uma inabilidade em se manterem distantes do envelhecimento e da doença; e receio/medo da pobreza, da "inutilidade" e da morte" (p. 24, tradução nossa). Posteriormente Butler e Lewis (1985) afirmam existir uma espécie de fina ironia no facto dos idadistas, se viverem o suficiente, se transformarem em velhos e consequentemente tornarem-se as vítimas dos seus próprios preconceitos. Aspecto também realçado por outros autores como Nelson (2002), por exemplo, que refere: "Parece estranho que os jovens sejam preconceituosos para com um grupo etário ao qual eles virão eventualmente a pertencer" (p. x, tradução nossa).

Palmore, em 1997, destaca uma sucessão de concepções erradas sobre as pessoas idosas e apresenta o idadismo como o último preconceito, a última discriminação, a mais cruel rejeição que afecta as pessoas idosas (Palmore, 1999). Para o autor, o idadismo é ainda encarado como uma espécie de doença psicológica e social com proporções epidémicas em todo o mundo que poderá afectar todas as pessoas desde que vivam o suficiente para atingir a velhice (Palmore, Branch & Harris, 2005). Palmore (2005) não só salienta a ligação entre velhice e idadismo como também salienta a sua conotação negativa e alerta para os efeitos nefastos especialmente entre as pessoas idosas: "As mais frequentes concepções erradas sobre a velhice tendem a reflectir estereótipos negativos" (p. 89, tradução nossa) o que "cria medo da dependência, desperdício, doença e miséria, especialmente entre as pessoas mais idosas" (p. 90, tradução nossa).

Na lógica da associação entre idadismo e velhice é possível identificar quatro factores nas sociedades ocidentais que contribuem para a imagem negativa da velhice (Traxler, 1980) e consequentemente para o fomento do idadismo. Pensamos poder considerar que a imagem negativa da velhice fomenta o idadismo dado que o "foco no declínio é uma forma subtil de preconceito de idade porque ignora as possibilidades de crescimento e de melhoria com a idade. A suposição de que as características dos velhos são a causa dos seus próprios

[6] Estes aspectos são também visíveis noutros autores, como por exemplo Alves e Novo (2006), Montepare e Zebrowitz (2002) e Nelson (2002, 2005).

problemas é outra forma de idadismo porque ignora o facto de que o preconceito de idade incorporado na nossa estrutura social e cultura contribuem para os problemas das pessoas idosas" (Palmore, 1999, p. 14, tradução nossa).

Segundo Traxler (1980) os quatro factores são: i) medo da morte e da velhice. O medo surge pelo facto da morte ser conceptualizada fora do ciclo vital (Butler & Lewis, 1977 cit. por Traxler, 1980) e ser entendida como uma afronta ao eu e ainda por morte e velhice serem vistas como sinónimos (Kastembaum, 1979 cit. por Traxler, 1980); ii) ênfase na juventude. A sociedade hiper-valoriza a juventude, a beleza física e a sexualidade pelo que os meios de comunicação social, para além de exortarem os símbolos da juventude, transmitem uma imagem negativa das pessoas idosas; iii) ênfase na produtividade. Em termos económicos as pessoas da meia-idade assumem a grande responsabilidade de produzir, os jovens são caracterizados pelo seu potencial, ao passo que as pessoas idosas são vistas de modo desvantajoso pela dificuldade em aceitarem as novas tecnologias, possuírem menor adaptação às mudanças e aprenderem mais devagar ou não estarem interessadas em aprender; e iv) viés nas investigações realizadas com pessoas idosas. O viés resulta pelo facto da maioria das investigações, pela facilidade de acesso, utilizarem idosos institucionalizados o que leva à divulgação de dados que veiculam uma imagem pouco favorável dos idosos em geral e uma focagem excessiva no declínio associado à idade.

Para Nelson (2005) a concepção sobre as pessoas idosas começou a transformar-se drasticamente devido a dois grandes acontecimentos: i) a imprensa escrita, através da qual a cultura, a tradição e a história passa a ser perpetuada levando à diminuição ou supressão do papel transmissor das pessoas idosas e ii) a revolução industrial, pela alteração das características da produção com a criação de postos de trabalho mais apropriados para os trabalhadores jovens e fortes e pelo fomento da mobilidade das famílias, para obter trabalho. O primeiro acontecimento apontado por Nelson (2005) reforça a perda de importância das pessoas idosas no domínio cultural e social ao passo que o segundo diminui a sua importância especificamente no mundo laboral contribuindo para a sua discriminação neste domínio.

A transmutação da concepção sobre as pessoas idosas e o acentuar de imagens negativas sobre a velhice concorrem para a promoção da sua discriminação e preconceito acarretando consequências para as pessoas idosas e para a sociedade em geral. Palmore (1999) dá alguns exemplos das consequências que o idadismo, sobretudo o negativo, comporta: i) custos pessoais, como, por exemplo, desmoralização, baixa auto-estima, perda de funções,

inactividade e declínio físico e mental, ii) custos económicos, decorrentes do facto da produtividade e habilidades criativas dos trabalhadores idosos serem ignoradas e iii) custos sociais e culturais porque os recursos dos mais velhos são negligenciados assim como o apoio familiar e comunitário (Palmore, 1999). Mais ainda, o idadismo é antiético e ilegal porque viola princípios democráticos e princípio éticos básicos.

Manifestações idadistas

A perda de importância, a discriminação e o preconceito de que as pessoas idosas são alvo, têm captado a atenção de vários investigadores (cf. por exemplo Dozois, 2006; Nelson, 2005) que salientam manifestações de idadismo muito diversificadas.

Dozois (2006) considera que as manifestações de idadismo podem ser agrupadas em três grandes categorias de comportamentos (pp. 11-18): i) comportamentos de distanciamento, que implicam ausência de convívio e/ou a sub-representação das pessoas idosas em diferentes situações; ii) comportamentos mais positivos ou protectores para com as pessoas idosas, como, por exemplo, legislação favorável, benefícios nos serviços de saúde, divulgação de estereótipos positivos nos *mass média* e 3) comportamentos negativos ou pouco calorosos que implicam repudio e/ou rejeição, como por exemplo transmissão de imagens negativas sobre velhos nos *mass media*, uso inapropriado da linguagem (linguagem infantilizada - *baby talk* ou linguagem de velhos - *elderspeak*), negar acesso a um posto de trabalho ou a um qualquer local.

Por sua vez Nelson (2005) apresenta uma síntese das manifestações do idadismo no dia-a-dia que organiza em quatro categorias: i) padronização da comunicação; ii) efeito de atitudes pseudopositivas para com as pessoas idosas; iii) idadismo em profissões de ajuda e iv) abuso sobre as pessoas idosas (pp. 209-213).

A primeira categoria, padronização da comunicação, incide sobre a comunicação negativa e está divida em dois tipos: a comunicação com superacomodação[7] e a linguagem infantilizada (Nelson, 2005).

A comunicação com superacomodação inclui, por exemplo, falar mais alto e mais lentamente, exagerar a entoação, utilização excessiva de imagens e de simplificação da linguagem através

[7] O termo usado por Nelson (2005) é "*overaccommodation*" (p. 209) que traduzimos por superacomodação apelando à subjacente intenção do emissor falar adaptando-se às "supostas" características do receptor.

da utilização de frases simples e curtas. Este tipo de comunicação, segundo Nelson (2005), tem subjacente o estereótipo que as pessoas idosas ouvem mal, têm as capacidades intelectuais diminuídas e têm falta de ligeireza cognitiva. Normalmente é bem aceite por pessoas idosas com dificuldades auditivas.

A linguagem infantilizada é apresentada por Nelson (2005) como a "mais negativa, condescendente forma de superacomodação" (p. 209, tradução nossa). Este tipo de comunicação acrescenta às características anteriores a utilização de diminutivos e falar pelos objectos inanimados. Consiste claramente no uso dum modo de falar usualmente empregue pelos adultos quando o seu interlocutor é um bebé ou uma criança muito pequena. Esta forma de falar com as pessoas idosas é designada por Nelson (2005) de "forma secundária de linguagem infantilizada" por oposição à " linguagem infantilizada primária" (p. 209) situação em que a comunicação se dirige a um bebé ou uma criança muito pequena. A linguagem infantilizada, segundo Nelson (2005), tem subjacente o estereótipo que as pessoas idosas têm défices nas habilidades cognitivas e precisam de uma comunicação especial. As pessoas idosas podem aceitar este tipo de comunicação se considerarem que ela é reveladora de atenção e cuidado por parte do seu interlocutor que tenta minimizar os seus défices auditivos. Mas, sobretudo as pessoas com elevadas funções cognitivas e sociais, podem rejeitar este tipo de comunicação porque a vêem como desrespeitosa, condescendente e humilhante.

Nelson (2005) identifica duas atitudes pseudopositivas – a infantilização do trato e o chamar velho – salientando a auto profecia que atitudes deste tipo podem produzir na forma de estar e no comportamento das pessoas idosas. Sugere que a infantilização do trato, não apenas no uso da linguagem mas no comportamento em geral, como, por exemplo, alimentar, vestir, fazer a higiene, tem subjacente o estereótipo que as pessoas idosas são dependentes e que necessitam que as substituam em diversas tarefas. Este tipo de atitude pode ser nefasto, tal como relata Nelson (2005), pois pode induzir as pessoas a agir de acordo com esse estereótipo, o que provoca uma baixa na auto-estima, levando-as a acreditar que já não são úteis nem têm valor e como tal a assumir um papel passivo, pouco interventor e dependente.

Para Nelson (2005) ser chamado constantemente "velho" e ser confrontado com a "vasta idade" "faz, eventualmente, com que as pessoas de idade apresentem um comportamento de «velho» e uma «auto-imagem de velho»" (p. 210). Este aspecto pode ter subjacente o estereótipo que as pessoas se comportam, agem e vestem de modo particular o que pode fazer com que elas se vistam como velhos, pareçam velhos, se movimentem e vistam como velhos.

O idadismo em profissões de ajuda[8] manifesta-se sobretudo no desempenho por parte dos profissionais de papéis ou acções que poderiam e deveriam ser executadas pelos seus utentes. Estes comportamentos aumentam a dependência dos utentes e sugerem a existência dum preconceito em que as pessoas idosas são vistas como dependentes e necessitam de ajuda (Nelson, 2005). Quase como um contra-senso relativamente ao aspecto que acabamos de referir, surge na sistematização apresentada por Nelson (2005) a desvalorização, por parte das pessoas que exercem profissões de ajuda, de alguns sintomas apresentados pelas pessoas idosas comparativamente com os apresentados por pessoas mais jovens. Esta desvalorização assenta na concepção do contínuo declínio físico e mental associado à velhice o que, entre outros aspectos, pode eventualmente levar à não prescrição dum dado tratamento ou ausência de atitudes que poderiam contribuir para melhorar a situação da pessoa idosa. Pensamos poder dizer que a desvalorização da sintomatologia pode resultar ainda dos profissionais considerarem que as pessoas idosas são solitárias ou abandonadas e vêem nas suas queixas uma forma de chamar atenção e/ou ter companhia. Estes comportamentos por sua vez contribuem para que as pessoas idosas aceitem e encarem como normais situações potencialmente tratáveis o que vai agravar a sua existência.

O idadismo nas profissões de ajuda sintetizado por Nelson (2005) parece-nos alertar para a responsabilidade que estes profissionais têm face aos seus utentes idosos. A este respeito é interessante notar que a *American Psychological Association* (2004) publicou orientações para a prática psicológica com adultos idosos. Estas orientações, vigentes até Agosto de 2010, e que serão actualizadas, estão organizadas em seis domínios: i) atitudes; ii) domínio de conhecimentos sobre o desenvolvimento do adulto, envelhecimento e pessoas idosas, iii) aspectos clínicos, iv) avaliação, vi) intervenção, consultadoria e outros serviços e vi) formação ou educação do profissional.

Nelson (2005) refere que o abuso sobre as pessoas idosas pode assumir, e assume, várias formas tais como negligência do cuidador, violência, fraude ou exploração. De acordo com o autor o idadismo pode estar na origem dos comportamentos abusivos para com as pessoas idosas e pode contribuir para que o respeito pelo seu bem-estar e humanidade seja encarado como menos importante do que o das pessoas mais jovens.

[8] Embora Nelson (2005) refira apenas um viés negativo na referência que faz ao idadismo em profissões de ajuda pensamos que este poderá ser incluído na designação "*professional ageism*" proposta por Gatz e Pearson (1988 cit. por Alves & Novo, 2006, p. 75) que engloba tanto um viés negativo como um viés positivo.

Ainda que dum modo menos sistematizado, alguns autores referem outras manifestações de idadismo que nos parecem interessantes referir porque, de certo modo, reflectem a oposição juventude / velhice na qual o culto da juventude e o repúdio da velhice surgem como prevalecentes[9].

Palmore (2005) considera ainda que a medicina anti-idade, e toda sua envolvência, pode ser uma forma de idadismo porque veicula a ideia de que o envelhecimento é uma doença que pode ser curada e porque apresenta os sinais normais do envelhecimento (as rugas e os cabelos brancos, por exemplo) como algo feio a eliminar. Por outro lado, acrescenta que a dificuldade em pensar nos benefícios do envelhecimento e a ampla divulgação dos problemas e desvantagens associados à idade originam uma visão negativa do envelhecimento o que não deixa de ser uma forma de idadismo (Palmore, 2005).

Palmore *et al.* (2005) chamam a atenção para o facto do conflito de idades poder ser uma forma extrema de idadismo no qual dois ou mais grupos etários se envolvem devido às desigualdades entre idades, que decorrem da estratificação etária presente em todas as sociedades, legitimada por vários estereótipos.

Levy e Banaji (2002) alertam para o facto da investigação sobre a temática do idadismo merecer pouca atenção por parte dos investigadores e para a fraca visibilidade da investigação realizada nesta área. Os autores consideram que estes aspectos são indicadores não só de idadismo mas, sobretudo, contribuem para que "esta forma de discriminação (idadismo) parece ser aceitável quando comparada com outras. Idadismo, contrariamente ao racismo, não provoca sentimentos de vergonha ou humilhação. Pode ser um assunto com algum interesse para provocar a mudança no reconhecimento do idadismo como forma de discriminação, digno de estudo para a comunidade dos cientistas sociais a trabalhar na área do preconceito" (p. 51, tradução nossa).

Tipos de idadismo

Para além das diversas manifestações de que se reveste o idadismo no dia-a-dia é também possível identificar vários tipos de idadismo na prática quotidiana. De seguida apresentamos alguns dos tipos de idadismo mais referidos na literatura sobre esta temática.

[9] A apologia da juventude e o repúdio da velhice são de certo modo abordadas num artigo de Marques e Lima (2010).

Com base na definição que apresenta, Palmore (1999) propõe uma tipologia do idadismo que pressupõe que o idadismo inclui o preconceito e a discriminação e que ambos podem assumir uma valência positiva (a favor) e outra negativa (contra) dando origem a quatro tipos básicos de idadismo: i) preconceito negativo, ii) preconceito positivo, iii) discriminação negativa e iv) discriminação positiva. Para o autor, o preconceito, tanto o negativo como o positivo, pode ser subdividido em estereótipos e atitudes, e a discriminação, tanto positiva como a negativa, pode ser subdividida em discriminação pessoal e discriminação institucional como é ilustrado no quadro abaixo.

Quadro 1.1 – Tipos de idadismo segundo Palmore

	Negativo		Positivo	
Preconceito	Estereótipos	Atitudes	Estereótipos	Atitudes
Discriminação	Pessoal	Institucional	Pessoal	Institucional

Fonte (Palmore, 1999, p. 19)

Segundo Palmore (1999), os estereótipos correspondem a crenças erradas ou exageradas acerca dum grupo, tendo por isso uma dimensão mais cognitiva, e as atitudes correspondem a sentimentos negativos ou positivos para com um grupo, tendo por isso uma dimensão mais afectiva. Geralmente, estereótipos e atitudes estão inter-relacionados, isto é, os estereótipos habitualmente produzem atitudes e as atitudes suportam os estereótipos, aspecto ilustrado nas palavras de Palmore (1999): "O estereótipo negativo produz usualmente atitudes negativas e as atitudes negativas suportam o estereótipo negativo" (p. 19, tradução nossa).

Palmore (1999) identificou alguns estereótipos mais comuns sobre as pessoas idosas: nove estereótipos negativos que reflectem um preconceito negativo e sete positivos que reflectem um preconceito positivo.

Os estereótipos negativos veiculam a imagem duma velhice decrépita e assentam na crença de que a maioria dos idosos é: 1) doente, 2) impotente, 3) feia, 4) senil, 5) doente mental, 6) inútil, 7) isolada, 8) pobre e 9) deprimida (pp. 20-28). Para Palmore (1999) o idadismo negativo reflecte-se numa constante interpretação desfavorável dos pensamentos e actos das pessoas idosas, tais como – Se as pessoas idosas: i) hesitam por momentos são imediatamente denominadas de inseguras; ii) se esquecem o nome de alguém são chamadas de senis ou já perderam a memória; iii) se perdem uma palavra ou não ouvem uma coisa são apelidados de velhos; iv) quando legitimamente expressam descontentamento com a vida, tal como muito

novos fazem, são chamadas adoentadas ou de trato difícil (Stein, não publicada cit. por Palmore, 1999).

Os estereótipos positivos, referidos pelo mesmo autor, veiculam uma imagem duma velhice aprazível e assentam na crença que a maioria dos idosos é: 1) simpática, 2) sábia, 3) de confiança, 4) abastada, 5) politicamente poderosa, 6) livre e 7) feliz (34-40).

Apesar de apresentar os factos que contrariam os estereótipos mais comuns, Palmore (1999) conclui que eles ainda são prevalentes na sociedade contribuindo para a imagem do envelhecimento e das pessoas idosas e para a legitimação do idadismo.

Um estudo realizado em Portugal por Marques, Lima e Novo (2006) permitiu encontrar, entre outros aspectos, os traços estereotípicos negativos e positivos associados culturalmente às pessoas idosas confirmando de certo modo a assunção de Palmore (1999) que considera os estereótipos, negativos e positivos, ainda prevalecentes na sociedade actual. Os autores realizaram o estudo junto de 124 respondentes, residentes em Portugal, maioritariamente do sexo feminino (64,5%), com escolaridade mínima igual ao 12º ano, metade do grupo constituída por jovens (idade média=21.6 anos; DP=2.0, maioritariamente solteiros e estudantes) e a outra metade constituída por pessoas idosas (idade média=70.4 anos; DP=4.7, maioritariamente casadas). Os traços estereotípicos negativos encontrados e associados culturalmente às pessoas idosas em Portugal, à imagem dos estereótipos negativos referidos por Palmore (1999), veiculam a imagem duma velhice decrépita e incluem as palavras: reformadas, conservadoras, velhas, sós, esquecidas, dependentes, supersticiosas, declínio, doentes, lentas, rabugentas. Do mesmo modo, os traços estereotípicos positivos encontrados e associados culturalmente às pessoas idosas em Portugal veiculam a imagem duma velhice aprazível incluindo as palavras: avós, experientes, maduras, conselheiras, sábias, calmas, sociáveis, sagazes e intuitivas.

Segundo Palmore (1999), a discriminação corresponde a um comportamento ou acção inapropriada perante um determinado grupo etário e, como já referimos, pode ser individual ou institucional.

O idadismo com base na discriminação pessoal corresponde a um comportamento inapropriado assumido pelo próprio perante um determinado grupo etário, porque acredita em preconceitos etários.

O idadismo institucional corresponde à política duma instituição ou organização que discrimina a favor ou contra um grupo etário e impõe as suas normas institucionais independentemente de os seus colaboradores serem ou não idadistas. No caso do idadismo individual, podemos dizer que estamos perante uma tomada de posição do próprio sujeito baseada em convicções individuais ao passo que, no idadismo institucional, se trata duma tomada de posição duma determinada instituição onde os decisores fazem prevalecer a sua posição independentemente das convicções individuais dos seus colaboradores.

Ainda segundo Palmore (1999) tanto o idadismo individual como institucional, podem assumir as duas tonalidades afectivas, negativa e positiva, já anteriormente referidas.

O idadismo individual pode ser positivo quando, por exemplo, o indivíduo acredita que a maioria das pessoas idosas é sábia e influente e por isso as trata com deferência. O idadismo individual é negativo se, pelo contrário, o indivíduo acredita que a maioria das pessoas idosas são doentes e rabugentas e por isso mesmo as ostraciza.

O idadismo institucional positivo está patente nalguns aspectos do sistema de segurança social e do sistema de saúde (Palmore, 1999) que em Portugal se manifestam por exemplo no complemento solidário para idosos e na isenção das taxas moderadoras para o acesso ao sistema de saúde. O idadismo institucional negativo é visível nas práticas discriminatórias de algumas empresas aquando, por exemplo, da admissão de novos colaboradores que desde a publicitação das ofertas de emprego até à selecção profissional excluem os candidatos por estes terem uma determinada idade.

Levy e Banaji (2002) propõem uma tipologia do idadismo que tem por base o nível de consciência envolvido no idadismo classificando-o de implícito e explícito. O idadismo implícito é também denominado automático ou inconsciente e pode ser entendido enquanto estereótipo implícito e atitude implícita. Levy e Banaji (2002) apresentam o estereótipo implícito como o conjunto de pensamentos e crenças sobre os atributos da velhice de que uma dada pessoa é detentor e que a influenciam sem que ela tenha consciência, intenção ou controlo.

As atitudes implícitas sobre a velhice são definidas, pelos mesmos autores, como o conjunto de sentimentos para com a velhice que existem e se manifestam sem que os sujeitos tenham deles consciência, intenção ou controlo. Para Levy e Banaji (2002), por oposição, o idadismo

explícito manifesta-se de modo consciente podendo ser controlado. Os autores propõem que o idadismo explícito, tal como o implícito, pode ser entendido enquanto estereótipo e atitude que correspondem respectivamente aos pensamentos e aos sentimentos conscientes sobre a velhice.

Levy e Banaji (2002) consideram que todos os seres humanos, ainda que em diferentes graus, são implicitamente idadistas e que isso se manifesta nos pensamentos, sentimentos, julgamentos e decisões no seu dia-a-dia e alertam:

> Uma vez que os auto-estereótipos do idadismo operam de forma insconsciente, o processo pode ser particularmente nocivo. Tal como os indivíduos mais jovens, que não estão cientes do impacto dos estereótipos ligados à idade são incapazes de corrigir comportamentos discriminatórios daí resultantes, os indivíduos mais velhos arriscam-se a aceitar e a considerar normais determinados aspectos que resultam dos auto-estereótipos da idade. Um alteração na saúde, por exemplo, pode ser atribuído a uma consequência inevitável do envelhecimento em vez de ser considerado uma resposta desencadeada por um auto-espereótipo negativo (p. 62, tradução nossa).

O auto-estereótipo da idade, negativo ou positivo, internalizado na infância e reforçado ao longo da vida, é automaticamente activado num dado momento influenciando a performance das pessoas idosas (Levy, 2003) através dum processo ideomotor (Wheeler & Petty, 2001) pela associação mental, através dos sistemas de memória, entre o estereótipo e um dado comportamento aumentando assim a probabilidade da sua ocorrência (Dijksterhuis & Bargh, 2001).

Atendendo ao perigo que Levy e Banaji (2002) conferem ao idadismo implícito, os autores consideram importante medi-lo, induzindo a "primação implícita" (*implicit priming*) (p. 63) que consiste na activação de um esquema pré-existente nos indivíduos sobre os estereótipos etários. Este método permite examinar o impacto inconsciente que os estereótipos e atitudes sobre os grupos etários podem ter nos pensamentos, comportamentos e decisões dos indivíduos[10] e a sua aplicação tem demonstrado que a activação dum estereótipo positivo

[10] Marques, Lima e Novo (2007) utilizaram um procedimento similar para verificar o efeito que a activação de estereótipos positivos e negativos têm na vontade de viver em jovens e em pessoas idosas e verificaram que indivíduos idosos primados subliminarmente com atributos positivos de envelhecimento têm maior vontade de viver do que aqueles primados com atributos negativos.

melhora a performance dos sujeitos e que por sua vez a activação de um estereótipo negativo a prejudica (Levy, 1996, 2003; Levy *et al.*, 1999-2000; Levy & Banaji, 2002).

Avaliar o idadismo

A *Ageism Survey* (Palmore, 2001) e a *Fraboni Scale of Ageism* (Fraboni, Saltstone & Hughes, 1990) situam-se entre os instrumentos comummente usados na avaliação do idadismo (cf. por exemplo Alves & Novo, 2006; Rupp, Vadonovich & Credé, 2005).

A *Ageism Survey* foi desenvolvida por Palmore (2001) para permitir uma medida directa e unidimensional do idadismo visando sobretudo o estudo da discriminação negativa de que as pessoas idosas são alvo. É constituída por vinte itens que descrevem outras tantas situações, eventos ou episódios de discriminação social relativamente às quais as pessoas idosas se devem pronunciar, indicando se vivenciaram ou não cada uma das situações apresentadas utilizando para cada um dos itens uma das três hipóteses de resposta possíveis: i) nunca ocorreu, ii) ocorreu uma vez ou iii) ocorreu mais do que uma vez. Como exemplo das situações incluídas na *Ageism Survey* apresenta-se o primeiro item "Contaram-me uma anedota que ridiculariza ou faz troça das pessoas de idade" (tradução de Alves & Novo, 2006).

Uma investigação realizada em Portugal por Alves e Novo (2006) utilizando a *Ageism Survey* junto de 324 participantes idosos, maioritariamente do sexo feminino (65%), de idades compreendidas entre 71 e 94 anos, institucionalizados e não institucionalizados, residentes nos distritos de Braga, Porto e Lisboa, revelou, entre outros aspectos, o reconhecimento da existência de discriminação nos respondentes portugueses e revelou que o sexo dos respondentes, o estado civil e o nível de escolaridade não se constituem como variáveis diferenciadoras. Os dados revelam ainda que a idade se associa positiva e significativamente com a percepção de discriminação. Os autores, ao constatarem que a percepção de discriminação é mais saliente no grupo etário entre os 81 e os 94, sugerem que este facto parece indicar um reducionismo na apreciação das pessoas idosas que surge centrado na idade tardia acompanhando "a desvalorização da individualidade, o que é humanamente empobrecedor e culturalmente perigoso" (Alves & Novo, 2006, p. 74).

A *Fraboni Scale of Ageism* (*FSA*) (Fraboni *et al.,* 1990), tal como sugerido pelos autores (cf. também Rupp *et al.*, 2005), permite uma avaliação multidimensional do idadismo que afecta

as pessoas idosas indo de encontro às definições propostas por Butler (1969) e Palmore (1999). Permite, ainda, avaliar o idadismo de diferentes grupos etários sobre as pessoas idosas.

Os resultados provenientes da aplicação da *FSA* revelam, de acordo com Fraboni *et al.* (1990), a existência de três factores: Anti-locução (*Antilocution*), Afastamento (*Avoidance*) e Discriminação (*Discrimination*). Mais recentemente Rupp *et al.* (2005) procuraram demonstrar o potencial métrico da escala e investigar a validade do construto das subescalas da *FSA* junto de duas amostras de estudantes universitários norte-americanos, maioritariamente do sexo feminino (com valores superiores a 70%) e com idades compreendidas entre os 17 e os 58 anos (amostra A, N=353; Amostra B, N=210). Os dados obtidos confirmam a existência de três factores similares aos inicialmente propostos por Fraboni *et al.* (1990), que designaram por Estereótipos (*Stereotypes*), Separação (*Separation*) e Atitude afectiva (*Affective attitude*), bem como a validade da *FSA* na medição da multidimensionalidade do idadismo. Os dados obtidos mostram ainda que os homens e os jovens são significativamente mais idadistas do que as mulheres e os respondentes mais velhos. No Estudo 2, por nós realizado (cf. Capítulo 6), utilizamos a *FSA* (Fraboni *et al.*, 1990) para avaliar o idadismo junto de uma amostra de respondentes portugueses de diferentes grupos etários.

1.3 – Seniores: um novo estrato social em ascensão

Assumimos, no desenvolvimento deste ponto, a diversidade existente entre as pessoas que atingem a velhice e partimos da proposta apresentada por Serrão (2006) para caracterizar diferentes tipos de pessoas com 65 e mais anos. Nesta proposta seguimos a sugestão apresentada pelo autor na qual salienta o peso demográfico das pessoas com 65 e mais anos no conjunto social e reforça a importância da aplicação dos *Princípios das Nações Unidas a favor das Pessoas Idosas*, decretados pela Organização das Nações Unidas em Dezembro de 1991 (Resolução 46/91).

Com estes pressupostos, organizamos o desenvolvimento deste ponto em três momentos. No primeiro momento, fazemos uma breve resenha sobre o envelhecimento populacional, no mundo e em Portugal, de modo a salientar o peso demográfico das pessoas com 65 e mais anos, no segundo momento, referimos algumas das acções levadas a cabo pela Organização das Nações Unidas que constituem marcos de referência sobre a problemática do

envelhecimento e sintetizamos os *Princípios das Nações Unidas a favor das Pessoas Idosas* (ONU, 1991) e, no terceiro momento, apresentamos a tipologia proposta por Serrão (2006) para caracterizar as pessoas com 65 e mais anos.

1.3.1 – População envelhecida: envelhecimento sem precedentes

A idade cronológica é estabelecida por normas sociais e culturais independentes da estrutura e funcionalidades biopsicológicas e sociais dos indivíduos tornando a velhice não uma categoria natural mas uma categoria socialmente construída (Debert, 1999).

Ainda que possa ser socialmente manipulada e manipulável (Bourdieu, 2004), e que não exista acordo quanto à idade a partir da qual as pessoas são idosas, a idade constitui-se como um marco de referência na velhice (UN, 2009; INE, 2002). A idade é uma referência, entre outros aspectos, pelo papel que assume nas análises demográficas da população e por estar associada ao usufruto da reforma e de outros benefícios sociais. Apesar de considerarmos a idade uma referência em termos do envelhecimento, temos consciência da variabilidade existente no seio duma mesma faixa etária expressa nas palavras de Paúl (1997): "depressa nos apercebemos de que há idosos e idosos e mais ainda de que qualquer deles carrega consigo um enorme peso correspondente a toda a sua história de vida, determinada quer pelo seu património genético, quer pelo seu património psico-social*"* (p. 21).

Sabendo que não existe um total acordo quanto à idade que marca a entrada na velhice, verificamos que na maioria das situações esta é estabelecida no intervalo entre os 60 e os 65 anos. A Organização das Nações Unidas (ONU) considera que uma população é idosa se tem 60 e mais anos. No entanto, a mesma organização, para o cálculo dos índices de dependência total e índice de dependência de idosos[11], utiliza como critério os 65 anos. Os 65 anos são também usados como referência da entrada na velhice pelo Conselho da Europa (CE) e pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE). Em Portugal, o INE, considera pessoas idosas as pessoas com 65 e mais anos.

O envelhecimento pode ser analisado pelo menos sob dois prismas que se interrelacionam, o individual e o demográfico. O primeiro é associado à ideia de tornar-se velho ou atingir a

[11] Índice de dependência total "corresponde à proporção entre a população em idade activa (15-64 anos) e a população dependente (com menos de 15 anos e com 65 ou mais anos)." (INE, 2006, p. 10). O índice de dependência de idosos "corresponde à proporção entre a população em idade activa (15-64 anos) e a população com 65 ou mais anos." (INE, 2006, p. 9).

velhice, assenta na longevidade, no aumento da esperança de vida e tem subjacente uma dimensão biológica e psicossocial. O envelhecimento é comum a todos, embora diferente de pessoa para pessoa. O corpo perde a pouco e pouco as suas reservas e a sua capacidade de adaptação a mudanças ou estímulos, mas sem perder o seu equilíbrio normal tanto da mente como do corpo (Direcção Geral da Saúde, 1999).

O envelhecimento é um processo natural, multidimensional, indiscutivelmente associado à passagem do tempo (Ermida, 1999; Robert, 1994, 1995), resultante da acção de vários mecanismos e que se procura compreender através da formulação de diferentes teorias (Mailloux-Poirier, 1994). Estas teorias podem ter diferentes enfoques, nomeadamente as que tentam explicar o envelhecimento biológico e o psicossocial (Mailloux-Poirier, 1994). As teorias biológicas, associadas à senescência, acentuam as mudanças letais que diminuem as probabilidades de sobrevivência do indivíduo e salientam entre outras a disfunção do sistema imunológico, a programação genética, as lesões celulares e modificações da actividade genética (cf. por exemplo, Mailloux-Poirier, 1994; Robert, 1994, 1995). Por sua vez, as teorias psicossociais procuram explicar as influências dos factores culturais e sociais no envelhecimento e organizam-se em questões relacionadas com a actividade pessoal, a desinserção e a continuidade dos hábitos de vida (Mailloux-Poirier, 1994).

Ainda no prisma individual e do ponto de vista funcional, o envelhecimento pode ser considerado segundo Fernández-Ballesteros (2000): i) como normal, isto é sem patologias associadas; ii) patológico, existindo patologias múltiplas de carácter crónico, e iii) saudável, competente, satisfatório ou com êxito, existindo uma baixa probabilidade de doença e/ou incapacidade, associada a uma elevada capacidade funcional e comprometimento activo para com a vida.

A concepção funcional de uma velhice satisfatória ajuda de certa forma a perceber o conceito de Envelhecimento Activo já proposto em 1997 pela OMS, que tem por base o princípio de permitir aos idosos permanecerem integrados e motivados na vida laboral e social. A promoção do envelhecimento em actividade tem assumido tal relevância social que a União Europeia, respectivamente no Conselho Europeu de Estocolmo em 2001 e no Conselho Europeu de Barcelona em 2002, se propôs atingir até 2010 duas metas complementares: aumentar os níveis de emprego dos mais velhos e retardar a saída do mercado de trabalho.

Cientes da importância da análise demográfica do envelhecimento, apresentamos de seguida alguns aspectos mais globais sobre este fenómeno para, de seguida, atendermos à situação do envelhecimento em Portugal.

Envelhecimento no Mundo

De acordo com a ONU (UN, 2009) a população envelhece quando aumenta a proporção das pessoas idosas (60 ou mais anos), diminui a proporção de crianças (0 aos 14 anos) e há declínio da proporção de pessoas em idade activa (15 aos 59 anos). Segundo a mesma fonte, espera-se a nível mundial que em 2045, pela primeira vez, o número de pessoas idosas ultrapasse o número de crianças, aspecto já presente desde 1998 nas regiões mais desenvolvidas. A ONU considera o envelhecimento populacional um fenómeno generalizado e duradouro.

Dados a nível mundial indicam que a proporção de pessoas idosas tem aumentado, passando de 8% em 1950 para 11% em 2009; estima-se que em 2050 esta proporção atinja 22% do total da população mundial (UN, 2009). Globalmente, o aumento das pessoas idosas por ano é de 2.6%, em contraste com o aumento da população mundial que é de 1.2%. As Nações Unidas predizem que a população idosa cresça mais do que qualquer dos outros grupos etários pelo menos até 2050. Em 2000 o número de pessoas idosas atingiu os 600 milhões, triplicando o valor existente em 1959, em 2009 o número ascende aos 737 milhões, e em 2050 estima-se que o valor alcançará os 2 biliões.

Este fenómeno do envelhecimento, sem precedentes na história da humanidade (UN, 2009), resulta duma transição demográfica, isto é, da passagem dum modelo de fecundidade e mortalidade elevados para um modelo de baixa fecundidade e baixa mortalidade (UN, 2009). Esta transição origina a nível mundial um estreitamento da base da pirâmide etária e um alargamento do topo da pirâmide. Isto é, há uma diminuição do número de jovens, por diminuição da fertilidade, e um acréscimo do número de idosos, pelo aumento da esperança de vida.

Tal como refere a Organização das Nações Unidas (UN, 2009) o envelhecimento ainda que generalizado e duradouro não se manifesta em todas as regiões do mesmo modo:

> Nas regiões mais desenvolvidas, mais de um quinto da população tem hoje 60 ou mais anos de idade e em 2050, cerca de um terço da população dos países em

> desenvolvimento estará nesse nível etário. Nas regiões menos desenvolvidas, as pessoas rondam os 8% da população mas em 2050 estima-se que venham a atingir um quinto da população, o que equivale a dizer que, em meados deste século, o mundo em vias de desenvolvimento atingirá o mesmo estádio de envelhecimento da população em que já se encontra actualmente o mundo desenvolvido (p. ix, tradução nossa).

O envelhecimento demográfico não evolui uniformemente em todas as regiões do Mundo. As regiões mais desenvolvidas iniciaram primeiro o processo de transição demográfica. Nas regiões mais desenvolvidas a população jovem começou a evoluir segundo taxas negativas desde 1970, nas regiões menos desenvolvidas as taxas de crescimento têm sido positivas, embora relativamente baixas, mas irão aproximar-se do valor nulo a partir de 2030 (UN, 2009; INE, 2002).

Paralelamente ao envelhecimento global da população, a nível mundial, assiste-se ainda ao envelhecimento da população idosa, particularmente das pessoas com 80 e mais anos que cresce cerca de 4% ao ano (UN, 2009). Actualmente, as pessoas com 80 e mais anos correspondem a 1.5% da população mundial e em 2050 passarão a corresponder a 4.3%. O rácio de pessoas em idade activa por pessoa com 80 e mais anos é 1 para 7 e estima-se que passará a ser de 1 para 5 em 2050 (UN, 2009).

Uma análise do índice de dependência de idosos também revela um envelhecimento populacional. Em 1950 existiam 12 pessoas em idade activa para cada pessoa com 65 e mais anos, em 2009 a relação é de 9 para 1 e está projectado que descerá de novo em 2050 atingindo o valor de 4 pessoas em idade activa para cada pessoa com 65 e mais anos (UN, 2009). As alterações no índice de dependência de idosos têm implicações importantes ao nível dos sistemas de protecção social, nomeadamente ao nível da idade da reforma e do pagamento das pensões de reforma.

Também a fertilidade, ou seja a média de crianças por mulher, a nível mundial tem reduzido drasticamente desde 1950, caindo quase para metade na actualidade: de uma taxa de fertilidade de 4.9 em 1950-1955 para uma taxa de 2.6 em 2005-2010. Para 2045-2050 estima-se que a fertilidade seja de 2.0 crianças por mulher (UN, 2009). Simultaneamente à diminuição da fertilidade, para o mesmo período e a nível mundial, a esperança de vida à

nascença[12] aumentou 21 anos: passou de uma esperança de vida de 46.6 anos em 1950-1955 para uma esperança de vida de 67.6 anos em 2005-2010. Estima-se que a esperança de vida em 2045-2050 aumente em termos globais para 75.5 anos (UN, 2009).

Envelhecimento em Portugal

O fenómeno do envelhecimento demográfico é visível em Portugal a partir da década de 70, tanto ao nível da diminuição da percentagem de jovens (envelhecimento na base) como ao nível do aumento da percentagem de idosos (envelhecimento no topo). (Nazareth, 1994).

Os censos de 1960 e 2001 permitem uma análise do envelhecimento demográfico em Portugal. A análise comparativa dos dados recolhidos nos dois períodos revela um decréscimo de 36% na população jovem (0-14 anos), um aumento de 140% da população idosa (65 e mais anos), e um aumento da esperança média de vida de 11 anos para os homens e 13 anos para as mulheres, tendo-se obtido um índice de envelhecimento[13] de 104.2% (INE, 2002). A análise revela ainda que neste espaço intercensitário a população idosa mais do que duplicou, passou de 8.0% para 16.4%, e o número de idosos por cada 100 jovens quase triplicou, ultrapassando pela primeira vez os 100 idosos por cada 100 jovens em 1999 (INE, 2002). Os dados permitem apurar que o índice de dependência total baixou, passou de 59 para 48, devido exclusivamente à diminuição do número de jovens, e que o número de indivíduos em idade activa por cada idoso se reduziu para metade, passou de oito para quatro (INE, 2002).

As projecções do Instituto Nacional de Estatística (2004) sugerem que embora persista alguma heterogeneidade na geografia do fenómeno do envelhecimento em Portugal, como por exemplo assimetria entre o litoral com população mais jovem e o interior com população mais idosa, o envelhecimento demográfico estende-se a todo o território nacional.

Numa análise mais recente, Carrilho e Patrício (2008) salientam que o envelhecimento populacional, acompanhando os desenvolvimentos presentes a nível mundial, é bem visível em Portugal tanto no aumento do peso relativo da população com 65 ou mais anos, e na sua

[12] A Esperança de vida à nascença corresponde "ao número médio de anos que uma pessoa à nascença pode esperar viver, mantendo-se as taxas de mortalidade por idades observadas no momento" (INE, 2006, p. 10).
[13] O índice de envelhecimento corresponde "à proporção entre a população idosa e a população jovem, é definido habitualmente como o quociente entre o número de pessoas com 65 ou mais anos e o número de pessoas com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos e é expresso habitualmente por 100 pessoas dos 0 aos 14 anos" (INE, 2006, p. 10).

dinâmica evolutiva, quanto na diminuição da população em idade activa e na sua dinâmica evolutiva.

No sentido de dar conta da dinâmica recente do envelhecimento em Portugal apresentamos, no Quadro 1.2, uma síntese da evolução demográfica registada entre os anos de 2001 a 2006 retirada de Carrilho e Patrício (2008, p. 140).

Quadro 1.2 – Portugal, 2001-2006: estrutura por idades da população residente percentagem e índices

Indicadores	**2001**	**2002**	**2003**	**2004**	**2005**	**2006**
População 0-14 anos	15.90	15.80	15.70	15.60	15.60	15.50
Homens	16.80	16.80	16.70	16.60	16.50	16.40
Mulheres	15.00	14.90	14.90	14.80	14.70	14.60
População 15-64 anos	67.60	67.50	67.40	67.30	67.30	67.30
Homens	68.90	68.80	68.80	68.70	68.70	68.70
Mulheres	66.40	66.30	66.20	66.10	66.00	65.90
População 65 e mais anos	16.50	16.70	16.80	17.00	17.10	17.30
Homens	14.30	14.40	14.50	14.70	14.80	14.90
Mulheres	18.60	18.80	18.90	19.20	19.30	19.50
População com 75 e mais anos	6.90	7.00	7.20	7.30	7.50	7.70
Homens	5.50	5.60	5.60	5.80	5.90	6.10
Mulheres	8.30	8.40	8.60	8.80	9.00	9.30
População com 80 e mais anos	3.50	3.60	3.70	3.80	3.90	4.10
Homens	2.60	2.60	2.70	2.80	2.90	3.00
Mulheres	4.40	4.50	4.60	4.70	4.90	5.10
Índice dependência total	48.00	48.10	48.30	48.50	48.60	48.60
Homens	45.20	45.30	45.40	45.50	45.50	45.50
Mulheres	50.60	50.90	51.10	51.40	51.50	51.60
Índice dependência de jovens	23.50	23.40	23.30	23.20	23.10	23.00
Homens	24.40	24.40	24.30	24.10	24.00	23.80
Mulheres	22.60	22.50	22.50	22.40	22.20	22.10
Índice dependência de idosos	24.50	24.70	24.90	25.30	25.40	25.60
Homens	20.80	21.00	21.10	21.40	21.50	21.70
Mulheres	28.00	28.30	28.60	29.00	29.30	29.50
Índice de envelhecimento	104.20	105.50	106.80	108.70	110.10	111.70
Homens	85.10	86.10	87.20	88.70	89.70	90.90
Mulheres	124.20	125.80	127.50	129.80	131.50	133.50

(Fonte: Carrilho & Patrício, 2008, p. 140)

Esta síntese (Quadro 1.2) permite verificar que a transição demográfica também se fez sentir em Portugal ao nível do índice sintético de fecundidade[14], originando uma diminuição do número de jovens e um acréscimo do número de idosos, com repercussões ao nível do índice de dependência de idosos e o índice de envelhecimento, pelo aumento da esperança de vida.

[14] O Índice Sintético de Fecundidade "corresponde ao número médio de crianças vivas nascidas por mulher em idade fértil (dos 15 aos 49 anos de idade) observadas num determinado período (habitualmente um ano civil)" (INE, 2006, p. 11).

Relativamente à população em idade activa, dos 15-64 anos, Carrilho e Patrício (2008), salientam uma perda de importância relativa entre 2001 e 2006, passando de 67.6% para 67.3%. O índice de dependência de jovens confirma a tendência da diminuição do seu peso na estrutura social, que passou de 23.5 em 2001 para 23 em 2006.

A análise populacional dentro da população em idade activa ou adulta evidencia duas dinâmicas de evolução opostas que acentuam o seu envelhecimento: i) a população activa mais nova com idades entre os 15-44 anos desce, passando de 42.6% em 2005 para 42.3% em 2006, e ii) a população activa mais velha, dos 45-64 anos, aumenta de 24.7% para 25.0% no mesmo período (Carrilho & Patrício, 2008).

Como ilustra o quadro elaborado por Carrilho e Patrício, a população idosa, pessoas com 65 e mais anos, aumentou de 16.5% em 2000 para 17.3% em 2006. Esta proporção ultrapassa tanto a média estimada para a União Europeia a 27 (16.9%) como a média estimada para a União Europeia a 25 (17.0%, Carrilho & Patrício, 2008).

A análise da dinâmica evolutiva da população idosa revela que o crescimento é mais forte nos idosos mais velhos: i) o peso relativo da população com 75 ou mais anos, que representa quase metade da população idosa, subiu de 6.9% em 2001 para 7.7% em 2006, aspecto mais acentuado entre as mulheres (8.1% em 2000 e 9.3% em 2006) e ii) a proporção dos mais idosos (80 ou mais anos) na população idosa é de 23.7%, em 2006, com um peso maior da velhice no feminino, 20.2% nos homens e 26.2% nas mulheres, comparativamente com as proporções de 22.9% e 25.4%, respectivamente para homens e mulheres, em 2005 (Carrilho & Patrício, 2008).

Uma análise dos índices de dependência (total, de jovens, de idosos e de envelhecimento) entre 2001 e 2006 (Quadro 1.2), que se têm vindo a agravar, contribui para uma melhor compreensão da dinâmica do envelhecimento populacional em Portugal. Estes índices sublinham o peso demográfico e social das pessoas com 65 e mais anos, sobretudo da população do sexo feminino que é maioritária devido à sobremortalidade masculina (Carrilho & Patrício, 2008). Relativamente aos índices de dependência verificamos duas linhas de evolução opostas: a primeira linha de evolução resulta da diminuição do número de dependentes jovens, já referida, e a segunda linha de evolução assinala um aumento do número de idosos que passou, no mesmo período, de 24.5 para 25.6. O índice de

envelhecimento também regista um agravamento de 2001 para 2006: o número de idosos passou de 104 para 112 por 100 pessoas com menos de 15 anos.

O índice sintético de fecundidade desceu entre 2001 e 2006, passou de 1.46 para 1.36 (Carrilho & Patrício, 2008). Este valor é inferior ao estimado a nível mundial que é de 2.6 para 2005-2010 (UN, 2009). Apesar da diminuição da fecundidade não ter resultado no decréscimo da população residente em Portugal entre 2001 e 2006, graças ao saldo migratório positivo de 0.25%, "os seus efeitos na estrutura etária da população, são de longo prazo e parecem irreversíveis" (Carrilho & Patrício, 2008, p. 112). Como os autores sugerem "a imigração pode retardar o envelhecimento demográfico, dada a geralmente maior juventude da população em migração, mas não o resolve".

Defendendo a ideia que a baixa de natalidade tem efeitos irreversíveis, Carrilho e Patrício (2008) apresentam previsões para 2046 em que o envelhecimento populacional é evidente, sugerindo dois cenários diferentes: um com uma fecundidade elevada e outro com uma fecundidade baixa. Num cenário de fecundidade baixa, espera-se uma redução maior da população residente em Portugal: em 2046 será de 9 532.0 milhares de indivíduos contra os 10 584.3 de 2006. Os autores antecipam para 2046 o agravamento da situação de envelhecimento da população portuguesa: a população com menos de quinze anos reduzir-se-á a 13.0% e a população com 65 e mais anos aumentará para 31.0%, originando um índice de envelhecimento onde para cada 100 jovens existirão 238 idosos. Na mesma data, 2046, com um cenário de fecundidade alta, 1.96 crianças por mulher, a população estimada será de 10 178.9 milhares de indivíduos, o aumento da população de idosos será menor (27.5%) e o índice de envelhecimento embora elevado será também mais baixo do que no cenário anterior, existirão cerca de 187 idosos para cada 100 pessoas com idades inferiores a quinze anos.

O aumento da esperança de vida à nascença e o aumento da esperança de vida numa determinada idade[15] ajudam a ilustrar o aumento do envelhecimento populacional em Portugal. No Quadro1.3 apresentamos a esperança de vida em Portugal entre 2000 e 2006.

Pela leitura do Quadro 1.3 podemos ver que a esperança de vida à nascença aumentou em Portugal entre 2001 e 2006: 1.8 anos para os homens e 1.4 anos para as mulheres, situando-se, respectivamente, em 75.18 anos e 81.75. Esses valores são próximos da média europeia

[15] Esperança de vida numa determinada idade corresponde ao "número médio de anos que uma pessoa que atinja a idade exacta x pode esperar ainda viver, mantendo-se as taxas de mortalidade por idades observadas no momento" (INE, 2006, p. 8).

(esperança de vida de 75.8 anos para os homens e de 81.9 anos para as mulheres, em 2005, na EU 25) e colocam Portugal num lugar intermédio, tanto para os homens como para as mulheres, relativamente aos países da União Europeia (Carrilho & Patrício, 2008).

Quadro 1.3 – Esperança de vida (em anos) às diversas idades, Portugal, 2001-2006

	0 anos		20 anos		50 anos		60 anos		70 anos		80 anos	
Anos	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
2000/01	73.39	80.37	54.38	61.08	27.49	32.35	19.29	23.32	12.15	14.92	6.81	8.17
2001/02	73.68	80.56	54.61	61.25	27.63	32.5	19.43	23.45	12.27	15.03	6.86	8.18
2002/03	74.00	80.57	54.81	61.24	27.67	32.45	19.46	23.40	12.26	14.94	6.75	8.01
2003/04	74.53	80.98	55.26	61.58	27.97	32.73	19.75	23.66	12.46	15.16	6.86	8.14
2004/05	74.90	81.39	55.61	61.92	28.20	33.02	19.99	23.93	12.63	15.40	6.98	8.31
2005/06	75.18	81.75	55.86	62.24	28.35	33.29	20.17	24.17	12.78	15.61	7.04	8.43

(Fonte: Carrilho & Patrício, 2008, p. 133)

Em síntese, o cenário demográfico em Portugal, acompanhando o cenário do envelhecimento a nível mundial, aponta para uma redução populacional e para o duplo envelhecimento da população (envelhecimento no topo e envelhecimento na base). Assim, em Portugal, assiste-se ao aumento do peso dos idosos, sobretudo dos idosos mais idosos e das mulheres idosas, na estrutura social devido aos efeitos da diminuição da fecundidade e do aumento da esperança média de vida, com consequente diminuição da população jovem e da população em idade activa.

1.3.2 – Organizações das Nações Unidas e envelhecimento

O crescente envelhecimento populacional, com repercussões em todo o mundo, tem merecido a preocupação da Organização das Nações Unidas. A ONU, desde a segunda metade do séc. XX, começou a abordar a situação das pessoas idosas na sociedade, tendo como base a ideia de garantir que as necessidades dos idosos e o seu potencial sejam tratados de modo adequado, o que constitui um desafio para os governos dos diferentes países, para as organizações governamentais e não governamentais e para diferentes grupos privados (UN, 2009).

Várias acções levadas a cabo pela Organização das Nações Unidas constituíram marcos de referência sobre a problemática do envelhecimento, nomeadamente:

i) Primeira *Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento*, realizada em 1982 em Viena, que apresentou como propósito "iniciar um programa internacional de acção encaminhado para garantir a segurança económica e social das pessoas idosas, assim como oportunidades para que essas pessoas contribuam para o desenvolvimento dos seus países" (Ponto 1 do prólogo do *Plano de Acção Internacional de Viena sobre o Envelhecimento*, tradução nossa), e aprovou o *Plano de Acção Internacional de Viena sobre o Envelhecimento* (Resolução 37/51 das Nações Unidas de 3 de Dezembro 1982). O *Plano de Acção Internacional de Viena sobre o Envelhecimento* discute as implicações gerais do envelhecimento para a vida individual e das sociedades e reafirma a aplicação plena da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*[16] para as pessoas idosas. Apresenta 62 recomendações para a acção de modo a lidar com a situação dos idosos organizando-as em três áreas: i) saúde e nutrição, ii) protecção dos consumidores idosos, habitação e ambiente, educação, família, assistência social, segurança de emprego e iii) investigação sobre questões que afectam as pessoas mais velhas nos aspectos biológicos, mentais e sociais;

ii) Adopção dos *Princípios das Nações Unidas a favor das Pessoas Idosas* (resolução 46/91 das Nações Unidas de 16 de Dezembro de 1991). Estes princípios, que têm como objectivo fornecer um quadro mais amplo para a acção sobre o envelhecimento a nível mundial, procuram abordar os Direitos Humanos das pessoas idosas e proporcionar orientação ao nível da independência, participação, cuidados, realização pessoal e dignidade das pessoas idosas;

iii) *Proclamação das Nações Unidas sobre o Envelhecimento* (resolução 47/5 das Nações Unidas de 16 de Outubro de 1992) que procurou reafirmar, entre outros aspectos, o *Plano de Acção Internacional de Viena sobre o Envelhecimento* e os *Princípios das Nações Unidas para as Pessoas Idosas* e decidiu considerar o ano de 1999 como o *Ano Internacional das Pessoas Idosas* em reconhecimento do "envelhecimento demográfico para que caminha a humanidade e as consequências que isso acarretará em termos sociais, económicos, culturais e espirituais, pelo menos no que concerne à paz global e ao desenvolvimento no próximo século" (Ponto 3 da Resolução 47/5 das Nações Unidas de 16 de Outubro de 1992, tradução nossa). O *Ano Internacional das Pessoas Idosas* foi aprovado tendo como tema "*Uma sociedade para todas as idades*" abrangendo quatro dimensões específicas: o desenvolvimento individual ao longo da vida, as relações multigeracionais, a relação entre envelhecimento da população e desenvolvimento e a situação das pessoas de idade;

[16] A *Declaração Universal dos Direitos Humanos* foi adoptada e proclamada em 10 de Dezembro de 1948, em Paris, durante a 3ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas (resolução 217 A (III)).

iv) Segunda *Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento*, realizada em 2002 em Madrid, onde foi aprovada a *Declaração Política* e o *Plano de Acção Internacional de Madrid sobre o Envelhecimento*.

A *Declaração Política* esclarece a razão da elaboração do *Plano de Envelhecimento de Madrid* que é sintetizada nas palavras constantes do seu artigo 1:

> (…) para responder às oportunidades que oferece e aos reptos que apresenta o envelhecimento da população no século XXI e para promover o desenvolvimento de uma sociedade para todas as idades. No marco deste Plano de Acção, estamos determinados a tomar medidas a todos os níveis, inclusive a nível nacional e internacional, em três direcções prioritárias: as pessoas idosas e o desenvolvimento; a promoção da saúde e do bem-estar na velhice e a implementação de ambientes emancipadores propícios (UN, 2002, p. 1, tradução nossa).

Esta declaração, entre outros aspectos, i) reitera a aplicação dos documentos anteriormente elaborados pela ONU, nomeadamente os *Princípios das Nações Unidas a favor das Pessoas Idosas*, ii) salienta a importância da cooperação internacional, iii) reafirma o compromisso de promover a democracia e a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, iv) alerta para a premência de habilitar os homens e mulheres de modo a chegarem à velhice desfrutando dum pleno bem-estar e v) alerta para a necessidade de aplicar estratégias políticas e acções socioeconómicas que tenham em conta as experiências dos homens e das mulheres de idade.

O *Plano de Acção Internacional de Madrid sobre o Envelhecimento*, como é clarificado na sua introdução, "requer mudanças nas atitudes, nas políticas e nas práticas a todos os níveis e em todos os sectores" (UN, 2002, p. 7, tradução nossa) de modo a promover uma nova imagem dos velhos e do envelhecimento. Neste documento, é dada particular atenção à educação das crianças e jovens visando a interacção entre as diferentes gerações. O *Plano de Acção Internacional de Madrid sobre o Envelhecimento* apresenta como objectivo:

> (…) garantir que toda a população possa envelhecer com segurança e dignidade e que as pessoas idosas possam continuar a participar nas respectivas sociedades como cidadãos de plenos direitos. Sem deixar de reconhecer que as bases para uma velhice sã e enriquecedora se estabelecem em fases precoces da vida, o objectivo do Plano é

> oferecer um instrumento prático para ajudar os responsáveis pelas políticas a considerar as prioridades básicas associadas ao envelhecimento dos indivíduos e das populações (p. 7, tradução nossa).

O *Plano*, para além de procurar garantir o envelhecimento com segurança e dignidade, estabelece ainda a aplicação prioritária da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, visa a eliminação da pobreza e reforça a necessidade da inclusão social dos homens idosos e das mulheres idosas na vida social, cultural, económica e política das sociedades tendo por base os *Princípios das Nações Unidas a favor das Pessoas Idosas*.

No sentido de promover a sua consecução o *Plano de Acção Internacional de Madrid sobre o Envelhecimento* apresenta recomendações e medidas concretas que se organizam em torno de três orientações prioritárias: A) pessoas idosas e desenvolvimento. Nesta primeira orientação sobressai a importância da plena participação e auto realização das próprias pessoas idosas e a importância da participação da sociedade em geral nesse desenvolvimento; B) fomento da saúde e bem-estar durante a velhice. Nesta orientação a saúde, balizada pelos princípios de manutenção da independência e a garantia do cuidado, é assumida como um bem essencial a que as pessoas idosas têm pleno direito tanto na sua vertente preventiva como curativa, passando pela vertente da reabilitação e dos serviços de saúde sexual; C) ambientes propícios e favoráveis. A última orientação tem sobretudo subjacente a preservação da dignidade humana e o desenvolvimento social, desenvolvimento social que se constitui como uma componente essencial para a implementação do *Plano* e para a criação de sociedades inclusivas para todos os homens, mulheres, crianças, jovens e pessoas idosas. A orientação relativa à criação de ambientes favoráveis deve realçar as capacidades das pessoas idosas independentemente das circunstâncias específicas em que elas se encontrem.

Ainda que as recomendações emanadas pela Organização das Nações Unidas, nomeadamente os *Princípios das Nações Unidas a favor das Pessoas Idosas* e o actual *Plano de Acção Internacional sobre o Envelhecimento*, não sejam vinculativas para os Estados Membros constituem-se como compromissos internacionais e, frequentemente, são incorporadas nos diferentes articulados legais e programas operacionais dos diferentes países.

Princípios das Nações Unidas a favor das Pessoas Idosas

Em 16 de Dezembro de 1991, em Assembleia-Geral, na 74ª sessão plenária, a Organização das Nações Unidas aprovou os *Princípios das Nações Unidas a favor das Pessoas Idosas* (Resolução 46/91) cujo propósito é resumido no subtítulo do documento que relata a sua aprovação: "Para dar mais vida aos anos que se têm juntado à vida" (UN, 1991, p. 179, tradução nossa).

A Assembleia-Geral, no texto inicial da apresentação dos *Princípios*, reconhece o aumento da proporção mundial das pessoas idosas, a sua grande diversidade, o aumento do número de pessoas que atingem a idade avançada em melhor estado de saúde, os contributos que estas pessoas dão às respectivas sociedades, e afirma estar consciente "(…) de que a ciência revelou a falsidade de muitos estereótipos sobre o irreversível declíneo que a idade tem associada" (UN, 1991, p.179).

A Assembleia-Geral, no texto inicial da apresentação dos *Princípios*, relembra os aspectos fundamentais da *Carta das Nações Unidas*[17] nomeadamente os direitos fundamentais dos homens e das mulheres, a dignidade e o valor da pessoa humana, a igualdade de direitos entre homens e mulheres, a igualdade de direitos entre nações grandes e pequenas e a promoção do progresso social e aumento do nível de vida num contexto de liberdade. Relembra, ainda, que estes direitos se encontram salvaguardados na *Declaração Universal dos Direitos Humanos,* e noutros documentos que têm como objectivo garantir a aplicação destes direitos a grupos específicos, e alerta os governos para que introduzam, sempre que possível, nos seus programas nacionais os 18 direitos que constituem os *Princípios das Nações Unidas a favor das Pessoas Idosas.*

Os *Princípios* são formulados como direitos que as pessoas idosas devem ter e estão organizados em cinco áreas específicas que se interligam: independência, participação, cuidados, auto-realização e dignidade.

[17] A *Carta das Nações Unidas* foi assinada em São Francisco, a 26 de Junho de 1945, após o encerramento da Conferência das Nações Unidas sobre Organização Internacional e entrou em vigor a 24 de Outubro desse ano. A *Carta* é o acordo que forma e estabelece a Organização das Nações Unidas como entidade máxima da discussão do Direito internacional e fórum de relações e entendimentos supra-nacionais. A *Carta* postula que as obrigações às Nações Unidas prevalecem sobre quaisquer outras estabelecidas em tratados diversos[18] De acordo com a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2002) estas actividades dividem-se em actividades da vida diária, como por exemplo tomar banho e comer, e actividades instrumentais da vida diária como fazer as compras e preparar as refeições.

Na área da independência são formulados seis direitos: i) garantia da satisfação das necessidades básicas e manutenção da saúde (alimentação, roupa, cuidados de saúde, apoio familiar e comunitário); ii) direito ao trabalho ou a outros rendimentos; iii) respeito da capacidade de decidir quanto à retirada do mundo de trabalho; iv) direito à educação e formação permanentes; v) garantia de ambientes seguros e adaptáveis às preferências e capacidades pessoais das pessoas idosas e vi) direito das pessoas de idade permanecerem na sua própria casa por tanto tempo quanto for possível.

Dum modo simples podemos dizer que os direitos formulados na área da independência visam garantir às pessoas idosas condições que permitam a sua independência e a sua autonomia tal como estas são entendidas pela Organização Mundial de Saúde (WHO, 2002).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a independência é entendida como a capacidade para desempenhar as actividades da vida diária[18] com nenhuma ou pouca ajuda de outras pessoas e a autonomia é entendida como a capacidade para, de acordo com as próprias regras, tomar decisões sobre diferentes dimensões da própria vida.

Na área da participação são formulados três direitos: i) direito de participar activamente nas políticas que dizem directamente respeito às pessoas de idade e direito de partilhar com as gerações mais jovens conhecimentos e habilidades adquiridos; ii) direito de desenvolver actividades de apoio à comunidade e iii) direito da livre associação das pessoas idosas. A área da participação visa o exercício da liberdade das pessoas idosas como cidadãos de pleno direito de modo a garantir a sua participação cívica e política e o seu envolvimento nas tomadas de decisões acerca dos assuntos que lhes dizem directamente respeito.

Pensamos poder dizer que a área da participação tem subjacente o combate ao mito que considera as pessoas idosas improdutivas e preconiza que as pessoas idosas mantenham a sua vitalidade intervindo activamente na vida social, aspecto patente nos documentos da Organização Mundial de Saúde (WHO, 2002): "(…) a maioria das pessoas idosas, em todos os países, continuam a ser um recurso vital para as suas famílias e comunidades. Muitas continuam a trabalhar tanto nos sectores formais como nos informais" (p. 9, tradução nossa).

Na área do cuidado são formulados cinco direitos para as pessoas idosas: i) protecção familiar e comunitária; ii) cuidados de saúde que promovam o bem-estar físico, mental e social e retardem o aparecimento de enfermidades, iii) protecção social e jurídica tendente a assegurar

autonomia, protecção e cuidado; iv) protecção e reabilitação institucionais em ambientes seguros e estimulantes e v) manutenção dos direitos fundamentais e liberdades pessoais e respeito pela dignidade, pelo direito de tomar decisões, pelas crenças e necessidades das pessoas idosas em caso de institucionalização.

Os direitos formulados na área do cuidado procuram promover o respeito pelas pessoas idosas e garantir condições que defendam a sua qualidade de vida, entendida como:

> (…) uma percepção individual do seu ou da sua posição na vida no contexto cultural e dos valores em que vive, e em relação aos seus objectivos, expectativas, normas e preocupações. Trata-se de um conceito muito amplo, incorporando de uma forma complexa a saúde física do indivíduo, estado psicológico, nível de independência, relações sociais, crenças pessoais e relacionamento com o ambiente (WHO, 1994 cit. por WHO, 2002).

Mantendo como referência a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2002), para as pessoas idosas a qualidade de vida é amplamente determinada pela sua capacidade de manter a autonomia e independência, aspecto que vem reforçar a interligação existente entre as cinco áreas de direitos consideradas nos *Princípios das Nações Unidas a favor das Pessoas Idosas*.

Na área da auto-realização são formulados dois direitos para as pessoas idosas: i) o direito de procurar novas oportunidades para desenvolver o seu potencial e ii) o direito de aceder à educação, à cultura, à recreação e ao desenvolvimento espiritual.

A área da auto-realização, na nossa opinião, parece procurar garantir o desenvolvimento pessoal das pessoas idosas inserindo-as numa perspectiva de ciclo vital (Baltes, Reese e Lipsitt, 1980). A perspectiva do ciclo vital considera que o desenvolvimento não termina com o culminar da adolescência mas que abrange todo o curso da vida (Baltes *et al.*, 1980). Esta perspectiva considera, ainda, que ao longo da vida ocorre um equilíbrio entre ganhos e perdas donde resulta grande variabilidade intra e inter-individual e sobressai uma plasticidade individual (Baltes, 1987) que permite uma adaptação às novas situações que vão ocorrendo durante a existência pessoal e que existem múltiplas direcções possíveis de mudança ao longo da vida (Baltes, 1987).

Na área da dignidade são formulados dois direitos para as pessoas idosas visando garantir: i) condições dignas de existência com segurança, justiça e livres de exploração ou mau trato

físico ou mental e ii) um tratamento digno, independentemente da idade, sexo, raça, origem étnica, incapacidade ou outras condições, que valorize as pessoas idosas independentemente da sua contribuição económica.

A área da dignidade visa instituir a pessoa idosa como um valor em si mesmo, valor que deve prevalecer sobre todos os outros interesses (como por exemplo económicos, sociais ou políticos) independentemente das características ou particularidades pessoais de que as pessoas idosas são detentoras.

Os *Princípios das Nações Unidas a favor das Pessoas Idosas* constituem-se como uma referência importante no domínio de envelhecimento, inspirando tomadas de posição e medidas de acção tanto no seio da Organização das Nações Unidas (cf. por exemplo a *Declaração Política* e o *Plano de Acção Internacional de Madrid sobre o Envelhecimento*) como noutras organizações. Os *Princípi*os influenciaram a Organização Mundial da Saúde que os utilizou como base da "abordagem activa do envelhecimento" (*active ageing approach*) que vem substituir a visão anterior do "envelhecimento saudável" (*healthy ageing*) (WHO, 2002, p. 13). A abordagem do envelhecimento activo vem introduzir uma alteração no modo de conceber a saúde para as pessoas idosas passando a transmitir uma mensagem mais inclusiva suportada numa mudança de entendimento sobre o papel dos indivíduos idosos:

> (…) afasta o planeamento estratégico de uma abordagem "baseada nas necessidades" (que assume as pessoas idosas como alvos passivos) para uma "baseada nos direitos", abordagem esta que reconhece os direitos das pessoas à igualdade de oportunidades e tratamento em todos os aspectos da vida quando envelhecem. Isso suporta a sua responsabilidade para exercer a sua participação no processo político e outros aspectos da vida comunitária (WHO, 2002, p. 13, tradução nossa).

O Envelhecimento Activo é um conceito criado pela Organização Mundial da Saúde em 1997[19] e definido como o "processo de optimizar oportunidades para a saúde, participação e segurança de modo a proporcionar qualidade de vida às pessoas idosas [e] permitir às pessoas a realização do seu potencial para o seu bem-estar físico, social e mental ao longo do curso de

[19] Este conceito tem vindo a assumir cada vez mais relevância no campo da saúde como o comprova a realização, em Maio de 2005, de *La 58ª Asamblea Mundial de la Salud*.

vida e participação na sociedade de acordo com as suas necessidades, desejos e capacidades" (WHO, 2002, p. 12, tradução nossa).

Em Portugal podemos constatar a influência e a aplicação dos *Princípios das Nações Unidas a favor das Pessoas Idosas* no domínio da saúde, mais concretamente no *Programa Nacional para a Saúde das Pessoas Idosas*[20] (Ministério da Saúde, 2004). Neste Programa é visível uma referência directa e várias referências indirectas aos *Princípios das Nações Unidas a favor das Pessoas Idosas*. A referência directa é feita no ponto I Apresentação (pp. 12-14) do *Programa Nacional para a Saúde das Pessoas Idosas* ao ser dito que no âmbito da elaboração deste programa são observados os *Princípios das Nações Unidas a favor das Pessoas Idosas*. As referências indirectas são visíveis, por exemplo, na intenção do Programa respeitar as indicações do *Plano de Acção Internacional para o Envelhecimento 2002* e no facto de pretender contribuir para a generalização e prática do conceito de Envelhecimento Activo.

O *Programa Nacional para a Saúde das Pessoas Idosas* assume relevância no contexto do envelhecimento demográfico da sociedade portuguesa ao pretender "obter ganhos em anos de vida com independência" (Ministério da Saúde, 2004, p. 14), estabelecendo três estratégias de intervenção nas áreas do envelhecimento activo, na organização e prestação dos cuidados de saúde e na promoção de ambientes facilitadores da autonomia e independência. Dentro das três estratégias apresentadas o Programa estabelece recomendações "para a acção que têm em conta a idade, as especificidades do género, a cultura e a estimulação da participação das pessoas idosas no sistema" (Ministério da Saúde, 2004, p. 15).

Em síntese, os *Princípios das Nações Unidas a favor das Pessoas Idosas*, inspirados na *Carta das Nações Unidas* e na *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, procuram ressalvar, num contexto de liberdade e de igualdade, a dignidade e o valor da pessoa humana, a promoção da qualidade de vida e a participação activa das pessoas idosas na vida social. Estes *Princípios*, formulados como direitos que as pessoas idosas devem ter, estão organizados em cinco áreas que se interligam e que abarcam a actividade laboral e autonomia pessoal, a intervenção cívica e comunitária, a preservação da saúde e o tratamento de enfermidades, o desenvolvimento pessoal e o respeito pelas pessoas independentemente das suas características pessoais.

[20] O Programa Nacional para a Saúde das Pessoas Idosas faz parte integrante do Plano Nacional de Saúde 2004-2010 e foi aprovado por Despacho do Ministro da Saúde de 8 de Junho de 2004.

1.3.3 – Caracterização das pessoas com 65 e mais anos

Partindo do peso demográfico das pessoas idosas, das suas características e capacidades pessoais e da aplicabilidade dos *Princípios das Nações Unidas a favor das Pessoas Idosas,* Serrão (2006) propõe que sejam considerados quatro subtipos dentro da população com 65 e mais anos.

O primeiro subtipo é constituído por idosos muito dependentes. Esta dependência, segundo Serrão (2006), ocorre devido ao natural envelhecimento ou devido a doença, sobretudo a doença oncológica em fase terminal, pelo que, normalmente, as pessoas que integram este grupo têm mais de 85 anos. De acordo com Serrão (2006), ao grupo dos idosos muito dependentes devem aplicar-se os princípios incluídos nas áreas da dignidade do cuidado.

O segundo subtipo é constituído por idosos dependentes ou semi-dependentes nas suas actividades pessoais, devido a doenças crónicas, ou às suas sequelas, que obrigam a tratamentos médicos constantes que apenas permitem às pessoas realizar algumas actividades moderadas e descontínuas (Serrão, 2006). De acordo com Serrão (2006) a este grupo dos idosos dependentes ou semi-dependentes aplicam-se sobretudo os mesmos princípios referidos para o subtipo anterior.

O terceiro subtipo é constituído pelos idosos independentes e capazes mas que estão inactivos. Este subtipo encontra-se alheado das actividades e da participação social, parece estar agarrado "ao falso slogan: não faço nada porque estou reformado" (Serrão, 2006, p. 132) e encarar a reforma, e sobretudo a velhice, "como uma espécie de doença" (Paúl, 1997, p. 20). Segundo Serrão (2006), este grupo de idosos, após uma intervenção mobilizadora, poderá vir a integrar o subtipo dos seniores e ser-lhe aplicado os mesmos princípios que a eles se aplicam e que referimos de seguida.

O quarto subtipo é constituído pelos idosos independentes com mais de 65 anos, desvinculados de responsabilidades profissionais formais, activos e detentores de capacidades cognitivas e físicas e que estão "conscientes de que têm um futuro de novas e apaixonantes actividades à sua frente" (Serrão, 2006, p. 134). Este subtipo constitui segundo Serrão (2006) "o novo estrato social dos seniores" (p. 132) que deve ser intercalado entre os adultos e os velhos.

De acordo com Serrão (2006) são considerados "seniores todos os homens e mulheres que, tendo 65 anos ou mais, estão desligados de responsabilidades profissionais formais, em qualquer campo de actividade – no Estado, na economia formal das empresas, no trabalho por conta de outrem ou a título individual – mas que prestam serviço aos outros" (p. 130).

O mesmo autor caracteriza este novo estrato social por dois elementos identificadores "o seu número e a sua qualidade" (Serrão, 2006, p. 131). O número refere-se ao seu peso demográfico e a qualidade relaciona-se com um desempenho social específico que têm vindo a assumir na sociedade, aspectos que estão em consonância com o texto que precede a apresentação dos *Princípios das Nações Unidas a favor das Pessoas Idosas* (resolução 46/91 das Nações Unidas). Serrão (2006) propõe que o tratamento e a forma de encarar este novo estrato social sejam semelhantes aos adoptados face a outros grupos (crianças, adolescentes, adultos e velhos). Isto significa que o grupo dos seniores deve ser tratado com respeito pelas suas características tal como se respeitam as características dos outros grupos.

Serrão (2006) considera que os seniores têm uma forma de ver e estar "no todo social, com importância económica reconhecida, com virtualidades e com problemas e, principalmente, são os portadores de uma nova esperança, que é a de viverem numa nova etapa de vida e nela realizarem aspirações, anseios e sonhos que, em muitos casos, estiveram submersos pelas obrigações a cumprir nos estratos anteriores e agora emergem" (p. 132).

Serrão (2006) considera que aos seniores são aplicados sobretudo os princípios incluídos em três áreas dos *Princípios das Nações Unidas a favor das Pessoas Idosas*: independência, auto-realização e participação.

Relativamente aos princípios incluídos na área da independência, Serrão (2006) considera que aos seniores acresce, à autonomia física e mental, a autonomia como pessoa livre e que "nada, nem ninguém, poderá limitar a sua autonomia de decisão, a sua vontade de trilhar caminhos, de se sentir responsável pelas suas opções pessoais, mesmo que pareçam fantasias de uma mente que os outros julgam já enfraquecida" (p. 133). O autor salienta, no entanto, que para dar expressão a esta autonomia é necessário que a sociedade a reconheça no sénior, nomeadamente através do respeito pelas suas decisões.

De acordo com os princípios incluídos na área da auto-realização, Serrão (2006) afirma que o sénior tem direito "a um novo desenvolvimento pessoal próprio do estrato social ao qual

passou a pertencer" (p. 133) que inclua a educação, a cultura, os tempos livres e o desenvolvimento espiritual. O autor refere as Universidades Seniores, ou Universidades da Terceira Idade ou Universidades Livres, como um exemplo da execução do desenvolvimento pessoal dos seniores criando "condições para que, cada um, cresça, activamente e segundo os seus desejos e, nalguns casos a sua autêntica vocação, num qualquer domínio da educação, da cultura artística, literária, humanística, mesmo técnica, de uma outra actividade profissional exercida livremente, e de crescimento e aprofundamento do desenvolvimento espiritual e pessoal" (p. 134).

Os princípios incluídos na área da participação, tal como propõe Serrão (2006), decorrem dos princípios incluídos na área da independência e da auto-realização e cobrem várias dimensões e facetas da vida pessoal e comunitária. Efectivamente, a participação na vida social decorre da independência, da capacidade de autodeterminação do sénior e do facto deste ser detentor de qualificações que actualiza ou adquire nesta fase da vida e não "como um favor que se faz a uns pobres velhos desocupados" (Serrão, 2006, p. 135).

Em síntese, os seniores constituem um novo estrato social (Serrão, 2006) composto por homens e mulheres reformados, independentes, autodeterminados, empreendedores e protagonistas de uma cidadania activa que merecem ser encarados pela sociedade com respeito. Para concluir, e mantendo a proposta de Serrão (2006), os seniores além de merecerem respeito devem ser valorizados pela sua "(…) importância económica, como criadores de riqueza, pelo seu peso cultural, como inovadores nas artes plásticas, na literatura e no cinema e TV, e como detentores de uma especial sabedoria (…) [que] se revela por uma certa grandeza espiritual que, à margem de níveis de cultura formal, dá ao sénior a capacidade de olhar os outros e o mundo, numa perspectiva de serenidade, de alegria, de paz, de compreensão e de amor" (p. 137).

Capítulo II – Abordagem à Teoria das Representações Sociais

Neste capítulo propomos uma abordagem à teoria das representações sociais inicialmente expressa por Moscovici (1976) que tem sido amplamente divulgada e enriquecida em Portugal, nomeadamente no domínio do género, por Poeschl e colaboradores (cf. por exemplo Afonso & Poeschl, 2006; Poeschl *et al.*, 2006; Ribeiro & Poeschl; 2008; Poeschl, 1998, 2001, 2003a, 2003b, 2004; Poeschl, Silva & Clémence, 2004; Poeschl & Silva, 2001) e introduzimos a nossa própria investigação.

Para promover uma maior inteligibilidade da apresentação optamos por uma estrutura organizada em nove pontos: i) considerações iniciais; ii) representações sociais: à procura de uma definição; iii) dimensões das representações sociais; iv) condições de produção das representações sociais; v) funções das representações sociais; vi) génese e funcionamento das representações sociais; vii) perspectiva dos princípios organizadores da Escola de Genebra; viii) representações sociais da velhice e ix) representações sociais da velhice em amostras portuguesas.

No primeiro ponto, considerações iniciais, apresentamos algumas reflexões gerais de modo a situar a emergência da teoria das representações sociais salientando a sua ligação directa com os processos comunicacionais gerados no seio das relações interpessoais. Procuramos ainda compreender o desenvolvimento desta teoria sintetizando algumas das diferentes abordagens que se foram consolidando no seu seio.

No ponto dois, representações sociais: à procura de uma definição*,* tentamos uma aproximação nocional a este fenómeno sobretudo pela sua importância na compreensão da realidade social.

No ponto três, dimensões das representações sociais, apresentamos as três dimensões, a informação, o campo da representação e a atitude, que ajudam a perceber o conteúdo, o significado e o posicionamento face à representação (Moscovici, 1976).

No ponto quatro, condições de produção das representações sociais, sintetizamos as três condições propostas por Moscovici (1976); i) dispersão da informação, ii) focalização e iii) pressão para a inferência. Acrescentamos o aporte fornecido por Jodelet (1997) sobre esta temática: i)cultura colectiva do grupo, ii) linguagem e comunicação e iii) sociedade. Neste ponto referimos ainda, brevemente, o contributo de Moliner (1996) e de Zavalloni (1990) que

introduz a noção de "efeito de ressonância" (*effet de résonance*) na produção das representações sociais.

No ponto cinco, funções das representações sociais, para além de salientar a função, que segundo Moscovivi (1976, 1981) lhe é própria: a familiarização com o desconhecido, apresentamos a funcionalidade das representações sociais organizada em quatro pontos: função de conhecimento, função identitária, função orientadora e função justificativa ou protectora (Abric, 1994a; Poeschl, 2003a).

No ponto seis, génese e funcionamento das representações sociais, evidenciamos os dois processos maiores, a objectivação e a ancoragem, identificados por Moscovici (1976), que dão conta da forma como o social transforma um conhecimento em representação e como essa representação transforma o real.

O ponto sete aborda mais particularmente o quadro teórico e metodológico em que se enquadram os nossos estudos empíricos, a perspectiva dos princípios organizadores desenvolvida pela Escola de Genebra. Propomos uma apresentação organizada em dois momentos distintos. No primeiro referimos os principais contributos e especificidades teóricas da proposta da Escola de Genebra (Doise , 1985, 1986, 1990, 1992; Doise, Clémence & Lorenzi-Cioldi, 1992) e no segundo apresentamos uma estratégia metodológica preconizada por esta teoria para o estudo empírico das representações sociais (Clémence 2003).

No ponto oito, apresentamos alguns estudos concernentes às representações sociais da velhice salientando a multidimensionalidade a ela associada e o papel da pertença grupal na construção das representações sociais da velhice.

Por último, no ponto nove, representações sociais da velhice em amostras portuguesas, introduzimos a nossa investigação clarificando os pressupostos teóricos e metodológicos e os objectivos gerais que a presidem.

2.1 - Considerações iniciais

A teoria das representações sociais surge inegavelmente associada à obra de Serge Moscovici *A psicanálise sua imagem e seu público*[21]. Neste estudo pioneiro, que continua a ser referência basilar na teoria das representações sociais, Moscovici (1976) procurou descrever e compreender a forma como uma teoria científica, a psicanálise, se inseriu na sociedade francesa do início dos anos cinquenta examinando a forma como se falava dela em diferentes órgãos da imprensa francesa: i) os jornais de grande difusão, destinados ao grupo urbano liberal; ii) a imprensa emanada da igreja católica e iii) a imprensa militante próxima do partido comunista (Doise, 1986, 1988, 1990; Palmonari & Doise; 1986; Vala, 1993).

No seu estudo Moscovici (1976) partiu da hipótese que as representações sociais se formam no decurso das interacções comunicativas e que diferentes relações comunicacionais fazem emergir diferentes representações. Este aspecto foi posteriormente clarificado pelo autor de forma inequívoca (Moscovici *in* Moscovici & Marková, 2005): "Minha hipótese em *La Psychanalyse* foi que existem diferentes sistemas de comunicação e conversação em níveis interpessoais, do mesmo modo que há difusão, propagação e propaganda em nível da «massa»; e que suas «regras» ou lógica conformam essas representações sociais de maneiras específicas" (p. 373).

Na imprensa analisada, identificou três tipos de relações ou sistemas de comunicação, respectivamente: a difusão, a propagação e a propaganda (Moscovici, 1976). Segundo o autor (Moscovici, 1993), os três sistemas de comunicação criam uma estrutura para as representações e contribuem para definir od contornos do grupo e construir a sua realidade singular.

A difusão caracteriza-se pela existência de uma relação indiferenciada entre os intervenientes no processo comunicacional. Os emissores, ou seja os autores dos artigos, acabam por funcionar como receptores uma vez que se limitam a transmitir uma informação diversificada que recebem por parte dos diferentes especialistas. Visam, por um lado, criar um saber comum e, por outro lado, agradar ao seu público.

[21] *A psicanálise sua imagem e seu público*, editada pela primeira vez em 1961, foi reeditada em 1976 após, segundo o próprio autor, ter sofrido alterações ao nível da escrita que em nada alteraram a unidade e finalidade da obra continuando no centro da reflexão o fenómeno das representações sociais.

A propagação, associada à imprensa emanada da igreja católica, tem subjacente uma relação que é estabelecida entre elementos de um grupo com uma visão partilhada e bem organizada do mundo. Os emissores esforçam-se por acomodar novos saberes ao sistema de crenças que partilham com os seus leitores.

A propaganda, característica da imprensa próxima do partido comunista, apresenta uma forma de comunicação que se inscreve em relações sociais antagonistas, onde se salienta a oposição entre o verdadeiro e o falso saber. Veicula uma visão da psicanálise conflituosa e incompatível com a sua própria visão do mundo.

Moscovici (1976) ao considerar a estrutura das mensagens, a elaboração dos modelos sociais e as ligações entre emissor e receptor, concluiu que os três sistemas de comunicação conservam grande individualidade, isto é, se diferenciam entre si, e refere que "…é precisamente essa particularidade [individualidade] que nos autoriza a fazer corresponder, termo a termo, à difusão, à propagação e à propaganda a opinião, a atitude e o estereótipo" (p. 497). Opinião, atitude e estereótipo são considerados por Clémence (2003) sistemas de tomada de posição dos indivíduos face aos objectos sociais.

A opinião é considerada uma asserção avaliativa sobre um objecto controverso (Moscovici, 1976) e assume, por vezes, um carácter contraditório devido à plasticidade, instabilidade e especificidade das opiniões. Assim, a difusão produzirá sobretudo opiniões sobre a psicanálise. Com efeito, na grande imprensa foram encontrados, sobre este assunto, temas fracamente ordenados entre si, onde a exposição de diferentes pontos de vista pode ser contraditória e não convida necessariamente a uma acção determinada. A psicanálise é tratada com seriedade, com reserva e/ou com ironia e aparece associada a outros temas na moda, como a astrologia, por exemplo. Uma multiplicidade de pontos de vista é expressa e o resultado é uma espécie de impregnação da opinião pública para um novo tema de conversa à disposição de todos (Palmonari & Doise, 1986).

Tal como Moscovici (1976) sugere, a atitude pode ser entendida como uma organização psíquica com uma orientação positiva ou negativa em relação a um objecto socialmente pertinente que produz uma reacção em relação a esse mesmo objecto. Pode, então, ser considerada um arranjo ordenado da totalidade das opiniões e das respostas dum sujeito, cuja função é reguladora e tem um efeito selectivo sobre o conjunto de manifestações que esse mesmo sujeito apresenta. Moscovici encontrou a função reguladora e selectiva e a reacção a

um objecto social pertinente na forma como os escritos católicos pregam a moderação e a prudência, colocam a psicanálise ao serviço da educação, refutam o aporte explicativo generalista da libido, abordam o papel positivo da afectividade e duma terapia analítica limitada. A psicanálise é vista como a rejeição ao positivismo, permitindo uma compreensão mais integrada do ser humano que não entra em conflito com a visão espiritualista do homem defendida pelos católicos. A psicanálise é interpretada à luz da mensagem religiosa, clarificando as compatibilidades e as incompatibilidades, não apresentando nem uma rejeição nem uma aceitação global (Palmonari & Doise, 1986).

O estereótipo implica uma simplificação das dimensões do estímulo, rapidez e rigidez de reacção face ao objecto estereotipado, e exprime frequentemente generalizações de opiniões, de aceitação ou rejeição, de uma representação, de um grupo ou de uma pessoa (Moscovici, 1976). A propaganda, no caso específico do estudo realizado por Moscovici (1976), refuta globalmente, com consistência e rigidez, a psicanálise, fazendo-a surgir como um objecto estereotipado desprestigiado. Assim, a psicanálise, importada dos Estados Unidos para França, é apresentada como pseudo-ciência ou ciência burguesa, destinada à propaganda de uma ideologia mistificadora por oposição à psicologia soviética, válida heuristicamente e cientificamente. Segundo esta imprensa a URSS[22] é o país da paz e os Estados Unidos da guerra e da exploração social (Palmonari & Doise, 1986).

Está patente em Moscovici (1976; 2005), desde o início da sua pesquisa, aceder à génese do conhecimento do senso comum. Mais especificamente perceber de que forma o conhecimento científico é apropriado e transformado pelo senso comum. O autor considera que o senso comum é adquirido cedo, na infância, começa na relação com os outros, na comunicação e na fala, e serve os propósitos da vida diária (Moscovici, 1981; 1988; 2005). A compreensão da transformação do conhecimento científico, segundo Moscovici (2005), poderá ser entendida como uma forma de reabilitar o pensamento e o conhecimento comum, uma vez que este não é algo tradicional ou primitivo mas algo moderno com origem na ciência.

Embora Moscovici (2005) considere que as representações surgem associadas à apropriação do conhecimento científico pelo senso comum, considera também que elas surgem não só a partir desse conhecimento, mas também da memória colectiva, dos aspectos culturais e ideológicos, das experiências dos indivíduos num contexto específico e das interacções

[22] Ainda que desactualizada optamos por manter a designação que Palmonari e Doise (1986) utilizaram no seu texto.

comunicativas do quotidiano, dando sentido a esse mesmo quotidiano e tornando a realidade apreendida e comunicável.

Moscovici (1976) considera que o indivíduo comum se interessa pelo conhecimento científico, não só porque é solicitado pelos próprios cientistas e por prazer pessoal, mas também porque o seu meio e os seus hábitos são afectados pela presença de novos objectos, sobre os quais sente necessidade de tomar posição e que esse posicionamento, assumindo a forma de opinião, atitude e estereótipo, evolui e estrutura-se em modos de comunicação respectivamente difusão, propagação e propaganda (ver também Clémence, 2003; Jodelet, 1997).

Em *A psicanálise sua imagem e seu público* Moscovici procura renovar e reactualizar o conceito de representação colectiva de Durkheim (1997), eclipsado quase durante meio século (Moscovici, 1997).

Se é certo que Moscovici (1976; 1997; 2005) convida a regressar a Durkheim também é certo que se demarca dele insistindo na diferença entre mito e representações sociais e propondo o termo social em vez do termo colectivo. Ao propor separar o mito das representações sociais Moscovici (1976) evita o perigo das representações sociais serem conotadas com o mito, considerado na nossa sociedade uma forma arcaica e primitiva de pensar e de se situar no mundo sendo por isso entendido como algo inferior. Moscovici (1976) salienta que as representações sociais não são arcaicas nem primitivas, são normais na nossa sociedade actual e que qualquer que seja o rumo do desenvolvimento científico "(…) elas deverão sempre assumir transformações para se tornarem partes da vida quotidiana da sociedade humana" (p. 41, tradução nossa).

Ao propor o termo social Moscovici pretendia enfatizar o carácter dinâmico das representações sociais, por oposição ao carácter estático que as representações colectivas assumiam para Durkheim, e a noção de rede de interacções que se estabelecem entre as pessoas. Segundo Moscovici (1976), Durkheim considerava as representações colectivas de maneira estática o que constitui, para Moscovici, um entrave à co-construção existente nas representações sociais. Moscovici (1976) acrescenta que as representações sociais a que se refere não são as das sociedades primitivas, ou as conservadas na consciência colectiva dos povos, a que Durkheim se referiu, mas as representações da sociedade actual, sobre as quais nos apoiamos hoje e que se relacionam com o domínio político, científico e humano, e que

não são suficientemente distantes para serem consideradas tradições. Neste sentido as representações actuais remetem para formas criativas, dinâmicas, de carácter móbil que circulando se transformam com relativa facilidade (Moscovici, 1976; 2005; Palmonari & Doise, 1986) e que expressam a identidade dos membros dum grupo ou instituição (Moscovici, 2001).

As representações sociais conduzem, segundo Moscovici (2003), a um modo de olhar a psicologia social, que exige um laço estrito entre as ciências psicológicas e as ciências sociais, e à necessidade permanente de combater a tendência de separar os fenómenos psíquicos dos sociais. Na mesma linha Herzlich (1972) salienta que a noção de representação visa reintroduzir o estudo dos modos de conhecimento e dos processos simbólicos na sua relação com os comportamentos e colocar de um modo diferente a relação entre o campo psicológico e o campo social, sobretudo, porque se recusa a considerar o pensamento social como uma variação do pensamento individual.

Esta postura vem romper, do ponto de vista epistemológico, com o behaviorismo e o positivismo ao defender uma "sociedade pensante" (Moscovici, 1981; 1986; 2005) na qual o agente em interacção, num dado contexto social, tem um papel de co-(re)construtor da sua realidade elaborando representações partilhadas e reformuladas através do processo comunicacional. Nesta sociedade pensante as pessoas fazem perguntas à procura de respostas para compreender a realidade e têm um papel activo na construção dessa mesma compreensão que lhes permite agir e estabelecer interacções sociais (Moscovici, 2005).

Falar de "sociedade pensante" significa para Moscovici (1981, 1986, 2005) rejeitar a ideia de que os seres humanos efectuam meras recolhas de informação, que os seres humanos estão sempre, e completamente, sob o efeito da ideologia dominante e que o seu cérebro funciona como uma caixa negra. Nas palavras de Moscovici (2005):

> (…) as pessoas e grupos, longe de serem receptores passivos, pensam por si mesmos, produzem e comunicam incessantemente suas próprias e específicas representações e soluções às questões que eles mesmos colocam […] formulam «filosofias» espontâneas, não oficiais, que têm um impacto decisivo em suas relações sociais, em suas escolhas, na maneira como educam os filhos, como planejam seu futuro, etc. Os acontecimentos, as ciências e as ideologias apenas lhes fornecem o «alimento» para o pensamento (p. 45).

Isto significa dizer que na teoria das representações sociais o indivíduo, os outros, os objectos e o social não são considerados distintos mas entidades vinculadas e que as representações sociais são um fenómeno que, para Moscovici (1981), "(…) estão ligadas a uma forma especial de adquirir e comunicar conhecimento, a uma forma de criar realidades e senso comum" (p. 186, tradução nossa).

Pensamos que as palavras de Jovchelovitch (2004) sobre a representação ilustram os vínculos que pretendemos salientar na medida em que a situa numa zona particular, o "entre", zona nebulosa e híbrida, que comporta as relações entre indivíduo e sociedade, e refere que a representação se estrutura através da acção comunicativa que liga o sujeito a outros sujeitos e ao "objecto-mundo". O "entre" é apresentado por Jovchelovitch (2004) como um dispositivo teórico onde emergem redes móveis e complexas de relações indivíduo/sociedade cuja natureza necessita ser investigada e se constitui como espaço específico da psicologia social. Jovchelovitch (2004) clarifica ainda que o "objecto-mundo" diz respeito a "tudo o que existe para as pessoas, incluindo o próprio Eu, o Outro, objectos físicos e artefactos culturais, saberes acumulados, enfim a tudo que constitui o existente" (p. 22).

Pensamos poder dizer que, a proposta teórica de Moscovici, para além de salientar a importância que o autor atribui à comunicação[23], revela como foco atencional o modo como o senso comum usa a comunicação e a linguagem nos discursos do dia-a-dia e o modo como utiliza as representações sociais que, através de interacção comunicativa, ajudou a construir. Moscovici (1976) em *A psicanálise sua imagem e seu público* parte da hipótese que as representações sociais se formam no decurso das interacções comunicativas, coloca a linguagem e a comunicação no centro da psicologia social, entende o ser humano como produtor de sentidos, coloca a hipótese da "polifasia cognitiva" (*polyphasie cognitive*) [24] (Moscovici, 1976, p. 286) e focaliza a sua análise nas produções simbólicas, significados e linguagem através dos quais os seres humanos constroem o mundo em que vivem o seu quotidiano. A polifasia cognitiva pode ser entendida como a capacidade de diferentes tipos de racionalidade poderem coexistir num mesmo contexto, grupo e sujeito individual. Os tipos de racionalidade são usados em função das circunstâncias e dos interesses particulares do grupo e do indivíduo num dado contexto.

[23] Posição recentemente reiterada por Moscocivi durante a *Conférence de Clôture de la 10e Conférence Internationael Sur Les Représentations Sociales,* que decorreu na Tunísia, Tunis, de 5 a 8 de Julho de 2010.

[24] Moscovici (1976, pp. 279-290) introduz cautelosamente o conceito de polifasia, apresentando-o como hipótese, hoje em dia é claramente assumido (cf. por exemplo Banchs, 2000; Jovchelovitch, 2004; Marková, 2006; Moscovici & Marková, 2005; Poeschl, 1992).

Moscovici (1993; 2005) considera a teoria das representações sociais uma teoria geral dos fenómenos sociais e uma teoria específica dos fenómenos psíquicos. É em primeiro lugar uma teoria geral dos fenómenos sociais por corresponder a uma visão global da sociedade marcada pelo simbólico e ritual onde a representação social é constitutiva de ligações e acções comuns que podem ser associadas a sistemas, ideais ou matrizes onde as instituições sociais se inscrevem. A teoria das representações sociais é uma teoria específica sobre opiniões, símbolos, rituais, crenças e comunicações produzidas nos constrangimentos da sociedade que podem inibir opções mentais, porque as proíbe ou torna vergonhosas, ou alimenta-as com criatividade simbólica através de rituais. Para Moscovici (1993; 2005) este paradoxo, ser geral e específico, não enfraquece a teoria das representações sociais porque considera que o paradoxo existe devido à profunda natureza da teoria e que explica o seu poder canónico.

Moscovici (2005) considera que a partir da última década do séc. XX foram elaborados programas de pesquisa que permitem aprofundar a teoria das representações sociais e sintetiza esses trabalhos distinguindo duas teorias que estimularam o interesse e o desenvolvimento da investigação sobre as representações sociais: a teoria do núcleo central e a teoria dos princípios organizadores.

Na teoria do núcleo central, centrada sobre a estrutura das representações sociais, iniciada em Aix en Provence, entre outros, por Jean Claude Abric (Abric, 1993; 1994a; 1994b; Flament, 1994a; 1994b; 1997; Guimelli, 1994), é sugerido que a representação social é organizada por esquemas estáveis e estruturantes, o núcleo central, que determinam a significação e a organização interna da representação e "expressam a permanência e uniformidade do social" (Moscovici, 2005, p. 219). É sugerido ainda, que em torno desse núcleo, e na sua dependência directa, estão ordenados outros elementos, o sistema periférico, mais susceptíveis às pressões da comunicação e às mudanças de situações concretas que "expressam sua [do social] variabilidade e diversidade" (Moscovici, op. cit., p. 219). É destacado, no interior dessas abordagens, o consenso social que constrói representações homogéneas (Vala, 1993).

A teoria dos princípios organizadores, centrada nas condições de produção das representações e nas tomadas de posição de indivíduos ou grupos sociais, foi desenvolvida em Genebra por Willem Doise e colaboradores (Clémence, 2002; Clémence & Lorenzi-Cioldi, 2004; Doise, 1985, 1990,1993; Doise *et al.*, 1992) e tem tido ampla divulgação em Portugal (cf. por exemplo: Afonso & Poeschl, 2006; Poeschl, 2001; 2003a; 2003b; 2003c; 2003d; Poeschl *et al.*, 2006; Poeschl *et al.*, 2004; Poeschl & Ribeiro, 2010; Poeschl & Silva, 2001; Ribeiro &

Poeschl, 2008). Esta teoria considera a ancoragem das representações sociais em dinâmicas relacionais, isto é, visa dar um sentido às noções que formam o conteúdo das representações e ao modo como os indivíduos se inserem na sociedade e se apropriam dos esquemas de categorização de seus grupos e propõe um modelo da análise quantitativa das representações sociais (Doise *et al.*, 1992).

Alguns autores (Banchs, 2000; Sá, 2002; *10th International Conference on Social Representations,* 2010) acrescentam às teorias anteriores as abordagens etnográfica e dialógica, desenvolvidas respectivamente por Denise Jodelet e por Ivana Marková.

Na abordagem desenvolvida por Jodelet, designada por abordagem antropológica ou etnográfica, considerada muito próxima da proposta original de Moscovici, o estudo das representações sociais efectua-se num contexto social particular recorrendo a métodos qualitativos. Jodelet (1986, 1989) parte da complexidade das representações e tem como objectivo contextualizar e estudar as representações sociais visando captar a sua génese histórica. Jodelet (1997) considera que o tipo de estudo que realizou, sobre as representações da loucura, em França numa "Colónia familiar" (*Colonie familiale*) se inspira na tradição antropológica. Uma "Colónia familiar" corresponde a uma comunidade rural onde os doentes mentais vivem integrados na comunidade e os habitantes tratam do seu alojamento, vigilância e cuidados gerais sob o controle dum hospital psiquiátrico. Jodelet (1987) considera que, para além de se inspirar na tradição antropológica, utiliza um método que:

> (…) se parece com uma monografia comunitária. Centra-se sobre uma unidade social restrita relativamente ao objecto de estudo: um sistema de representações que pode estar assim articulado com as suas condições de produção e de funcionamento […] visando fazer emergir na sua globalidade uma organização social, definir um campo de análise explorando-o em todas as suas dimensões (p. 183, tradução nossa).

Marková (2006, p.15) apresenta a abordagem dialógica como uma teoria do conhecimento social, baseada na teoria das representações sociais que pressupõe "que o pensamento social e a linguagem são fenómenos em ritmo de mudança, e que os tipos diferentes de conhecimentos sociais coexistem na comunicação". Marková (2006) confere primado aos processos comunicacionais e à interacção aí instituída ao considerar que "A ontologia da teoria das representações sociais pressupõe a simbólica e a comunicativa interdependência do *Alter-Ego* como seu ponto de partida. É a partir desta posição que a teoria gera o conhecimento sobre o

fenómeno social. Acima de tudo, no mundo animal, ser significa comunicar simbolicamente" (pp. 13-14). A assumpção apresentada pressupõe a noção de dialogicidade, que exibe polifasia cognitiva ou a possibilidade de usar, por vezes em simultâneo, formas diversas e até opostas de pensamento e conhecimento tais como o científico, o senso comum, o religioso, o metafórico, etc. (Marková, 2006).

Para Marková (2006) a dialogicidade é parte integrante da natureza humana, permite a comunicação *Alter-Ego* e pode ser definida como "a capacidade da mente humana de conceber, criar e comunicar sobre as realidades sociais em termos de diversidade" (p. 15). Neste contexto comunicacional, para Marková (2006), a terminologia usada *Alter-Ego* ou indivíduo/social não é importante desde que seja clarificada a questão conceptual que é a de considerar cada díade mutuamente interdependente. Esclarece que "O *Alter-Ego* existe somente dentro dos parâmetros da comunicação" (p. 134) e envolve uma relação de co-autoria na comunicação interpessoal, na comunicação dentro e entre os grupos, subgrupos, comunidades, sociedades e culturas. Salienta que para além da interdependência *Ego* e *Alter* preservam as suas autonomias essenciais para criar a tensão e conflito necessários para que os parceiros negociem posições, aprofundem os entendimentos e desentendimentos e mutuamente mudem a perspectiva de cada um deles. Esclarece ainda Marková (2006) que a característica específica da dialogicidade é a ênfase na natureza multifacetada da comunicação que implica compromisso pessoal com as palavras e com as acções que não são neutras:

> Podemos pensar sobre as coisas de forma diferente e expressá-las em linguagem de acordo com as circunstâncias, experiências, motivos e intenções. O pensamento, portanto, ao invés de ser homogêneo ou monológico, é normalmente antinômico e dialógico. Nós somos capazes de combinar e usar nossas capacidades intelectuais de diversas maneiras e podemos expressar nossas idéias de maneiras diferentes usando palavra específicas, gestos e símbolos (p.161).

2.2 – Representações sociais: à procura de uma definição

Apesar de ser conhecida a renitência de Moscovici (1985) em propor uma definição muito precisa de representações sociais, porque acreditava que ela solidificaria muito um domínio de investigação em pleno desenvolvimento, consideramos fundamental tentar uma aproximação nocional a este fenómeno. Esta aproximação impõe-se por duas razões. Em primeiro lugar porque as representações sociais são particularmente relevantes para descrever e compreender

"(…) questões sociais «quentes» - objectos sociais em elaboração ou em rápida mudança" (Lahlou, 1998, p. 132, tradução nossa). Em segundo lugar, pela inevitabilidade da existência das representações sociais, uma vez que todas as interacções humanas, quer ocorram entre dois indivíduos ou grupos, pressupõem representações sociais (Palmonari & Doise, 1986).

Tal como Palmonari e Doise (1986) referem as representações sociais surgem com características próprias, como produtos da acção e da comunicação humana e são comuns e comunicáveis. Embora constituam uma parte não negligenciável do universo individual, as representações sociais são de certo modo autónomas em relação à consciência individual porque são engendradas apenas no decurso de trocas, de actos de cooperação e não de modo isolado pelos indivíduos. A inevitabilidade da representação social é sintetizada por Moscovici (1993) quando procura responder à questão que coloca a si próprio: se considera que as representações são tão importantes que para ele nada mais interessa? – Responde: "Há de facto no mundo coisas para além das representações, (…). Mas as representações estão presentes em todo o lado onde nos encontremos, comuniquemos, o que significa que estão por todo o lado no mundo social" (p. 9, tradução nossa).

Moscovici (1976) considera as representações sociais "(…) entidades quase tangíveis, Elas circulam, cruzam-se e cristalizam-se sem cessar através duma palavra, dum gesto, dum reencontro, no nosso universo quotidiano" (p. 39, tradução nossa). Na mesma linha Palmonari e Doise (1986) sugerem que as representações sociais têm uma existência real (como por exemplo o dinheiro, a linguagem, e os estados psíquicos tal como o bem-estar ou sofrimento), uma consciência própria e consideram-nas produtos da acção e da comunicação humana.

Para Moscovici (1976) a representação social tem associada a noção de reconstrução "Representar uma coisa, não é simplesmente desdobrá-la, repeti-la ou reproduzi-la, é reconstruí-la, retocá-la, modificar-lhe o texto" (p. 56, tradução nossa). Por outras palavras, o agente reconstrói o real com o qual se confronta procedendo, tal como sugere Moscovici a uma verdadeira "remodelação mental" do objecto. Neste sentido a representação social pode ser encarada como processo (Spink, 1993), acentuando a sua construção e como produto que resulta dessa "remodelação mental" (Moscovici, 1976; Jodelet, 1997).

Herzlich (1972) entende a representação social como uma modalidade de conhecimento particular e específica do pensamento social. Esta modalidade de conhecimento é inseparável da actividade simbólica do sujeito e da sua inserção no campo social, que concretiza as

propriedades desse objecto de forma metafórica e organizada em torno de um significado central. A representação social é então para Herzlich (1972) uma construção do real, com papel mediador entre actividades perceptivas e cognitivas que, elaborando-se a um nível concreto, "(…) surge ao indivíduo como um «dado» perceptivo" (p. 306) na forma de pensamento social. Herzlich considera que a representação merece o seu carácter social porque, para além deste se reflectir nas dimensões, na dinâmica e nas condições de emergência das representações sociais, contribui para definir a especificidade dum grupo social constituindo-se como um dos seus atributos[25]. A autora salienta que a representação não é uma super estrutura que se impõe às pessoas e, citando Moscovici (1976, p. 287), admite sobretudo uma "reciprocidade de relações" entre o grupo e as suas representações sociais. Considera ainda que a representação é social porque permite ao indivíduo, ou grupo, apreender o seu meio envolvente e assume um papel importante na elaboração de comunicações sociais e nas formas de agir em sociedade.

Moscovici (1981) considera as representações sociais um modo específico de adquirir e de partilhar o conhecimento que para além do carácter pragmático (familiarização do desconhecido, resolução de problemas e orientação das relações sociais) comportam " (…) um conjunto de conceitos, estados e explicações originados na vida diária no decurso das comunicações interpessoais" (p. 181, tradução nossa).

Jodelet (1997) reforça o carácter construtivo, criativo e autónomo das representações sociais, e apresenta uma proposta na qual as representações sociais podem ser entendidas como "uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, que tem um sentido prático e que concorre para a construção duma realidade comum a um conjunto social"[26] (p. 53, tradução nossa). Assim para Jodelet (1987) as representações sociais não são consideradas apenas como «pensamento constituinte» isto é, como construções mentais, mas também como «pensamento constituído» que na opinião da autora "quer dizer produto que opera na vida social, no plano intelectual e prático, como realidade pré-formada, como quadro de interpretação do real, como preparação para a acção, como sistema de acolhimento de novas realidades" (p. 184).

[25] A importância do grupo na reconstrução do objecto é de tal modo forte que "(…) mesmo no caso da determinação ou da partilha das representações sociais ser um dado pré-existente à comunicação, podemos observar fenómenos de adesão às formas de pensamento da classe, do meio ou do grupo de pertença , devido à solidariedade e à afiliação social. Partihar uma ideia, uma linguagem, é também afirmar um laço social e uma identidade" (Jodelet, 1997, p. 67, tradução livre).

[26] Esta proposta de definição é considerada por alguns autores (Arruda, 2002; Sá, 2002; Vala, 1993) como sendo uma das mais consensuais e que aparece na maioria dos textos sobre a temática.

Partindo do pressuposto que: i) podemos claramente distinguir duas orientações que estimulam o desenvolvimento da teoria das representações sociais (cf. por exemplo Moscovici, 2005), a Escola de Provença (Abric, 1993; 1994a; 1994b; Flament, 1994a; 1997) e a Escola de Genegra (Clémence; 2003; Doise, 1985; 1990; 1992; Doise *et al.*, 1992) e que ii) cada uma tem um interesse de estudo e uma metodologia diferentes (a estrutura das representações sociais, para a primeira e modulação das tomadas de posição de indivíduos ou grupos sociais, para a segunda), faz sentido perceber, de modo muito sintético, a forma como cada uma define as representações sociais.

Abric (1993, 1994a, 1994b) define as representações sociais como "construções sócio-cognitivas" que têm componentes cognitivos e sociais cujo significado é determinado pelo discurso e contexto social. Para Flament (1994a; 1994b; 1997) as representações sociais são um conjunto organizado de cognições relativas a um objecto, compartilhadas pelos membros de uma população homogénea relativamente a esse objecto. Flament compartilha a concepção bipartida e estruturada (sistema central e sistema periférico) proposta por Abric e considera as representações sociais organizadas por múltiplas relações que podem ser orientadas (por implicação, causalidade ou hierarquia) ou sistemáticas (tendo em atenção a similitude, a equivalência ou o antagonismo).

Para Doise (1990) as representações sociais são consideradas "realidades vivas" e apresenta-as como "princípios geradores de tomadas de posição que estão ligadas a inserções específicas num conjunto de relações sociais" (p. 125, tradução nossa). Esta definição permite salientar as diferenças entre as respostas individuais e ou grupais e as suas ancoragens. Doise e colaboradores (cf. por exemplo Clémence *et al.*, 1994; Doise, 1990; Doise *et al.*, 1992) salientam que estes princípios organizam os processos simbólicos que intervêm nas relações sociais e que as tomadas de posição se concretizam através de processos comunicacionais quando as pessoas estão perante objectos relevantes para o contexto da sua interacção.

Na tentativa de consolidar esta procura duma definição de representação social regressamos a Moscovici (1994) para salientar o papel da comunicação, da coerência argumentativa e integridade normativa do grupo e para realçar o carácter pragmático das representações sociais nas condutas em sociedade: As representações sociais podem então ser entendidas como "sistemas de intrepretação dos acontecimentos do mundo, sendo por isso, vectores essenciais de opiniões, julgamentos e crenças, que visam assegurar a pertinência e a regularidade das nossas ligações e condutas em sociedade" (p. 27, tradução nossa).

2.3 - Dimensões das representações sociais

Moscovici (1976) considera que as representações sociais se revelam como um conjunto de proposições, reacções e avaliações, sobre um objecto social, que estão organizadas em função da classe, cultura ou grupo e constituem o universo de opinião dessa mesma classe, cultura ou grupo. O autor considera ainda que cada universo de opinião possui três dimensões: a informação, o campo da representação e a atitude (Moscovici, 1976).

Para Moscovici (1976) a informação "(…) refere-se à organização do conhecimento que um grupo detém sobre um determinado objecto" (p. 66, tradução nossa). Está relacionada com a quantidade e qualidade de conhecimentos que um grupo possui sobre um dado objecto pelo que pressupõe variabilidade. Isto é, podemos considerar que existem diferentes níveis de conhecimentos sobre o objecto: alguns grupos possuem informação escassa e incoerente ao passo que outros possuem um conhecimento mais rico e mais consistente.

O campo da representação reenvia para a ideia de imagem ou modelo social e para o conteúdo concreto e limitado de proposições relativas ao objecto de representação (Moscovici, 1976). Refere-se ao conjunto de enunciados ordenados, estruturados e hierarquizados[27] que permitem elaborar uma imagem do objecto representado. Isto é, o campo da representação corresponde à organização que regula o conhecimento sobre o objecto de representação, e supõe um mínimo de informação integrada a um nível imagético que contribui para organizar esse conhecimento sobre o objecto (Herzlich, 1972).

A atitude revela a orientação global face ao objecto de representação social (Moscovici, 1976), isto é, para Moscovici, a atitude é definida como a orientação positiva ou negativa para com o objecto. A atitude indica a tomada de posição, a orientação geral (favorável ou desfavorável) e a reacção face ao objecto de representação. A atitude é considerada por Herzlich (1972) como a dimensão mais primitiva, relativamente às outras duas, "(…) no sentido que ela pode existir mesmo quando a informaçãp é reduzida e o campo da representação está pouco organizado" (p. 311, tradução nossa). A atitude geralmente surge em primeiro lugar e é a dimensão mais frequente da representação. Assim, e de acordo com Moscovici (1976), posicionamo-nos face a um objecto e é em função desse posicionamento que recolhemos informação e formamos a representação. Doise (1986, 1990, 2005) considera

[27] A unidade hierarquizada dos elementos, patente no campo da representação, é um dos aspectos privilegiados pelos investigadores da Escola de Provença na teoria do núcleo central (cf. por exemplo Abric, 1993, 1994a, 1994b; Guimelli, 1993, 1994; Sá, 2002).

que a atitude pode ser entendida em sentido alargado como "posição" uma vez que corresponde a uma tomada de posição dum indivíduo sobre um objecto e informa sobre a posição desse indivíduo no tecido social pelo que se constitui determinante no estudo das representações sociais.

2.4 – Condições de produção das representações sociais

As condições de produção das representações sociais, concernentes a objectos socialmente importantes e controversos, que emergem no decurso das interacções sociais, têm suscitado o interesse de diversos autores (Herzlich, 1972; Jodelet, 1997; Moliner, 1996; Moscovici, 1976; Zavalloni, 1990).

Moscovici (1976) aponta três condições necessárias para a produção das representações sociais: i) dispersão da informação; ii) focalização do indivíduo ou do grupo e iii) pressão para a inferência face ao objecto socialmente definido.

Para Herzlich (1972) a conjugação destas três condições, para além de reflectirem o estilo e as qualidades formais da representação social, tal como Moscovici (1976) sugeriu, revelam o seu grau de estruturação e mesmo a sua existência. Herzlich (1972) salienta que a capacidade das três condições revelarem a própria existência da representação resulta de serem o reflexo da situação social onde se forma a representação, ilustrando este aspecto ao referir que no estudo realizado por Moscovici, existe um largo subgrupo operário que não tem representação social da psicanálise.

A dispersão da informação tem como pressuposto que a informação veiculada sobre um determinado objecto social é diversificada, desorganizada, ambígua, por vezes contraditória, é escassa ou existe em superabundância (Moscovici, 1976). Esta condição reenvia para o que Vala (1993) denomina por desfasamento entre "a informação disponível e a informação necessária para a compreensão sólida de um problema ou objecto" (p. 364). A dispersão da informação pode decorrer de inúmeros aspectos: associados à multiplicidade e credibilidade das fontes de informação, a informações contraditórias veiculadas, à complexidade do próprio objecto, à existência de barreiras sociais e culturais, à inacessibilidade a informações verdadeiramente úteis ou à ausência de meios de controlo.

A focalização do indivíduo ou do grupo corresponde à atenção, interesse ou implicação que individuos e/ou grupos dão a determinados objectos ambiente. A distância e o grau de

implicação face ao objecto social são variáveis e de certa forma correspondem ao "aspecto expressivo" da relação da pessoa ou do grupo com o objecto social (Moscovici, 1976). O esforço do indivíduo ou do grupo, mais do que em compreender um objecto, consiste em desenhá-lo, contorná-lo de forma a tornar salientes os aspectos que estão de acordo com as suas orientações mais profundas. Como sugere Herzlich (1972) a focalização assinala a implicação ou atracção social dum objecto para um grupo e é concernente com os interesses do indivíduo inscrito num grupo de pertença. A focalização corresponde, então, à posição específica do indivíduo ou do grupo social face ao objecto da representação. É esta posição que vai determinar um interesse particular por um objecto, ou determinados aspectos desse objecto, e um desinteresse por partes ou pela totalidade desse objecto.

A pressão para a inferência decorre do quotidiano e da exigência que as relações sociais colocam ao indivíduo ou ao grupo para agir e tomar posições, para estar em condições de responder a um determinado objecto social (Moscovici, 1976). A exigência ou pressão para um posicionamento face ao objecto aumenta na medida da importância do objecto. Isto é, a pressão para o posicionamento é tanto maior quanto maior for a importância atribuída ao objecto. Esta condição está ligada à necessidade que os indivíduos sentem de desenvolver condutas e produzir discursos coerentes sobre um objecto que conhecem mal e que aparece no seu meio material ou humano. Então, agir e comunicar sobre este objecto "mal definido", só é possível graças a processos de inferência através dos quais se preenchem as zonas de incerteza do conhecimento sobre esse mesmo objecto. Assim, escolhem-se alternativas, tornam-se estáveis e permanentes opiniões com elevado grau de incerteza, encurtam-se desvios possíveis e ligam-se premissas a conclusões que não são de todo directas; fazem-se antecipações prematuras que dirigem as reacções e seleccionam as informações, partindo de uma adesão aos aspectos "dominantes", "mais partilhados", "mais esperados", e que têm maior probabilidade de, para além de compreendidos, serem aprovados pelo grupo.

Galli e Nigro (1990) ilustram a pressão para a inferência, na formação das representações sociais, através, sobretudo, das conclusões do primeiro de dois estudos que realizaram em Itália após o acidente do reactor nuclear em Tchernobyl. O primeiro estudo foi realizado 14 dias após o acidente e o segundo após quatro meses. Sinteticamente, os autores, no primeiro estudo concluíram que a representação social da radioactividade foi construída muito rapidamente, em menos de duas semanas, em função das consequências resultantes do desastre nuclear e que a pressão para a inferência resulta dum "(…) papel acelerador" que

ocorre "(…) para fazer face a constrangimentos do meio" (Galli & Nigro, 1990 p. 441, tradução nossa). O segundo estudo permitiu apreender a evolução e a estabilização da representação social da radioactividade.

De acordo com Herzlich (1972) duas das condições referidas, dispersão da informação e focalização, dizem respeito à acessibilidade ao objecto e, a terceira condição, pressão para a inferência, pensamos poder ser defensável dizer que se situa no indivíduo. O indivíduo é simultaneamente receptor e emissor no contexto comunicativo e relacional do seu grupo, adopta a normatividade do grupo e procura responder rapidamente às circunstâncias ambientais que o rodeiam.

Em síntese, segundo Moscovici (1976) as representações sociais, configuradas numa situação de comunicação, emergem quando indivíduos ou grupos são confrontados com objectos socialmente valorizados, sobre os quais possuem informação escassa, superabundante e ou contraditória, devendo sobre eles tomar posição e produzir um discurso coerente, isto é, quando um objecto social se torna um "problema" num dado contexto social (Clémence, 2001).

Jodelet (1997) ao analisar o espaço de estudo multidimensional das representações sociais propõe três factores a ter em conta como condições de produção e circulação das representações sociais que, não colidindo, enriquecem a proposta de Moscovici (1976) por afirmarem a marca social das representações sociais. Em síntese os três factores propostos são: i) cultura colectiva do grupo (valores, modelos e invariantes); ii) linguagem e comunicação (interindividual, institucional e mediática) e iii) sociedade (partilha, ligação social, ideológica e histórica; inscrição - posição e função social; e organização social - inserção institucional e grupal).

Moliner (1996) considera as condições enunciadas por Moscovici necessárias mas insuficientes para a produção das representações sociais e sugere cinco condições que têm a ver com as noções de: objecto, grupo, *enjeu,* dinâmica social e ortodoxia. Sugere que as representações sociais são elaboradas quando, por razões conjunturais, um grupo, não submetido a uma instância de controlo e regulação característica de um sistema ortodoxo, é confrontado com um objecto polimorfo, que constitui um desafio para os actores sociais desse grupo, com implicações ao nível da sua identidade psicossocial e coesão, que se insere numa dinâmica social que implica vários grupos.

Zavalloni (1990) introduz a noção "(…) efeito de ressonância para explicar a criação e adopção de representações sociais em diferentes domínios onde o conteúdo reenvia para o sistema identitário" (p. 409, tradução nossa). Para a autora a identidade é "(…) vista como um espaço onde as representações sociais se enraizam na consciência individual, são integradas e transformadas para serem apropriadas e em seguida reintroduzidas no espaço público sobre a forma de discurso ou de acção" (p. 409, tradução nossa).

O "efeito de ressonância" permite conservar e utilizar as experiências anteriores e predispõe o sistema identitário para assimilar os aspectos do mundo que são congruentes com o conteúdo que preexiste nesse sistema e que de certa forma define a pessoa. Zavalloni (1990) pressupõe que existem dois tipos de ressonância, uma intrapsíquica que reenvia para a dinâmica palavra identitária/pensamento de fundo e a outra interpsíquica que equaciona a relação entre a pessoa e o mundo. A autora considera que as palavras identitárias são palavras, pouco numerosas, com elevada carga afectiva, utilizadas espontaneamente para se descrever a si ou o seu grupo de pertença. Constituem a base para o estudo do sistema identitário. Uma palavra pode ser identitária para um sujeito e para outro ter apenas um sentido semântico. Para Zavalloni (1990) o pensamento de fundo é constituído por uma rede imaginária e experiencial que acompanha as palavras identitárias e representa o conteúdo da memória "emocional" (*é/motionnel*) – termo que visa exprimir a dinâmica interna da memória reenviando simultaneamente para a afectividade e para a motivação.

2.5 – Funções das representações sociais

Não é suficiente, para qualificar uma representação de social, definir o agente que a produz (embora seja claro que ela é produzida colectivamente) mas sim porque a produz (Moscovici, 1976). Isto é, é necessário acentuar a função que lhe é própria: contribuir "(…) para os processos de formação das condutas e orientação das comunicações sociais" (Moscovici, 1976, p. 75) e tornar uma coisa não familiar ou desconhecida em algo familiar (Moscovici, 1976; 1981).

A ênfase funcional de produzir e orientar comportamentos e permitir a comunicação entre indivíduos resulta da representação social definir "(…) a natureza dos estímulos que nos circundam e nos provocam bem como o significado das respostas a dar a esses estímulos" (Moscovici, 1976, p. 26, tradução nossa). Esta definição dos estímulos ao contemplar as respostas a fornecer faz sobressair um carácter utilitário na representação social que permite a

domesticação do estranho, de modo a diminuir a incerteza e a promover a acção de acordo com a familiaridade encontrada.

O carácter utilitarista ou pragmático das representações sociais tem sido acentuado por diferentes autores, nomeadamente Moscovici (1976) e Jodelet (1984, 1997).

De acordo com Moscovici as representações sociais contribuem para a resolução de problemas e para dar forma às relações sociais (Moscovici, 1976) e "(…) têm sempre este triplo papel de esclarecer (dar sentido às realidades), de integrar (incorporar as noções ou factos novos em quadros familiares) e de partilhar (assegurar os sentidos comuns nos quais se reconhecerá uma dada comunidade)" (Moscovici, 1994, p. 26-27).

O aspecto pragmático das representações sociais assume em Jodelet (1987) um carácter interventivo prático que a autora esclarece: "Por prática, entendemos um pensamento orientado para a intervenção no mundo, guia de acção concreta sobre os homens e as coisas e as trocas sociais, agente de criação dum universo consensual e de práticas de convergência" (p. 183). Jodelet (1984), para além de salientar o carácter pragmático, ao apresentar as representações sociais como teorias sociais práticas, identifica três funções nas representações: a função cognitiva de integração de elementos novos; a função de interpretação da realidade e a função de orientação das condutas e das relações sociais. Ou seja, considera que no dia a dia as representações sociais, para além de funcionarem como guias ao definirem e permitirem interpretar diferentes aspectos da realidade, contribuem para tomar posição face a essa realidade que ajudaram a perceber (Jodelet, 1997).

A funcionalidade das representações sociais pode ser estruturada, para uma especificação mais detalhada, em quatro funções (cf. por exemplo Abric, 1994; Poeschl, 2003):

i) Função de conhecimento – com um papel fundamental na constituição da realidade (Guimelli, 1994), permite compreender e explicar a realidade e estabelecer um quadro de referência comum para as trocas comunicacionais. Corresponde ao que Jodelet (1997), designa por "função cognitiva essencial da representação" (p. 68) que visa familiarizar, transformar e integrar uma novidade incontornável num universo de pensamento preexistente. Está associada ao conhecimento prático do senso comum e à transformação de conceitos de modo a que estes sejam compreendidos e integrados pelos agentes sociais e revela o esforço permanente dos seres humanos para compreender e comunicar (Moscovici, 1981).

ii) Função identitária – iniciamos a referência a esta função relembrando que uma representação social emerge onde há perigo para a identidade colectiva (Moscovici, 1976). Neste sentido a representação social promove a manutenção ou aquisição duma identidade social e pessoal gratificante que contribui para a manutenção do "equilíbrio sócio cognitivo" (Jodelet, 1997, p. 68), salvaguarda a especificidade dos grupos respeitando os seus sistemas de valores e permite situar no campo social indivíduos e grupos. A função identitária confere às representações sociais um papel primordial na socialização e na comparação e controlo social exercido pelo colectivo sobre os membros. Como referem Mugny & Carugati (1985) as representações sociais para além de ajudarem a construir um universo social inteligível e coerente permitem a "(…) elaboração duma identidade social e pessoal gratificante, isto é, compatível com os sistemas de normas e de valores socialmente e historicamente determinados" (p.183) de modo a "(…) permitirem ao indivíduo constituir-se e conservar uma identidade social positiva" (Poeschl, 1992, p. 89).

iii) Função orientadora – permite a orientação das atitudes, dos comportamentos e das relações com outros grupos através de um guião para acção que define o que é lícito, tolerável ou inaceitável num dado contexto social. As representações sociais enquanto sistemas de "descodificação da realidade" (Abric, 1994b, p. 17) intervêm na definição da realidade, determinam a priori o tipo de relações pertinentes para a pessoa, produzem antecipações e expectativas, agem sobre a realidade seleccionando, filtrando e interpretando informações que tornam a realidade conforme à representação e prescrevem comportamentos ou práticas obrigatórias. Neste sentido e de acordo com Palmonari e Doise (1986) as representações sociais constituem-se como uma ligação entre passado e futuro, como uma espécie de profecia "(…) que tem como particularidade criar, através da sua intervenção, as condições para a sua inscrição durável na realidade social" (p. 24, tradução nossa).

iv) Função justificativa ou protectora – intervém na avaliação da acção permitindo explicar e legitimar as condutas adoptadas e as tomadas de posição assumidas numa situação e/ou perante os pares. Esta função legitimadora, importante para promover a aceitação individual e acalmar a consciência pessoal, pode ter efeitos nefastos "(…) mascarando e naturalizando as desigualdades sociais" (Jodelet, 1997, p.69, tradução nossa). Esta função tem sido amplamente ilustrada por Poeschl e colaboradores relativamente a diferentes objectos sociais tais como a inteligência (cf. por exemplo Poeschl, 1999, 2001), a globalização (cf. por exemplo Ribeiro & Poeschl, 2007, 2008) e as diferenças entre os sexos (cf. por exemplo

Poeschl, 2001-2002; Poeschl, Pinto, Múrias, Silva & Ribeiro, 2006; Poeschl, Silva & Múrias, 2004).

Mais recentemente, Moscovici (2005) ao procurar encontrar uma maneira de descrever como é que as representações sociais intervêm na nossa vida cognitiva, e até que ponto elas são independentes dela ou a determinam, referiu que as representações sociais possuem basicamente duas funções (convencionar objectos, pessoas ou acontecimentos e prescrever acções) que de certo modo sintetizam as anteriormente referidas.

Em primeiro lugar, para Moscovici (2005), as representações sociais convencionam os objectos, pessoas ou acontecimentos. Dão-lhe uma forma definitiva, localizam-nos numa determinada categoria, colocam-nos como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas, que permite integrar os elementos novos a fim destes poderem ser compreendidos. As convenções, dependentes por sua vez de outras convenções, possibilitam conhecer e ajudam a saber quando interpretar uma mensagem como significante em relação a outras e quando considerar que ela é um acontecimento fortuito ou casual. Assim as convenções, duma forma inconsciente, estruturam a realidade e as nossas mentes. Segundo Moscovici (2005) apenas com esforço podemos tornar consciente e tentar escapar ao convencionalismo da realidade usando como estratégias: descrever o contexto em que a pessoa reage a um estímulo particular e explicitar representações uma vez que "(…) as representações constituem, para nós, um tipo de realidade. Procuraremos isolar quais representações são inerentes nas pessoas e objetos que nós encontramos e descobrir o que representam exatamente" (p. 36).

Em segundo lugar, para Moscovici (2005), as representações são prescritivas penetram e influenciam a mente, não são pensadas pelo agente, melhor, elas são "re-pensadas, re-citadas e re-apresentadas" por ele (p. 37). As representações impõem-se, são transmitidas, decretam o que deve ser pensado, trazem respostas prontas compartilhadas por determinados grupos e são o produto de uma sequência de elaborações, que ocorrem no tempo, resultantes de diferentes gerações: "elas controlam a realidade de hoje através da de ontem e da continuidade que isso pressupõe." (Moscovici, 2005, p. 38).

Em síntese, pensamos poder considerar que as representações sociais têm um valor heurístico que é indispensável na compreensão e controlo da realidade e na compreensão da dinâmica social, consubstanciado pela elaboração de um senso comum e comunicável, que contribui

para a construção da identidade social, que é informativo e explicativo da natureza das ligações (intra, inter grupo e relações dos indivíduos com o seu ambiente social) e está na origem das práticas sociais.

2.6 – Génese e funcionamento das representações sociais

Ao estudar a forma como a psicanálise penetrou na sociedade francesa, Moscovici (1976) evidenciou dois processos maiores que dão conta da forma como o social transforma um conhecimento em representação e como essa representação transforma o real. Esses dois processos, objectivação e ancoragem, concernentes à génese e funcionamento das representações, foram posteriormente ilustrados e enriquecidos por diferentes autores. Para a objectivação ver por exemplo Abric, 1993, 1994b. Para a ancoragem ver por exemplo Doise, 1990; 1992; 1993; Poeschl, 1992; 2003c.

A objectivação e a ancoragem são consideradas como duas faces da mesma moeda, mantêm entre si uma relação dialéctica (Jodelet, 1984). No sentido de clarificar a relação dialéctica entre objectivação e ancoragem podemos dizer, tal como Vala (1993) sugere, que a ancoragem antecede a objectivação e se situa na sua sequência. Antecede a objectivação uma vez que a mente humana não é uma "tábua rasa" e um objecto é pensado num universo mental povoado de experiências e esquemas mentais já estabelecidos. Isto é, a nova informação vai ser inscrita num saber já existente e frequentemente vai reforçar esse saber (Clémence, 2002). Considerar que à objectivação se segue a ancoragem significa dizer que a ancoragem procura colocar os elementos que constituem o esquema figurativo num contexto familiar e coligando-os a pontos de referência já conhecidos. E neste sentido a objectivação "(…) dá ferramentas para a ancoragem, segundo processo da representação social" (Jodelet, 1984, p. 371, tradução nossa).

A objectivação conduz à transformação de algo abstracto, "um esquema conceptual" (Moscovici, 1976, p. 107), em algo quase concreto, criando uma imagem que corresponde à materialização da palavra, aspecto que é considerado característico do pensamento social (Moscovici, 1976; Jodelet, 1984). Dito de outro modo, a objectivação procura esclarecer como se estrutura o conhecimento sobre o objecto de representação e pode ser entendida "(…) como uma operação imagética e estruturante" (Jodelet, 1984, p.367, tradução nossa).

A ancoragem, tenta reduzir ideias estranhas a categorias e imagens comuns colocando-as num contexto familiar e coligando-as a pontos de referência conhecidos, isto é, procura dar sentido ao objecto.

2.6.1 - Objectivação

A objectivação torna concreto o que é abstracto, muda o racional do saber científico em imagem duma "coisa" (Doise, 1990). Designa o processo de transformação de informações, a partir da altura em que são introduzidas em contextos sociais diferentes daqueles onde são produzidos (Clémence, 2002) e satura o conceito não familiar com a realidade e modifica-o para a realidade em si. Isto é, transforma "uma representação na realidade da representação, transforma a palavra que substitui a coisa, na coisa que substitui a palavra" (Moscovici, 2005, p. 71) e, neste sentido, "A representação torna intermutáveis percepção e conceito" (Jodelet, 1984, p. 367, tradução nossa).

De acordo com Jodelet (1984) a objectivação comporta três fases: construção selectiva; esquematização estruturante ou esquema figurativo e naturalização.

Construção selectiva

Moscovici (1976) considera que "Para que um conceito científico se harmonize com as condutas com que nos identificamos, é necessário que ele se desprenda desse grupo de «peritos» " (p. 109, tradução nossa). Assim os indivíduos que não participaram na convenção, que respeita regras próprias para elaboração desse conhecimento científico, tomam a linguagem científica como indicador dum fenómeno material e fazem-lhe corresponder uma realidade que conhecem e dominam. Isto corresponde à descontextualização e/ou descentralização de elementos da linguagem científica para a linguagem corrente, onde esses elementos são libertados do jugo do campo científico, em que foram produzidos, e são apropriados[28] pelo senso comum em função de critérios culturais e normativos. Os critérios culturais e normativos, os valores e as normas sociais podem neutralizar aspectos controversos que entram em conflito com esses mesmos valores retirando-os do discurso do

[28] Moscovici (1976) considera que a libertação da linguagem do jugo do campo científico torna dispensável o cientista como intermediário ou intérprete da ciência e "(…) o indivíduo passa da relação com este para a relação directa com o objecto e esta apropriação indirecta do poder é um acto gerador de cultura*"* (p. 109, tradução livre). Parece-nos interessante esta apropriação do poder, melhor do "saber poder" (Foucault, 1999 - dum modo simples podemos referir que Foucault explica que por trás de todo o saber, de todo conhecimento, o que está em jogo é uma luta de poder) associada às representações sociais que de certo modo permite confrontar e controlar o não familiar e ao mesmo tempo aumentar o poder pessoal.

senso comum[29]. Utilizando a terminologia de Moscovici (1976) pensamos poder vislumbrar, na selecção de palavras e na remoção (ou alteração) de aspectos controversos do discurso do senso comum, a actuação do metassistema "(…) que controla, verifica, seleciona com a ajuda de regras, lógicas ou não" (p. 254, tradução nossa) e procede à retenção selectiva da informação circulante sobre o objecto de representação.

Segundo Clémence (2002) uma das maiores transformações da informação ocorre quando a informação científica é inscrita no senso comum. A informação, ao circular no pensamento quotidiano, vai adquirir vários significados (figurativo, metafórico ou simbólico) fornecendo aos agentes sociais, após a sua estabilização, pontos de referência comuns. Este saber co-construído e partilhado constitui o que Clémence (2002) designa por "um verdadeiro pensamento ambiental", isto é, um pensamento comum, prototípico e normativo cujo conteúdo e estrutura são largamente determinados pelo metassistema.

Em síntese, na construção selectiva, os elementos que circulam sobre o objecto da representação são seleccionados e dissociados do quadro conceptual específico que lhe dá o significado científico, originando um todo coerente que utiliza parte da informação existente. A selecção e a capacidade figurativa são conformes às regulações sociais e normativas mantendo dentro do grupo as suas crenças e *stocks* de imagens (Moscovici, 1981).

Esquematização estruturante ou esquema figurativo

Como sugere Moscovici (1981, 2005), objectivar significa descobrir o aspecto icónico de uma ideia ou ser impreciso, é colocar/emparelhar[30] o conceito com a imagem, é dar-lhe substância e associar essa ideia ou ser a um significado concreto e compreensível[31].

A esquematização estruturante resulta da etapa anterior (construção selectiva) e consiste na organização das palavras ou expressões figurativas, de forma que os conceitos teóricos se

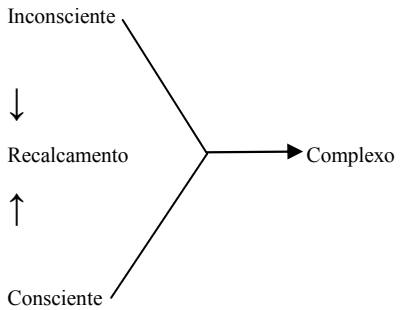
[29] Aspecto ilustrado por Moscovici (1976) – ausência da libido na representação da psicanálise na sociedade francesa da década de cinquenta.
[30] Moscovici (1976) refere especificamente que "(…) os «signos linguísticos» estão ligados a «estruturas materiais» (tentamos acoplar a palavra à coisa)" (p. 108, tradução nossa).
[31] Aspecto ilustrado por Moscovici (1981): "Comparando Deus a um pai, não só damos forma ao invisível como despertamos os sentimentos correspondents" (p. 199, tradução nossa).

constituam como uma imagem ou conjunto figurativo sucinto e coerente originando o que Moscovici (1976, 1981) designa por núcleo figurativo ou esquema figurativo[32].

O núcleo figurativo pode ser definido como "(…) uma estrutura imagética que vai produzir de maneira visível uma estrutura conceptual" (Jodelet, 1984, p. 368, tradução nossa) que se distingue pelo seu carácter central, concreto (imagético, facilmente acessível) e pela sua coerência (Herzlich, 1972). O núcleo figurativo ou esquema figurativo constitui para Herzlich (1972) "o núcleo essencial da representação" (p. 313).

Moscovici (1976) através do esquema figurativo da representação social da psicanálise forneceu um exemplo claro de esquematização estruturante. Moscovici (1976) supõe que "(…) este esquema [...] corresponde de modo saliente à dinâmica da pessoa tal como ela se separa da experiência quotidiana" (p. 117), o que poderá, certamente, explicar a larga penetração deste esquema figurativo na sociedade.

Moscovici (1976) a respeito do núcleo figurativo da psicanálise esclarece "Se qualifico de figurativo o modelo descrito, é porque ele não é simplesmente uma maneira de ordenar as informações, mas o resultado duma coordenação que concretiza cada um dos termos da representação" (p. 123). Num esquema figurativo as noções básicas, que constituem a representação, organizam-se constituindo um padrão de relações estruturadas, isto é, simplificam e unificam imagens que inicialmente eram desconectadas. Deste modo vai permitir ao grupo que o elaborou falar facilmente sobre o que o modelo representa (Moscovici, 1981).



(Esquema figurativo da representação social da psicanálise in Moscovici, 1976, p.116)

[32] Ao relacionar a escola de Provença com o trabalho inicial de Moscovici Poeschl (2003) refere que "(…)se pode considerar que o núcleo central, ou sistema central, contém os elementos selecionados no processo de objectivação para formar o esquema figurativo. Na medida em que estes elementos são os que recolhem o consenso e atribuem ao objecto o seu significado original, resultando imprescindíveis na representação de um objecto e, consequentemente, conformam a sua base estrutural, isto é, o núcleo central da representação" (p. 453, tradução nossa).

No esquema figurativo da psicanálise são retidas quatro noções chave: consciente, inconsciente, recalcamento e complexo. É ilustrada uma visão da organização psíquica onde se assinala conflituosidade, oposição e pressão do inconsciente sobre o consciente, e vice-versa. É assinalado ainda o recalcamento resultante dessa conflituosidade que tem como consequência o complexo.

Naturalização

A naturalização pode ser entendida como o processo através do qual os conceitos abstractos transformados em imagens se separam do conceito inicial e se tornam objectivos, observáveis, adquirindo uma materialidade quase tangível (Herzlich, 1972; Poeschl, 2003a). Neste sentido a naturalização das ideias adquire toda a sua verdadeira acepção ao conferir uma realidade plena ao que era uma abstracção (Moscovici, 1976).

Deste modo o conceito é expandido, as figuras são transformadas em elementos da realidade que pelo seu uso "(…) adquirem a autoridade dum facto natural" (Moscovici, 1981, p. 200). O esquema figurativo penetrando no meio social como expressão do real torna-se através dele «natural» utilizado como "(…) se ele se demarcasse directamente dessa realidade" (Moscovici, 1976, p. 124) o que poderá permitir que possamos reconhecer "repressões e/ou complexos" nas pessoas e pensar que eles são quase atributos físicos dessas pessoas.

A naturalização ocorre através da concretização e coordenação dos elementos que constituem o esquema figurativo. Tomando como exemplo o esquema figurativo da psicanálise, os diferentes elementos "(…) tornam-se seres da natureza: «o inconsciente é inquieto», «os complexos são agressivos», «as partes conscientes e inconscientes do indivíduo estão em conflito" (Jodelet, 1984, p. 368).

Jodelet (1984) considera que o "paradigma da objectivação" aparece como generalizável a toda a representação e comporta aspectos importantes do ponto de vista da lógica e funcionamento do pensamento social. A saber: i) revelar a tendência do pensamento social para uma construção estilizada, imagética e significante; ii) mascarar ou acentuar elementos constitutivos do objecto de representação para servir as necessidades, os valores e interesses do grupo; iii) mobilizar e/ou salientar referentes ideológicos ou modelos culturais presentes no universo mental dos indivíduos e iv) constituir-se como quadro de orientação de percepções e julgamentos numa realidade socialmente construída.

Em síntese, a objectivação transfigura o abstracto em concreto, torna um conceito na imagem de uma coisa. Através do processo de objectivação é possível determinar o conteúdo, o universo semântico e as ligações estruturantes duma representação social, concernentes a um objecto socialmente valorizado e anteriormente desconhecido, que são partilhadas por um determinado grupo social. Este aspecto, predominantemente descritivo associado ao estudo das representações sociais, tem sido amplamente desenvolvido pelos investigadores da Escola de Provença (Doise, 1992). A objectivação tem como função social facilitar a comunicação "(…) pela dissociação dum conceito ou dum enunciado do quadro conceptual […] que lhe dá o seu sentido completo. Tudo se passa como se o senso comum não tolerasse a existência duma ligação entre os elementos de saber que assimila e os sistemas de saber duma outra ordem*"* (Doise *et al.*, 1992, p. 14).

2.6.2 – Ancoragem

Para Moscovici (1976) ancorar significa inserir um objecto desconhecido, socialmente valorizado e que desperta a nossa curiosidade, numa hierarquia de valores e relações sociais.

Através da ancoragem a sociedade submete um objecto social a um sistema de interpretação, baseado no consenso social, e transforma-o num instrumento manuseável, mensurável numa escala de preferência das relações sociais existentes, e enquadra-o numa rede de significações, marcada por normas e valores. Dito de outro modo, a ancoragem é um processo que integra algo "não familiar" e perturbador no nosso sistema de categorias comparando-o com um membro característico da categoria que consideramos ser apropriada (Moscovici, 1981, 2005). Estar ancorado "(…) significa que está referenciado e recebe um determinado valor semântico" (Moscovici, 1993, p. 163).

Ancorar, para Moscovici (1981, 2005) significa classificar e nomear. A partir da altura em que classificamos e damos um nome a um objecto somos capazes de o imaginar e de o representar, "(…) de facto, a representação é basicamente um processo de classificar e nomear, um método de estabelecer relações entre categorias e rótulos" (Moscovici, 1981, p. 193).

Classificar e nomear torna a neutralidade impossível uma vez que não se trata apenas de constatar um facto, mas também de fazer um julgamento e colocar um rótulo no objecto. É dizer que ele é conforme à norma ou que se lhe opõe, isto é, é confinar o objecto a um

conjunto de comportamentos e regras que estipulam o que é e o que não é permitido aos elementos que integram essa categoria (Moscovici, 2005). Ao colocarmos um indivíduo numa determinada categoria estamos a impor-lhe um conjunto de comportamentos e regras, que estão associadas às nossas expectativas sobre essa categoria, e em simultâneo estamos, segundo Moscovici (2005) a revelar a "nossa «teoria» da sociedade e da natureza humana" (p. 62).

Tendo por base as suas observações sobre as representações sociais, Moscovici (2005) considera que sempre que classificamos fazemos comparações com um protótipo[33] e perguntamos se o objecto comparado é normal ou não. Neste sentido propõe que podemos dizer que nunca conhecemos ou compreendemos um indivíduo que apenas o reconhecemos. Noutras palavras, reconhecemos que tipo de pessoa é e a que categoria pertence.

Para além de classificar, ancorar implica nomear (Moscovici, 1981, 2005). Nomear ou colocar um nome em algo ou alguém tem algo de especial, algo de solene e corresponde a uma tendência nominalista "(…) através da qual os nomes para identificação fazem proliferar novas coisas e servem para as acomodar dentro duma representação social dominante" (Moscovici, 1981, p. 197).

Atribuir um nome às pessoas ou objectos permite: i) descreve-los e imputar-lhes características; ii) distingui-los uns dos outros e iii) convencionar as pessoas ou objectos (Moscovici, 2005). Deste modo o objecto é relegado do mundo da confusão e incerteza, torna-se classificável e comunicável. A partir da altura em que o objecto sai do anonimato, é dotado de uma genealogia, pode tornar-se numa imagem comunicável e ser associado a outras imagens e permite a sua colocação "na matriz de identidade da nossa cultura" (Moscovici, 2005, p. 66).

[33] Eleanor Rosch na década de 70 criou o modelo do protótipo que no seu princípio fundamental sustenta que as categorias estão organizadas em torno de protótipos e que há membros que são mais centrais do que outros. Um protótipo condensa os traços mais característicos da categoria, assume uma posição saliente na formação dessa categoria é o primeiro estímulo a ser-lhe associado. "Em suma, o Protótipo parece ser o membro da categoria que mais reflecte a estrutura redundante da categoria como um todo" (Rosch, 1978, p. 37, tradução livre). Deste contexto, compartilhando traços típicos, um pardal seria o protótipo da categoria pássaro, a águia seria um membro intermediário e o pinguim, periférico.

Para Jodelet (1984)[34] o processo de ancoragem comporta dois aspectos: i) o enraizamento social da representação e do seu objecto, ou seja a atribuição de significação e utilidade ao objecto representado e ii) a integração cognitiva desse objecto no sistema de pensamento preexistente. Trata-se da inserção dum objecto num pensamento constituído que ao mesmo tempo que se constrói também ajuda a construir ou reconstruir esse sistema de pensamento.

A atribuição de significado ao objecto representado vai favorecer "(…) a instrumentalização do saber conferindo-lhe um valor funcional para a interpretação e gestão do ambiente" (Jodelet, 1997, p. 73), isto é, vai fornecer uma grelha de leitura e de compreensão da realidade. O significado atribuído ao objecto representado vai depender da pertença social e exprime o contorno e identidade do grupo de pertença colocando em evidência "(…) um princípio de significação"(Jodelet, 1984, p. 372) que é sustentado socialmente pela vida do grupo, pela experiência e saberes partilhados por esse grupo. Este "princípio de significação" assegura a interdependência dos elementos da representação e indicia as suas relações no conteúdo do campo representacional.

A integração cognitiva da representação consiste na incorporação dos novos elementos nos sistemas de classificação preexistentes, em tipologias de pessoas e acontecimentos conhecidos, isto é, numa rede de categorias mais familiar (Doise, 1990) que permite a domesticação do que antes era estranho e perturbador.

A ancoragem, situada numa relação dialéctica com a objectivação, articula, segundo Jodelet (1984), as três funções de base da representação: a função cognitiva, a função de interpretação da realidade e a função de orientação das práticas sociais.

Doise (1992) especifica que a ancoragem adita ao conteúdo das representações sociais, resultante da objectivação, uma dimensão explicativa que permite situá-las nas dinâmicas relacionais que caracterizam uma dada sociedade[35]. Tal como Jodelet (2004) acentua, Doise, fornece uma contribuição original para ultrapassar a simples descrição das representações sociais ao fornecer uma explicação das variações individuais das representações sociais "(…)

[34] Noutros textos de Jodelet (cf. por exemplo Jodelet, 1987) são referidos três aspectos no processo de ancoragem "(…) assinalar o sentido – instrumentalizar o saber – enraizar no sistema de pensamento" (p. 184, tradução livre) que de certo modo se sintetizam nos dois aspectos explorados no nosso texto.

[35] Clémence e Lorenzi-Cioldi (2004) referem explicitamente Doise ao considerarem que o estudo da ancoragem deve partir dos movimentos das pessoas e das posições que elas ocupam no espaço social e que esses se traduzem por tomadas de posição face aos objectos e exprimem a relação particular que as pessoas estabelecem com os objectos e entre si.

graças à análise da forma como os seus conteúdos são modulados pelo contexto social da sua produção" (p. 148).

Seguindo a proposta de Jodelet (2004), distingue-se na releitura da ancoragem que Doise faz duas orientações. A primeira associada à familiarização do desconhecido através do seu enraizamento, através de processos de assimilação e contraste, categorização e prototipia (Doise, 1990), num sistema de pensamento já constituido. A segunda orientação consiste no reconhecimento duma pluralidade de ancoragens ou imbricações psicológicas.

Nesta linha, a ancoragem é entendida como um processo sócio-cognitivo de integração dum saber novo num saber antigo (Clémence & Lorenzi-Cioldi, 2004) que leva a interrogar sobre as posições assumidas pelas pessoas nos contextos inerentes à construção das representações sociais. Comporta uma dimensão explicativa que permite procurar dar um sentido às noções que formam o conteúdo das representações sociais que estão "(…) sempre imbricadas ou ancoradas em significados mais gerais intervindo em relações simbólicas próprias de um dado campo social" (Doise, 1992, p. 189-190).

Doise (1992) descreve três tipos de ancoragens ou imbricações: psicológicas, psicossociológicas e sociológicas.

i) Na ancoragem psicológica a inscrição dos conteúdos das representações sociais é feita através da intervenção de crenças ou valores gerais, como por exemplo a crença num mundo justo ou a crença no igualitarismo, que organizam as relações simbólicas do próprio sujeito com os outros. Doise (1992) ao considerar as crenças ou valores gerais, pretende dizer que as crenças intervêm num grande número de relações e avaliações sociais e que embora sejam largamente difundidas as crenças não são compartilhadas do mesmo modo por todos. Um exemplo deste tipo de ancoragem pode ser encontrado em Poeschl e Silva (2001) que salientam o efeito das crenças nas diferenças entre sexos na percepção e no julgamento das práticas familiares.

ii) Na ancoragem psicossociológica a inscrição dos conteúdos das representações sociais varia em função do modo como os indivíduos se situam simbolicamente em relação às divisões posicionais e categoriais existentes num dado campo social. Um exemplo desta ancoragem coloca em evidência a modificação da representação da inteligência quando uma comparação entre homem e animal ou homem e mulher é induzida (Poeschl, 1992, 1999, 2001).

iii) Na ancoragem sociológica os conteúdos das representações sociais inscrevem-se nas opiniões e crenças características de cada grupo e diz respeito às comparações entre diferentes grupos. Um exemplo desta ancoragem coloca em evidência o efeito da nacionalidade na tomada de posição sobre a mundialização (Poeschl, Campos & Ben Alaya, 2007).

2.7 – Perspectiva dos princípios organizadores da Escola de Genebra

Uma vez que a perspectiva dos princípios organizadores desenvolvida pela Escola de Genebra constitui o quadro teórico e metodológico em que se enquadram os nossos estudos empíricos impõe-se a necessidade de abordar algumas das suas particularidades teóricas e metodológicas.

Para promover uma maior inteligibilidade a esta abordagem propomos apresentar a perspectiva dos princípios organizadores em dois momentos: especificidades teóricas e estratégia metodológica.

2.7.1 - Princípios organizadores: especificidades teóricas

Uma tentativa de reler e integrar o trabalho de Doise leva-nos a considerar que a sua proposta teórica evidência e ultrapassa a articulação entre o plano individual e o plano social através da passagem da simples descrição das representações sociais para uma explicação decorrente da análise sobre o modo como os conteúdos da representação são modulados pelo contexto social da sua produção (Jodelet, 2004). Pensamos que a visão que sugerimos encontra sustentação, por exemplo, nas palavras de Jodelet (2004) quando a autora salienta a ligação individual social proposta por Doise ao referir que o autor apresenta as representações sociais como organizações individuais de saberes sociais e apresenta o ponto de vista social ligado ao modo de inserção social dos indivíduos que decorre da posição que estes ocupam num campo social (Jodelet, 2004).

A articulação individual *vs* social vislumbra-se também no modo como Doise: i) define representações sociais; ii) actualiza / utiliza o conceito de metassistema; iii) "(…) reconhece a pluralidade de ancoragens[36] cujas formas são resgatadas com a ajuda do modelo dos níveis de explicação em psicologia social" (Jodelet , 2004, p. 148, tradução nossa) e iv) considera que as significações duma representação social estão imbricadas "(…) em significados mais gerais

[36] Aspecto por nós já abordado no ponto 2.6.2.

que intervêm nas relações simbólicas características dum campo social" (Doise, 1982, p. 189). Por fim, pensamos que a ilustração que pretendemos fazer ecoa nas palavras de Doise (2001) ao considerar que as representações sociais enquanto entidades vivas integram diferentes pontos de vista, ligados à pertença ou posição social dos indivíduos e se ajustam à diversidade dos seus contextos societais e culturais.

Definição de representações sociais

No âmbito da perspectiva dos princípios organizadores as representações sociais são definidas como "(…) princípios geradores de tomadas de posição que estão ligados a inserções específicas num conjunto de relações sociais" (Doise, 1990, p. 127, tradução nossa). Esta definição de representação social remete para o posicionamento social dos indivíduos e grupos, isto é, "(…) o processo pelo qual as pessoas tomam posições sobre uma rede de significações" (Clémence, 2001, p. 89) que "(…) deriva da ancoragem dum conhecimento partilhado em diferentes grupos" (ibid., p. 87, tradução nossa). Os grupos são diferentes porque, para além de não terem acesso à mesma informação sobre vários objectos sociais também sofrem processos de socialização diferentes, integrando princípios normativos que são característicos das experiências e crenças partilhadas e que vão orientar o posicionamento do grupo nestes objectos num quadro comum de referência que lhe é particular e que difere de grupo para grupo e origina as variações intergrupais (Clémence, 2001).

A ideia de princípios organizadores desenvolvida por Doise (1990), tal como o próprio autor reconhece inspira-se na visão de Bourdieu (1979) que considera que numa dada sociedade existe hierarquia e "princípios de divisão" (*principes de division*) que "(…) são comuns a um conjunto de agentes dessa sociedade e que tornam possível a produção de um mundo comum e dum mundo de senso comum" (p. 127, tradução nossa). A integração destes aspectos é visível na definição que Doise (1990) apresenta de princípios organizadores: "(…) consistem frequentemente em princípios de oposição e de hierarquização, tal como Bourdieu os faz intervir na sua teoria do campo" (p. 127). No mesmo texto Doise (1990) considera as oposições como características inerentes às representações sociais salientando a omnipresença "(…) de certas relações simbólicas: As que opõem humanos e animais, indivíduos e grupos, homens e mulheres. Estas oposições simbólicas […] reflectem-se nas múltiplas oposições e são por si só verdadeiros princípios organizadores intervindo numa grande variedade de representações sociais" (p. 114, tradução nossa).

Frequentemente os princípios organizadores estruturam-se de forma polarizada ou em categorias dicotómicas: Jodelet (1989) quando estuda a forma como a loucura é pensada, clarifica um princípio organizador, o da oposição entre cérebro e nervos, Palmonari e colegas (Palmonari, Pombeni & Zani, 1987; Palmonari & Zani, 1989 ver Clémence, 2003) ao analisarem a profissão dos psicólogos em Itália encontram dois princípios que estruturaram o enquadramento da profissão, o primeiro sobre competência (pessoal *vs* técnica) e o segundo sobre intervenção (social *vs* individual).

Os princípios organizadores podem intervir na estruturação de crenças gerais e na opinião sobre determinados objectos[37] (Doise *et al.*, 1992), são geradores de tomadas de posição, dão conta das diferenças entre os indivíduos e não estão apenas na origem das classificações que efectuamos mas também geram julgamentos de valor (Clémence, 2003). Pensamos poder considerar os princípios organizadores como uma espécie de moldes agregadores das representações dos indivíduos, a partir dos quais os indivíduos estruturam as suas tomadas de posição. A clarificação dos princípios organizadores possibilita a compreensão da forma como o pensamento se estrutura e a apreensão dos movimentos de transformação do pensamento sobre o objecto (Clémence & Doise, 1995).

Princípios organizadores gerais e específicos

De acordo com Clémence (2003) os princípios organizadores das tomadas de posição podem ser de dois tipos: i) gerais ou supraordenados e ii) específicos.

Clémence (2003) considera os princípios organizadores como gerais ou supra ordenados quando orientam de modo relativamente constante e estável as posições individuais num conjunto importante de objectos. Clémence (2003) apresenta como exemplos de princípios organizadores gerais ou supraordenados a polaridade natureza *vs* cultura que está no centro, entre outras, da organização da representação da infância (Chombart de Lauwre, 1979), da loucura (Jodelet, 1989), da saúde (Herzlich, 1969) e a polaridade causalidade pessoal *vs* causalidade situacional ilustrada pelo "personalismo[38] ou erro fundamental de atribuição

[37]Aspecto ilustrado por Doise *et al*. 1992) a propósito da origem delinquência, identificando crenças ambientais, hereditárias ou psicológicas, e opiniões sobre o tratamento a reservar aos delinquentes que vai desde intervenção terapêutica até à prisão.

[38] O personalismo foi objecto da atenção de Moscovici (1986) e apresentado não como um erro de raciocínio mas como um viés do tratamento de informação pilotado por um metassistema normativo o que na nossa opinião reforça a ideia apresentada por Clémence (2003) de que os princípios organizadores para além de estarem na origem das classificações também produzem julgamentos de valor.

(Ross, 1977), isto é, a tendência para explicar os comportamentos e os acontecimentos privilegiando as causas pessoais em detrimento das situacionais.

Segundo Clémence (2003) os princípios organizadores específicos são menos abrangentes e por vezes característicos de determinados objectos sociais, gerando tomadas de posições individuais sobre esses mesmos objectos, pelo que a sua clarificação, no estudo de uma representação, para além de permitir compreender a lógica particular que regula o pensamento sobre esse objecto, permite seguir o desenvolvimento desse pensamento. A ilustração destes dois aspectos, gerar e organizar as posições e seguir o desenvolvimento do pensamento, já referida e utilizada por Clémence (2003) é a análise que Palmonari e colaboradores (Palmonari & Zani, 1987; 1989) efectuaram sobre a profissão dos psicólogos em Itália. Os dois princípios que estruturam o pensamento dos psicólogos sobre a sua prática profissional – competência (pessoal *vs* técnica) e o tipo de intervenção (social *vs* individual) – permitem dar conta das suas posições e práticas no campo através de quatro tipos (o militante político; o interventor interdisciplinar; o psicólogo clínico e o psicanalista) e "(…) permitem igualmente seguir o movimento de especialização dos psicólogos e de marginalização de certas posições face à psicologia" (p. 396, tradução nossa).

Metassistema

Podemos considerar que a perspectiva dos princípios organizadores enquanto abordagem inserida na teoria das representações sociais proposta por Moscovici (1976), tem subjacente as noções de sistema operatório e de metassistema (Clémence, 2001; Doise, 1990; Doise *et al.*, 1992) como duas formas de pensamento que coexistem tanto no pensamento científico como no pensamento do senso comum. Estes dois sistemas têm funções diferentes no processo cognitivo: o sistema operatório produz material, através de associações, inclusões, discriminações e deduções e o metassistema, prescritivo e historicamente determinado "retrabalha", através de "relações normativas" (Moscovici, 1976, p. 254) - regras, normas e expectativas (Clémence, 2001; Doise, 1990; Poeschl, 1992; Staerklé & Doise, 2005). Isto significa dizer que o metassistema controla, verifica e selecciona as operações cognitivas realizadas pelo sistema operatório, de modo a guiar o pensamento social, definindo, por exemplo, o que é legítimo e próprio do endogrupo em detrimento do que é ilegítimo e/ou característico do endogrupo (Moscovici, 1976).

Segundo Doise e colaboradores (Clémence *et al.*, 1994; Doise, 1990; Doise *et al.*, 1992) de acordo com as posições ocupadas pelos grupos sociais, contexto social e situacional, os indivíduos podem fazer intervir diferentes metassistemas de forma a garantir a aplicação rigorosa de princípios lógicos aquando dum trabalho científico ou responder às necessidades da situação de comunicação.

Doise (1989, 1990, 1993) e Doise e colaboradores (cf. por exemplo Clémence *et al.*, 1994; Doise *et al.*, 1992), consideram que i) o metassistema das representações sociais é composto de múltiplos esquemas organizadores como cenários e regras, normas pertinentes para cada situação que regem as diferentes interacções sociais em que os indivíduos participam; ii) que estes esquemas são actualizados em função de situações particulares e pré-existem aos funcionamentos cognitivos individuais iii) e que as "(…) exigências do metassistema podem mudar em função de posições sociais dum conjunto específico de redes de relações" (Doise, 1993, p. 158, tradução nossa).

Para Doise e colaboradores o metassistema assume particular importância na teoria e no estudo das representações sociais. Este aspecto é visível em Doise (1993) quando o autor situa a teoria das representações sociais como "(…) uma teoria geral sobre um metassistema de regulações sociais intervindo no funcionamento do sistema cognitivo" (p. 157, tradução nossa) que permite responder à questão "Que regulações sociais se relacionam com que funções cognitivas e em que contexto?" (p.158). E quando o autor também refere que "É a análise das regulações efectuadas pelo metassistema social no sistema cognitivo que constitui o estudo propriamente dito das representações sociais, desde que as suas ligações com as posições específicas no conjunto das relações sociais sejam explicitadas*"* (Doise *et al.*, 1992, p. 13, tradução nossa).

De acordo com Doise e colaboradores, o controlo do metassistema pode ser observado através do estudo dos mecanismos de objectivação e da ancoragem evidenciando as diferenças na selecção da informação disponível que segue caminhos diferentes dependendo dos grupos onde é difundida e as transformações na informação seleccionada em função da situação de comunicação. Por exemplo Wagner e Hayes (2005) ilustram, utilizando uma investigação realizada por Forgas e Bond em 1985, o modo como o metassistema cultural introduz diferenças na forma como estudantes australianos e chineses interpretam episódios sociais da vivência universitária. Por sua vez Poeschl (1998; 1999; 2001) ilustra as exigências do metassistema em várias situações de comparação social, onde a selecção da informação difere

de modo a preservar a positividade da identidade social através da valorização do endogrupo em detrimento do exogrupo.

Níveis de análise psicossocial

Doise (1982; 1986) propõe a distinção entre quatro níveis de explicação ou de análise psicossocial: i) o nível intrapessoal que privilegia a análise dos mecanismos pelos quais o indivíduo organiza a sua experiência; ii) o nível interpessoal que trata da dinâmica das relações estabelecidas por determinados agentes em determinados momentos, numa dada situação, iii) o nível posicional que atende às diferenças que decorrem das diferentes posições que os indivíduos e grupos têm na rede de relações sociais e iv) o nível ideológico que estuda "as próprias ideologias, os sistemas de crenças e representações, os valores e as normas, que toda a sociedade desenvolve para validar e manter a ordem social estabelecida" (Doise, 1982, p. 15).

Segundo alguns autores (Clémence & Lorenzi-Cioldi, 2004; Jodelet, 2004; Papastamou & Chryssochoou, 2004) há uma ligação entre os níveis de explicação em psicologia social e os tipos de ancoragem. Mais especificamente Papastamou e Chryssochoou (2004) sugerem que os três tipos de ancoragem propostos por Doise (1992) correspondem em certa medida à articulação dos níveis de explicação que anteriormente Doise (1986) já tinha apresentado. Assim para Papastamou e Chryssochoou (2004) na ancoragem psicológica articula-se o nível individual e o ideológico, na ancoragem psicossocial articula-se o nível individual, o posicional e o ideológico e na ancoragem sociológica articula-se o nível posicional e o ideológico.

Em síntese, a proposta da perspectiva dos princípios organizadores (Clémence, 2001, 2003; Doise, 1990; Doise *et al.*, 1992), sobre o entendimento e estudo das representações sociais, procura salientar e explicar a heterogeneidade das tomadas de posição face ao objecto de representação e entende que as representações sociais são princípios organizadores das diferenças entre as tomadas de posição individuais.

Doise e colaboradores (Doise *et al.*, 1992) consideram que o estudo das representações sociais deve ter em conta as diferenças interindividuais e a utilização de técnicas que permitam encontrar as ligações preferenciais entre as modalidades de respostas e entre estas e outras

características dos respondentes. Consideram ainda que as técnicas usadas "(…) são muito úteis para estudar o processo de ancoragem presente nas representações sociais e mais precisamente para analisar a ligação entre representações e pertenças sociais" (Doise *et al.*, p. 18).

2.7.2 - Princípios organizadores: estratégia metodológica

Doise e colaboradores, apresentam um modelo quantitativo para o estudo das representações sociais que, grosso modo, implica três fases principais (cf. por exemplo Clémence, 2003; Doise *et al.*, 1992): i) organização do campo da representação, ii) revelação dos princípios organizadores e iii) ancoragem dos princípios organizadores em sistemas relacionados ou em significados simbólicos.

A primeira fase centra-se na organização do campo da representação e procura explorar os aspectos partilhados dessa mesma representação. Concerne à objectivação do objecto com base nos "termos linguísticos" (*matériel langagier*) (Doise *et al.*, p. 25) alvo de debate na sociedade. Nesta fase procura-se sobretudo registar e organizar a informação que circula a propósito do objecto em estudo e assinalar os "desafios" (*enjeux)* que lhe estão associados (Clémence, 2003). A Escola de Provença estudou particularmente esta fase e desenvolveu uma série de técnicas para a recolha ou registo da informação e a organização do léxico (cf. por exemplo Abric, 1984; 1994; 2001; 2003).

A recolha ou registo da informação pode ser iniciada através da leitura de jornais de grande difusão, dicionários (Lahlou, 1998), obras literárias (Poeschl, Silva & Clémence, 2004) e outros documentos de espaços públicos como por exemplo sítios da *WEB*, rádio, televisão, mensagens publicitárias etc. Esta informação inicial pode ser complementada através de colheita directa do léxico recorrendo, por exemplo, à associação livre de palavras ou expressões sobre o objecto de estudo (Abric, 1984; 1994), a entrevistas durante as quais uma ou mais pessoas são convidadas a evocar o objecto (Poeschl, Múrias e Costa, 2004) ou a questionários estandardizados ou semi-estandardizados, obtendo-se um considerável número de palavras, imagens, fórmulas e clichés que os agentes partilham e lhes permite falar e compreender-se.

No momento seguinte o material obtido vai ser organizado de modo a permitir elaborar um dicionário dos elementos que compõem a trama da representação. Nesta organização podemos

começar a diferenciar os elementos segundo a sua frequência nos documentos. Maior frequência implica uso mais comum e maior partilha (Abric, 1994). Posteriormente os elementos podem ser reagrupados por simultaneidade de enunciação, proximidade semântica ou temática.

A organização pode ser efectuada manualmente ou através de técnicas de tratamento de dados. Segundo Doise *et al.* (1992) as técnicas usadas com mais frequência para estabelecer a organização das representações sociais são: a classificação automática, a análise multidimensional e a análise factorial de correspondência. Quando a organização se efectua manualmente é necessário estabelecer critérios, isto é, estabelecer/encontrar relações entre os diferentes elementos/palavras com base nos documentos registados e não com base numa teoria científica (Clémence, 2003).

Na segunda fase procura-se colocar em evidência os princípios organizadores das variações individuais subjacentes à estrutura do campo representacional (cf. por exemplo Clémence, 2003; Doise *et al.*, 1992). Para registar essas variações é necessário submeter as referências partilhadas à apreciação das pessoas o que implica a construção de um questionário idêntico para todos os participantes formulando proposições de resposta a partir dos elementos encontrados na primeira fase (Poeschl, 1992). Os elementos encontrados na primeira fase podem ser introduzidos tal como foram encontrados ou evocados pelos respondentes sendo, no entanto, preferível inseri-los numa expressão para lhes dar um sentido concreto e inequívoco (Clémence, 2003). É assim construído um questionário, a partir dos elementos obtidos na fase anterior, de modo a solicitar a opinião das pessoas sobre a pertinência dos elementos na definição do campo representacional do objecto em estudo. A amostra deve ser variada e heterogénea (cf. também, Bauer, 1994), sobretudo num estudo exploratório, ou ser construída em função de hipóteses a testar. Tal como sugere Clémence (2003) podemos esperar diferenças de posicionamentos em função das experiências, conhecimentos ou crenças específicas dos respondentes que repousam sobre quadros normativos específicos. Estes quadros normativos podem ser abordados, entre outras, por indicações como a idade, a profissão, a proximidade factual ou emocional ao objecto ou a orientação religiosa ou política. O objectivo não é saber a opinião de uma amostra significativa mas saber quais os princípios organizadores significativos do objecto representado num dado contexto social (Clémence, 2003).

Na apreensão dos princípios organizadores é largamente usada a análise factorial em componentes principais. Esta técnica, como referem Doise *et al.* (1992) "(…) reproduz com parcimónia a variação total dum grande número de variáveis (…) num número sensivelmente mais restrito de dimensões" (p. 110, tradução nossa). Os autores consideram que a técnica ao efectuar uma redução de dados implica "(…) uma certa perda de informação em relação às respostas individuais" mas que em contrapartida fornece "(…) uma visão bem estruturada e imediatamente acessível à forma como as variáveis covariam, se opõem ou são independentes" (p. 111).

A terceira fase procura colocar em evidência a ancoragem dos princípios organizadores em contextos normativos particulares ou em relações sociais específicas (Doise, 1992). Os contextos normativos e as relações sociais específicas, segundo Clémence (2003), podem ser apreendidos interrogando-nos sobre as características dos grupos de pessoas que utilizam, com maior ou menor intensidade, cada princípio organizador (cf. por exemplo, Poeschl, Campos & Ben Alaya, 2007).

Várias abordagens podem ser utilizadas para evidenciar a ancoragem dos princípios organizadores. Doise *et al.* (1992) consideram as seguintes abordagens "(…) a utilização de elementos suplementares na análise factorial de correspondências, a determinação dos centros de gravidade dos grupos, a análise de segmentação, a análise discriminante e enfim um novo método de análise de dados textuais" (p. 168), como por exemplo a análise proporcionada pelo programa ALCESTE.

Em termos práticos a operacionalização desta metodologia depende do tipo de técnicas utilizadas para a recolha e tratamento da informação recolhida. Podemos considerar, por exemplo, uma operacionalização que implique a realização de dois estudos (cf. por exemplo Múrias & Poeschl, 2007; Poeschl, 1992; Ribeiro & Poeschl, 2007). Assim sendo, o primeiro, destina-se à recolha de informação, que deve ser organizada, e que constitui o campo representacional do objecto em análise (Clémence, 2003; Doise *et al.*, 1992). O segundo estudo, destina-se à concretização da segunda e terceira fases propostas pelos autores. Isto é, vai permitir revelar e ancorar os princípios organizadores.

Quando a operacionalização da metodologia de estudo dos princípios organizadores das representações sociais se efectua através da análise textual, as três fases podem ocorrer em simultâneo num mesmo estudo. Neste caso a informação recolhida através de diferentes

formas – como por exemplo: i) colecta de textos já publicados (cf. por exemplo Poeschl *et al.*, 2004), ii) prova de associação livre (cf. por exemplo Ribeiro & Poeschl, 2010) e iii) entrevista (Poeschl, Múrias e Costa, 2004) – é transcrita e é analisada através dum programa de análise textual de dados como, por exemplo, o programa ALCESTE.

Em síntese a perspectiva dos princípios organizadores (Clémence, 2003; Clémence & Lorenzi-Cioldi, 2004; Doise, 1985, 1990, 1992; Doise & Clémence, 2003; Doise *et al.*, 1992), se configura como um todo onde a definição de representação social, tal como sugere Bourdieu (1992), se articula directamente com "(…) os objectos e os objectivos da investigação – em particular, a clarificação de princípios geradores e organizadores das diferenças entre as opiniões ou entre as práticas" (p. 7, tradução nossa) o que permite identificar a activação e o uso das normas, regras e expectativas do metassistema que são pertinentes para cada situação e que regem as diferentes interacções sociais em que os indivíduos participam.

Na senda do pensamento apresentado por Bourdieu (1992), esta perspectiva permite esbater a fronteira entre aspectos teóricos *vs* aspectos metodológicos e permite ultrapassar a oposição consenso *vs* conflito: "(…) as tomadas de posição diferentes, ver antagonistas, não se constituem como tal a não ser na relação com *enjeux* comuns, eles próprios saídos do espaço de jogo em que são jogados, isto é o espaço das posições sociais que a análise das correspondências clarifica, fornecendo ao mesmo tempo o princípio real da explicação e da compreensão do espaço das tomadas de posição" (pp. 7-8).

Por último e na senda dos aspectos salientados por Poeschl a propósito do estudo sobre as representações sociais da inteligência (cf. por exemplo Poeschl, 1992, 1999, 2001), pensamos que a teoria dos princípios organizadores fornece um bom dispositivo, teórico e metodológico, para o estudo das representações sociais da velhice uma vez que permite descrever e compreender algumas diferenças nas representações da velhice mostrando como essas representações estão ligadas à posição social dos seus detentores.

2.8 - Representações sociais da velhice

A abordagem empírica sobre a fase mais avançada do ciclo vital tem já uma extensa literatura. Uma recensão das investigações efectuadas, que surgem sobretudo em língua portuguesa, permite constatar que esta fase aparece referenciada, e é investigada, sob o signo de diferentes

designações, tais como: atitudes para com adultos velhos, imagens da velhice, representações do envelhecimento, representações da velhice, representações de homens, mulheres e/ou pessoas idosas. Ainda que do ponto de vista semântico existam diferenças – velhice parece remeter para o estado do que é velho, envelhecimento parece remeter para o processo de se tornar velho ou idoso e velho e idoso parecem remeter para o indivíduo de idade avançada ou velho (Dicionário de Português da Porto Editora, 2005). As diferentes designações são usadas indiscriminadamente para situar e investigar a etapa da vida que sucede à maturidade pelo que ao longo deste ponto faremos referência a alguns estudos que utilizaram diferentes terminologias.

Em sintonia com Hummel e Lalive d'Epinay (1995) podemos considerar que o modo como se vive e entende a velhice, assim como as atitudes por ela suscitadas "(…) são organizadas pelo significado de modelos culturais, imagens, estereótipos e outro tipo de representações" (p. 9, tradução nossa). Assim, se no primeiro capítulo procuramos ilustrar a forma como a velhice tem sido encarada ao longo dos tempos e referimos alguns dos seus mitos e estereótipos mais comuns, detemo-nos agora mais especificamente sobre algumas imagens e representações da velhice.

No desenvolvimento deste ponto procurámos referir sumariamente alguns estudos que salientam imagens da multidimensionalidade e complexidade associadas à velhice. Em seguida, mantendo a noção da multidimensionalidade e complexidade associadas à velhice, apresentamos de forma mais detalhada alguns exemplos de como se diferenciam as representações da velhice no interior dos grupos etários e, sobretudo, como essas representações variam em função dos diferentes grupos etários considerados.

2.8.1 - Multidimensionalidade da velhice

Alguns estudos realizados a partir de 1980 revelam que a velhice não é percebida dum modo homogéneo. Destes estudos emergem imagens da velhice, ou diferentes subtipos dentro da velhice, que salientam a sua multidimensionalidade (cf. por exemplo Brewer, Dull & Lui, 1981; Cuddy & Fiske, 2002; Hummert, 1990, 1993; Hummert, Garstka, Shaner & Strahm, 1994; Hummel, 1995 e Schmidt & Boland, 1986).

De acordo com Brewer *et al.* (1981) podemos identificar na velhice três imagens: i) a imagem duma pessoa cuidadora, objectivada na figura da avó, que surge como calma, serena, amiga e

confiável; ii) a figura do velho com *status*, que se configura como competitivo, inteligente, agressivo e intolerante que contrasta com iii) a figura do velho idoso, configurada na fragilidade pessoal, no anacronismo, na solidão e na preocupação.

Para Schmidt e Boland (1986) as imagens dos idosos organizam-se em doze subtipos segundo duas polaridades: positiva, minoritária e negativa, maioritária. No pólo positivo Schmidt e Boland (1986) colocam as imagens do patriarca/matriarca liberal, a imagem do avô perfeito, a imagem do conservador e a imagem da sabedoria. No pólo negativo surgem as imagens de pessimismo, vulnerabilidade, incapacidade moderada, incapacidade severa, miséria, reclusão, algazarra e vagabundagem.

Na mesma linha de Schmidt e Boland (1986), Hummert e colaboradores (Hummert, 1990, 1993; Hummert *et al.*, 1994) também documentaram diferentes subtipos na velhice, alguns positivos como por exemplo patriarca/matriarca liberal, avô perfeito, idade dourada e outros negativos como por exemplo incapacidade severa, miséria, inflexibilidade ou desânimo.

Hummel (1995) identifica três imagens da velhice: i) a velhice ingrata, com uma conotação claramente negativa que apela às dificuldades e perdas associadas à velhice; ii) a velhice desenvolvida ou bem sucedida, com uma conotação positiva que apela para uma forma mais gratificante de ver a velhice e iii) uma imagem de velhice, também positiva, que remete para o desempenho de um papel específico o papel de avó.

A partir duma revisão da literatura Cuddy e Fiske (2002) propõem três imagens que pessoas não idosas têm sobre os idosos: i) a imagem do idoso afectuoso incompetente; ii) a imagem do idoso competente e frio e iii) a imagem do idoso incompetente e frio. Estas imagens resultaram da conjugação de duas grandes dimensões: competência e afectividade. Na primeira dimensão o idoso é visto, por exemplo, como autónomo e capaz e na segunda o idoso é visto como genuíno, amigável e confiável. Nesta revisão da literatura Cuddy e Fiske (2002) referem que a imagem de competente e afectivo não emerge, dado ser normalmente atribuída aos membros do próprio grupo ou seja é atribuída pelos não idosos ao grupo dos não idosos.

2.8.2 - Representações da velhice no interior de grupos etários

Velhice no olhar dos mais jovens

Hummel (2000) num estudo realizado junto de 102 jovens adultos suíços de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 25 e os 40 anos, maioritariamente de categoria socioprofissional média (67.6%), de diversos graus de ensino (obrigatório e profissional, secundário e universitário), sugere, entre outros aspectos, que a representação da velhice para os jovens adultos pode ser entendida como sendo orientada por um *thêmata* (Moscovici & Vignaux, 1994) conceptualizado na dualidade corpo *vs* espírito.

Hummel (2000) sugere que a velhice pode ser vista como uma concepção dual que coloca o corpo e o espírito em processos diferentes. O corpo votado ao declínio marcado pela dependência e posteriormente morte e o espírito que, em determinadas condições como por exemplo as estratégias individuais levadas a cabo por cada pessoa, prossegue o seu desenvolvimento.

Segundo Hummel (2000) sob a orientação do *thêmata* corpo *vs* espírito surgem três tipos de representação da velhice: i) a verdadeira velhice ou velhice degradada, ii) a velhice do espírito e iii) a velhice sábia. A primeira representação, a verdadeira velhice ou velhice degradada, está directamente relacionada com o corpo ao passo que as outras representações, a velhice do espírito e a velhice sábia, se aproximam do pólo espírito.

De acordo com Hummel (2000) as transformações corporais são incontornáveis implicando por parte da pessoa uma aceitação face à inevitabilidade da falência do corpo ao passo que as espirituais são negociáveis: "(…) o envelhecimento físico não deixa margem de manobra ao indivíduo, o futuro do espírito é negociável" (p. 168, tradução nossa). Para Hummel (2000), tanto a velhice de espírito como a velhice sábia, se estiver salvaguarda como condição de base a saúde mental da pessoa, são mediadas pela utilização ou não de estratégias individuais. Hummel (2000) refere que os respondentes consideram que o espírito deve ser estimulado de modo a que permaneça vivo, receptivo e aberto para o mundo através da utilização de algumas estratégias tais como: atitudes perante a vida "(…) o optimismo, a vontade de viver, o desejo de seguir «em frente», a vontade, o manter a actividade (…) em sentido lato «fazer coisas», «não parar» e evitar «não fazer nada»*"* (p. 168, tradução nossa) e estimulação da criatividade, interesse e questionamento.

Para Hummel (2000) a verdadeira velhice ou velhice degradada, com uma conotação claramente negativa, é caracterizada pela degenerescência física e mental donde resulta, entre outros aspectos, abandono de actividades físicas, doença, dependência, incapacidade, inactividade, isolamento, senilidade e demência. A velhice do espírito, com uma conotação também claramente desfavorável, é caracterizada pela estagnação psíquica onde as potencialidades psíquicas não são exploradas e donde resulta, entre outros aspectos, inactividade, isolamento, mau carácter e tristeza. Na velhice de espírito não há utilização de estratégias pessoais para lidar com as transformações que ocorreram como por exemplo as transformações físicas e/ou a reforma. A velhice sábia, com uma conotação claramente favorável, é caracterizada por um desenvolvimento psíquico onde predomina, entre outros aspectos, optimização de atitudes, reorientação da actividade tendo em conta as características físicas, integração da solidão ou solidão negociada (por exemplo a reclusão que é escolhida para permitir uma reflexão e crescimento interior), bondade e serenidade. De acordo com Hummel (2000) na velhice sábia as pessoas utilizam estratégias pessoais para integrar de modo adaptativo as transformações ocorridas na sua vida.

Lopes e Park (2007), conforme Moscovici (2005), partindo do princípio que as representações influenciam desde muito cedo o desenvolvimento do indivíduo e que isso é visível no modo como ele percebe o mundo e se posiciona nele, procuraram investigar a representação social de dois grupos de crianças sobre os velhos e o envelhecimento utilizando como metodologia o desenho, a entrevista semi-estruturada e a brincadeira tematizada. Participaram no estudo 31 crianças distribuídas por dois grupos, o primeiro constituído por 11 crianças, maioritariamente do sexo masculino (63.46%), com idades entre os oito e os dez anos, que tinham realizado actividades no contexto escolar envolvendo velhos aproximadamente há já dois ou três anos, o segundo constituído por 20 crianças, maioritariamente do sexo masculino (65%), com idades entre os cinco e os seis anos, que tinham realizado actividades no contexto escolar envolvendo velhos no ano da recolha dos dados.

Lopes e Park (2007) apresentam os resultados da representação do velho através da caracterização de como é uma pessoa velha para as crianças e propõem a existência de cinco categorias: Rugas e cabelos brancos; Adoecer e morrer; Num monte de lugar; Fazem um monte de coisa e Tudo diferente. Na primeira categoria, que é muito saliente, os autores destacam a importância que as crianças dão às características físicas (rugas, cabelos brancos, ausência de dentes, voz enfraquecida e corpo encarquilhado) identificando os velhos através

de aspectos visíveis e palpáveis e destacam também a relação de sentido duplo que as crianças estabelecem entre avós e velhos: os avós são velhos e velhos são avós. A categoria Adoecer e morrer, mais visível nas crianças mais velhas, engloba as referências feitas pelas crianças às doenças, limitações físicas e objectos de apoio como bengalas, muletas, cadeiras de rodas e óculos. As categorias temáticas Num monte de lugar; Fazem um monte de coisa e Tudo diferente dizem respeito, respectivamente, ao local por onde circula, às actividades que realiza e à diversidade existente entre as pessoas velhas. De acordo com os dados obtidos por Lopes e Park (2007) as crianças consideram que os velhos circulam pela cidade (praças, ruas), nas festas públicas, nas casas de amigos e familiares e que podem viver nas suas próprias casas ou com familiares. Os velhos são vistos como activos, podendo trabalhar, tendo ou não uma actividade laboral, no entanto as mulheres velhas são mais associadas pelas crianças às tarefas domésticas e os homens velhos às actividades rurais. A forma como as crianças vêem os velhos, presente sobretudo nas brincadeiras temáticas, revela heterogeneidade: num momento eles são vistos como debilitados e com limitações na locomoção, para em seguida, serem representados como activos, que trabalham, mandam, circulam pela cidade e viajam.

Os dados obtidos por Lopes e Park (2007) indicam ainda que para as crianças o envelhecimento se relaciona com a passagem do tempo e que isso acontece a todas as pessoas incluindo elas próprias. De acordo com os autores é visível que para as crianças "É preciso crescer, cumprir os deveres sociais (estudar, trabalhar, casar), procriar e ver os filhos crescerem, então a velhice terá chegado" (p. 146).

Velhice no próprio olhar

Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo (1999) realizaram, no Brasil, um estudo onde procuraram estudar as representações sociais da velhice, do idoso e do envelhecimento, através de entrevista, junto de 37 participantes de ambos os sexos (idade mínima de 52 anos e máxima de 92 anos) distribuídos por três grupos: professores universitários aposentados (35.14%), participantes dum programa da Universidade da Terceira Idade (32.43%) e residentes num Centro para idosos (32.43%). Os resultados obtidos, tratados através do programa de análise textual ALCESTE, sugerem três tipos de representação social, sendo as duas primeiras mais partilhadas: Perda de laços familiares e da identidade física; Perda de capacidade de trabalho e Desgaste natural.

A perda de laços familiares e da identidade física, corresponde a uma representação doméstica e feminina, tem como noções centrais a família e os papéis no seio familiar (engloba por exemplo as palavras filhos, mãe, casa) e perdas na identidade física (engloba por exemplo as palavras beleza e feio e solidão). A representação da velhice como desgaste natural corresponde segundo os autores (Veloz *et al.*, 1999) a uma representação mais utilitarista onde os juízos de valor associados ao envelhecimento correspondem a uma concepção dicotómica. A dicotomia está por um lado ligada às limitações físicas e às doenças, onde o corpo é visto como um espaço de limitações, e por outro surge ligada a aspectos mentais donde sobressai o conhecimento e a qualidade, que é visto como o recurso pessoal mais importante no âmbito das capacidades. Nesta representação, sobretudo partilhada pelo grupo de professores aposentados, é introduzida a noção da preparação da velhice e a necessidade de ter uma mente activa e positiva. Estas duas dimensões são, num certo sentido, opostas à representação que se organiza em torno do trabalho e se caracteriza pela perda do ritmo de trabalho, englobando palavras como trabalho, reforma, inactividade, desaproveitado. A dimensão que se organiza em torno do trabalho é característica sobretudo dos respondentes masculinos, enfatiza por um lado a perda da utilidade funcional e do estatuto social do indivíduo e o desaproveitamento do grande atributo da velhice que é a experiência.

Veloz *et al.* (1999) salientam a oposição que se situa entre as mulheres, sobretudo as donas de casa, que representam o envelhecimento a partir da perda de laços familiares e da perda de atractivos físicos e os respondentes do sexo masculino, que representam o idoso e a velhice através da perda de actividade profissional com consequente perda de estatuto social.

Areosa (2004) procurou conhecer, através duma entrevista semi-estruturada, o que um grupo de 20 respondentes brasileiros (10 mulheres e 10 homens), com mais de sessenta anos, frequentadores de grupos de convivência que praticam dança e hidroginástica, pensa sobre o seu próprio envelhecimento. As respostas obtidas foram submetidas a uma análise categorial temática que condensou a percepção dos respondentes em quatro aspectos: percepção das mulheres idosas sobre os homens idosos; percepção dos homens idosos em relação a si próprios; percepção dos homens idosos sobre as mulheres idosas e percepção das mulheres idosas em relação a si próprias.

Neste estudo observou-se que a visão das mulheres idosas sobre os homens idosos é negativa. Para a maioria das mulheres o homem envelhece muito rapidamente, é descuidado, desleixado, fica inactivo após a reforma e não se interessa nem pelas actividades da casa nem

pelos grupos de convivência para a terceira idade. A percepção dos homens sobre si próprios está de acordo com a das mulheres relativamente ao seu envelhecimento mais rápido e à tendência para não fazer nada após a reforma, pois não aprenderam a fazer nada. Estes aspectos revelam que os entrevistados estão de acordo que o ambiente doméstico é um espaço exclusivamente feminino. Por outro lado os homens percebem as mulheres como mais activas não só no ambiente doméstico mas também pelo facto destas procurarem realizar actividades sociais que antes não exerciam. As mulheres consideram-se mais activas e vaidosas do que os homens, cuidando melhor da sua aparência, destacando que o lazer, o entretimento e o cuidado com a alimentação podem aumentar a jovialidade. Os resultados revelam ainda que a terceira idade é referida pelas e para as mulheres como uma fase de socialização onde há decréscimo de responsabilidades e onde podem entrar para grupos de convivência e divertirem-se mais.

Os resultados obtidos por Areosa (2004) revelam ainda que os entrevistados entendem que ser velho está ligado a questões de actividade e de estilo de vida e que se realizarem actividades individuais, ou sociais, podem levar uma vida como qualquer outra pessoa apesar das limitações que vão surgindo, mas que não são impeditivas de manter ou iniciar actividades físicas. Estes aspectos salientam que a velhice, de acordo com os entrevistados, está sobretudo ligada à forma como o indivíduo vivencia o seu dia-a-dia e não a outros factores, como idade ou limitações físicas.

Araújo e Carvalho (2004) realizaram um estudo, junto de 20 idosos brasileiros de ambos os sexos, com média de idades de 65 anos, integrados em dois grupos de convívio de idosos. Através de entrevistas semi-estruturadas, procuraram conhecer as suas representações da velhice e do processo de envelhecimento. Os grupos diferenciam-se pelo poder aquisitivo e nível educacional: num grupo os idosos têm menor poder aquisitivo e menor nível educacional e no outro os idosos têm maior poder aquisitivo e maior nível educacional.

Os dados obtidos por Araújo e Carvalho (2004), resultantes da análise categorial de conteúdo, sugerem que a representação do envelhecimento se organiza em três dimensões: envelhecimento físico, envelhecimento psíquico e inserção social. No envelhecimento físico, a senilidade é característica sobretudo dos idosos com menor poder aquisitivo e menor nível educacional. O desgaste físico e a negação do envelhecimento físico surgem no grupo com maior poder aquisitivo e maior nível educacional. Estes resultados, segundo os autores, acentuam a tónica dos problemas de saúde e patologias, no grupo de idosos com menor poder

aquisitivo e menor nível educacional, e a preocupação da manutenção de um corpo jovem no grupo com maior poder aquisitivo e nível educacional. Na representação do envelhecimento psíquico surge o esquecimento, a solidão e o raciocínio lento, para o grupo com maior poder aquisitivo e maior nível educacional, ao passo que para o grupo com menor poder aquisitivo e menor nível educacional aparece sobretudo a demência e a negação do envelhecimento psíquico. Relativamente à inserção social da velhice a subcategoria mais realçada é os preconceitos, seguida de políticas sociais para a velhice, que são partilhadas pelos dois grupos. A subcategoria segregação social apenas está presente no grupo com maior poder aquisitivo e maior nível educacional e a subcategoria rejeição familiar aparece apenas no grupo de idosos com menor poder aquisitivo e menor nível educacional.

Araújo, Coutinho e Carvalho (2005) realizaram um estudo, junto de 100 idosos brasileiros de ambos os sexos (90% feminino e 10% masculino), com idade igual ou superior a 60 anos. Os respondentes estavam integrados em dois grupos de convívio de idosos que se diferenciavam relativamente ao âmbito das actividades promovidas pelo grupo de convivência: num grupo promoviam-se actividades de lazer e entretenimento no outro para além das actividades de lazer promoviam-se actividades de promoção e prevenção da saúde do idoso. Os dados, recolhidos através da técnica de associação livre utilizando três indutores: i) velhice, ii) grupos da terceira idade e iii) família e tratados através do programa *Tri-Deux-Mots*, apontam para a existência de algumas diferenças em função das actividades promovidas no grupo.

Para o grupo de idosos que integram o grupo de convivência apenas com actividades de lazer, a velhice é apreendida como a fase do desenvolvimento humano marcada pela discriminação e pela procura de saúde uma vez que nessa faixa etária, segundo os respondentes, as patologias estão mais presente do que em qualquer outra etapa da vida. A velhice é ainda associada à morte. Para o mesmo grupo de respondentes os grupos da terceira idade são encarados como espaços onde é necessário participar porque fomentam as relações interpessoais, possibilitam a criação de novas amizades e proporcionam momentos de alegria considerada relevante e importante para esta fase da vida. Ainda para este grupo a família, apesar de conviver no mesmo espaço físico, transmite sentimentos de abandono e desrespeito pelos idosos, uma vez que estes consideram que não são consultados nas decisões familiares. No entanto, para eles, a família é considerada um lugar de alegria e bem-estar na velhice, destacando o papel positivo dos genros no apoio psicossocial e afectivo.

O grupo de idosos que integram o grupo de convivência com actividades de lazer e actividades de promoção e prevenção da saúde definiram a velhice duma forma mais positiva. Entendem-na como um momento de paz e gostam desta fase da vida. Os grupos da terceira idade são associados ao respeito que, segundo estes respondentes, facilita as relações de amizade. No referente à família, este grupo de idosos refere que o apoio familiar é bom, permitindo encarar melhor a velhice.

Quando a amostra é organizada em dois grupos etários: um grupo com idades compreendidas entre os 60 e os 65 anos e outro com idades compreendidas entre os 66 e os 70 anos, os dados apresentados revelam algumas diferenças. Para o grupo com menor idade, a velhice é entendida de forma antagónica. Por um lado a velhice é vista como uma fase de desenvolvimento caracterizada pelo amor e uma fase que apresenta o mesmo vigor físico e psicológico da juventude. Por outro lado a velhice é caracterizada pela dependência e solidão. Para o mesmo grupo etário os grupos de terceira idade são objectivados como espaços de escuta por oposição ao ambiente familiar onde não participam nas tomadas de decisão. Na família, os netos surgem como necessários e importantes para a estrutura familiar e para as relações inter-geracionais.

Nos respondentes da faixa etária entre os 66 e os 70 anos, continua a observar-se uma visão antagónica da velhice, ainda que diferente do grupo etário anterior. A velhice por um lado é vista como um período para fazer amigos e participar em diferentes actividades pela libertação das responsabilidades familiares e profissionais, por outro lado, a velhice é considerada um período que não é bom, um período de que não se gosta devido às limitações sobretudo relacionadas com o envelhecimento físico. Os grupos de terceira idade são considerados uma rede de apoio social de amigos, fundamental para uma velhice bem-sucedida. A família é tudo para eles, possibilitando momentos felizes, embora seja mencionado pouca dedicação e prioridade por parte desta.

Vaz (2008) realizou uma primeira entrevista "numa lógica exploratória" (p. 129) com 24 mulheres e 13 homens, da região norte de Portugal, com idades entre 25 e 68 anos e de classes sociais diversificadas quanto à escolaridade e profissão. Procurou conhecer as perspectivas dos participantes sobre os processos do envelhecimento próprio, o modo como gostariam de viver a sua velhice e vislumbrar práticas quotidianas que façam antever preparação da velhice.

Os resultados obtidos apontam para que a noção de velhice varia em função do grupo etário dos entrevistados e das características da sua vida actual. Para os adultos jovens, com idades até aos 45 anos, a velhice surge como um conceito abstracto onde, apesar de ser considerada natural, é rejeitada e associada à decrepitude e falta de vivacidade. No entanto a velhice própria é encarada com a expectativa de ser feliz e sem perda de capacidades, constituindo o que a autora denomina de "(…) visão optimista, mais fantasista do que presa à realidade … que [os entrevistados] relacionam com os ritmos e desejos da vida actual de jovem" (Vaz, 2008, p. 129). Para os entrevistados mais velhos, com 50 e mais anos, a noção de velhice não se associa à idade mas às doenças, aspecto que pode ocorrer em qualquer idade. Também para estes entrevistados a própria velhice surge com maior longevidade do que a velhice dos outros, ainda que associada a uma visão negativa onde a dependência de terceiros e a institucionalização assumem uma grande importância. Aparece assim, segundo a autora uma noção de velhice que denuncia "as auto percepções actuais" (p. 130) e que se reveste dum maior realismo, influenciado pelas situações concretas da vida actual dos respondentes, uma vez que, ainda segundo a autora, "(…) pelas suas idades, o tempo de velhice aproxima-se com os efeitos do envelhecimento a fazer-se sentir já" (p. 130).

A partir destes resultados, a autora decidiu entrevistar pessoas com idades acima dos 50 anos. A amostra foi constituída por vinte e quatro pessoas, doze da área rural e doze da área urbana, equitativamente distribuídos por sexo, classe social, escolaridade, profissão, com idades entre os 50 anos e os 88 anos. Na entrevista foi utilizado um guião onde a autora procurou passar duma concepção mais abstracta (O que é ser velho?) para uma concepção mais concreta da velhice (como por exemplo: Sentimento de ser velho? Como encara a sexualidade na velhice?).

Os dados recolhidos foram submetidos a uma análise de conteúdo e revelaram que as racionalidades leigas sobre a velhice se configuram numa variedade de velhices que Vaz (2008) apresenta em seis aspectos. Os três primeiros apresentam-se como um acontecimento que ocorre no corpo e na mente individual e os restantes assumem uma dimensão mais social.

i) A velhice como envelhecimento biológico individual surge relacionada com o desgaste e eventual dependência e sustenta-se numa concepção da velhice humana baseada na percepção empírica dos sinais físicos e exteriores tais como o aspecto físico (ficar com rugas, cabelos brancos, dificuldades em ver, etc.) ou na alteração da componente mental (esquecimento, perda de memória, enganos). Nesta visão a velhice apela ao corpo como

máquina que sofre pelo uso, distinguindo-se a situação do desgaste da situação de doença, mas que em ambos os casos pode conduzir à incapacidade e à dependência de terceiros.

ii) A velhice como acontecimento individual surge também associada a uma visão positiva, que alia o envelhecimento à acumulação de competências e amadurecimento progressivo remetendo para uma opção pessoal, dado que depende do "estado de espírito" (Vaz, 2008). Ainda que positiva esta visão agrega um discurso ambivalente dos entrevistados que surge, por exemplo, com referências frequentes à lentidão e à dificuldade em tomar decisões. A velhice nesta dimensão individual não biológica é alimentada por exemplos de vigor intelectual de alguns velhos, onde não envelhecer psicologicamente resulta duma posição activa de recusa de perder o ânimo e a vontade e do "(…) trabalhar a inteligência" (Vaz, 2008), promotora duma posição mais interessada e integrada no mundo.

iii) A velhice como função da idade surge associada ao ciclo de vida ou à cronologia que aporta uma maior fragilidade na velhice e lhe reconhece, como designa Vaz (2008), "limitações bio-fisio-psicológicas" (p. 149), que exemplifica como não aguentar tanto o frio, não correr como corria e falta de apetência para sair de casa. Embora este significado de velhice tenha um cariz cronológico, onde a "(…) idade dos 50 anos surge como um marco para fazer um balanço da vida que se viveu" (p. 150) já que até essa idade o trabalho absorve toda a atenção não deixando espaço para pensar na velhice, a autora reconhece que os entrevistados não relacionam a idade dos 65 anos com a velhice. A autora reconhece ainda que os entrevistados rejeitam a palavra velho e que não só não se sentem velhos como não gostam que lhes chamem velhos conquanto reconheçam uma diminuição gradual das capacidades físicas que consideram irrelevantes face à manutenção das capacidades intelectuais.

iv) A velhice como acontecimento social remete para o sentimento de solidão pessoal dos velhos e para a exclusão social com responsabilidade para os próprios pelo tipo de interesse que manifestam, ou melhor pelo "desinteresse pela vida" (Vaz, 2008, p. 152), e pela conversa que se centra em torno das doenças e revela falta de objectivos. Segundo a autora a exclusão social a que muitas vezes os velhos são votados é também entendida pelos respondentes "como um conflito de gerações na competitiva sociedade moderna" (p. 152) agravado pela reforma que "excluindo as pessoas da vida de participação pelo trabalho" (p. 154) é percepcionada como fonte de inacção física e mental que origina perda de capacidades relacionais.

v) A velhice como projecto está associada a expectativas positivas relativas à própria velhice tais como continuar a trabalhar, ainda que com menor intensidade, e a desenvolver

actividades sem os constrangimentos de tempo que o horário laboral impõe: ler, pintar, viajar, passear, etc. Os resultados revelam ainda diferenças nas expectativas face ao futuro em função das condições económicas pessoais, onde a diminuição de proventos associada à reforma está presente. Outro aspecto marcante na velhice como projecto que sobressai nos resultados de Vaz (2008) é a dimensão da felicidade pessoal espelhada na partilha afectiva tanto com os filhos, que esperam ter por perto, como com parceiros.

vi) A velhice em instituições para velhos decorre da dependência de terceiros que pode ocorrer nesta fase da vida. Como refere Vaz (2008) o Lar surge "como uma alternativa da vida moderna à família" (p. 161) que impõe às pessoas um estilo de vida que as deixa sem tempo para serem cuidadores. Os Lares, embora apresentados como instituições necessárias, vocacionadas para proteger e cuidar pessoas que perderam a sua autonomia, são rejeitados pelos entrevistados como parte da sua expectativa de futuro dado que estes manifestam desejo de permanecer na sua própria casa ou na casa da família.

Em síntese, de acordo com os resultados de Vaz (2008), a velhice é apresentada como uma construção social que começa por convocar uma dimensão biológica marcada essencialmente por limitações e perdas e vai avançando para uma dimensão mais psicológica, onde o indivíduo é valorizado pela sua competência que se pode sobrepor ao natural envelhecimento físico. No trabalho de Vaz (2008) é expressa ainda a convicção de que o envelhecimento depende do estado de espírito donde emerge a ideia da responsabilidade pessoal no processo e a ideia de que o envelhecimento se pode combater sobressaindo a "superioridade da mente na relação corpo-espírito" (p. 147). Nos resultados obtidos por Vaz (2008) é ainda clara a passagem duma visão mais pessoal para uma visão mais social da velhice donde se salienta a exclusão dos velhos, a existência de um projecto pessoal para a própria velhice, bem mais risonho do que a concepção da velhice em geral, na qual o Lar assume uma solução possível, e por vezes desejável, mas para os outros que já perderam a capacidade de se bastarem a si próprios – aspecto ausente do projecto pessoal da velhice que cada um deseja para si próprio.

2.8.3 - Representações da velhice: comparação entre diferentes grupos etários

Gastron, Vujosevich, Andrés e Oddone (2000) realizaram um estudo, junto de 34 respondentes argentinos dos dois sexos, divididos em 4 grupos etários: crianças (6-10 anos); adolescentes (15-22 anos); adultos (30-46 anos) e pessoas idosas (65 e mais anos), onde procuraram conhecer a representação da velhice. Entre outros aspectos os resultados apontam no sentido de que a representação dos velhos e da velhice se diferencia em função do grupo

etário. Para as crianças, a velhice é vista dum modo positivo: os velhos são vistos como avós, cuidadores, carinhosos, dignos de amor e de respeito, têm rugas e usam bengala e óculos. Para os adolescentes, a velhice surge com facetas positivas e negativas: os velhos são vistos como pessoas que viveram muitos anos, que têm mais experiência, respeitáveis, podem ser engraçados e divertidos ou amargos e estarem-se sempre a queixar e apresentam limitações devido à passagem da idade e às doenças. Para o grupo dos adultos, a velhice surge sobretudo como uma etapa da vida, que não é necessariamente positiva, associada à ausência de trabalho e à reforma. Para o grupo dos mais velhos, a representação é mais negativa e organiza-se em torno das capacidades perdidas, invocando a deterioração física, as dores e o cansaço que daí decorrem.

Silva e Gunther (2000) realizaram um estudo, através de entrevista, onde procuraram identificar as tarefas evolutivas[39] e conhecer os papéis sociais desempenhados pelos idosos. Os inquiridos foram 98 adultos, maioritariamente do sexo feminino (74.5%), brasileiros com mais de 50 anos, divididos em três grupos, 51 adultos (50 a 59 anos), 29 idosos-jovens (60 a 69 anos) e 18 idosos-idosos (70 anos ou mais).

Relativamente às tarefas evolutivas os autores (Silva & Gunther, 2000) referem, entre outros aspectos, que os sinais de envelhecimento mais apontados pelos respondentes foram as doenças, sobretudo as do aparelho circulatório, e estas constituem a maior preocupação entre os respondentes mais idosos. A maioria dos sujeitos considera que está a envelhecer e os resultados sugerem que à medida que a idade dos sujeitos aumenta, diminuem as referências às mudanças na aparência como sinal de envelhecimento. A visão negativa da velhice é saliente, associada à indiferença, preconceito e desprezo e é menor entre os respondentes que exercem uma profissão. Os resultados obtidos mostram ainda que a família é central na vida dos respondentes uma vez que estes consideram que a sua realização mais importante foi a família, que ela se constitui como a sua principal preocupação e que no futuro esperam estar satisfeitos com a sua vida familiar, aspectos mais salientes entre os respondentes mais idosos. Os respondentes, sobretudo os adultos, referem ainda que no futuro também esperam satisfação com a vida pessoal e financeira.

No respeitante aos papéis sociais Silva e Gunther (2000) salientam, entre outros aspectos, que as actividades sociais aumentam à medida que aumenta a idade e que as actividades

[39] Termo usado pelos autores para designar as diferentes transformações pelas quais passam as pessoas ao longo do ciclo vital.

predominantes são as religiosas, particularmente salientes nas mulheres e os mais idosos. As actividades que as respondentes, sobretudo as viúvas, mais gostam são as actividades domésticas (lavar a roupa, arrumar a casa e cozinhar) ao passo que os respondentes casados adultos, e os que não referem problemas de saúde, gostam mais de trabalhar. A maioria dos respondentes refere que têm amigos e que é com eles e com os vizinhos com quem mais conversam, aspecto que é mais saliente nos viúvos e menos saliente nos respondentes que têm maior preocupação com a família.

Em Portugal Sousa e Cerqueira (2005) realizaram um estudo exploratório onde procuraram evidenciar imagens da velhice em diferentes grupos etários junto de 120 respondentes maioritariamente do sexo feminino (67.3%), distribuídos equitativamente por quatro grupos etários: jovens (15 a 25 anos); adultos (35 a 45 anos); idosos jovens (55 a 65) e muito idosos (76 a 85 anos). Foi solicitado aos respondentes que completassem frases sobre o que é uma pessoa velha, o que é a velhice e quando sabemos que uma pessoa está velha.

As respostas dos participantes foram classificadas, por dois juízes independentes, em função de onze categorias definidas *a posteriori* também por dois juízes independentes: Incapacidade e dependência, Fase normal da vida, Desânimo e vulnerabilidade, Sabedoria, Doença, Aspecto físico, Aborrecido e antiquado, Estado de espírito, Estorvo e abandono, Viver no passado, Momento para aproveitar a vida.

Sousa e Cerqueira (2005) sugerem que as imagens da velhice, em termos globais, se caracterizam pela multidimensionalidade da sua estrutura e pelo seu conteúdo multifacetado (positivo, neutro e negativo). Salientam que as dimensões negativas se destacam pela sua complexidade e pelo seu elevado número (7 categorias) comparativamente com as outras dimensões (positivas e neutras) que englobam apenas duas categorias cada, respectivamente: Sabedoria, Momento para aproveitar a vida e Fase normal da vida, Estado de espírito.

Relativamente aos aspectos que caracterizam uma pessoa velha os resultados obtidos por Sousa e Cerqueira (2005) revelam que para o conjunto dos participantes uma pessoa velha é sobretudo incapacitada e dependente, vive uma fase normal da vida, está desanimada e vulnerável e é sábia.

Uma análise comparativa entre os diferentes grupos etários relativamente aos aspectos que caracterizam uma pessoa velha revela que as categorias Incapacidade e dependência e Fase

normal da vida são apontadas sobretudo pelos respondentes muito idosos (76 a 85 anos) e a sua importância decresce à medida que a idade dos respondentes diminui ao passo que a sabedoria é mais destacada pelos jovens (15 a 25 anos) e a sua importância decresce à medida que a idade dos respondentes aumenta. O trajecto da categoria Desânimo e vulnerabilidade não é claro apresentando por ordem decrescente maior valoração para os muito idosos (76 a 85 anos), seguidos dos adultos (35 a 45 anos), dos jovens (15 a 25 anos) e por último os idosos jovens (55 a 65). Os autores salientam que os respondentes jovens são quem mais associam a imagem de uma pessoa velha aos aspectos físicos e os respondentes muito idosos são quem associam menos.

Na caracterização do que é a velhice, tanto para o conjunto dos respondentes como para os diferentes grupos considerados, surge como mais saliente o ser considerada uma fase normal da vida.

Os resultados obtidos por Sousa e Cerqueira (2005) indicam que os participantes no seu conjunto sabem quando alguém está velho se está incapacitado e dependente, se fica desanimado e vulnerável, se tem um aspecto físico correspondente e se está a viver mais uma fase da vida.

Uma análise comparativa entre os diferentes grupos etários relativamente a quando é que sabemos que alguém está velho indicam que a Incapacidade e a dependência é a categoria mais consensual entre os diferentes grupos, embora com maior incidência entre os muito idosos. Os resultados obtidos por Sousa e Cerqueira (2005) indicam ainda que Fase normal da vida é apontada sobretudo pelos respondentes muito idosos (76 a 85 anos) e que a sua importância decresce à medida que a idade dos respondentes diminui ao passo que as categorias Ficar desanimado e vulnerável e Aspecto físico correspondente são mais destacadas pelos jovens (15 a 25 anos) e que a sua importância decresce à medida que a idade dos respondentes aumenta.

Posteriormente os mesmos autores (Sousa & Cerqueira, 2006) realizaram outro estudo exploratório onde, para além de procurarem evidenciar imagens da velhice em diferentes grupos etários, procuraram verificar qual a influência do sexo dos respondentes e do sexo das pessoas evocadas nessas imagens. Este estudo foi realizado junto de 100 respondentes portugueses distribuídos de modo idêntico por sexo e por três grupos etários: adolescentes e jovens adultos (13 a 34 anos); adultos (36 a 59 anos); jovens idosos e idosos (60 e mais anos).

Foi solicitado aos respondentes que completassem frases sobre o que é uma pessoa velha, o que é a velhice, o que é um homem velho, o que é uma mulher velha e quando sabemos que alguém está velho.

As respostas dos participantes foram classificadas por dois juízes independentes, em função de quatro categorias definidas *a posteriori* por dois juízes independentes: Incapacidade e dependência, Fase da vida, Desânimo e vulnerabilidade e Maturidade.

Os resultados obtidos em termos globais reforçam os encontrados pelos autores no estudo anterior (Sousa & Cerqueira, 2005) donde ressalta a multidimensionalidade da estrutura, o conteúdo multifacetado e o pendor negativo das imagens da velhice. Este pendor negativo é reforçado pelo facto de em todos os indutores considerados ser saliente a incapacidade e a dependência assim como o desânimo e a vulnerabilidade.

Uma análise comparativa entre a opinião expressa pelos diferentes grupos etários, também relativamente à generalidade dos indutores considerados, confirma os resultados do estudo anterior onde a imagem da velhice vai ficando mais negativa à medida do envelhecimento dos grupos. Este aspecto é salientado pelo facto do grupo dos adolescentes e jovens adultos (13 a 34 anos) acrescentar à incapacidade e dependência e ao desânimo e vulnerabilidade associados pelos outros grupos etários, a maturidade.

Uma análise comparativa em função do sexo indica que o desânimo e vulnerabilidade é uma imagem partilhada pelos respondentes de ambos os sexos relativamente ao homem velho e à mulher velha ao passo que a incapacidade e dependência é uma imagem associada pelos respondentes dos dois sexos ao homem velho mas apenas é associada à mulher velha pelas respondentes do sexo feminino. Apenas os respondentes do sexo masculino associam a maturidade ao homem velho e à mulher velha.

Face aos resultados obtidos em função do sexo, Sousa e Cerqueira (2006) sugerem que a associação da incapacidade e dependência pelos respondentes do sexo masculino apenas ao homem velho, decorrerá do facto desses respondentes valorizarem a maior actividade das mulheres velhas, centrada sobretudo nas actividades domésticas, ao passo que as mulheres, ao atribuírem a incapacidade e dependência à mulher velha, pensarão nas limitações que esta sente na realização dessas mesmas tarefas domésticas. Os autores sugerem ainda que a ausência da associação da maturidade à mulher velha, por parte dos respondentes do sexo

feminino, decorrerá do facto das mulheres se sentirem menos atraentes e com menor auto-estima acabando por não valorizar a maturidade.

Por fim Sousa e Cerqueira (2006) sugerem que a associação do homem velho à imagem de incapacidade e dependência por todos os respondentes de todos os grupos etários decorrerá do facto da imagem social do homem estar centrada na actividade e energia tornando mais saliente a perda de competências funcionais.

Teixeira, Settembre e Leal (2007), num estudo realizado junto de 60 mulheres brasileiras, estudantes universitárias e frequentadoras duma universidade para seniores, distribuídas por três grupos etários (19 a 24 anos, 25 a 35 anos e 60 e mais anos), concluem que a representação do envelhecimento se organiza em torno de duas classes, as perdas e os ganhos associados ao envelhecimento e os métodos de rejuvenescimento. Os autores concluem ainda que a representação varia em função do grupo etário considerado.

No referido estudo as mulheres mais velhas (60 e mais anos) e as mulheres do grupo etário entre os 25 a 35 anos representam o envelhecimento sobretudo pelas perdas, associadas aos problemas de saúde e às atitudes de indiferença social para com a velhice, e os ganhos, donde sobressai a sabedoria e a experiência de vida. Por outro lado, para as mulheres mais jovens (19 a 24 anos) e para as do grupo etário intermédio (25 a 35 anos) o envelhecimento é representado em torno das questões relacionadas com o rejuvenescimento onde é saliente que a mulher deve ser sempre bonita. No entanto, estas mulheres demonstram perante as técnicas de rejuvenescimento uma atitude cautelosa, sobressaindo uma atitude mais desfavorável do que favorável perante as técnicas invasivas como por exemplo as cirurgias.

Wachelke, Camargo, Hazan, Soares, Oliveira e Reynaud (2008) procuraram identificar, através de mensagens divulgadas em comunidades de Internet os princípios organizadores da representação social do envelhecimento de jovens e adultos não idosos, junto de 469 respondentes, maioritariamente femininos (55.2%), residentes no Brasil, distribuídos por quatro faixas etárias (15 a 21 anos; 22 a 29 anos; 30 a 45 anos e mais de 45 anos). Este estudo procurou ainda caracterizar a mudança do pensamento sobre o envelhecimento que ocorre com o passar da idade relativamente aos diferentes grupos etários considerados.

Os autores num primeiro momento efectuaram uma análise categorial temática às respostas fornecidas pelos respondentes donde resultaram 49 categorias que foram designadas de

"elementos da representação social do envelhecimento" (p. 110) e que foram usadas nas duas análises factoriais de correspondência efectuadas.

A primeira análise factorial de correspondência, que visou obter os princípios organizadores mais partilhados pelos participantes, foi realizada a partir de uma tabela de respondentes por elementos de representação (isto é, 469 X 49). Segundo Wachelke *et al.,* (2008) os dados obtidos permitiram identificar dois princípios organizadores das representações do envelhecimento para a amostra considerada: i) Perdas *vs* Ganhos e ii) Quotidiano *vs* Abstracto.

O primeiro princípio, que opõe Perdas e Ganhos, constitui-se como o principal princípio organizador da representação social do envelhecimento de jovens e de adultos não idosos. No domínio das perdas o envelhecimento é marcado por enfraquecimento, desgaste, declínio, tristeza, doenças, mudanças físicas, desvalorização, solidão e morte. Os ganhos situam-se na aquisição de novas actividades e hábitos, sabedoria, aprendizagem, cuidado com a saúde, descanso, tranquilidade e aproximação familiar. Os dados obtidos por Wachelke *et al.,* (2008) reflectem a imagem ambivalente associada à velhice na literatura da especialidade, por um lado a falência orgânica e por outro os benefícios decorrentes duma vida vivida com abrandamento do ritmo o que remete claramente para o afastamento da actividade profissional.

O segundo princípio, que opõe o Quotidiano e o Abstracto, diferencia os respondentes mais jovens (15 aos 29 anos) dos respondentes mais velhos da amostra (45 aos 60 anos). Para os mais jovens, o envelhecimento comporta as mudanças necessárias e decorrentes do enfraquecimento inerente ao processo de envelhecer ligado à passagem do tempo, assumindo por isso uma dimensão mais abstracta. Para os participantes mais experientes, o envelhecimento é abordado como uma nova rotina, como um novo quotidiano, enfatizando a reforma, o convívio com a família, cuidar da saúde e novas ocupações.

A segunda análise factorial de correspondência, que visou "(…) identificar mais claramente diferenças entre os grupos de modo a situar as ancoragens das representações no espaço intergrupal" (p. 112), foi realizada a partir de uma tabela de elementos de representação por modalidades das variáveis de caracterização: sexo, faixa etária, estado civil e região de residência (469 X 49 X 4). Desta análise os autores retiveram três factores: i) Fase próxima *vs*

Estereótipo do idoso; ii) Nova rotina *vs* Adaptações e perdas e iii) Fase ambígua da vida *vs* Enfraquecimento ligado ao tempo.

O primeiro factor, Fase próxima *vs* Estereótipo do idoso, opõe os respondentes mais velhos da amostra (45 a 60 anos), os casados e os separados aos respondentes mais jovens (15 a 21 anos), aos solteiros e aos respondentes do sexo masculino. Os mais velhos apresentam uma visão mais realista com benefícios (como por exemplo: novas formas de lazer e ocupação, calma e independência) e desvantagens (como por exemplo: dependência, preconceito da sociedade e perdas cognitivas) ao passo que os mais jovens apresentam uma visão mais estereotipada marcada pelo fim da vida produtiva onde é saliente a sabedoria e a experiência mas também o uso da bengala, a cadeira de baloiço e o viver com a família até morrer.

O segundo factor, Nova rotina *vs* Adaptações e perdas, opõe os viúvos, os sulistas aos respondentes das duas faixas mais jovens (15 aos 29 anos). Os participantes viúvos e separados falam duma nova rotina com uma maior vivência familiar e com maior preocupação com a saúde surgindo novos hábitos e actividades. Os respondentes mais jovens salientam as mudanças, o declínio, os traços negativos, o sofrimento, o isolamento e a autonomia.

O terceiro factor, Fase ambígua da vida *vs* Enfraquecimento ligado ao tempo, opõe o sexo feminino aos participantes com idades entre os 35 e os 45 anos, ao sexo masculino e aos separados. As mulheres salientam os aspectos afectivos, os sentimentos positivos mas também os problemas, as técnicas de rejuvenescimento e o medo. Os participantes com idades entre os 35 e os 45 anos salientam o declínio, o desprendimento, memória e o esquecimento, o aborrecimento e o descanso.

De acordo com os resultados da segunda análise de correspondências Wachelke *et al.* (2008) consideram que comparando os elementos distintivos de cada grupo geracional se observa "(…) que com o aumento da idade passa-se de uma visão altamente estereotipada dos idosos ligada à adaptação a perdas e um distanciamento abstracto do processo, quando se é mais jovem, para um certo temor em virtude da percepção da aproximação da velhice, marcada por um negativismo extremo" (p. 114). Wachelke *et al.* (2008) salientam ainda a maior preocupação das mulheres com o afecto e as técnicas de rejuvenescimento que encontra algum paralelo com a perda da beleza referida pelas idosas no estudo de Veloz *et al.* (1999).

Magnabosco-Martins, Vizeu-Camargo e Biasus (2009) procuraram descrever, através duma entrevista semi-estruturada, cujo texto foi tratado através do programa ALCESTE, as representações sociais do idoso e da velhice e as suas eventuais variações em função de três contextos geracionais, junto de 61 respondentes, residentes no Brasil, distribuídos de modo equitativo por três grupos etários: adolescentes (15 a 25 anos); adultos (26 a 45 anos) e idosos (60 e mais anos).

Os dados obtidos por Magnabosco-Martins *et al.* (2009) revelam que a representação do idoso está organizada em quatro classes (Experiência e preconceito, Mudança na relação com a família, Sentir-se velho e Aposentadoria) e que ela varia em função da pertença geracional dos respondentes (os mais jovens, adolescentes e adultos, diferenciam-se dos mais velhos, os idosos).

Os adolescentes e adultos, apresentam uma representação do idoso sintetizada na categoria Experiência e preconceito que reflecte uma imagem bipolar dos idosos onde estes são associados à carência e ao sofrimento, que remetem para perdas físicas e psicológicas, mas também à experiência e à sabedoria, que remetem para ganhos associados à vivência.

Para os idosos da amostra, a representação do idoso está associada à categoria Mudança na relação com a família, sobretudo para as mulheres, e às categorias Sentir-se velho e Aposentadoria, para ambos os sexos.

Relativamente à categoria Mudança na relação com a família, nas mulheres idosas da amostra, a representação do idoso revela a importância das relações familiares, a centralidade do contexto doméstico e dos papéis exercidos no seio da família donde a alternativa de morar num asilo ainda que vista como triste não é uma opção distante.

A representação do idoso como Sentir-se velho, compartilhada pelos respondentes idosos de ambos os sexos, remete para um desinvestimento pessoal no qual a pessoa se entrega, não se cuida, fica inactivo, fica em casa e vê-se como velho. Apesar deste resultado Magnabosco-Martins *et al.* (2009) salientam que os idosos entrevistados se distanciam pessoalmente da categoria Sentir-se velho: dizem sentirem-se novos, que somente a idade e os anos passaram mas que a sua "condição de pessoa jovem não passou" (p. 839) e que vivem bem a sua velhice.

A última representação do idoso, Aposentadoria, partilhada pelos respondentes idosos de ambos os sexos, remete para o afastamento da vida laboral. De acordo com Magnabosco-Martins *et al.* (2009) pensa-se o idoso sobretudo sob o ângulo das suas necessidades financeiras salientando a reforma, e por vezes a sua precariedade, "(…) e a precaução de guardar dinheiro e adquirir bens antes de parar de trabalhar" (p. 840) e citam-se os cuidados das pessoas para ter uma boa saúde quando idosas.

Ainda no estudo realizado por Magnabosco-Martins *et al.* (2009) podemos verificar que a representação da velhice está organizada em três classes: Sentir-se velho, compartilhada por todos os elementos da amostra; Consequência do trabalho e da ajuda de Deus, característica dos respondentes idosos, e Fase difícil, característica dos respondentes mais novos (adolescentes e adultos).

O conjunto dos respondentes entende a velhice como o facto da pessoa se sentir velha, ou seja, a velhice é entendida como um estado de espírito que depende da atitude pessoal e determina se se vive uma boa ou má velhice. Nesta concepção a forma de viver a velhice é entendida como sendo da responsabilidade pessoal.

Para os respondentes idosos, a velhice é Consequência do trabalho e da ajuda de Deus e é pensada na comparação entre o passado e o presente. Nesta comparação os idosos equacionam a relação familiar, particularmente a criação dos filhos, as conquistas no trabalho e a importância actual da religião nas suas vidas. A velhice é também vista como um problema, como sofrimento e depressão; no entanto os respondentes desvinculam-se pessoalmente desta visão considerando que estão a viver uma fase onde realizam muitas actividades e se sentem felizes. Segundo os autores (Magnabosco-Martins *et al.*, 2009) a visão apresentada pelos respondentes idosos parece reforçar a ideia que é o comportamento de cada pessoa que determina a qualidade de vida na velhice e que o próprio indivíduo se distancia duma noção de velhice não gratificante e de velho inactivo.

Para os adolescentes e adultos, a velhice é vista dum modo ambivalente – como Fase difícil, onde ocorrem transformações orgânicas e psicológicas, mas onde é possível ter uma velhice saudável mantendo os relacionamentos interpessoais, onde é possível ser activo física e mentalmente e ao tempo onde se pode descansar após o período de trabalho.

Em síntese os estudos apresentados, para além de salientarem a multidimensionalidade da velhice, sugerem que: i) a visão da velhice se vai tornando mais negativa à medida que os grupos envelhecem; ii) a velhice poderá conceptualizada na dualidade corpo *vs* espírito e que iii) os homens e as mulheres terão diferentes entendimentos sobre a velhice. Estes estudos remetem ainda para o afastamento da vida laboral e introduzem a noção de preparação da velhice.

2.9 – Representações sociais da velhice em amostras portuguesas: investigação a realizar

Na investigação que nos propomos realizar sobre as representações sociais da velhice partimos da assumpção, tal como Doise (1990) sugere, que as representações sociais são "(…) princípios geradores de tomadas de posição que estão ligados a inserções específicas num conjunto de relações sociais" (p. 127). Da definição ressai que estes princípios organizam os processos simbólicos que intervêm nas relações sociais e modelam as tomadas de posição, que se concretizam através de processos comunicacionais, quando os agentes estão perante objectos relevantes para o contexto da sua interacção (Clémence, 2003; Doise *et al.*, 1992).

De acordo com Clémence (2003) assumimos que os princípios organizadores, que podem ser gerais ou supra-ordenados e específicos, se desdobram frequentemente entre dois pólos como por exemplo: pessoa *vs* contexto, natureza *vs* cultura, homem *vs* mulher, indivíduo *vs* colectivo, causalidade pessoal *vs* causalidade situacional, saúde *vs* doença, trabalho *vs* lazer ou aspecto físico vs características psicológicas.

Os princípios organizadores são gerais ou supra-ordenados, se orientam de modo constante e relativamente estável as posições individuais num grupo importante de domínios (como por exemplo: natureza *vs* cultura e causalidade pessoal *vs* causalidade situacional) e são específicos, se característicos dos objectos sociais sobre os quais produzem efeito gerando as tomadas de posições individuais sobre esses mesmos objectos (como por exemplo doença *vs* saúde e trabalho *vs* lazer). Na senda da proposta de Clémence (2003) consideramos que a clarificação de princípios organizadores específicos duma representação, para além de permitir compreender a lógica particular que regula o pensamento / racionalidade neste domínio, permite assinalar os movimentos de transformação do pensamento nesse mesmo domínio (Clémence, 2003; Clémence & Doise, 1995).

Mantendo a proposta de Doise e colaboradores (Doise, 1992; Doise *et al.*, 1992) consideramos que a ancoragem fornece uma dimensão explicativa às representações sociais permitindo situá-las nas dinâmicas relacionais que caracterizam uma dada sociedade. Consideramos também que o estudo da ancoragem das atitudes e cognições, nas particularidades do campo social que as originam, é indispensável se as queremos estudar como representações sociais. Retendo os três modos de analisar a ancoragem propostos por Doise (1992): i) análise psicológica, correspondente a uma ancoragem das posições individuais em atitudes ou valores de escolha pessoal estudados a um nível individual; ii) análise psicossocial da ancoragem, ligada ao modo como a pessoa percebe as relações entre grupos sociais ou mais genericamente ligada ao modo como a pessoa percebe a estrutura social e iii) análise sociológica atinente a pertenças específicas dos indivíduos a grupos e às suas relações sociais e experiências, optamos por privilegiar na investigação sobre as representações sociais da velhice a ancoragem sociológica tomando como indicadores o sexo, o grupo etário e o nível socioeconómico dos respondentes.

Partindo também da assumpção que atribuir um nome a um objecto é crucial para a sua ancoragem (Moscovici, 1976) e considerando que a nova denominação de um grupo pode conduzir a uma reconceptualização desse mesmo grupo (Philogène, 1994, 2001), procuramos ainda estudar como a denominação velhos, idosos ou seniores modula as representações formadas

Para estudar as representações da velhice optamos, ao longo da nossa investigação, por privilegiar o modelo em três fases proposto por Doise e colaboradores (Clémence, 2003; Doise *et al*., 1992).

Objectivos gerais

Tendo como pano de fundo as concepções teóricas e metodológicas assumidas, delineamos uma investigação onde, em termos globais, procuramos estudar as representações sociais da velhice, aceder ao seu campo representacional, identificar os seus princípios organizadores e estudar a ancoragem desses princípios organizadores. Em simultâneo à pretensão de aumentar a compreensão da velhice, procuramos contribuir ainda para um melhor entendimento do papel que homens e mulheres na fase mais avançada da vida desempenham na sociedade. Mais especificamente pretendemos:

i) Evidenciar os princípios organizadores das tomadas de posições sobre a velhice e estudar diferenças de posicionamentos em função da ancoragem sociológica abordada através de indicações como a pertença a grupos específicos (geração e sexo de pertença);

ii) Equacionar os ganhos e as perdas associados à velhice e verificar eventuais variações em função do sexo dos idosos e da inserção geracional e sexo dos respondentes;

iii) Clarificar as actividades desempenhadas por homens e mulheres na velhice e estudar a sua ancoragem em função do sexo dos idosos e da inserção geracional e do sexo dos respondentes;

iv) Avaliar a positividade das palavras associadas às pessoas idosas, homem idoso e mulher idosa e verificar eventuais variações em função da designação utilizada, da inserção geracional e do sexo dos respondentes;

v) Verificar se diferentes denominações da velhice, sénior, idoso e velho, podem conduzir a diferentes conceptualizações da velhice e de que forma a designação utilizada afecta a representação e a avaliação da fase mais avançada do ciclo vital;

vi) Comparar as representações da velhice própria com as da velhice dos outros e verificar o efeito do sexo e do nível socioeconómico dos respondentes;

vii) Aquilatar eventuais diferenças entre homens e mulheres na velhice.

Capítulo III – Metodologia

Neste capítulo pretendemos explicitar em traços gerais a metodologia que presidiu à realização da presente investigação. Esta explicitação não exclui a referência a aspectos particulares do método utilizado em cada um dos três estudos na altura em que procedemos às diferentes apresentações.

Estruturamos este capítulo em quatro pontos: no primeiro procuramos apresentar e articular os estudos realizados; no segundo procuramos clarificar as técnicas de recolha de dados utilizadas e referir a simplificação efectuada ao material recolhido, no ponto três, referimos alguns aspectos gerais relacionados com o tratamento e a análise dos dados dando particular relevo à análise descritiva e análise de semelhança efectuadas e às técnicas utilizadas para analisar o discurso produzido pelos respondentes (programa de análise textual e análise categorial temática) e por fim, no ponto quatro, esclarecemos alguns aspectos relacionados com a apresentação dos resultados.

3.1 – Apresentação e articulação entre os estudos

Na investigação que nos propusemos realizar para a consecução dos objectivos enunciados foram delineados três estudos: 1) *Representações sociais da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas e representações das actividades desempenhadas por mulheres e homens idosos*[40]; 2) *Efeito da designação utilizada sobre as representações sociais da velhice* e 3) *Representações da velhice própria e dos outros e influência do nível socioeconómico: actividades a desempenhar na velhice e estratégias para a sua preparação.*

No Estudo 1, para além de desejarmos identificar os princípios organizadores, procuramos observar como as características de diferentes grupos sociais (nível etário dos participantes: adolescentes, jovens adultos, meia-idade e terceira idade; pertença sexual dos respondentes: masculino e feminino) modulam as representações sociais da mulher idosa, do homem idoso, das pessoas idosas e dos ganhos e das perdas associadas à velhice. Pretendemos ainda caracterizar o modo de vida de mulheres idosas e de homens idosos e clarificar as actividades por eles desempenhadas.

No Estudo 2 procuramos verificar de que forma a designação utilizada afecta a atitude dos respondentes, avaliando os sentimentos e atitudes face às pessoas seniores, idosas e velhas.

[40] Este estudo foi subdividido em dois como explicaremos no ponto 3.4.

Procuramos também recolher aspectos mais específicos sobre a fase mais avançada do ciclo vital: nome a atribuir para a etapa da vida atingida pelas pessoas velhas (ou idosas ou seniores); idade a partir da qual assim são consideradas, caracterização do sexo e idade de até quatro pessoas velhas (ou idosas ou seniores), com quem os respondentes mantêm contacto regular. Procuramos ainda aceder ao campo representacional associado às pessoas seniores, idosas e velhas, solicitando aos respondentes que indicassem o que lhes surge na mente quando pensam nos três alvos propostos.

Os resultados obtidos no Estudo 1 levaram-nos a examinar, no Estudo 3 de forma mais pormenorizada, a visão dum grupo de pessoas da meia-idade sobre a velhice fomentando uma maior implicação pessoal através da comparação entre a própria velhice e a velhice dos outros, utilizando as diferentes dimensões dos ganhos e das perdas decorrentes do Estudo 1. Procurando clarificar a existência de diferentes fases na velhice, delimitamos três fases etárias: a primeira fase situada entre os 65 e os 70 anos, a segunda situada entre os 75 e os 80 anos, e a terceira situada entre os 85 e os 90 anos, que por facilidade de notação designamos respectivamente por: sénior, idoso e velho.

Em simultâneo procuramos listar estratégias usadas para preparar a velhice e clarificar actividades a desempenhar nesta fase do ciclo vital para os respondentes do grupo da meia-idade. Para além de verificar eventuais variações na representação da velhice em função da fase etária e de ser a própria velhice ou a velhice dos outros, procuramos ainda esclarecer eventuais variações devidas ao nível socioeconómico e sexo dos respondentes.

3.2 - Técnica de recolha de dados e simplificação do material recolhido

As investigações no domínio das representações sociais têm amplamente demonstrado que a apreensão das representações se faz através da utilização da linguagem (cf. por exemplo Herzlich, 1972; Poeschl, 1992) isto é, da produção discursiva que os sujeitos elaboram sobre um determinado objecto.

Para recolher o discurso produzido pelos respondentes utilizámos na nossa investigação a prova de associação livre, no Estudo 1 e no Estudo 2, através da utilização de três indutores (cf. a descrição dos respectivos questionários) junto de quatro grupos etários, adolescentes, jovens adultos, meia-idade e terceira idade. No Estudo 3 utilizámos a entrevista dirigida, junto de homens e mulheres que integram o grupo etário da meia-idade. Ainda no Estudo 2

utilizámos conjuntamente com a prova de associação livre duas escalas de opinião: uma sobre os sentimentos despertados (Izard cit. por Isen, 1987) e outra sobre atitudes para com as pessoas velhas, idosas e seniores (Fraboni *et al.,* 1990), que apresentam como vantagens a facilidade da resposta e a análise rigorosa (Poeschl, 1992).

Temos consciência que, tal como Poeschl (1992) refere, a prova de associação livre e a entrevista colocam dois tipos de problemas: o da recolha dos dados e o da análise do material recolhido. Como efeito, o efeito do experimentador sobre o respondente é dificilmente mensurável, mesmo quando um investigador é experiente (Nahoum, 1967 cit. por Poeschl, 1992), e as suas características podem influenciar a produção do interlocutor. Por outro lado na análise do *corpus* corremos o risco de transformar e deformar o pensamento do interlocutor uma vez que procuramos estruturar ou resumir a informação contida no seu discurso.

Na tentativa de minimizar a deformação ou transformação do pensamento do interlocutor privilegiámos na nossa investigação a utilização da técnica da associação livre de palavras uma vez que, para além de permitir atenuar o viés associado à análise de conteúdo, permite ainda minimizar alterações ao discurso produzido dado que se utiliza um pequeno número de reduções (Poeschl, 1992). Por outro lado procurámos respeitar as regras propostas por Bardin (1995) para a análise de conteúdo manual e efectuámos uma análise textual automática através do programa ALCESTE (*Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte*) criado por Reinert (1998).

A simplificação do material, recolhido através da prova de associação livre, foi efectuada aplicando ao *corpus* as regras de redução propostas por Di Giacomo (1981, cit. por Poeschl, 1992):

i) Retirámos todas as palavras "ferramenta" e nuances (respectivamente artigos e proposições e os vocábulos "mais" e "extremamente" que os respondentes associaram às palavras);
ii) Substituímos advérbios por adjectivos e palavras compostas pela forma simples correspondente (ex: "não feliz" – "infeliz"; "sem saúde" – "doente");
iii) Reduzimos palavras e adjectivos à forma masculina singular e os tempos verbais à forma infinitiva (excepção feita no particípio passado e presente);
iv) Reduzimos as palavras com o mesmo significado à forma mais usual e as diferentes formas de uma palavra foram reduzidas à designação mais comum.

Após a aplicação das regras de redução já referidas, três juízes independentes procederam ao agrupamento por sinonímia das proposições de sentido similar tendo como critério a forma mais usual de utilização.

Os discursos dos respondentes recolhidos através das entrevistas foram transcritos respeitando as formalidades utilitárias exigidas pelo programa de análise textual utilizado (cf. por exemplo Reinert, 1990, 1998). As formalidades utilitárias do programa englobam aspectos fundamentais ou estruturais para a análise e interpretação dos resultados e aspectos mais ligados à apresentação e formatação do texto importantes para análise do *corpus*.

3.3 - Tratamento e análise dos dados

Neste ponto procuramos de forma sintética explicitar as técnicas utilizadas no tratamento e análise dos dados. Mais especificamente pretendemos descrever os procedimentos efectuados sobre os campos lexicais associados aos diferentes indutores usados nas provas de associação livre, a saber: análise descritiva e análise de semelhança; análise textual automática e análise manual de conteúdo.

3.3.1 – Análise descritiva e análise de semelhança

No sentido de evidenciar as características dos campos lexicais associados aos diferentes indutores propostos aos respondentes, efectuámos uma análise descritiva e uma análise de semelhança ao discurso por eles produzidos. Respectivamente analisámos a fluidez, a amplitude, a riqueza (Deconchy, 1971 cit. por Poeschl, 1992) e calculámos o índice de *Ellegard* (Di Giacomo, 1981 cit. por Poeschl, 1992).

Dum modo breve podemos dizer que:

i) a fluidez corresponde ao número total de palavras referidas e reflecte a facilidade dos sujeitos se exprimirem face ao estímulo proposto;
ii) a amplitude, corresponde ao número de palavras diferentes sugeridas pelo estímulo e expressa os traços ou dimensões a que acedemos da representação;
iii) a riqueza corresponde à razão entre a amplitude e a fluidez e varia entre 0 e 1. Este índice reflecte a riqueza da informação que é tanto mais rica quanto mais elevado é o índice.

Por sua vez o índice de *Ellegard* corresponde à divisão do número de palavras comuns a dois dicionários específicos pela raiz quadrada do produto do número de palavras diferentes em cada dicionário. O índice varia entre 0 e 1, é tanto mais elevado quanto maior for a proporção de palavras comuns aos dois dicionários. Este índice permite obter uma medida global da similitude dos campos semânticos das diferentes condições.

3.3.2 – Análise manual de conteúdo

Tal como Bardin (1995) propõe, entendemos a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, usado para descrever o conteúdo das mensagens, aplicável a tudo o que é dito ou escrito (Henry & Moscovici, 1968 cit. por Bardin, 1995).

Na nossa análise utilizámos documentos suscitados, isto é, as respostas fornecidas pelos respondentes[41]. Após a simplificação do material optámos por realizar uma análise categorial temática usando as palavras referidas pelos respondentes como unidades de registo (Bardin, 1995).

A análise categorial ou categorização tem como objectivo fornecer uma simplificação dos dados brutos por condensação. Consiste então numa operação de classificação, ou construção de categorias ou classes, que reúne um conjunto de unidades de registo sob um título genérico agrupado em função de determinado critério. Neste trabalho usámos o critério semântico, isto é, construímos categorias temáticas (Bardin, 1995).

A utilização de categorias temáticas ou análise temática, "…consiste em descobrir os «núcleos de sentido» que compõem a comunicação…" (Bardin, 1995, p. 105). Incide sobre os conteúdos, não tem em conta a dinâmica da organização mas a frequência das unidades de registo consideradas.

Na categorização efectuada o sistema de categorias não foi pré definido, resultou da classificação progressiva das unidades de registo. Segundo Bardin (1995) "Este é o procedimento por «milha». O título conceptual de cada categoria, somente é definido no final da operação" (p. 119). Isto é, as categorias de análise foram definidas à posteriori em função do material recolhido.

[41] Os documentos podem ser de dois tipos: i) naturais, produzidos espontaneamente na realidade e ii) suscitados por necessidades de estudo (Bardin, 1995, p. 39).

Na construção das categorias procurámos respeitar as qualidades preconizadas por Bardin (1995, pp. 120-121):

i) exclusão mútua, cada unidade de registo é classificada apenas numa categoria;
ii) homogeneidade, apenas um único princípio de classificação deve reger a organização de um mesmo conjunto categorial;
iii) pertinência, as categorias devem estar adaptadas ao material em análise e devem reflectir as intenções da investigação;
iv) objectividade e fidelidade, os critérios de classificação devem ser explícitos e aplicados sempre do mesmo modo;
v) produtividade, a categorização deve fornecer resultados pragmáticos e férteis.

3.3.3 – Análise textual automática

Para analisar o *corpus* resultante do discurso produzido pelos respondentes utilizámos um programa de análise textual (ALCESTE, versão 4.7 e 4.8). Este programa visa desvendar e quantificar de forma automática a informação essencial contida num texto. O seu objectivo consiste em extrair as estruturas significantes mais fortes e permite estudar a estrutura formal da co-ocorrência das palavras num determinado *corpus*. Efectua uma classificação hierárquica descendente, baseada na distância do qui-quadrado, numa tabela de palavras que cruza o conjunto das formas lematizadas (reduzidas à raiz) com base no *corpus* seleccionado (Poeschl, Múrias e Costa, 2004).

O programa desenrola-se em quatro fases ou etapas denominadas A, B, C e D (ver por exemplo Reinert, 1998 ou consultar o Manual de Utilização do programa ALCESTE).

Na primeira fase ou etapa A são reconhecidas no *corpus* as UCI (Unidade de Contexto Inicial) e são construídos os diferentes dicionários referentes ao *corpus* em estudo. As UCI correspondem por exemplo à resposta dum indivíduo a uma determinada questão ou a um excerto dum texto e são definidas pelo investigador.

Na etapa B o *corpus* é dividido em UCE (Unidade de Contexto Elementar) e estas são classificadas em classes ou contextos lexicais em função do seu vocabulário dominante através da classificação descendente hierárquica. As UCE correspondem a segmentos do texto que constituem o ambiente da palavra, equivalem aproximadamente a uma frase, e estão na

base de todas as estatísticas efectuadas pelo ALCESTE. É sobre as classes da fase B que se baseia a interpretação do *corpus*.

A etapa C fornece os principais ficheiros de resultados, sendo nesta fase calculadas as formas mais características de cada classe que permitem exprimir a pregnância dum contexto lexical e relacioná-lo com as variáveis ou modalidades de variáveis definidas pelo investigador. Nesta fase é ainda efectuada uma análise factorial de correspondências que fornece uma representação espacial esquemática das relações entre as classes obtidas, onde apenas são apresentadas as formas mais associadas às classes para limitar o número de pontos projectados.

A etapa D efectua os cálculos complementares de cada classe tais como a lista de UCE características, a classificação ascendente e os segmentos repetidos.

3.3.4– Análise dos itens quantitativos

Uma análise de variância foi aplicada sobre as respostas quantitativas no intuito de revelar eventuais diferenças em função dos grupos e dos alvos estudados, de acordo com o plano experimental definido em cada estudo.

As duas escalas que integravam o Estudo 2, a escala de sentimentos de Izard (Izard cit. por Isen, 1987) e a escala de idadismo de Fraboni *et al.* (1990), foram submetidas a uma análise factorial em componentes principais com rotação varimax, com o objectivo de extrair as suas dimensões subjacentes. Em seguida, após análise dos valores do *alpha* de *Cronbach*, construímos diferentes sub-escalas – ou dimensões – a partir dos factores encontrados. Calculámos as avaliações médias dos sujeitos por dimensões e aplicámos uma análise de variância sobre essas médias para revelar eventuais diferenças significativas.

3.4 – Apresentação dos resultados

Na apresentação dos resultados seguimos a ordem de realização dos estudos efectuados.

Atendendo à extensão e à diversidade do material recolhido no nosso primeiro estudo, *Representações sociais da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas e representações das actividades desempenhadas por mulheres e homens idosos*, optámos por estruturar a sua apresentação em dois capítulos de modo a facilitar a compreensão dos dados.

Assim, no Capítulo 4 apresentamos os objectivos e as hipóteses relativas às *Representações sociais da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas: ganhos e perdas associados à velhice*, descrevemos os aspectos metodológicos (amostra, questionário, procedimento, plano experimental, análise dos dados) e apresentamos os resultados relativos ao campo representacional associado à mulher idosa, ao homem idoso e às pessoas idosas. Na apresentação do campo representacional associado à mulher idosa, ao homem idoso e às pessoas idosas centramo-nos, em primeiro lugar, nas suas características e situações e, de seguida debruçamo-nos sobre os recursos perdidos ou adquiridos na velhice.

No Capítulo 5, apresentamos os objectivos, as hipóteses e o plano experimental, relativos à *Caracterização do modo de vida e representações das actividades desempenhadas por mulheres e homens idosos*, abordamos a caracterização e o modo de vida da mulher idosa e do homem idoso, a forma como deviam ser chamados e como devia ser designada esta fase de vida e exploramos de forma mais sistemática as actividades desempenhadas por mulheres e homens idosos.

O estudo *Efeito da designação utilizada sobre as representações sociais da velhice* é apresentado no Capítulo 6. Este estudo foca a designação da última fase de vida procurando explorar melhor as características das suas diferentes etapas, assim como os sentimentos despertados pelas pessoas designadas por diversas terminologias e as atitudes que suscitam.

O estudo intitulado *Representações da velhice própria e dos outros e influência do nível socioeconómico: actividades a desempenhar na velhice e estratégias para a sua preparação* é apresentado no Capítulo 7. Este estudo explora mais particularmente as representações que pessoas da meia-idade de diferentes níveis socioeconómicos têm da velhice própria e da velhice dos outros.

Passamos agora, para a apresentação destes estudos.

Capítulo IV – Representações sociais da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas: perdas e ganhos associados à velhice

Ao procurar apreender as representações sociais da velhice enquanto princípios geradores das tomadas de posição sobre a velhice, ligadas a inserções específicas num conjunto de relações sociais (Clémence & Lorenzi-Cioldi, 2004; Doise, 1985, 1990, 1992; Doise & Clémence, 2002) e tendo presente que a problemática das relações inter-geracionais e da solidariedade entre gerações (cf. por exemplo ONU, 1999; WHO, 2002) se configura num contexto mundial em que o envelhecimento populacional é predominante, surge como fundamental conhecer e fazer pesquisas sobre o que as gerações pensam e como agem umas em relação às outras (Ng, 1998).

Neste estudo, conforme referimos no Capítulo 3, interessa-nos conhecer o que diferentes gerações de portugueses pensam sobre a velhice, aspecto que já tem revelado dados interessantes noutros estudos (Sousa & Cerqueira, 2005; 2006), identificando os princípios organizadores que lhe são característicos e que intervêm nas tomadas de posição e nas relações sociais particulares que cada geração estabelece com as idosas e os idosos.

Para conhecer o que diferentes gerações pensam sobre a velhice optámos por utilizar a designação idoso, mais especificamente mulher idosa, homem idoso e pessoas idosas, por ser a forma como habitualmente se designam os indivíduos mais velhos no nosso país (INE, 2002).

4.1 – Objectivos

Neste estudo pretendemos conhecer o discurso espontâneo dos indivíduos sobre os idosos e a velhice, identificar os princípios organizadores das tomadas de posição sobre a velhice e estudar diferenças no posicionamento em função da ancoragem sociológica. Definimos como objectivos mais específicos:

i) encontrar uma indicação sobre a estrutura das representações sociais dos idosos e identificar os seus princípios organizadores;
ii) verificar a existência de eventuais variações dessas representações em função do sexo da pessoa evocada e do sexo e grupo etário dos respondentes;
iii) equacionar os principais ganhos e perdas associados à velhice;
iv) determinar o modo como os ganhos e as perdas são afectados pelo sexo da pessoa evocada e pelo sexo e grupo etário dos respondentes;

v) avaliar a positividade das palavras associadas aos alvos (pessoas idosas, homem idoso e mulher idosa);
vi) verificar de que modo a avaliação da positividade das palavras referidas pelos respondentes varia em função do alvo e do grupo etário e sexo dos respondentes;

4.2 – Hipóteses

Este estudo devia permitir-nos testar duas hipóteses principais: a primeira relacionada com os princípios organizadores das representações da velhice e a segunda relacionada com os recursos na velhice.

Princípios organizadores das representações da velhice

Em sintonia com a perspectiva dos princípios organizadores (Clémence, 2003; Clémence & Lorenzi-Cioldi, 2004; Doise, 1985, 1990, 1992; Doise & Clémence, 2002) onde as representações sociais são entendidas como princípios organizadores das tomadas de posição individuais e que se inscrevem, entre outros aspectos, em opiniões e crenças características de cada grupo, sabendo ainda que as representações da velhice se diferenciam em função dos grupos etários (Gastron *et al.*, 2000; Silva & Gunther, 2000; Sousa & Cerqueira, 2005, 2006; Teixeira *et al.*, 2007; Wachelke *et al.*, 2008) e que alguns estudos destacam a importância que os jovens dão às características físicas (Lopes & Park, 2007) ao passo que outros salientam que à medida que a idade dos sujeitos aumenta diminuem essas referências e aumentam as referências aos problemas de saúde (Silva & Gunther, 2000) esperamos:

Hipótese 1a – que o princípio organizador para os adolescentes surja polarizado em torno das características físicas;

Hipótese 1b – que o princípio organizador para os respondentes da terceira idade surja em torno da doença *vs* saúde.

Considerando que os princípios organizadores podem ser gerais e específicos desdobrando-se frequentemente entre dois pólos (Clémence, 2003) e atendendo a que Hummel (2000) sugere que a velhice pode ser conceptualizada na dualidade corpo *vs* espírito ou interior vs exterior esperamos:

Hipótese 1c – encontrar um princípio geral organizado na polaridade corpo *vs* espírito.

Recursos na velhice

Atendendo por um lado a que Hummel (2000) sugere que o corpo e o espírito são colocados em processos diferentes e que a degenerescência corporal é incontornável e atendendo por outro lado à perspectiva do ciclo vital (Baltes *et al.*, 1980; Baltes, 1987) que considera que o desenvolvimento abrange todo o curso da vida e que ao longo desta ocorre um equilíbrio entre ganhos e perdas, esperamos que a dualidade corpo *vs* espírito e que os ganhos e as perdas se reflictam nos nossos resultados. Mais especificamente esperamos:

Hipótese 2a – que a velhice seja conceptualizada em termos de ganhos e perdas e que as maiores perdas se situem no pólo corporal e que os maiores ganhos remetam para uma dimensão mais espiritual;

Hipótese 2b – que as perdas físicas, pela sua incontornabilidade, sejam superiores aos ganhos e que as perdas físicas sejam de certa forma contrabalançadas por ganhos no pólo espiritual.

Mantendo a perspectiva de que as representações da velhice ficam mais negativas com o avançar da idade (Silva & Gunther, 2000; Sousa & Cerqueira, 2005, 2006; Teixeira *et al.*, 2007; Wachelke *et al.*, 2008) e que alguns estudos evidenciam a maior preocupação das mulheres com o aspecto físico e com a perda da beleza (Teixeira *et al.*, 2007; Veloz *et al.*, 1999; Wachelke *et al.*, 2008) esperamos que:

Hipótese 2c – os adolescentes refiram globalmente mais ganhos e menos perdas do que os respondentes da terceira idade;

Hipótese 2d – nos adolescentes sejam mais referidos o aspecto físico e a aparência, ao passo que nos respondentes da terceira idade sejam mais referidos as dimensões espirituais;

Hipótese 2e – os aspectos físicos e a aparência e a referência à sua perda sejam mais referidos pelas respondentes do que pelos respondentes;

Hipótese 2f – os aspectos físicos e a aparência e a referência à sua perda surjam mais associadas à mulher idosa do que ao homem idoso.

4.3 – Método

4.3.1 – Amostra

Participaram neste estudo 160 sujeitos distribuídos equitativamente por sexo e por quatro fases do ciclo vital: adolescência – entre os 13 e os 20 anos; jovem adulto – entre os 21 e os 40 anos; meia-idade – entre os 41 e os 64 anos e terceira idade – mais de 65 anos (Papalia, Olds & Feldman, 2000). No que diz respeito à idade média por grupo, os adolescentes têm em média 16 anos (o mais novo tem 13 e o mais velho tem 20 anos), os jovens adultos têm em média 29 anos (o mais novo tem 21 e o mais velho tem 40 anos), os de meia-idade têm em média 50 anos (o mais novo tem 41 e o mais velho tem 62 anos) e os da terceira idade têm em média 74 anos (o mais novo tem 66 e o mais velho tem 90 anos). Em termos globais a maioria dos respondentes é católica (71.3% praticantes e 25.6% não praticantes), de nacionalidade portuguesa (98.2%, destes 78.8% viveram sempre em Portugal). No que diz respeito ao estado civil: 40.6% são solteiros, 46.9% são casados, 10.6% são viúvos e 1.9% divorciados. Quanto à tendência política 38.3% dos respondentes referem não ter tendência política, 21.9% identificam-se com a esquerda, 20.4% com a direita e 15.6% com o centro, 3.8% não responderam. Em termos profissionais, verificamos que: i) todos os adolescentes são estudantes; ii) os jovens adultos são operários (31%), estudantes (13.8%), quadros (10.8%) e empresários (10.8%); iii) os respondentes da meia-idade são operários (24.1%), professores (20.7%) e reformados (13.8%) e iv) os respondentes da terceira idade são maioritariamente reformados (78.6%) e independentes agrícolas (14.3%).

4.3.2 – Questionário

Utilizámos como instrumento de recolha de dados um questionário que elaborámos, cujo pré-teste garantiu a sua inteligibilidade (Anexo 4).

Este questionário era constituído por quatro partes. Na primeira parte, apresentávamos de forma sucinta a investigação e garantíamos que os dados seriam tratados globalmente e de forma anónima. Recolhíamos dados sócio demográficos (sexo, estado civil, idade, religião, tendência política, nacionalidade, profissão, filhos) para a caracterização dos respondentes. Procurávamos ainda conhecer a opinião dos respondentes sobre como se devia chamar à etapa da vida atingida pelas pessoas idosas e caracterizar em termos etários e sexuais as pessoas

com quem os respondentes mantêm contacto regulares (dados que serão apresentados no Capítulo 5).

Seguiam-se as outras três partes associadas aos seguintes estímulos: pessoas idosas, homem idoso e mulher idosa. A sequência de apresentação dos estímulos foi contrabalançada para evitar o efeito de ordem. Para cada um dos estímulos, pedíamos ao respondente para escrever uma dezena de palavras ou expressões simples que lhe surgem espontaneamente na mente quando pensa no alvo proposto e para avaliar a positividade das respostas fornecidas numa escala de cinco pontos (1=muito negativa e 5=muito positiva). Pedíamos ainda ao respondente para indicar uma dezena de coisas, objectos e/ou situações que associe ao alvo proposto e para avaliar a positividade das respostas fornecidas também numa escala de cinco pontos (1=muito negativa e 5=muito positiva).

Com os alvos homem idoso e mulher idosa, o questionário apresentava uma série de questões destinadas à sua caracterização em termos profissionais, etários, autonomia, estado civil, com quem vive e as actividades que desempenham. Pediamos ainda aos respondentes que indicassem como se devia chamar ao homem e à mulher que atinge tal fase da vida. Por fim perguntávamos a idade em que o homem e a mulher devem atingir a reforma (dados que serão apresentados no Capítulo 5).

4.3.3 – Procedimento

Após terem concordado em responder individualmente ao questionário a maioria dos respondentes escreveu as suas próprias respostas. Por solicitação de alguns respondentes pertencentes ao grupo etário da terceira idade as perguntas do questionário foram-lhes lidas pelo investigador, que anotou as respostas obtidas.

4.3.4 – Plano experimental

O nosso plano experimental é um 3(Alvo: pessoas idosas *vs* homem idoso *vs* mulher idosa) x 4(Grupo etário: adolescentes *vs* jovens adultos *vs* meia-idade *vs* terceira idade) x 2(Sexo dos respondentes: feminino *vs* masculino), com o primeiro factor intra-sujeito. Os respondentes foram distribuídos de forma equitativa pelas diferentes condições, elaborando-se a distribuição registada no Quadro 4.1.

Quadro 4.1 – Distribuição dos respondentes pelas condições experimentais

	Adolescentes		**Jovens adultos**		**Meia-idade**		**Terceira idade**		**Total**
Alvo*	Fem***	Mas***	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	
P/H/M**	5	5	5	5	5	5	5	5	40
P/M/H	5	5	5	5	5	5	5	5	40
H/M/P	5	5	5	5	5	5	5	5	40
M/H/P	5	5	5	5	5	5	5	5	40
Total	**20**	**20**	**20**	**20**	**20**	**20**	**20**	**20**	**160**

*Corresponde à apresentação contrabalançada efectuada
** P = Pessoas idosas; H = Homem idoso; M = Mulher idosa
*** Fem = Respondentes do sexo feminino; Mas = Respondentes do sexo masculino

4.3.5 – Análise dos dados

Começámos por aplicar as regras de redução utilizadas classicamente para a análise das associações livres (cf. 3.3.2). Posteriormente, três juízes independentes procederam ao agrupamento por sinonímia das proposições de sentido similar tendo como critério a forma mais usual de utilização.

Em seguida, construímos dois dicionários globais, um para as "expressões" e o segundo para os "objectos". Da análise dos dicionários "expressões" e "objectos", resultou apenas um dicionário que designamos por "expressões/objectos" (mais à frente, no ponto 4.4.1.1, é explicitado o procedimento utilizado), a partir do qual elaborámos dicionários específicos associados aos diferentes alvos, grupos etários e sexo dos respondentes.

A primeira análise permitiu evidenciar as características dos campos lexicais associados aos diferentes alvos. Realizámos uma análise descritiva e uma análise de semelhança. Respectivamente analisámos a fluidez, a amplitude, a riqueza e calculámos o índice de *Ellegard* (cf. 3.3.1).

O dicionário "expressões/objectos" foi inicialmente submetido a um programa de análise textual (ALCESTE, cf. 3.3.3).

Posteriormente, tendo por base o referido dicionário e no sentido de aumentar o nível de compreensão dos nossos dados, optámos por realizar manualmente uma primeira análise de conteúdo com categorias definidas à posteriori (cf. 3.3.2) que nos incitou a realizar uma segunda análise de conteúdo procurando equacionar as perdas e os ganhos na velhice.

Dentro das categorias encontradas na segunda análise de conteúdo efectuámos análises da frequência de evocação de cada palavra, dado que a frequência de evocação se constitui como um indicador da sua relevância e pertinência (Poeschl, 1992). Foram realizadas comparações quantitativas, aplicando um teste do *qui-quadrado* sobre as frequências de evocação das palavras nas diferentes condições para evidenciar diferenças significativas entre o sexo dos respondentes (feminino e masculino), os grupos etários (adolescentes, jovens adultos, meia-idade e terceira idade) e os três alvos (pessoas idosas, homem idoso e mulher idosa).

4.4 – Resultados e discussão

Na apresentação e discussão dos resultados, num primeiro ponto, explicitamos e caracterizamos o dicionário associado ao campo representacional da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas, apresentamos a análise descritiva e de semelhança dos campos representacionais, avaliamos a positividade das palavras, coisas e objectos associados aos alvos. Apresentamos as dimensões deste campo representacional reveladas na análise textual automática e na análise de manual de conteúdo. Por fim, num segundo ponto, equacionamos e analisamos os recursos associados à velhice.

4.4.1 – Campo representacional associado à mulher idosa, ao homem idoso e às pessoas idosas

4.4.1.1 – Dicionário global do campo representacional da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas

Após a simplificação do *corpus* através da aplicação das regras de redução (Di Giacomo, 1981, cit. por Poeschl, 1992) e de sinonímia das proposições de sentido similar, construímos dois dicionários. O primeiro, que designámos por "dicionário expressões", agrega as palavras ou expressões simples que os respondentes associaram aos três alvos propostos "pessoas idosas", "homem idoso" e "mulher idosa". Este dicionário (Quadro 4.2) é constituído por 3756 palavras, sendo 424 diferentes o que revela um campo lexical relativamente pobre (riqueza: 0.11). A frequência de evocação das 424 palavras diferentes varia entre 1 e 163.

O segundo dicionário que designamos por "dicionário objectos" junta as evocações dos respondentes face à solicitação para indicarem coisas, objectos e/ou situações associadas aos três alvos já referidos. O "dicionário objectos" (Quadro 4.2) é constituído por 3707 palavras,

sendo 433 diferentes o que revela um campo lexical relativamente pobre (riqueza: 0.12). A frequência das 433 palavras diferentes varia entre 1 e 267.

No Quadro 4.2, para além de verificarmos que a riqueza dos campos lexicais dos dois dicionários é semelhante, podemos constatar que globalmente foram evocadas 7463 palavras, das quais 538 são diferentes, baixando a riqueza lexical (riqueza: 0.07).

Quadro 4.2 – Amplitude, fluidez e riqueza dos campos lexicais associados aos dicionários "Expressões", "Objectos" e "Global"

Dicionário	**Expressões**	**Objectos**	**Global**
Amplitude	424*	433**	538
Fluidez	3756	3707	7463
Riqueza	0.11	0.12	0.07

*das 424 palavras diferentes 101 são referidas apenas nas "expressões"
**das 433 palavras diferentes 110 são referidas apenas nos "objectos"

Após a construção dos dicionários "expressões" e "objectos", fomos analisar as palavras que foram evocadas em simultâneo nos dois dicionários. Verificamos que 323 palavras são comuns. Estas, em termos percentuais, correspondem a 76.18% nas "expressões" e a 74.60% nos "objectos".

Efectuámos também uma análise de semelhança entre os dois campos lexicais "expressões" e "objectos" utilizando o índice de *Ellegard* que confirma um certo consenso relativamente aos dois estímulos (*Rn*=.75).

Face aos resultados apresentados construímos um dicionário global designado por "expressões/objectos". Em termos concretos juntámos por respondente, em cada alvo pessoas idosas, homem idoso e mulher idosa, as evocações relativas às "expressões" e aos "objectos" eliminando os termos repetidos. Este procedimento provocou uma redução de 402 evocações. Assim das 7463 evocações iniciais passámos a trabalhar com um efectivo de 7061 evocações.

4.4.1.2 – Análise descritiva do campo representacional da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas

A partir do dicionário global "expressões/objectos", constituído por 7061 palavras, sendo 538 diferentes, com uma frequência de evocação que varia entre 1 e 281, elaborámos vários

dicionários específicos associados aos diferentes alvos, grupos etários e sexo[42]. Os resultados da análise descritiva – amplitude, fluidez e riqueza, para os diferentes dicionários são apresentados nos Quadros 4.3, 4.4 e 4.5.

Quadro 4.3 – Amplitude, fluidez e riqueza dos campos lexicais para o conjunto dos respondentes em função do alvo

	Mulher idosa	**Homem idoso**	**Pessoas idosas**	**Global**
Amplitude	394	408	387	538
Fluidez	2316	2361	2384	7061
Riqueza	.17	.17	.16	.08

Quadro 4.4 – Amplitude, fluidez e riqueza dos campos lexicais para o conjunto dos alvos por grupo etário

	Terceira idade	**Meia-idade**	**Jovens adultos**	**Adolescentes**
Amplitude	318	355	367	309
Fluidez	1354	2006	1964	1737
Riqueza	.23	.18	.19	.18

Quadro 4.5 – Amplitude, fluidez e riqueza dos campos lexicais para o conjunto dos alvos e grupo etário por sexo

	Respondentes femininos	**Respondentes masculinos**
Amplitude	431	461
Fluidez	3658	3403
Riqueza	.12	.14

Da análise do Quadro 4.3 podemos constatar que os valores da amplitude, fluidez e riqueza do dicionário global sugerem que o conjunto dos três alvos se constitui como um estímulo consensual e delimitado, na medida em que o número de palavras diferentes é relativamente reduzido, reflectindo-se numa fraca riqueza do campo semântico (.08). Atendendo ainda aos valores expressos no Quadro 4.3 verificámos que não existem diferenças ao nível da riqueza em função dos diferentes alvos e que apenas existem diferenças ao nível da amplitude (2(2)=316.91, p<.001) e da fluidez (2(2)=1875.77, p<.001) quando os três alvos são tomados em conjunto.

Quando analisámos o dicionário em função do grupo etário dos respondentes (Quadro 4.4) verificámos que apenas existem diferenças significativas relativamente à fluidez (2(3)=151.47, p<.001). A terceira idade apresenta uma fluidez significativamente inferior

[42] Pode-se notar que as palavras mencionadas têm uma conotação média neutra (3.22 numa escala em que "1=muito negativa" e "5=muito positiva").

aos restantes grupos, que se traduz numa maior riqueza. A meia idade não se diferencia dos jovens adultos e ambos apresentam fluidez superior à dos adolescentes.

A mesma análise tendo em conta o sexo dos respondentes revela que não existem diferenças ao nível da amplitude e da riqueza do campo semântico e que as respondentes apresentam uma fluidez significativamente superior à dos respondentes (2(2)=9.14, p<.01).

Uma análise conjunta dos Quadros 4.3, 4.4 e 4.5 sugere que os campos lexicais associados à mulher idosa, ao homem idoso e às pessoas idosas, independentemente do grupo etário e do sexo dos respondentes, revelam que estamos perante estímulos consensuais onde a riqueza é semelhante.

4.4.1.3 – Análise de semelhança do campo representacional da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas

Com o intuito de obter uma medida global da semelhança entre os diversos universos semânticos foi efectuada uma análise da semelhança através do índice de *Ellegard* (cf. 3.3.1).

Os resultados são apresentados no Quadro 4.6.

Quadro 4.6– Semelhança dos campos semânticos segundo o índice de *Ellegard* para os alvos pessoas idosas, homem idoso, mulher idosa

	Pessoas idosas *vs.* Homem idoso	**Pessoas idosas *vs.* Mulher idosa**	**Homem idoso *vs.* Mulher idosa**
Índice *Ellegard*	.78	.80	.78

Da análise dos índices expressos no Quadro 4.6 pensamos poder concluir que existe relativo consenso face aos alvos propostos (pessoas idosas *vs* homem idoso, *Rn*=.78; homem idoso *vs* mulher idosa, *Rn*=.78; pessoas idosas *vs* mulher idosa, *Rn*=.80).

4.4.1.4 – Dimensões das representações sociais da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas: análise textual automática

Para determinar as dimensões das representações associadas às pessoas idosas, ao homem idoso e à mulher idosa efectuou-se uma análise automática, utilizando o programa ALCESTE tendo por base o dicionário global designado por "expressões/objectos". Para além de pretendermos determinar as dimensões das representações procuramos ainda evidenciar

eventuais diferenças devidas ao sexo do alvo e ao sexo e grupo etário de pertença dos respondentes.

O material analisado é constituído por um *corpus* composto por 7061 palavras, dividido em 160 unidades de contexto iniciais (UCI) que correspondem ao número de respondentes que integram a amostra.

O *corpus* foi subdividido em 477 unidades de contexto elementar (UCE) de 14.4 palavras em média. Estas unidades de contexto elementar foram definidas pelo programa e correspondem aproximadamente ao tamanho de uma frase. Dentro das 477 UCE definidas, 437 foram classificadas, o que indica que 91.61% do material recolhido foi utilizado na análise.

Das 7061 palavras que constituem o *corpus* 538 são formas lexicais distintas, das quais 122 foram referidas apenas uma vez. A análise de classificação hierárquica, que teve por base 6746 palavras citadas no mínimo quatro vezes, levou a uma partição em quatro classes: duas descrevem o alvo pessoas idosas e as outras duas não estão associadas a qualquer dos alvos apresentados.

A primeira classe, que descreve o alvo pessoas idosas (2=3.83), contém 95 UCE, o que representa 21.74% do texto analisado. No Quadro 4.7 apresentamos a percentagem de evocação das palavras na classe e as palavras cujo *qui-quadrado* é igual ou superior a dez.

Podemos verificar que a maioria (73.53%) das palavras apresentadas no Quadro 4.8 tem uma percentagem de evocação na classe elevada, varia entre 50% e 100%, o que revela a sua pertinência na análise da mesma.

Esta classe, designada por imagem bipolar da velhice, veicula uma imagem sobre as pessoas idosas que oscila entre uma visão mais negativa, predominante, que associámos ao desgaste e à fragilidade e outra mais positiva, minoritária, donde emerge uma imagem associada ao conhecimento e à sabedoria.

A visão mais negativa, que associámos ao desgaste e fragilidade, agrupa, entre outras, as palavras envelhecido, fim, lar, doente, triste, solitário, incapaz, dependente, hospital, vulnerável (2>20.00), birras, incompreendido, dificuldades, marginalizado, morrer (2>15.00).

Quadro 4.7 – Imagem bipolar da velhice: palavras associadas à classe, *qui-quadrado* e percentagem de evocação da palavra

Palavras	***Qui-quadrado***	**Frequência**	**Percentagem**
Envelhecido	49.76	16	88.89
Fim	49.23	19	79.17
Lar	32.71	29	50.88
Conhecimento	29.37	15	68.18
Doente	28.61	54	36.49
Triste	28.37	33	45.21
Solitário	26.87	50	37.04
Beleza	24.35	8	88.89
Incapaz	24.35	8	88.89
Pessoa	24.35	8	88.89
Dependente	24.20	27	46.55
Hospital	24.17	18	56.25
Frágil	23.81	16	59.26
Infeliz	21.57	11	68.75
Vulnerável	20.42	8	80.00
Sábio	19.81	44	35.77
Birras	18.21	5	100.00
Incompreendido	17.11	6	85.71
Dificuldades	16.96	7	77.78
Marginalizado	16.96	7	77.78
Morrer	16.75	14	53.85
Obrigação	14.64	8	66.67
Ambulância	14.53	4	100.00
Apoio Familiar	14.01	7	70.00
Degradação	13.57	5	83.33
Alegre	12.94	17	44.74
Trabalhador	12.85	16	45.71
Impaciente	11.63	9	56.25
Cuidar da apresentação	10.90	6	66.67
Cansado	10.57	18	40.91
Respeitado	10.35	17	41.46
Solidariedade	10.32	5	71.43
Desmotivado	10.09	4	80.00
Direitos	10.09	4	80.00

A dimensão mais positiva, que associámos ao conhecimento e sabedoria agrupa, entre outras, as palavras conhecimento, beleza, pessoa (2>20.00), sábio (2=19.81), alegre, trabalhador (2>12.00).

Esta classe bidimensional é partilhada pelos respondentes do grupo etário da meia-idade (2=2.86) que se diferencia dos restantes grupos. É partilhada pelos respondentes do sexo feminino e masculino que integram a nossa amostra.

A segunda classe que descreve o alvo pessoas idosas (2=2.98) contém 48 UCE, o que representa 10.98% do texto analisado. No Quadro 4.8 apresentamos a percentagem de evocação das palavras na classe e as palavras cujo *qui-quadrado* é igual ou superior a dez.

Podemos verificar que as palavras agrupadas na classe têm uma percentagem de evocação na classe elevada revelando a sua pertinência na análise da mesma: 48.27% das palavras tem uma percentagem de evocação que varia entre 50% e 88.89% enquanto 20.69% das palavras tem uma percentagem de evocação que varia entre 40% e 46.5%.

Quadro 4.8 – Degradação física e psíquica: palavras associadas à classe, *qui-quadrado* e percentagem de evocação da palavra

Palavras	***Qui-quadrado***	**Frequência**	**Percentagem**
Fraldas	85.31	23	52.27
Medroso	51.72	9	75.00
Dificuldade em andar	47.74	15	48.39
Incontinente	44.00	8	72.73
Companheiro	34.97	12	46.15
Desconfiado	34.16	6	75.00
Reumatismo	28.29	7	58.33
Dificuldades financeiras	26.89	9	47.37
Cama articulada	26.58	5	71.43
Chorar	24.64	4	80.00
Friorento	24.64	4	80.00
Futuro	24.64	4	80.00
Queixoso	22.12	5	62.50
Carente	20.48	11	35.48
Canadianas ou muletas	20.04	12	33.33
Falta memoria	19.98	10	37.04
Dependente	18.85	16	27.59
Confuso	16.92	3	75.00
Insónia	16.92	3	75.00
Triste	16.76	18	24.66
Atenção	16.58	8	38.10
Medicamentos	15.54	20	22.73
Deprimido	15.50	4	57.14
Trémulo	15.50	4	57.14
Ouvir mal	15.26	8	36.36
Cadeira de rodas	13.10	17	22.97
Rezar	10.69	6	35.29
Comer	10.35	5	38.46
Frágil	10.23	8	29.63

Globalmente esta segunda classe reflecte o que designamos por degradação física e psíquica e agrupa, entre outras, as palavras fraldas (2=85.31); medroso (2=51.72); dificuldade em andar, incontinente (2>40.00), companheiro, desconfiado (2>30.00), reumatismo, dificuldades financeiras, cama articulada, chorar, friorento, futuro, queixoso, carente, canadianas ou muletas (2>20.00), falta de memória, dependente, confuso, insónia, triste, atenção, medicamentos, deprimido, trémulo, ouvir mal (2>15.00).

Trata-se de uma classe que é partilhada pelos respondentes do grupo etário da terceira idade (2=23.55) e meia-idade (2=2.03), que se diferenciam dos restantes grupos. A dimensão associada às perdas é mais saliente nos respondentes do sexo feminino (2=4.37), que se diferenciam significativamente a este respeito dos respondentes do sexo masculino.

A terceira e a quarta classe, como já referimos, não aparecem associadas em particular a nenhum dos alvos utilizados no estudo. Nos Quadros 4.9 e 4.10 apresentamos as percentagens de evocação das palavras associadas à terceira e quarta classe, respectivamente, bem como as palavras cujo *qui-quadrado* é igual ou superior a dez.

A terceira classe contém 176 UCE, o que representa 40.27% do texto analisado, e foi designada por lazeres. No Quadro 4.9 podemos verificar que todas as palavras que integram a classe têm uma percentagem de evocação na classe elevada, igual ou superior a 60%, o que revela a sua pertinência na análise da mesma.

Esta classe agrupa, entre outras, as palavras televisão, terço (2>30.00), cozinhar, jogar às cartas, café, conversador (2>20.00), livro, jornal, caminhar, cartas, igreja, dominó, agricultura, transportes, casa (2>15.00), cadeira, passear, comprar, futebol (2>13.00).

A terceira classe é mais saliente nos respondentes do grupo etário dos jovens adultos (2=35.91) que se diferenciam significativamente a este respeito dos restantes grupos. Esta classe é partilhada pelos respondentes do sexo feminino e masculino que integram a nossa amostra.

Quadro 4.9 – Lazeres: palavras associadas à classe, *qui-quadrado* e percentagem de evocação da palavra

Palavras	***Qui-quadrado***	**Frequência**	**Percentagem**
Televisão	33.47	51	70.83
Terço	31.81	31	83.78
Cozinhar	27.84	18	100.00
Jogar às cartas	25.37	31	77.50
Café	25.11	22	88.00
Conversador	21.59	39	68.42
Livro	19.87	13	100.00
Jornal	18.85	21	80.77
Caminhar	18.30	12	100.00
Cartas	17.74	23	76.67
Igreja	16.83	21	77.78
Dominó	16.73	11	100.00
Agricultura	16.35	22	75.86
Transportes	15.94	16	84.21
Casa	15.08	12	92.31
Cadeira	14.47	15	83.33
Passear	14.38	32	65.31
Comprar	13.63	9	100.00
Futebol	13.55	11	91.67
Netos	12.40	26	66.67
Calmo	12.37	19	73.08
Rádio	12.37	19	73.08
Tomar chá	12.08	8	100.00
Jardinar	10.95	11	84.62
Cuidar dos netos	10.84	19	70.37
Bicicleta	10.52	9	90.00
Compreensivo	10.19	12	80.00
Jogar	10.19	12	80.00
Reformado	10.18	33	60.00
Avós	10.05	29	61.70

A quarta classe (Quadro 4.10) contém 118 UCE, o que representa 27.00% do texto analisado. A análise da percentagem de evocação das palavras na classe continua a revelar a sua pertinência na análise da mesma, uma vez que 79.5% das palavras têm uma percentagem de evocação superior 60%.

Globalmente nesta classe ressalta a importância da imagem pessoal, englobando o aspecto físico e o vestuário e foi designada por aparência física.

Quadro 4.10 – Aparência física: palavras associadas à classe, *qui-quadrado* e percentagem de evocação da palavra

Palavras	***Qui-quadrado***	**Frequência**	**Percentagem**
Lenço da cabeça	51.35	29	76.32
Ganchos	50.75	18	100.00
Óculos	46.47	67	48.20
Lenço	45.77	26	76.47
Cabelo branco	36.49	53	49.53
Meias	36.22	13	100.00
Rugas	35.87	50	50.51
Relógio	32.98	16	84.21
Xaile	32.72	22	70.97
Desdentado	32.30	19	76.00
Bengala	29.02	93	36.76
Dentadura	28.13	41	50.62
Chapéu	27.32	40	50.63
Saia	27.19	15	78.95
Aliança / anel	24.84	9	100.00
Calças	24.84	9	100.00
Camisa	24.84	9	100.00
Brincos	23.38	10	90.91
Mala / carteira	23.38	10	90.91
Bigode	22.56	11	84.62
Sociável	22.56	11	84.62
Sapatos	22.03	8	100.00
Pucho / poupo	19.86	10	83.33
Osteoporose	19.51	11	78.57
Avental	17.05	12	70.59
Falta de forca	16.93	19	57.58
Inteligente	16.73	16	61.54
Chinelos / pantufas	15.65	21	53.85
Cordões ouro	15.13	7	87.50
Roupa escura	14.65	15	60.00
Cadeira de baloiço	14.58	8	80.00
Penico	14.58	8	80.00
Antipático / agressivo	14.42	9	75.00
Calçado ortopédico	14.42	9	75.00
Pijama /camisa de dormir	13.67	5	100.00
Acabado	12.44	6	85.71
Roupa	12.40	10	66.67
Roupa antiga	12.40	10	66.67
Vinho	12.40	10	66.67
Artrose	11.97	8	72.73
Socos	11.97	8	72.73
Colete	10.91	4	100.00
Escova dentes	10.91	4	100.00
Bondoso	10.11	14	53.85

Como podemos verificar no Quadro 4.10 esta classe agrupa, entre outras, as palavras lenço da cabeça, ganchos, óculos, lenço (2>45.00); cabelo branco, meias, rugas (2>35.00); relógio, xaile, desdentado (2>30.00); bengala, dentadura, chapéu, saia, (2>25.00); aliança/anel, calças, camisa, brincos, mala/carteira, bigode, sociável, sapatos (2>20.00); pucho/poupo, osteoporose, avental, falta de força, inteligente, chinelos/pantufas, cordões de ouro (2>15.00).

A quarta classe é mais saliente nos respondentes pertencentes ao grupo etário dos adolescentes (2=37.43) que se diferenciam significativamente dos restantes grupos etários. Esta classe, tal como a anterior, é partilhada pelos respondentes do sexo feminino e masculino que integram a nossa amostra.

Em síntese e relativamente à representação da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas podemos dizer que as classes encontradas parecem reflectir uma visão cada vez mais negativa à medida do envelhecimento dos grupos, aspecto que já tem sido encontrado em diferentes estudos (cf. por exemplo Gastron *et al.* 2000; Magnabosco-Martins *et al.*, 2009; Sousa & Cerqueira, 2005; 2006; Wachelke *et al.*, 2008).

Os idosos destacam-se sobretudo pela aparência física no grupo dos adolescentes e pelo tempo de que dispõem para se dedicarem aos lazeres, no grupo dos jovens adultos. A imagem de pessoa idosa, menos nos respondentes do sexo masculino do que nos do sexo feminino, torna-se mais triste no grupo da meia-idade e surge como frágil ainda que com traços positivos. A imagem duma degradação física e psíquica acentuada prevalece sobretudo na terceira idade.

Em consonância com os resultados de outros estudos que salientam a multidimensionalidade da velhice (cf. por exemplo Brewer *et al.*, 1981; Cuddy & Fiske, 2002; Hummel, 1995; Hummert, 1990, 1993; Hummert *et al.*, 1994; Schmidt & Boland, 1986) os nossos dados parecem revelar que a velhice não é percebida dum modo homogéneo e que desta heterogeneidade parecem emergir imagens associadas aos grupos etários considerados sugerindo que a representação da velhice está ancorada geracionalmente, tal como já se tem

verificado noutros estudos (cf. por exemplo Gastron *et al.,* 2000; Magnabosco-Martins *et al.*, 2009; Sousa & Cerqueira, 2005, 2006; Wachelke *et al.*, 2008).

A imagem que ressalta do grupo dos adolescentes, onde se destaca o relevo dado ao aspecto físico, corresponde a uma imagem positiva da velhice que remete para o desempenho dum papel específico e se harmoniza na figura de "avó gentil" parecendo decorrer da descrição que os adolescentes efectuam dos seus próprios avós. A imagem da velhice objectivada na figura da avó gentil que emerge dos nossos dados é conforme aos resultados obtidos por Brewer *et al.* (1981) e por Hummel (1995) que também identificaram a figura da avó e é ainda conforme aos resultados obtidos por Schmidt e Boland (1986) e Hummert e colaboradores (Hummert, 1990; 1993; Hummert *et al.*, 1994) que identificam a imagem do avô perfeito.

A imagem positiva da velhice veiculada pelos adolescentes que encontrámos nos nossos resultados é conforme aos resultados obtidos em Portugal por Sousa e Cerqueira (2005, 2006) e de certo modo contrasta com a visão ambivalente da velhice e com a visão mais estereotipada da velhice encontradas noutros estudos (cf. respectivamente Gastron *et al.,* 2000; Magnabosco-Martins *et al.*, 2009 e Wachelke *et al.,* 2008).

A imagem da velhice que ressalta do grupo dos jovens adultos, e que nós designamos de "velho descansado", parece resultar da descrição que estes efectuam dos seus pais, sugere uma atitude de disponibilidade e bem-estar e de calma e serenidade para com a vida. Esta imagem por nós encontrada parece corresponder ao que Hummert e colaboradores (Hummert, 1990; 1993; Hummert *et al.*, 1994) designam de "idade dourada" ou ao que Hummel (1995) designa de "velhice bem sucedida" e que apela a um modo gratificante de ver a velhice. Nesta imagem de "velho descansado" veiculada pelo grupo dos jovens adultos destaca-se o tempo disponível para os lazeres e outras actividades e a ausência de referências ao exercício de uma profissão, aspecto já associado por outros jovens adultos à velhice (Gastron *et al.,* 2000).

No grupo da meia-idade a imagem da velhice é ambivalente surgindo como frágil ainda que com traços positivos o que nos leva a considerar que poderemos estar perante uma representação bipolar que importará tentar perceber melhor, facto que tentaremos esclarecer no último estudo.

Para os respondentes da terceira idade surge clara uma imagem negativa da velhice associada à degradação física e psíquica representada na figura de "velho doente". Esta figura do "velho

doente", que parece resultar da descrição que os respondentes efectuam de si próprios e dos seus pares, parece ser consistente com a imagem da "velhice ingrata" identificada por Hummel (1995) e com outras imagens negativas emergentes em vários estudos (cf. por exemplo Brewer *et al.*, 1981; Cuddy & Fiske, 2002; Hummel, 1995; Hummert, 1990, 1993; Hummert *et al.*, 1994; Schmidt & Boland, 1986).

A imagem negativa da velhice que transparece nos nossos resultados associada aos respondentes da terceira idade surge em vários estudos onde indivíduos deste grupo etário dão a sua opinião sobre a velhice e/ou o envelhecimento (cf. por exemplo Araújo & Carvalho, 2004; Veloz *et al.*, 1999) mas contrasta com os resultados obtidos em Portugal por Vaz (2008) que sugerem que os respondentes da terceira idade começam por convocar uma dimensão, mais biológica, essencialmente marcada por limitações e perdas e vão avançando para outra dimensão, mais psicológica, marcada pela competência que se pode sobrepor ao próprio envelhecimento físico.

Ao procurarmos discutir os nossos resultados em termos dos princípios organizadores que organizam os processos simbólicos que intervêm nas relações sociais e que permitem diferenciar as tomadas de posição dos indivíduos perante um dado objecto, assumimos que a velhice é objectivada através de princípios organizadores que se estruturam de forma polarizada (Clemence, 2003) e que estes princípios organizadores estão ancorados geracionalmente.

Sugerimos que o princípio organizador para o grupo dos adolescentes se configura na polaridade aspecto *vs* qualidades pessoais onde a aparência assume um aspecto primordial. Alguns estudos parecem reforçar esta nossa interpretação uma vez que salientam a importância da aparência em fases mais precoces da vida, referindo que à medida que a idade dos respondentes aumenta diminuem as referências às mudanças na aparência como sinal de envelhecimento (Silva & Gunther, 2000) ou que o envelhecimento é representado em torno das questões do rejuvenescimento (Teixeira *et al.*, 2007).

Para os respondentes jovens adultos identificámos a polaridade trabalho *vs* lazer onde o tempo livre e a desvinculação de responsabilidades profissionais assumem relevância (Gastron *et al.,* 2000) e apresentam uma visão positiva da velhice onde predomina o lazer e o desempenho de outras actividades que os anteriores compromissos profissionais impediam.

Os respondentes da terceira idade parecem apresentar um princípio organizador que se estrutura em torno da polaridade doença *vs* saúde onde a preocupação será o bem-estar e o estado de saúde.

Por sua vez o grupo da meia-idade apresenta uma representação ou uma visão bipolar da velhice onde não é claro o princípio organizador utilizado.

Na tentativa de procurar explicar a ancoragem geracional dos princípios organizadores, que indicam que os respondentes que estão mais próximos da velhice salientam a degradação e os que estão mais longe apresentam uma imagem mais positiva, consideramos ser plausível admitir que esta ancoragem acontece porque as preocupações e interesses são diferentes em função da geração de pertença.

Para procurar entender as diferentes ancoragens geracionais propomos dois horizontes interpretativos que na nossa opinião se complementam e interpenetram, a saber: a experiência e os interesses pessoais e o conhecimento que detêm sobre o mundo dos mais velhos.

Ao considerarmos que cada grupo geracional organiza a sua representação da velhice em função da própria experiência e dos seus interesses pessoais, verificamos que os adolescentes quando falam das pessoas idosas falam da aparência física e do vestuário, aspecto preponderante dado a importância que a corporalidade e as transformações corporais assumem nas suas vidas; que os jovens adultos falam sobretudo do tempo livre e do lazer na velhice uma vez que estão preocupados com o seu investimento profissional e carreira e salientam aspectos que valorizam e que lhes são escassos e que os respondentes da terceira idade preocupados com a sua saúde e bem-estar falam do sofrimento, dor e limitações que são a sua grande preocupação futura ou presente e que querem e/ou gostariam de evitar.

Ao considerarmos que cada grupo organiza a representação em função do conhecimento que tem sobre o mundo das pessoas velhas e dos seus interesses pessoais, constatamos que: os adolescentes retratam os avós; os jovens adultos falam dos pais e das pessoas recém-reformadas que conhecem e os respondentes da terceira idade descrevem-se e/ou aos seus pares acentuando diferentes morbilidades.

No intuito de equacionar perdas e ganhos associados à velhice e explorar eventuais diferenças de forma mais pormenorizada, decidimos completar a análise textual realizada automaticamente efectuando uma análise de conteúdo à mão.

4.4.1.5 – Dimensões das representações sociais da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas: análise categorial temática

O dicionário "expressões/objectos" constituiu o ponto de partida para esta análise categorial temática. Efectuamos a análise com categorias definidas *a posteriori* usando as palavras referidas pelos respondentes como unidades de registo tendo em conta a sua frequência (Bardin, 1995).

Registámos para o conjunto dos respondentes 538 palavras diferentes, das quais 122 foram referidas apenas uma vez. A análise categorial temática efectuada permitiu encontrar 14 categorias ou "núcleos de sentido" (Bardin, 1995, p. 105) relativamente abrangentes, denominadas: dispositivos de apoio; social; filosófica; axiológica; vestuário; recreação; debilidades; sentimentos, morbilidade, aspecto; subsistência; religiosidade; sinónimos e habitação.

Face à abrangência das categorias encontradas, para aumentar a inteligibilidade dos dados, agrupamo-las em subcategorias que serão discriminadas na apresentação das categorias.

A apresentação das categorias é feita por ordem decrescente do total de frequências na categoria, tendo como referência as evocações para o conjunto dos três alvos mulher idosa, homem idoso e pessoas idosas apresentadas por todos os respondentes. Nos quadros que se seguem são apenas incluídas as palavras que foram referidas por, pelo menos, 10% dos respondentes.

Dispositivos de apoio

A dimensão dispositivos de apoio (Quadro 4.11) constitui a dimensão mais evocada com 961 frequências que correspondem a 13.61% do total. Nesta categoria foram incluídas 26 palavras diferentes com uma frequência que varia entre 1 e 281.

Como podemos ver no Quadro 4.11 esta categoria inclui objectos, dispositivos e/ou situações que remetem para a ideia de diferentes tipos de apoio associados à mulher idosa, ao homem idoso e às pessoas idosas para o conjunto dos respondentes o que nos levou a dividi-la em seis subcategorias:

i) Dispositivo de apoio à mobilidade – inclui 6 palavras diferentes, que no seu conjunto sugerem claramente apoio à deslocação ou mobilidade, como por exemplo bengala, cadeira de rodas, canadianas ou muletas, transportes. Constitui a subcategoria com maior percentagem de evocação (44.85%).

Quadro 4.11 – Dispositivos de apoio: subcategorias, número de palavras diferentes nas categorias, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria

Nº palavras diferentes	Subcategoria	Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria	Percentagem da subcategoria na categoria
6	**Mobilidade**	Bengala	281	65.20	
		Cadeira de rodas	77	17.87	
		Canadianas / muletas	36	8.35	
		Transportes	19	4.41	
		…	…	…	
		Total	**431**		**44.85**
2	**Sentidos**	Óculos	151	89.35	
		Aparelho ouvir	18	10.65	
		Total	**169**		**17.59**
8	**Socio-económico**	Ajudar	37	33.04	
		Apoio social	18	16.07	
		…	…	…	
		Total	**112**		**11.65**
2	**Mastigação**	Dentadura	88	83.81	
		Próteses	17	16.19	
		Total	**105**		**10.93**
4	**Repouso**	Cama	35	42.17	
		Sofá	19	22.89	
		Cadeira	19	22.89	
		…	…	…	
		Total	**83**		**8.64**
4	**Urinário**	Fraldas	47	77.05	
		…	…	…	
		Total	**61**		**6.35**
26		**Total Geral**	**961**		**100.00**

ii) Dispositivos de apoio aos sentidos – inclui as palavras óculos e aparelho de ouvir que indicam apoio à visão e à audição. Constituem a segunda subcategoria em termos percentuais (17.59%).

iii) Dispositivo de apoio socio-económico – inclui principalmente as palavras ajudar e apoio social. As 8 palavras diferentes que integram a subcategoria sugerem no seu conjunto a ajuda e o apoio de carácter social e económico e constituem a terceira subcategoria em termos percentuais (11.65%).

iv) Dispositivo de apoio à mastigação – inclui duas palavras (dentadura e próteses) que se referem à acção mastigatória. Constituem a quarta subcategoria em termos percentuais (10.93%).
v) Dispositivo de apoio ao repouso – inclui quatro palavras onde se distinguem cama, sofá e cadeira. Constituem a quinta subcategoria (8.64%).
vi) Dispositivo de apoio urinário – inclui quatro palavras preferencialmente associadas à micção donde se destaca fraldas. Corresponde a 6.35% das evocações.

Social

A dimensão social (Quadro 4.12) surge em segundo lugar, inclui 882 frequências (12.49% do total) que variam entre 1 e 146. Apresenta grande diversidade de palavras (palavras diferentes: 65) das quais vinte (31%) têm frequência igual a um.

Como podemos verificar no Quadro 4.12 a dimensão social engloba um vasto conjunto de palavras que remetem para diferentes aspectos da vida em sociedade que agrupamos nas seguintes subcategorias:

i) Exclusão social – inclui 21 palavras diferentes, das quais 7 correspondem a 90.48% das evocações na subcategoria. As palavras mais evocadas são solitário, abandonado, recordar e viuvez que sugerem uma tonalidade afectiva negativa e indiciam falta de contacto humano. Constitui a subcategoria com maior percentagem de evocação (30.95%).
ii) Relações interpessoais – inclui 20 palavras diferentes, das quais metade correspondem a 92.22% das evocações na subcategoria. Globalmente as palavras desta subcategoria veiculam uma imagem associada ao contacto humano e à interacção. É a segunda subcategoria da categoria Social a que correspondem 29.14% das evocações. Como mais evocadas surgem as palavras conversador, contar histórias, conviver, companheiro, café. Esta subcategoria, com uma ordem de grandeza muito semelhante à Exclusão social (Exclusão social, frequência: 273; Relações interpessoais, frequência: 257) sugere uma imagem antagónica à referida na subcategoria anterior, veiculando uma imagem dos idosos de tonalidade afectiva positiva e indiciando interacção e contacto humano.
iii) Família – inclui 14 palavras diferentes com clara referência ao contexto da família nuclear, que correspondem em termos percentuais a 21.77% das evocações na categoria. Inclui como palavras mais frequentes (correspondem a 92.19% das evocações na subcategoria) netos, família, avó, cuidar dos netos, mãe.

Quadro 4.12 – Social: subcategorias, número de palavras diferentes nas categorias, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria

Nº palavras diferentes	Subcategoria	Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria	Percentagem da subcategoria na categoria
21	**Exclusão social**	Solitário	146	53.48	
		Abandonado	37	13.55	
		Recordar	17	6.23	
		Viuvez	16	5.86	
		…	…	…	
		Total	**273**		**30.95**
	Relações	Conversador	59	22.96	
20	**interpessoais**	Contar histórias	35	13.62	
		Conviver	33	12.84	
		Companheiro	28	10.89	
		Café	26	10.12	
		…	…	…	
		Total	**257**		**29.14**
14	**Família**	Netos	43	22.40	
		Família	40	20.83	
		Avó	27	14.06	
		Cuidar netos	27	14.06	
		Mãe	16	8.33	
		…	…	…	
		Total	**192**		**21.77**
	Sem actividade	Reformado	59	52.68	
7	**sócio laboral**	Tempo livre	20	17.86	
		…	…	…	
		Total	**112**		**12.70**
	Com actividade	Trabalhador	38	79.17	
3	**sócio laboral**	…	…	…	
		Total	**48**		**5.44**
65		**Total Geral**	**882**		**100.00**

iv) Sem actividade sócio laboral – inclui 7 palavras diferentes, correspondentes a uma percentagem de evocação na categoria de 12.70%, que remetem para a ausência de actividade sócio laboral. Como palavras mais frequentes referimos reformado e tempo livre.

v) Com actividade sócio laboral – a subcategoria com referência à actividade sócio laboral é a mais pequena da categoria (5.44%), inclui três palavras diferentes com destaque para trabalhador.

Filosófica

A dimensão filosófica (Quadro 4.13), em termos globais, agrupa palavras com uma conotação positiva que reenviam para uma concepção "Filosófica" da velhice (Hummel, 2000, p.112) e

surge em terceiro lugar com 666 evocações (9.43% do total). Foram incluídas nesta categoria 41 palavras diferentes, das quais treze (31.7%) foram referidas apenas uma ou duas vezes. A frequência de evocação das palavras varia entre 1 e 169.

Quadro 4.13 – Filosófica: subcategorias, número de palavras diferentes nas categorias, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria

Nº palavras diferentes	Subcategoria	Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria	Percentagem da subcategoria na categoria
15	**Sabedoria**	Experiente	169	41.52	
		Sábio	133	32.68	
		Inteligente	26	6.39	
		Conhecimento	22	5.41	
		Passado	20	4.91	
		…	…	…	
		Total	**407**		**61.11**
10	**Compreensão**	Calmo	30	21.58	
		Conselheiro	29	20.86	
		Paciente	26	18.71	
		Compreensivo	15	10.79	
		…	…	…	
		Total	**139**		**20.87**
16	**Respeito**	Respeitado	45	37.50	
		…	…	…	
		Total	**120**		**18.02**
41		**Total Geral**	**666**		**100.00**

A dimensão filosófica, com uma conotação claramente positiva, foi subdividida em três subcategorias:

i) Sabedoria – inclui 15 palavras diferentes que remetem para a experiência, a sabedoria e o conhecimento e constituem a subcategoria com maior percentagem de evocação (61.11%) na categoria. As palavras mais frequentes, que correspondem a mais de 90% das evocações na subcategoria, são: experiente, sábio, inteligente, conhecimento e passado.
ii) Compreensão – inclui 10 palavras diferentes que veiculam uma imagem associada à compreensão, que correspondem a 20.87% das evocações na categoria. As palavras mais frequentes, que correspondem a 71.94% das evocações na subcategoria, são calmo, conselheiro, paciente e compreensivo.
iii) Respeito – inclui 16 palavras diferentes, a mais frequente é respeitado, que sugerem globalmente o reconhecimento de respeito, e correspondem a 18.02% das evocações na categoria.

Axiológica

Como se pode constatar no Quadro 4.14 a dimensão axiológica apresenta um total de 647 evocações (9.16% do total) e reflecte uma apreciação ou julgamento face à mulher idosa, ao homem idoso e às pessoas idosas. Inclui 118 palavras diferentes, das quais cerca de sessenta (50.85%) foram referidas apenas uma ou duas vezes. A frequência de evocação das palavras varia entre 1 e 62.

Quadro 4.14 – Axiológica: subcategorias, número de palavras diferentes nas categorias, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria

Nº palavras diferentes	Subcategoria	Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria	Percentagem da subcategoria na categoria
51	**Desfavorável**	Teimoso	61	15.76	
		Chato	52	13.44	
		Antiquado	19	4.91	
		Coscuvilhar	19	4.91	
		Impaciente	18	4.65	
		Rabugento	17	4.39	
		…	…	…	
		Total	**387**		**59.81**
39	**Favorável**	Independente	13	8.02	
		Prestável	13	8.02	
		…	…	…	
		Total	**162**		**25.04**
28	**Neutro**	Preocupado	15	15.31	
		Nervoso	12	12.24	
		…	…	…	
		Total	**98**		**15.15**
118		**Total Geral**	**647**		**100.00**

Esta apreciação ou julgamento apresenta diferentes tonalidades pelo que a categoria foi subdivida em três subcategorias:

i) Julgamento desfavorável – inclui 51 palavras diferentes, que veiculam uma apreciação ou julgamento desfavorável e depreciativo que é maioritário (59.81%) na categoria. Existe uma grande variedade vocabular (51 palavras diferentes) embora 20 palavras tenham sido referidas apenas uma ou duas vezes. As palavras mais frequentes são teimoso, chato, antiquado, coscuvilhar, impaciente e rabugento.

ii) Julgamento favorável – inclui 39 palavras diferentes que veiculam uma apreciação ou julgamento antagónico ao apresentado na subcategoria anterior, no entanto a sua importância na categoria é consideravelmente inferior à anterior (25.04%). Das 39

palavras diferentes que integram a subcategoria, 22 foram referidas apenas uma ou duas vezes. Globalmente emerge um julgamento favorável que é espelhado nas palavras independente e prestável.

iii) Julgamento neutro – inclui 28 palavras diferentes cuja apreciação parece não ter um carácter valorativo, daí a designação Julgamento Neutro. É a subcategoria que apresenta menor percentagem na categoria (15.15%). Das 28 palavras diferentes 18 foram referidas apenas uma ou duas vezes. A neutralidade valorativa é reflectida pelas palavras com maior frequência na subcategoria, como preocupado e nervoso, por exemplo.

Vestuário

A dimensão vestuário (Quadro 4.15) inclui 46 palavras diferentes num total de 626 evocações, cuja frequência varia entre 1 e 84. Corresponde a uma percentagem de 8.87% do total de evocações referidas pela totalidade dos sujeitos para o conjunto dos alvos.

Quadro 4.15 – Vestuário: subcategorias, número de palavras diferentes nas categorias, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria

Nº palavras diferentes	Subcategoria	Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria	Percentagem da subcategoria na categoria
	Adereços de	Chapéu	84	29.07	
21	**vestuário**	Lenço cabeça	39	13.49	
		Lenço	37	12.80	
		Relógio	19	6.57	
		Ganchos	18	6.23	
		Boina / boné	16	5.54	
		…	…	…	
		Total	**289**		**46.17**
18	**Roupa**	Roupa preta	32	12.70	
		Xaile	32	12.70	
		Roupa escura	27	10.71	
		Saia	19	7.54	
		Avental	17	6.75	
		Roupa	17	6.75	
		Roupa antiga	17	6.75	
		…	…	…	
		Total	**252**		**40.26**
7	**Calçado**	Chinelos/pantufas	**41**	**48.24**	
		…	…	…	
		Total	**85**		**13.57**
46		**Total Geral**	**626**		**100.00**

As palavras agrupadas nesta categoria estão relacionadas com diferentes aspectos associados ao vestuário pelo que consideramos três subcategorias:

i) Adereços de vestuário – inclui 21 palavras diferentes, das quais cinco são referidas apenas uma vez. É a subcategoria com maior percentagem de evocação na categoria (46.17%). Engloba uma diversidade de objectos que consideramos como adereços ou acessórios de vestuário, por exemplo chapéu, lenço da cabeça, lenço, relógio, ganchos, boina ou boné.
ii) Roupa – inclui 18 palavras diferentes, que correspondem a 40.26% das evocações na subcategoria e se referem ao tipo de roupa usado. Salientam-se referências globais, maioritárias, comuns a ambos os sexos, com predomínio de tons escuros sugerindo um aspecto pouco atractivo, como por exemplo roupa preta, roupa escura e roupa antiga. Nas referências específicas para o sexo feminino é referido xaile, saia e avental.
iii) Calçado – inclui sete palavras diferentes, que correspondem a 13.57% das evocações na subcategoria e que caracterizam o tipo de calçado usado, onde se salientam os chinelos ou pantufas.

Recreação

A dimensão recreação, como se pode verificar no Quadro 4.16, inclui 596 evocações que correspondem a 8.44% do total de evocações. Inclui 54 palavras diferentes, sendo 10 referidas apenas uma vez, com uma frequência de evocação que varia de 1 a 81.

No seu conjunto, as palavras englobadas na categoria reenviam para a ocupação do tempo numa perspectiva lúdica ou de descontracção apresentando diferentes vertentes agrupadas em cinco subcategorias:

i) Ócio – inclui 11 palavras diferentes que correspondem a 34.06% das evocações na categoria. Engloba as palavras televisão, rádio e jornal que remetem para a recreação, indiciando maior passividade por parte da pessoa e maior circunscrição ao espaço doméstico.
ii) Lazer – inclui 21 palavras diferentes que correspondem a 20.64% das evocações na categoria. Engloba, entre outras, as palavras banco de jardim, divertir e futebol, que reflectem maior actividade, interacção com outros e territorialidade mais alargada.

iii) Jogar – inclui quatro palavras diferentes com uma percentagem de evocação de 17.11%. Engloba as palavras jogar às cartas, cartas e jogar, que remetem claramente para uma imagem lúdica e de interacção.

Quadro 4.16 – Recreação: subcategorias, número de palavras diferentes nas categorias, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria

Nº palavras diferentes	Subcategoria	Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria	Percentagem da subcategoria na categoria
11	**Ócio**	Televisão	81	39.90	
		Rádio	28	13.79	
		Jornal	27	13.30	
		…	…	…	
		Total	**203**		**34.06**
21	**Lazer**	Banco jardim	21	17.07	
		Divertir	19	15.45	
		Futebol	12	9.76	
		…	…	…	
		Total	**123**		**20.64**
4	**Jogar**	Jogar cartas	43	42.16	
		Cartas	32	31.37	
		Jogar	16	15.69	
		…	…	…	
		Total	**102**		**17.11**
5	**Viajar**	Passear	51	56.67	
		Viajar	24	26.67	
		…	…	…	
		Total	**90**		**15.10**
13	**Trabalhos manuais**	Croché	17	21.79	
		Tricotar	14	17.95	
		…	…	…	
		Total	**78**		**13.09**
54		**Total Geral**	**596**		**100.00**

iv) Viajar – inclui cinco palavras diferentes com uma percentagem de evocação de 15.10%. Engloba as palavras passear e viajar, que veiculam claramente uma imagem de interacção e de territorialidade alargada.

v) Trabalhos manuais – inclui 13 palavras diferentes, como por exemplo croché, tricotar, jardinar e costurar, que globalmente sugerem a execução de trabalhos no espaço doméstico. É a subcategoria que apresenta menor percentagem de evocação na categoria (13.09%).

Debilidades

A dimensão debilidades (Quadro 4.17) inclui 46 palavras diferentes, num total de 594 evocações, correspondentes a 8.41% do total. Apresenta frequências que variam de 1 a 64.

Quadro 4.17 – Debilidades: subcategorias, número de palavras diferentes nas categorias, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria

Nº palavras diferentes	Subcategoria	Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria	Percentagem da subcategoria na categoria
18	**Mobilidade**	Dependente	64	20.85	
		Cansado	45	14.66	
		Dificuldade andar	36	11.73	
		Falta força	33	10.75	
		Frágil	31	10.10	
		…	…	…	
		Total	**307**		**51.68**
13	**Psíquicas**	Falta memória	29	29.29	
		…	…	…	
		Total	**99**		**16.67**
9	**Económicas**	Dificuldades financeiras	22	23.91	
		…	…	…	
		Total	**92**		**15.49**
4	**Sentidos**	Falta visão	23	41.07	
		Ouvir mal	23	41.07	
		…	…	…	
		Total	**56**		**9.43**
1	**Mastigação**	Desdentado	28	100.00	
		Total	**28**		**4.71**
1	**Esfíncteres**	Incontinente	12	100.00	
		Total	**12**		**2.02**
46		**Total Geral**	**594**		**100.00**

No seu conjunto as palavras englobadas na categoria veiculam diferentes tipos de debilidades, dificuldades ou carências que podem ser associadas ao desgaste e à falência bio-psíquica mas também a questões de carácter monetário. Tendo em atenção os diferentes domínios dividimo-la em seis subcategorias:

i) Debilidade de mobilidade – inclui 18 palavras diferentes que correspondem a 51.68% da categoria. Engloba palavras que no seu conjunto remetem para o apoio à deslocação e mobilidade, como por exemplo dependente, cansado, dificuldade em andar, falta de força e frágil.
ii) Debilidades psíquicas – inclui 13 palavras diferentes que correspondem a 16.67% do total de evocações na categoria. Globalmente as palavras incluídas estão associadas ao desgaste

psíquico e mental e a alterações do funcionamento cerebral. Engloba, entre outras, a palavra falta de memória.

iii) Debilidades económicas – inclui nove palavras diferentes que no seu conjunto transmitem uma imagem de dificuldades ou carências de carácter económico. Corresponde a 15.49% das evocações na categoria e engloba, entre outras, a expressão dificuldades financeiras.

iv) Debilidades dos sentidos – inclui quatro palavras onde se destacam falta de visão e ouvir mal, que indicam défice na visão e na audição. Correspondem a 9.43% de evocações na categoria.

v) Debilidade de mastigação – inclui apenas a palavra desdentado que corresponde a 4.71% das evocações na categoria.

vi) Debilidade no controlo dos esfíncteres – incluiu apenas a palavra incontinente, reveladora da dificuldade no controlo dos esfíncteres, que corresponde a 2.02% das evocações.

Sentimentos

A dimensão sentimentos (Quadro 4.18) inclui 23 palavras diferentes, num total de 557 evocações que corresponde a 7.89% do total. Apresenta frequências que variam entre 1 e 85.

Quadro 4.18 – Sentimentos: subcategorias, número de palavras diferentes nas categorias, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria

Nº palavras diferentes	Subcategoria	Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria	Percentagem da subcategoria na categoria
	Sentimentos	Carinho	85	24.01	
16	**positivos**	Amigo	45	12.71	
		Alegre	44	12.43	
		Meigo	37	10.45	
		Simpático	37	10.45	
		Bondoso	27	7.63	
		Amor	25	7.06	
		Atenção	22	6.21	
		Ternura	17	4.80	
		…	…	…	
		Total	**354**		**63.55**
	Sentimentos	Triste	80	39.41	
7	**negativos**	Saudoso	35	17.24	
		Carente	34	16.75	
		Infeliz	18	8.87	
		…	…	…	
		Total	**203**		**36.45**
23		**Total Geral**	**557**		**100.00**

Esta dimensão agrega um conjunto de palavras que por um lado podem caracterizar o que na opinião dos respondentes as mulheres idosas, os homens idosos e as pessoas idosas podem sentir e em simultâneo pode reflectir sentimentos que podem ser despertados por estes mesmos alvos nos respondentes.

No conjunto das palavras referidas identificamos duas tonalidades afectivas antagónicas pelo que subdividimos esta categoria em duas:

i) Sentimentos positivos – inclui 16 palavras diferentes, de tonalidade afectiva positiva, que correspondem a 63.55% das evocações na categoria. Engloba, entre outras, as palavras carinho, amigo, alegre, meigo e simpático.
ii) Sentimentos negativos – inclui sete palavras diferentes, de tonalidade afectiva negativa, que correspondem a 36.45% das evocações na categoria. Engloba, entre outras, as palavras triste, saudoso, carente e infeliz.

Morbilidade

A dimensão morbilidade (Quadro 4.19) inclui 39 palavras diferentes, num total de 526 evocações (7.45% do total) cuja frequência varia de 1 a 162 e agrega um conjunto de palavras que estão associadas a diferentes aspectos da doença e do seu tratamento.

Na dimensão morbilidade consideramos uma organização em cinco subcategorias:

i) Doenças – inclui, entre outras, a palavra doente, que veicula uma imagem associada às doenças. Corresponde a 35.17% das evocações na categoria.
ii) Recursos de tratamento – inclui palavras associadas ao tratamento das doenças, com uma percentagem de evocação igual à subcategoria anterior (35.17%). Engloba por exemplo as palavras medicamentos, hospital e médico.
iii) Finitude – inclui, entre outras, as palavras morrer e fim e corresponde a 12.36% das evocações na categoria.
iv) Sofrimento – inclui, entre outras a palavra sofredor e corresponde a 10.08% das evocações na categoria.
v) Osteoarticulares – incluiu as palavras osteoporose e reumatismo, reveladoras de problemas do foro osteoarticular e corresponde a 7.22% das evocações na categoria.

Quadro 4.19 – Morbilidade: subcategorias, número de palavras diferentes nas categorias, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria

Nº palavras diferentes	Subcategoria	Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria	Percentagem da subcategoria na categoria
8	**Doenças**	Doente	162	87.57	
		…	…	…	
		Total	**185**		**35.17**
13	**Recursos**	Medicamentos	97	52.43	
		Hospital	35	18.92	
		Médico	35	18.92	
		…	…	…	
		Total	**185**		**35.17**
9	**Finitude**	Morrer	30	46.15	
		Fim	24	36.92	
		…	…	…	
		Total	**65**		**12.36**
6	**Sofrimento**	Sofredor	20	37.74	
		Dores	15	23.30	
		…	…	…	
		Total	**53**		**10.08**
3	**Osteoarticulares**	Osteoporose	15	39.47	
		Reumatismo	12	31.58	
		…	…	…	
		Total	**38**		**7.22**
39		**Total Geral**	**526**		**100.00**

Aspecto

A dimensão aspecto (Quadro 4.20) inclui 40 palavras diferentes, num total de 450 evocações (6.37% do total) e agrega um conjunto de palavras, cuja frequência varia de 1 a 113.

Quadro 4.20 – Aspecto: subcategorias, número de palavras diferentes nas categorias, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria

Nº palavras diferentes	Subcategoria	Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria	Percentagem da subcategoria na categoria
20	**Fisionomia**	Cabelo branco	113	35.76	
		Rugas	103	32.59	
		Careca	24	7.59	
		…	…	…	
		Total	**316**		**70.22**
20	**Apresentação**	Falta Higiene	28	20.90	
		…	…	…	
		Total	**134**		**29.78**
40		**Total Geral**	**450**		**100.00**

Identificamos duas subcategorias na categoria aspecto:

i) Fisionomia – inclui 20 palavras que remetem para alterações fisiológicas associadas à velhice, tais como cabelo branco, rugas e careca. Corresponde a 70.22% das evocações na categoria.
ii) Apresentação – inclui 20 palavras, relacionadas com a apresentação e o cuidado pessoal, que revelam uma visão bipolarizada relativamente a esta. Por um lado é identificada falta de cuidado pessoal, observada por exemplo nas palavras falta de higiene, desleixado, descuidado e por outro é identificada preocupação e cuidado com a apresentação, observada por exemplo nas palavras vaidoso, pinturas ou maquilhagem e cuidar da apresentação. Corresponde a 29.78% das evocações na categoria.

Subsistência

A dimensão subsistência (Quadro 4.21) inclui 24 palavras diferentes, num total de 190 evocações (2.69% do total) cuja frequência varia de 1 a 30.

Esta dimensão sugere diferentes aspectos ligados à subsistência que de certo modo permitem organizar o dia-a-dia.

Quadro 4.21 – Subsistência: subcategorias, número de palavras diferentes nas categorias, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria

Nº palavras diferentes	Subcategoria	Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria	Percentagem da subcategoria na categoria
12	**Necessidades básicas**	Vinho	18	23.08	
		Comer	13	16.67	
		Dormir	12	15.38	
		…	…	…	
		Total	**78**		**41.05**
5	**Actividades domésticas**	Cozinhar	18	30.51	
		Trabalho doméstico	16	27.12	
		…	…	…	
		Total	**59**		**31.05**
7	**Ruralidade**	Agricultor	30	56.60	
		…	…	…	
		Total	**53**		**27.90**
24		**Total Geral**	**190**		**100.00**

Organizámos a dimensão subsistência em três subcategorias:

i) Necessidades básicas – inclui 12 palavras associadas à satisfação das necessidades básicas, nomeadamente vinho, comer e dormir. Corresponde a 41.05% das evocações na categoria.
ii) Actividades domésticas - inclui, entre outras, as palavras cozinhar e trabalho doméstico. Corresponde a 31.05% das evocações na categoria.
iii) Ruralidade – inclui um conjunto de palavras que reenviam para o trabalho rural, nomeadamente agricultor. Corresponde a 27.90% das evocações na categoria.

Religiosidade

A religiosidade não se subdivide e inclui cinco palavras (religião, terço, missa, igreja e rezar) com referência directa à religião. Regista 170 evocações, que corresponde a 2.41% do total.

Sinónimos

Os sinónimos surgem com um total de 119 evocações, que correspondem a 1.69% do total, e inclui 9 palavras diferentes, como por exemplo velho, idade, envelhecido, velhinho, que podem ser consideradas sinónimas dos alvos apresentados.

Habitação

A dimensão habitação, apenas agrupa duas palavras lar/asilo e casa, onde se destaca a primeira, que se referem ao local de habitação. Regista 77 evocações que correspondem a 1.09% do total.

Em síntese, as representações da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas caracterizam-se por uma informação variada, organizada num conjunto bem estruturado de categorias: dispositivos de apoio; social; filosófica; axiológica; vestuário; recreação; debilidades; sentimentos; morbilidade; aspecto; subsistência; religiosidade; sinónimos e habitação, que por sua vez organizámos em subcategorias bem distintas, que reforçam a multidimensionalidade das representações já referidas no ponto anterior.

As categorias e subcategorias encontradas sugerem ambivalência relativamente à velhice, aspecto que tem sido uma constante na história do Ocidente (Minois, 1999), e são conformes aos resultados de outras investigações já anteriormente referidas. Tal como noutros estudos

(cf. por exemplo Schmidt & Boland, 1986 e Sousa & Cerqueira, 2005, 2006) ressalta dos nossos dados o pendor negativo ligado à velhice.

No nosso estudo a visão mais positiva está associada sobretudo às categorias filosófica (sabedoria, compreensão e respeito), recreação (ócio, lazer, jogar, viajar e trabalhos manuais), subsistência (necessidades básicas, actividades domésticas e ruralidade) e às subcategorias sentimentos positivos, relações interpessoais, família, julgamento favorável e actividade sócio laboral.

Por seu lado a visão mais negativa, amplamente retratada ao longo dos tempos (cf. ponto 1.1.1 e 1.1.2) associada à decrepitude e ao desgaste, é sugerida pelas categorias dispositivos de apoio (mobilidade, sentidos, socio-económicos, mastigação, repouso e urinários), debilidades (mobilidade, psíquicas, económicas, sentidos, mastigação, esfíncteres); morbilidade (doenças, recursos tratamento, finitude, sofrimento, osteoarticulares), aspecto (fisionomia e apresentação), habitação e às subcategorias exclusão social, sem actividade sócio laboral, julgamento desfavorável e sentimentos negativos.

4.4.2 – Recursos na velhice: a velhice entre perdas e ganhos

A primeira classificação, resultante da análise categorial temática, apresentada anteriormente sugere, como já referimos, uma visão ambivalente da velhice que se organiza em torno de recursos que lhe são associados e que parece obedecer a um princípio organizador mais geral que coloca em pólos opostos positivo *vs* negativo que na velhice pensamos poder traduzir-se na polaridade ganhos vs perdas . Esta visão ambivalente da velhice tem sido consistentemente referida ao longo do tempo no Ocidente (Minois, 1999) e tem emergido em diversos estudos (cf. por exemplo Gastron *et al.*, 2000; Schmidt & Boland, 1986; Silva & Gunther, 2000; Sousa & Cerqueira, 2005; 2006; Teixeira *et al.*, 2007; Vaz, 2008; Veloz *et al.*, 1999).

Na visão ambivalente sobre a velhice que os nossos resultados sugerem, podemos, por um lado, encontrar referências a recursos perdidos e, por outro lado, encontrar referências a recursos conservados ou adquiridos nesta fase do ciclo vital, também já revelados noutros estudos (cf. por exemplo Settembre & Leal, 2007; Wachelke *et al.*, 2008). Este horizonte interpretativo incitou-nos a efectuar uma nova classificação temática das palavras evocadas no intuito de perceber a organização dos recursos, perdidos e conservados ou adquiridos, e

explorar eventuais diferenças em função dos alvos (mulher idosa, homem idoso e pessoas idosas) de forma mais pormenorizada.

O ponto de partida para esta análise foi o dicionário "expressões/objectos" donde foram retiradas todas as palavras incluídas nas categorias: axiológica, vestuário e sinónimos pelo facto de, na nossa opinião, incluírem asserções que se distanciam de referências a recursos perdidos e ou conservados ou adquiridos na velhice. Assim, passamos a utilizar 379 palavras diferentes, das quais 77 foram referidas apenas uma vez, com uma frequência de 5669 evocações.

Nesta análise, consideramos duas categorias definidas *a priori* (Bardin, 1995): perdas, que correspondem aos recursos perdidos na velhice, e ganhos, que correspondem aos recursos conservados ou adquiridos na velhice. Devido à abrangência das categorias, estas foram organizadas em subcategorias utilizando o "procedimento por «milha»" (Bardin, 1995 p. 119).

A apresentação das categorias é feita por ordem decrescente do total de frequências registadas para os três alvos pelo conjunto dos respondentes.

Para uma melhor compreensão da velhice em termos dos recursos, perdidos ou conservados, que lhes estão associados optámos por estruturar a sua apresentação em três pontos. No primeiro apresentamos os recurso perdidos (ponto 4.4.2.1), no segundo apresentamos os recursos conservados ou adquiridos (ponto 4.4.2.2) e no terceiro (ponto 4.4.2.3) analisamos a variação dos recursos perdidos e conservados na velhice em função do alvo da velhice (mulheres idosas, homens idosos e pessoas idosas), do grupo etário (adolescentes, jovens adultos, meia-idade e terceira idade) e do sexo dos respondentes.

4.4.2.1 – Recursos perdidos: perdas

As perdas associadas à mulher idosa, ao homem idoso e às pessoas idosas constituem a categoria mais evocada. Nesta categoria foram incluídas 178 palavras diferentes (2969 frequências, 52.37% do total), cuja frequência varia de 1 a 281 e que organizamos em seis subcategorias que apresentamos em seguida (Quadros 4.22, 4.23, 4.24, 4.25, 4.26 e 4.27).

As subcategorias das perdas são:

i) Perdas funcionais (Quadro 4.22) – inclui 76 palavras diferentes (1676 frequências) que, no seu conjunto sugerem claramente défice ou perda de funcionalidade de órgãos, como, por exemplo, bengala, doente, óculos, medicamentos, dentadura, cadeira de rodas e dependente. Constitui a subcategoria com maior percentagem de evocação na categoria (56.45%).

ii) Perdas de aparência (Quadro 4.23) – inclui 16 palavras diferentes (338 frequências) que se referem sobretudo a alterações ao nível do aspecto fisionómico como, por exemplo, cabelo branco e rugas. Constitui a segunda subcategoria em termos percentuais (11.38%).

iii) Perdas afectivas e psicológicas (Quadro 4.24) – inclui 20 palavras diferentes (302 frequências) que, no seu conjunto, indiciam défice ao nível da afectividade e/ou actividade mental, como por exemplo, saudoso, carente e falta de memória. Em termos percentuais, esta subcategoria corresponde a 10.17% das evocações na categoria.

Quadro 4.22 – Perdas funcionais, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo, 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria

Palavra	**Frequência**	**Percentagem da palavra na subcategoria**
Bengala	281	16.77
Doente	162	9.67
Óculos	151	9.01
Medicamentos	97	5.79
Dentadura	88	5.25
Cadeira de rodas	77	4.59
Dependente	64	3.82
Fraldas	47	2.80
Cansado	45	2.68
Canadianas ou muletas	36	2.15
Dificuldade em andar	36	2.15
Hospital	35	2.09
Médico	35	2.09
Falta de força	33	1.97
Frágil	31	1.85
Morrer	30	1.79
Desdentado	28	1.67
Fim	24	1.43
Falta de visão	23	1.37
Ouvir mal	23	1.37
Sofredor	20	1.19
Aparelho de ouvir	18	1.07
Próteses	17	1.01
…	…	…
Total	**1676**	**100.00**

Quadro 4.23 – Perdas de aparência, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo, 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria

Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria
Cabelo branco	113	33.43
Rugas	103	30.47
Falta de higiene	28	8.28
Careca	24	7.10
…	…	…
Total	**338**	**100.00**

Quadro 4.24 – Perdas afectivas e psicológicas, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo, 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria

Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria
Saudoso	35	11.59
Carente	34	11.26
Falta de memória	29	9.60
Infeliz	18	5.96
…	…	…
Total	**302**	**100.00**

iv) Perdas nas interacções sociais (Quadro 4.25) – inclui 21 palavras diferentes (273 frequências) que remetem para ausência de contacto humano e social, como por exemplo, solitário e abandonado. Em termos percentuais, corresponde a 9.20% do total de evocações na categoria.

v) Perdas financeiras (Quadro 4.26) – inclui 37 palavras diferentes (204 frequências) que, globalmente, remetem para carências do foro económico. Agrega, por exemplo, as palavras ajudar e dificuldades financeiras. Em termos percentuais, corresponde a 6.87% das evocações na categoria.

Quadro 4.25 – Perdas nas interacções sociais, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo, 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria

Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria
Solitário	146	53.48
Abandonado	37	13.55
Recordar	17	6.23
Viuvez	16	5.86
…	…	…
Total	**273**	**100.00**

Quadro 4.26 – Perdas financeiras, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo, 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria

Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria
Ajudar	37	18.14
Dificuldades financeiras	22	10.78
Apoio social	18	8.82
…	…	…
Total	**204**	**100.00**

vi) Perdas de estatuto (Quadro 4.27) – inclui oito palavras diferentes (176 frequências), como lar ou asilo, reformado e tempo livre, que, globalmente, sugerem perda de importância social. Em termos percentuais, corresponde à subcategoria com menor importância na categoria (5.93%).

Quadro 4.27 – Perdas de estatuto, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo, 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria

Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria
Lar ou asilo	64	36.36
Reformado	59	33.52
Tempo livre	20	11.36
…	…	…
Total	**176**	**100.00**

Quando comparamos as diferentes subcategorias das perdas entre si (Quadro 4.28) constatamos que as perdas funcionais são significativamente mais referidas do que todas as outras.

Quadro 4.28 – Frequência de evocação nas subcategorias das perdas para o conjunto dos respondentes. Comparação entre as subcategorias. Valores do ^{2}

Subcategorias	**Funcionais**	**Aparência**	**Afectivas e psicológicas**	**Interações sociais**	**Financeiras**	**Estatuto**	**Total perdas**
	Fu	**A**	**P**	**I**	**Fi**	**E**	
Frequências	1676	338	302	273	204	176	2969
			Valores do ^{2}				
Fu-P-A-I-Fi-E	**Fu-P**	**Fu-A**	**Fu-I**	**Fu-Fi**	**Fu-E**	**A-P**	**A-I**
3420.11***	953.05***	1008.52***	887.57***	1150.98***	1213.28***	1.91	6.70**
			Valores do ^{2}				
A-Fi	**A-E**	**P-I**	**P-Fi**	**P-E**	**I-Fi**	**I-E**	**Fi-E**
32.64***	50.43***	1.36	18.60***	32.69***	9.69**	20.53***	1.92

*p≤.05; **p≤.01; ***p≤.001

Continuando a leitura do Quadro 4.28 podemos ver que as perdas de aparência, que não se diferenciam das perdas afectivas e psicológicas, assim como estas não se diferenciam das perdas nas interacções sociais, têm frequências significativamente superiores às perdas nas interacções sociais, que por sua vez têm frequências superiores às perdas financeiras e às perdas de estatuto, que não se diferenciam entre si.

Em síntese, as perdas associadas à velhice organizam-se em seis subcategorias: perdas funcionais, perdas de aparência, perdas afectivas e psicológicas, perdas nas interacções sociais, perdas financeiras e perdas de estatuto.

Numa primeira leitura, as perdas associadas à velhice situam-se claramente ao nível das perdas funcionais. Uma análise conjunta das subcategorias encontradas parece indiciar uma dicotomia: domínio biológico / domínio psicossocial. No domínio biológico situámos as perdas funcionais e as perdas de aparência e no domínio psicossocial situamos as perdas afectivas e psicológicas, as perdas nas interacções sociais, as perdas financeiras e as perdas de estatuto. Podemos verificar que a maioria das perdas corresponde ao domínio biológico e estão associadas à falência dos órgãos ou sistemas vitais e ao desgaste e deterioração do organismo e que as perdas no domínio psicossocial remetem para um empobrecimento das relações interpessoais e perda de importância pessoal e são referidas num número significativamente inferior às anteriores (Domínio biológico: 2014, Domínio psicossocial: 955; $^{2}(1)=377.02$, $p<.001$).

4.4.2.2 – Recursos conservados ou adquiridos: ganhos

Nos ganhos associados à mulher idosa, ao homem idoso e às pessoas idosas foram incluídas 201 palavras diferentes, com uma frequência que varia de 1 a 169, num total de 2700 frequências correspondentes a 47.63% do total das evocações consideradas. O conjunto diversificado de palavras da categoria Ganhos foi por nós organizado em sete subcategorias (Quadros 4.29, 4.30, 4.31, 4.32, 4.33, 4.34, 4.35, 4.36 e 4.37).

As subcategorias dos Ganhos são:

i) Ganhos morais e afectivos (Quadro 4.29) – inclui 56 palavras diferentes (1011 frequências) que veiculam uma imagem positiva e fazem alusão a um conjunto de

competências decorrentes da experiência de vida, como, por exemplo, experiente, sábio, carinho, amigo e respeitado. Constitui a subcategoria com maior frequência de evocações na categoria (37.44%).

Quadro 4.29 – Ganhos morais e afectivos, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo, 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria

Palavra	**Frequência**	**Percentagem da palavra na subcategoria**
Experiente	169	16.72
Sábio	133	13.16
Carinho	85	8.41
Amigo	45	4.45
Respeitado	45	4.45
Alegre	44	4.35
Meigo	37	3.66
Simpático	37	3.66
Calmo	30	2.97
Conselheiro	29	2.87
Bondoso	27	2.67
Inteligente	26	2.57
Paciente	26	2.57
Amor	25	2.47
Atenção	22	2.18
Conhecimento	22	2.18
Passado	20	1.98
Ternura	17	1.68
…	…	…
Total	**1011**	**100.00**

ii) Ganhos ocupacionais (Quadro 4.30) – inclui 80 palavras diferentes (813 frequências), onde são apresentadas uma série de actividades relacionadas com a recreação e com a subsistência. São referidas palavras como televisão, passear, jogar às cartas e trabalhador. Constitui a segunda subcategoria em termos de percentagem de evocação (30.11%).

iii) Ganhos nas relações interpessoais (Quadro 4.31) – inclui 14 palavras diferentes (257 frequências) que remetem para a interacção social e para capacidades comunicacionais, como, por exemplo, conversador, contar histórias e conviver. Corresponde a 9.52% das evocações na categoria.

Quadro 4.30 – Ganhos ocupacionais, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo, 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria

Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria
Televisão	81	9.96
Passear	51	6.27
Jogar às cartas	43	5.29
Trabalhador	38	4.67
Cartas	32	3.94
Agricultor	30	3.69
Rádio	28	3.44
Jornal	27	3.32
Viajar	24	2.95
Divertir	19	2.34
Cozinhar	18	2.21
Vinho	18	2.21
Croché	17	2.09
Jogar	16	1.97
Trabalho doméstico	16	1.97
…	…	…
Total	**813**	**100.00**

Quadro 4.31 – Ganhos nas relações interpessoais, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo, 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria

Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria
Conversador	59	22.96
Contar histórias	35	13.62
Conviver	33	12.84
Companheiro	28	10.89
Café	26	10.12
…	…	…
Total	**257**	**100.00**

iv) Ganhos familiares (Quadro 4.32) – inclui 14 palavras diferentes (192 frequências) que remetem para o domínio da parentalidade, mais especificamente para o papel de avós, tais como netos, família, avó e cuidar dos netos. Corresponde a 7.11% das evocações na categoria.

v) Ganhos religiosos (Quadro 4.33) – inclui as cinco palavras: religião, terço, missa, igreja e rezar (170 frequências). Mais do que um conjunto de actividades, esta subcategoria parece reflectir uma dimensão associada à espiritualidade. Corresponde a 6.30% das evocações na categoria.

Quadro 4.32 – Ganhos familiares, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo, 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria

Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria
Netos	43	22.40
Família	40	20.83
Avó	27	14.06
Cuidar dos netos	27	14.06
Mãe	16	8.33
…	…	…
Total	**192**	**100.00**

Quadro 4.33 – Ganhos religiosos, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo, 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria

Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria
Religião	46	27.06
Terço	41	24.12
Missa	37	21.76
Igreja	29	17.06
Rezar	17	10.00
Total	**170**	**100.00**

vi) Ganhos gerais (Quadro 4.34) – inclui nove palavras diferentes (152 frequências), correspondentes a ganhos pouco específicos, tais como, cama, banco do jardim e cadeira. Corresponde a 5.63% das evocações.

vii) Ganhos de aparência (Quadro 4.35) – inclui 23 palavras diferentes (105 frequências), que, no seu conjunto, indicam estratégias para cuidar da aparência, como, por exemplo, vaidoso, pucho ou poupo, pinturas ou maquilhagem e beleza. Corresponde à categoria com menor percentagem de evocação (3.89%).

Quadro 4.34 – Ganhos gerais, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo, 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria

Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria
Cama	35	23.03
Banco de jardim	21	13.82
Cadeira	19	12.50
Sofá	19	12.50
Transportes	19	12.50
…	…	…
Total	**152**	**100.00**

Quadro 4.35 – Ganhos de aparência, frequência por palavra evocada para o conjunto dos alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria

Palavra	**Frequência**	**Percentagem da palavra na subcategoria**
Vaidoso	14	13.33
Pucho ou poupo	12	11.43
Pinturas ou maquilhagem	10	9.52
Beleza	9	8.57
Cuidar da apresentação	9	8.57
…	…	…
Total	**105**	**100.00**

Quando comparamos as diferentes subcategorias dos ganhos entre si (Quadro 4.36) verificamos a existência de diferenças significativas. Constatamos que os ganhos morais e afectivos são significativamente mais referidos do que os ganhos ocupacionais, que são superiores aos ganhos nas relações interpessoais e que os três são significativamente superiores aos restantes ganhos. Constatamos ainda que os ganhos familiares, não se diferenciando dos religiosos, são superiores aos gerais, que são superiores aos ganhos de aparência. Constatamos por fim que os ganhos religiosos não se diferenciam dos ganhos gerais mas são superiores aos ganhos de aparência.

Quadro 4.36 – Frequência de evocação nas subcategorias dos ganhos para o conjunto dos respondentes. Comparação entre as subcategorias. Valores do ^{2}

Subcategorias	**Morais e afectivos M**	**Ocupacionais O**	**Relações interpessoais Ri**	**Familiares F**	**Religiosos R**	**Gerais G**	**Aparência A**	**Total**
Frequências	1011	813	257	192	170	152	105	2700

Valores do ^{2}

M-O-Ri-F-R-G-A	**M-O**	**M-Ri**	**M-F**	**M-R**	**M-G**	**M-A**	**O-Ri**	**O-F**	**O-R**
2093.79***	21.28***	447.17***	556.21***	597.46***	632.99***	733.89***	287.87***	382.49***	419.29***

Valores do ^{2}

O-G	**O-A**	**Ri-F**	**Ri-R**	**Ri-G**	**Ri-A**	**F-R**	**F-G**	**F-A**	**R-G**	**R-A**	**G-A**
451.40***	544.50***	9.12**	17.32***	26.45***	62.99***	1.22	4.42*	24.90***	0.90	14.90***	8.23**

*p≤.05; **p≤.01; ***p≤.001

Em síntese, os ganhos associados à velhice organizam-se em sete subcategorias: ganhos morais e afectivos, ganhos ocupacionais, ganhos nas relações interpessoais, ganhos familiares, ganhos religiosos, ganhos gerais e ganhos de aparência.

Numa primeira leitura nos ganhos associados à velhice destacam-se claramente os ganhos morais e afectivos e os ocupacionais. A análise conjunta das subcategorias encontradas faz sobressair o domínio psicossocial que engloba os ganhos morais e afectivos, os ganhos ocupacionais, os ganhos nas relações interpessoais, os ganhos familiares e os ganhos religiosos. Os ganhos de aparência situam-se no domínio biológico e correspondem claramente à subcategoria que apresenta a menor frequência de ganhos. Os ganhos gerais por serem inespecíficos não permitem uma identificação com nenhum dos dois domínios referidos.

A análise dos ganhos permite salientar o reconhecimento de um conjunto de competências resultantes do acumular de experiências, a valorização da capacidade de interacção e parece ter implícita uma nova corporalidade onde o corpo é entendido como instrumento que permite ao sujeito bastar-se a si próprio e que ao mesmo tempo permite expressar ganhos decorrentes do passar dos anos, ainda que revele as marcas duma história e duma experiência vivida onde se acentuam as perdas.

4.4.2.3 – Variações das perdas e dos ganhos em função do alvo, grupo etário e sexo dos respondentes

Perdas e ganhos na velhice: diferenças em função do alvo

No Quadro 4.37 apresentamos o número de palavras diferentes referidas em cada subcategoria, nas categorias perdas e ganhos, as frequências de evocação pelo conjunto dos respondentes, para os alvos mulher idosa, homem idoso, pessoas idosas e as frequências gerais para o conjunto dos alvos e os respectivos valores do *qui-quadrado*.

A análise do Quadro 4.37, relativamente às perdas, sugere que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os três alvos, mulher idosa, homem idoso e pessoas idosas, relativamente às perdas de aparência, afectivas e psicológicas e ao nível das interacções sociais, mas que existem diferenças em termos do global das perdas e nas restantes subcategorias.

Assim, quando analisamos as perdas no seu global, as perdas funcionais, as perdas financeiras e as perdas de estatuto, verificamos que não existem diferenças estatisticamente significativas entre a mulher idosa e o homem idoso. Já nas pessoas idosas as referidas perdas são significativamente superiores às da mulher idosa e às do homem idoso.

Quadro 4.37 – Número de palavras diferentes por perdas e ganhos, frequência de evocação na categoria e subcategoria por alvo para o conjunto dos respondentes. Valores do ^{2}

Nª Palav Dif	Categoria	Subcategoria	Mulher idosa M Total	Homem idoso H Total	Pessoas idosas P Total	Geral	^{2} M-H-P	M-H	M-P	H-P
76	**Perdas**	Funcionais	501	527	648	1676	22.03***	0.61	18.55***	12.26***
16		Aparência	118	123	97	338	3.38	0.07	1.86	2.84
20		Afectivas e psicológicas	96	101	105	302	0.40	0.08	0.32	0.04
21		Interacções sociais	79	88	106	273	4.15	0.38	3.65	1.49
37		Financeiras	54	60	90	204	10.94**	0.22	8.51**	5.61*
8		Estatuto	43	54	79	176	11.60**	1.03	10.04**	4.33*
178		**Global**	**891**	**953**	**1125**	**2969**	**29.70*** **	**2.02**	**26.93*** **	**14.07*** **
56	**Ganhos**	Morais e afectivos	349	307	355	1011	4.06	2.56	0.04	3.34
80		Ocupacionais	240	353	220	813	37.96***	21.15***	0.79	30.41***
14		Relações interpessoais	72	118	67	257	18.45***	10.66**	0.12	13.51***
14		Familiares	93	51	48	192	19.78***	11.67***	13.73***	0.04
5		Religiosos	87	24	59	170	35.17***	34.63***	4.99*	13.93***
9		Gerais	41	53	58	152	3.01	1.29	2.59	0.14
23		Aparência	52	30	23	105	13.09**	5.38*	10.45**	0.68
201		**Global**	**934**	**936**	**830**	**2700**	**8.17***	**0.01**	**6.01***	**6.24***
379		**Total**	**1825**	**1889**	**1955**	**5669**	**0.000**	**1.07**	**4.40**	**1.10**

*p≤.05; **p≤.01; ***p≤.001

No que concerne aos ganhos podemos ver no Quadro 4.37 que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os três alvos relativamente aos ganhos morais e afectivos e aos ganhos gerais, mas que existem diferenças em termos do global de ganhos e nas restantes subcategorias encontradas.

Quando consideramos os ganhos no seu global verificamos que não existem diferenças entre a mulher idosa e o homem idoso. Já na comparação da mulher idosa e do homem idoso com as pessoas idosas, ambos surgem com um total de ganhos significativamente superior.

Relativamente aos ganhos ocupacionais e aos ganhos nas relações interpessoais, o homem idoso aparece com valores significativamente superiores aos da mulher idosa e aos das pessoas idosas, que não se diferenciam entre si.

Por sua vez, nos ganhos familiares e nos ganhos de aparência, a mulher idosa surge com valores significativamente superiores aos do homem idoso e aos valores das pessoas idosas, que não se diferenciam entre si. Nos ganhos religiosos os valores obtidos para a mulher idosa

são significativamente superiores aos do homem idoso e aos das pessoas idosas que, por sua vez, também são significativamente superiores aos valores obtidos para o homem idoso.

Uma análise comparativa entre as frequências de evocação nas categorias perdas e ganhos, para o conjunto dos alvos, revela que são assinaladas significativamente mais perdas do que ganhos (perdas: 2969, ganhos: 2700, $^{2}(1)=12.67$, $p<.001$).

Perdas e ganhos na velhice: diferenças em função do grupo etário dos respondentes

Uma análise global das frequências de evocação nas categorias e subcategorias para o conjunto dos alvos por grupo etário (Quadro 4.38) revela que os grupos etários se diferenciam entre si em todas as dimensões excepto nos ganhos ao nível da aparência.

De seguida, no sentido de promover maior compreensão dos dados, apresentamos análises mais detalhadas das perdas e dos ganhos comparando os valores referidos pelos diferentes grupos etários.

Atendendo à totalidade das perdas verificamos que os respondentes da meia-idade referem significativamente mais perdas do que os adolescentes e jovens adultos, que não se diferenciam entre si, mas todos referem significativamente mais perdas do que os respondentes da terceira idade.

Uma análise mais detalhada das perdas indica que nas perdas funcionais os respondentes da meia-idade não se diferenciam dos adolescentes e ambos apresentam valores significativamente superiores aos respondentes da terceira idade e jovens adultos, que não se diferenciam entre si.

Relativamente às perdas de aparência os adolescentes apresentam valores significativamente superiores aos dos jovens adultos e meia-idade, que não se diferenciam entre si, mas todos referem perdas de aparência significativamente superiores às referidas pelos respondentes da terceira idade.

Nas perdas afectivas e psicológicas, o grupo da meia-idade apresenta maior número de perdas do que os jovens adultos, mas não se diferenciam da terceira idade. Os adolescentes apresentam valores significativamente inferiores a todos os grupos.

Quadro 4.38 – Frequência de evocação nas categorias e subcategorias das perdas e dos ganhos para o conjunto dos alvos por grupo etário. Valores do ^{2}

Perdas / Ganhos	Terceira idade T	Meia-idade M	Jovem adulto J	Adolescente A	Total
Funcionais	369	475	359	473	1676
Aparência	51	79	87	121	338
Afectivas e psicológicas	77	104	74	47	302
Interacções sociais	66	97	75	35	273
Financeiras	50	60	66	28	204
Estatuto	17	50	71	38	176
Total Perdas	**630**	**865**	**732**	**742**	**2969**
Morais e afectivos	162	307	335	207	1011
Ocupacionais	137	237	291	148	813
Relações interpessoais	58	82	86	31	257
Familiares	37	59	73	23	192
Religiosos	32	52	64	22	170
Gerais	19	46	51	36	152
Aparência	26	18	24	37	105
Total Ganhos	**471**	**801**	**924**	**504**	**2700**

Valores do ^{2}

Perdas / Ganhos	T-M-J-A	T-M	T-J	T-A	M-J	M-A	J-A
Funcionais	29.00***	13.06***	0.11	12.60***	15.86***	0.00	15.35***
Aparência	29.48***	5.61*	8.88**	27.68***	0.30	8.41**	5.24*
Afectivas e psicológicas	21.58***	3.74	0.03	6.78**	4.73*	20.77***	5.59*
Interacções sociais	29.05***	5.52*	0.45	8.91**	2.56	28.19***	13.83***
Financeiras	16.39***	0.74	1.94	5.65*	0.20	10.92***	14.56***
Estatuto	34.77***	15.28***	31.92***	7.27**	3.31	1.38	9.39**
Total Perdas	**37.42*** **	**36.63*** **	**7.49****	**8.98****	**10.91*** **	**9.26****	**0.06**
Morais e afectivos	79.28***	44.21***	59.53***	5.25*	1.14	19.07***	29.76***
Ocupacionais	80.10***	26.21***	54.69***	0.35	5.32*	20.11***	45.93***
Relações interpessoais	30.08***	3.78	5.06*	7.60**	0.05	22.12***	24.92***
Familiares	31.08***	4.59*	11.14***	2.82	1.28	14.94***	25.01***
Religiosos	25.48***	4.30*	10.01**	1.50	1.04	11.37***	19.55***
Gerais	15.74**	10.40***	13.73***	4.66*	0.17	0.99	2.25
Aparência	7.19	1.11	0.02	1.59	0.60	5.89*	2.36
Total Ganhos	**220.35*** **	**85.10*** **	**146.45*** **	**1.05**	**8.63****	**67.14*** **	**122.94*** **

*p≤.05; **p≤.01; ***p≤.001

As perdas nas interacções sociais são mais referidas pelos respondentes da meia-idade, que não se diferenciam dos jovens adultos, mas são significativamente superiores às referidas pelos respondentes da terceira idade, que também são superiores às referidas pelos adolescentes.

Nas perdas financeiras, os jovens adultos, a meia-idade e a terceira idade não se diferenciam entre si e referem significativamente mais perdas do que os adolescentes.

As perdas de estatuto são mais referidas pelos jovens adultos, que não se diferenciam da meia-idade e são significativamente superiores às dos adolescentes. Os respondentes da meia-idade não se diferenciam dos adolescentes e a terceira idade apresenta valores inferiores a todos os grupos.

Relativamente à totalidade dos ganhos verificamos que os jovens adultos referem um total de ganhos significativamente superior aos respondentes da meia-idade que referem mais ganhos do que os adolescentes e os respondentes da terceira idade, que não se diferenciam entre si.

Uma análise mais detalhada dos ganhos indica que os ganhos morais e afectivos são mais referidos pelos jovens adultos e meia-idade, que não se diferenciam entre si, e são significativamente superiores aos referidos pelos adolescentes que por sua vez são superiores aos referidos pelos respondentes da terceira idade.

Os ganhos ocupacionais são significativamente mais referidos pelos jovens adultos do que pelos respondentes da meia-idade que por sua vez referem um valor superior ao dos adolescentes e respondentes da terceira idade, que não se diferenciam entre si.

Nos ganhos nas relações interpessoais os jovens adultos, os respondentes da meia-idade e os da terceira idade não se diferenciam entre si mas apresentam valores significativamente superiores aos referidos pelos adolescentes.

Nos ganhos familiares e nos ganhos religiosos os jovens adultos e os respondentes da meia-idade não se diferenciam entre si e apresentam valores significativamente superiores aos respondentes da terceira idade e aos dos adolescentes, que também não se diferenciam entre si.

Nos ganhos gerais os jovens adultos, os respondentes da meia-idade e os adolescentes não se diferenciam entre si mas apresentam valores significativamente superiores aos referidos pelos respondentes da terceira idade.

Como já referimos, nos ganhos de aparência não há diferenças quando comparamos os quatro grupos etários em simultâneo.

Mantendo uma apreciação global, quando comparamos as perdas e os ganhos em cada grupo etário, verificamos que são referidas mais perdas do que ganhos pelos respondentes da terceira idade ($^2(1)=22.67$, $p<.001$) e pelos adolescentes ($^2(1)=45.07$, $p<.001$). Os respondentes da meia-idade não apresentam diferenças significativas entre perdas e ganhos ($^2(1)=2.38$, *ns*). Os jovens adultos referem significativamente mais ganhos do que perdas ($^2(1)=22.03$, $p<.001$).

Perdas e ganhos na velhice: diferenças em função do sexo e do sexo por grupo etário dos respondentes

No Quadro 4.39 apresentamos as frequências de evocação nas categorias e subcategorias para o conjunto dos alvos por sexo, por grupo etário por sexo e respectivos valores do *qui-quadrado*

Quando analisamos as frequências de evocação para o conjunto dos alvos e grupos etários por sexo, verificamos que os respondentes apenas se diferenciam relativamente aos ganhos religiosos, onde os respondentes do sexo feminino prevalecem sobre os do sexo masculino. Este resultado revela uma maior ligação das mulheres às práticas religiosas aspecto já presente pela maior ligação da mulher idosa aos ganhos religiosos.

Quadro 4.39 – Frequência de evocação nas categorias e subcategorias das perdas e dos ganhos para o conjunto dos alvos por sexo e para o grupo etário por sexo. Valores do ^{2}

	Sexo		^{2}	**Terceira idade**		^{2}	**Meia-idade**		^{2}	**Jovens adultos**		^{2}	**Adolescentes**		^{2}
	Fem	**Masc**		**Fem**	**Masc**		**Fem**	**Masc**		**Fem**	**Masc**		**Fem**	**Masc**	
Funcionais	844	832	0.07	214	155	9.12**	247	228	0.68	179	180	0.00	204	269	8.66**
Aparência	167	171	0.03	22	29	0.71	42	37	0.20	45	42	0.05	58	63	0.13
Afectivas e psicológicas	163	139	1.75	48	29	4.21*	46	58	1.16	42	32	1.10	27	20	0.77
Interacções sociais	146	127	1.19	47	19	11.05***	40	57	2.64	38	37	0.00	21	14	1.03
Financeiras	111	93	1.42	33	17	4.50*	25	35	1.35	42	24	4.38*	11	17	0.89
Estatuto	98	78	2.05	11	6	0.94	20	30	1.62	44	27	3.61	23	15	1.29
Total de perdas	**1529**	**1440**	**2.61**	**375**	**255**	**22.48*****	**420**	**445**	**0.67**	**390**	**342**	**3.02**	**344**	**398**	**3.79**
Morais e afectivos	535	476	3.33	90	72	1.78	154	153	0.00	177	158	0.97	114	93	1.93
Ocupacionais	401	412	0.12	69	68	0.00	126	111	0.83	123	168	6.65**	83	65	1.95
Relações interpessoais	137	120	1.00	26	32	0.43	44	38	0.31	45	41	0.11	22	9	4.65*
Familiares	89	103	0.88	19	18	0.00	19	40	6.78*	38	35	0.06	13	10	0.17
Religiosos	102	68	6.41*	22	10	3.78	30	22	0.94	31	33	0.02	19	3	10.23**
Gerais	75	77	0.01	11	8	0.21	23	23	0.02	23	28	0.31	18	18	0.03
Aparência	47	58	0.95	16	10	0.96	9	9	0.06	13	11	0.04	9	28	8.76**
Total de ganhos	**1386**	**1314**	**1.87**	**253**	**218**	**2.45**	**405**	**396**	**0.08**	**450**	**474**	**0.57**	**278**	**226**	**5.16***

*p≤.05; **p≤.01; ***p≤.001

Uma análise mais detalhada sobre o efeito do sexo dos respondentes em cada nível etário revela existirem algumas diferenças.

No grupo da terceira idade, em comparação com os respondentes do sexo masculino os respondentes do sexo feminino consideram que existem significativamente mais perdas totais.

Assinalam ainda mais perdas funcionais, afectivas e psicológicas, financeiras e perdas nas interacções sociais do que os respondentes do sexo masculino. Ao nível dos ganhos não existem diferenças significativas entre os dois sexos.

No grupo da meia-idade não há diferenças entre os sexos em relação às perdas. Apenas nos ganhos familiares os respondentes do sexo masculino se destacam pela positiva dos respondentes do sexo feminino.

No grupo dos jovens adultos os respondentes do sexo feminino consideram que existem significativamente mais perdas financeiras do que os respondentes do sexo masculino. Nos ganhos são os respondentes do sexo masculino que consideram existirem significativamente mais ganhos ocupacionais do que os respondentes do sexo feminino.

Os adolescentes do sexo masculino referem perdas funcionais significativamente superiores às adolescentes do sexo feminino. No que concerne aos ganhos as adolescentes do sexo feminino referem ganhos superiores nas relações interpessoais, nos aspectos religiosos e no total de ganhos. Em contrapartida os adolescentes do sexo masculino referem mais ganhos do que as adolescentes na aparência.

Em síntese e tentando uma compreensão mais abrangente dos nossos resultados relativamente aos recursos associados à velhice, verificamos que a análise simultânea das perdas e dos ganhos associados à mulher idosa, ao homem idoso e às pessoas idosas, sugere que as perdas prevalecem sobre os ganhos corroborando o pendor negativo ligado à velhice já sugerido anteriormente pelos nossos dados e por anteriores estudos (cf. por exemplo Schmidt & Boland, 1986 e Sousa & Cerqueira, 2005; 2006).

Por outro lado os nossos dados estão em consonância com a perspectiva do ciclo vital (Baltes, 1987; Baltes *et al.*, 1980) na medida em que para além de desvelarem a aquisição/conservação de competências na velhice sugerem a existência de uma espécie de compensação: as perdas do domínio biológico, pólo corporal, mais especificamente as perdas funcionais, de certa forma são equilibradas pelos ganhos do domínio psicossocial, pólo espiritual, mais especificamente os ganhos morais e afectivos e os ganhos ocupacionais, adquiridos ou mantidos na velhice. Este aspecto parece ir de encontro ao facto de o corpo e o espírito serem colocados em processos diferentes (Hummel, 2000) e da dimensão mais espiritual do ser

humano poder de certo modo superar ou compensar a incontornabilidade da degenerescência corporal.

Relativamente às variações que se podem observar nos recursos da velhice, devido aos alvos considerados, verificamos que existe um conjunto de perdas comuns às mulheres, aos homens e às pessoas idosas que se situam nas perdas de aparência, nas perdas afectivas e psicológicas e ao nível das perdas nas interacções sociais. Em termos do total de perdas, das perdas funcionais, perdas financeiras e perdas de estatuto, não há diferenças entre a mulher idosa e o homem idoso, que surgem significativamente com menor número de perdas do que as pessoas idosas. Este aspecto parece indiciar que uma certa impessoalidade favorece uma visão mais negativa, materializada na atribuição de um maior número de perdas nas pessoas idosas comparativamente com a mulher idosa e o homem idoso.

No que concerne aos ganhos, verificamos que existe consenso entre os três alvos relativamente aos ganhos morais e afectivos e aos ganhos gerais. Os ganhos ocupacionais e os ganhos nas relações interpessoais parecem situar-se na esfera masculina dado apresentarem valores significativamente superiores no homem idoso. Contrariamente, nos ganhos familiares e de aparência a ligação é estabelecida com a esfera feminina, surgindo a mulher idosa com valores significativamente superiores aos do homem idoso. Estes resultados parecem indiciar a manutenção da visão estereotipada de mulheres e homens na fase mais avançada do ciclo vital uma vez que a mulher parece continuar ligada ao contexto familiar e o homem ao contexto público tal como se tem verificado noutros estudos realizados em Portugal que incidem sobre outras fases da vida dos homens e das mulheres (cf. por exemplo: Poeschl & Silva, 2001; Poeschl *et al.,* 2004).

Embora os ganhos religiosos surjam sobretudo como uma dimensão da mulher idosa, não deixam de ir de encontro aos dados obtidos por Magnabosco-Martins *et al.* (2009) que salientam a importância actual da religião na vida dos idosos.

Analisados globalmente, os ganhos são iguais para a mulher e para o homem idoso e ambos significativamente superiores aos das pessoas idosas, o que de certo modo é consistente com a ideia de que a impessoalidade não só permite assinalar maior número de perdas como também assinalar menor número de ganhos, isto é, de recursos mantidos ou adquiridos na velhice.

Embora a análise global das perdas e dos ganhos em função do sexo apenas revele uma maior ligação do sexo feminino à religião, os nossos dados indicam numerosas diferenças entre os sexos nos quatro grupos etários.

Comparativamente com os respondentes do sexo masculino as respondentes da terceira idade acentuam globalmente mais perdas totais e mais perdas em diferentes domínios sugerindo um maior desfavorecimento das mulheres na terceira idade que se manifesta na perda de capacidades, no empobrecimento das interacções sociais e na diminuição do poder de compra. Estes aspectos poderão ser entendidos à luz da maior longevidade das mulheres, traduzida num elevado número de viúvas e consequente diminuição das relações interpessoais e dos proventos familiares. Para o desfavorecimento também concorre um subsídio de reforma mais baixo devido ao facto de a maioria das mulheres ter auferido menor salário durante a vida activa. Os nossos dados parecem consistentes com os dados fornecidos pelo INE (*on line*) que, em 15 de Dezembro de 2008 no seu destaque informativo à comunicação social, refere que o risco de pobreza dos idosos (com uma taxa de risco[43] de 26%) afectava com maior preponderância as mulheres (27% de mulheres idosas em risco de pobreza, face a 24% de homens idosos).

Na meia-idade os respondentes assinalam mais ganhos familiares do que as respondentes o que poderá indiciar que os homens consideram passar a ter um papel mais activo ao nível familiar, valorizando sobretudo o seu papel de avôs.

Se atendermos ao grupo dos jovens adultos verificámos dois posicionamentos diferentes face às perdas financeiras e aos ganhos ocupacionais. As perdas financeiras são mais referidas pelas respondentes ao passo que os ganhos ocupacionais são mais referidos pelos respondentes. Este resultado poderá reforçar a ideia de uma pobreza mais gravosa no feminino, já encontrada no grupo etário da terceira idade, e indiciar que as respondentes do sexo feminino estarão centradas na perda do poder de compra resultante, entre outros aspectos, da diminuição dos proventos económicos associados à reforma ao passo que os respondentes do sexo masculino pensarão sobretudo nas diferentes possibilidades ocupacionais que a libertação da carga e horário de trabalho poderá permitir.

[43] De acordo com a mesma fonte, para este inquérito, a taxa de risco de pobreza corresponde à proporção de habitantes com rendimentos anuais por adulto equivalentes a 4544 € em 2006 (cerca de 379 € por mês).

A comparação entre o posicionamento das adolescentes e dos adolescentes acentuam uma maior preocupação destes relativamente aos aspectos biológicos pela maior referência às perdas funcionais e aos ganhos de aparência.

Dum modo geral as perdas funcionais são as mais assinaladas ao passo que as perdas de estatuto são as menos assinaladas pelos diferentes grupos. Este facto poderá ser explicado pela maior valoração e/ou visibilidade das perdas funcionais que assumem um domínio público evidente que indiscutivelmente se impõe, ao passo que as perdas de estatuto poderão assumir um carácter mais privado, menos visível, e/ou menos valorizado.

As perdas funcionais, afectivas e psicológicas e as perdas nas interacções sociais são sobretudo assinaladas pelo grupo da meia-idade o que poderá desvelar uma projecção pessoal num futuro próximo onde predomina preocupação com aspectos que poderão deixar de dominar e uma maior proximidade com os homens e as mulheres idosas, nomeadamente através do contacto com os próprios pais.

Nas perdas financeiras, e sobretudo nas perdas de estatuto, destacam-se os jovens adultos talvez porque no seu quotidiano valorizam estes aspectos e/ou considerem que eles conferem aceitação e/ou reconhecimento social.

Nas perdas de aparência são os adolescentes que se destacam pelo maior número de perdas assinaladas. Podemos entender esta postura pelo facto de a aparência assumir um aspecto central na construção da sua própria identidade. São os respondentes da terceira idade que dum modo geral assinalam um menor número de perdas de aparência. É curioso que este grupo, que no seu quotidiano tem mais probabilidade de experienciar este tipo de perdas, resultantes do processo de envelhecimento, as assinale em menor número. Este facto pode indiciar uma habituação à sua nova condição pelo facto das alterações serem graduais e progressivas ou ainda pela desvalorização da aparência face a perdas com maior impacto ao nível da sua autonomia, como por exemplo as perdas funcionais.

Por fim, quando procuramos relacionar os resultados obtidos na análise dos ganhos e das perdas na velhice com os resultados obtidos na análise textual automática, verificamos que a menor referência dos respondentes da terceira idade ao total de perdas contrasta com a visão mais negativa anteriormente a estes associada e objectivada na figura do “velho doente”. No

entanto pensamos que esta menor referência às perdas é de certo modo atenuada pela também menor referência aos ganhos na velhice pelo grupo etário da terceira idade.

Relativamente ao grupo etário da meia-idade pensamos que a representação bipolar apresentada na análise textual automática se mantém na análise dos ganhos e das perdas uma vez que estes respondentes, para além de referirem mais perdas totais e se encontrarem entre os grupos etários que assinalam mais perdas funcionais, afectivas e psicológicas e perdas nas interacções sociais, também referem um elevado número de ganhos totais (só ultrapassados pelos jovens adultos), de ganhos morais e afectivos, de ganhos ocupacionais, de ganhos familiares de ganhos religiosos e de ganhos gerais.

Os jovens adultos destacam-se por uma referência elevada aos ganhos na velhice (globais, morais e afectivos, ocupacionais, relações interpessoais, familiares, religiosos e gerais) e situam-se globalmente numa posição intermédia face ao assinalar das perdas, excepto no que se refere às perdas financeiras e de estatuto onde surgem com maior relevância, o que pensamos ser consistente com a valorização da polaridade trabalho *vs* lazer e com a imagem de "velho descansado" que lhes está associada na análise textual automática.

Os adolescentes em termos globais situam-se numa posição intermédia face às perdas assinaladas na velhice, constituem-se como o grupo que menos assinala perdas afectivas e psicológicas, perdas nas interacções sociais e perdas financeiras mas são também quem assinalam menos ganhos ao nível das relações interpessoais e quem assinala mais ganhos e mais perdas ao nível da aparência, o que nos parece ser consistente com a imagem de "avó gentil" e com a polaridade aspecto *vs* qualidades pessoais.

4.5 – Conclusão

De acordo com os nossos objectivos os resultados encontrados neste estudo sugerem a existência de três princípios organizadores ancorados geracionalmente e estruturados de forma polarizada. Para os adolescentes identificámos a polaridade aspecto *vs* qualidades pessoais, onde a aparência assume um aspecto primordial e se configura na imagem "avó gentil"; para os jovens adultos identificámos a polaridade trabalho *vs* lazer, onde o tempo livre e a desvinculação de responsabilidades profissionais assumem relevância configurando-se na imagem do "velho descansado" e para os respondentes da terceira idade identificámos a polaridade doença *vs* saúde, onde a preocupação será o bem-estar e o estado de saúde, aspecto

que se configura na imagem do "velho doente". Com base nestes resultados pensamos confirmar que a multidimensionalidade da velhice se evidencia através da identificação de princípios organizadores das tomadas de posição sobre a velhice e que os princípios específicos são polarizados e ancorados nas características dos grupos.

Consideramos que a Hipótese 1a, onde esperávamos que o princípio organizador para os adolescentes surgisse polarizado em torno das características físicas, e a Hipótese 1b que previa que o princípio organizador para os respondentes da terceira idade surgisse em torno da doença *vs* saúde, se confirmam uma vez que os resultados encontrados vão no mesmo sentido dos preditos.

Para a Hipótese 1c esperávamos encontrar um princípio geral organizado na polaridade corpo *vs* espírito mas os nossos dados, no entanto, sugerem que a velhice é conceptualizada através da coexistência de dois princípios gerais ganhos *vs* perdas e biológico *vs* psicossocial (que remete para a polaridade corpo vs espírito) o que apoia parcialmente esta hipótese.

Outro dos nossos objectivos consistia em equacionar os principais ganhos e perdas associados à velhice e determinar o modo como estes são afectados pelo sexo da pessoa evocada e pelo sexo e grupo etário dos respondentes. Os resultados obtidos através da segunda análise categorial temática indicam que os recursos perdidos, ou perdas, se organizam em perdas funcionais, perdas de aparência, perdas afectivas e psicológicas, perdas nas interacções sociais, perdas financeiras e perdas de estatuto e que os recursos conservados ou adquiridos na velhice, ou ganhos, se organizam em ganhos morais e afectivos, ganhos ocupacionais, ganhos nas relações interpessoais, ganhos familiares, ganhos religiosos, ganhos gerais e ganhos de aparência.

A análise conjunta das subcategorias encontradas nas perdas e nos ganhos, para além de acentuar o pendor negativo da velhice, uma vez que as perdas prevalecem sobre os ganhos, parece indiciar uma dicotomia domínio biológico *vs* domínio psicossocial e a acção dum princípio organizador "corpo vs espírito". Esta análise revela ainda um conjunto de perdas e ganhos comuns à mulher, ao homem e às pessoas idosas sobressaindo uma visão mais negativa das pessoas idosas por lhe serem assinaladas mais perdas e menos ganhos.

Os nossos dados indiciam ainda a manutenção da visão estereotipada de mulheres e homens na fase mais avançada do ciclo vital, uma vez que a mulher parece continuar vinculada ao

contexto familiar, pela maior ligação aos ganhos familiares e de aparência, enquanto o homem surge no contexto público, pela maior ligação aos ganhos ocupacionais e aos ganhos nas relações interpessoais.

De acordo com as hipóteses associadas aos recursos na velhice, apresentámos a expectativa de que a velhice seria conceptualizada em termos de ganhos e perdas e que as maiores perdas se situariam no pólo corporal e que os maiores ganhos remeteriam para uma dimensão mais espiritual (Hipótese 2a). Esperávamos ainda que as perdas, nomeadamente as físicas, pela sua incontornabilidade, fossem superiores aos ganhos e que de certa forma fossem contrabalançadas por ganhos no pólo espiritual (Hipótese 2b). Estas hipóteses foram confirmadas. Com efeito os dados obtidos permitiram conceptualizar a velhice em termos de perdas e ganhos e revelaram que as perdas foram globalmente superiores aos ganhos. As maiores perdas se situam no pólo corporal ou no domínio biológico e estão associadas à falência dos órgãos ou sistemas vitais e ao desgaste e deterioração do organismo. Por sua vez os maiores ganhos remetem para uma dimensão mais espiritual, ou domínio psicossocial e remetem para o reconhecimento de um conjunto de competências resultantes do acumular de experiências e para a valorização da capacidade de interacção.

A hipótese 2c, onde esperávamos que os adolescentes referissem globalmente mais ganhos e menos perdas do que os respondentes da terceira idade e a Hipótese 2d, onde esperávamos que nos adolescentes fossem mais referidos o aspecto físico e a aparência ao passo que nos respondentes da terceira idade fossem mais referidas as dimensões espirituais foram infirmadas. Os resultados encontrados evidenciam que os adolescentes não se diferenciam dos respondentes da terceira idade relativamente aos ganhos e que referem mais perdas totais e de aparência do que estes. Por outro lado os respondentes da terceira idade referem mais perdas afectivas e psicológicas do que os adolescentes e estes referem mais ganhos morais e afectivos do que aqueles.

Contrariamente às previsões expressas na Hipótese 2e, onde previámos que os aspectos físicos e a aparência e a referência à sua perda fossem mais salientes nas respondentes do que nos respondentes, a análise das perdas e ganhos em função do sexo dos respondentes não revela diferenças entre ambos ao nível da aparência.

A Hipótese 2f, onde esperávamos que os aspectos físicos e a aparência e a referência à sua perda surgissem mais associadas à mulher idosa do que ao homem idoso, é apenas

parcialmente verificada uma vez que, embora não existam diferenças nas perdas de aparência entre a mulher idosa e o homem idoso, os ganhos de aparência foram considerados mais elevados na mulher idosa do que no homem idoso.

Por fim, gostaríamos de salientar que os nossos dados sugerem que a análise textual automática efectuada se articula com a primeira análise de conteúdo, reforçando a ideia da multidimensionalidade da velhice, e que as figuras daí emergentes estão em sintonia com a análise das perdas e dos ganhos na velhice.

Tendo identificado o que diferentes gerações de portugueses pensam sobre a velhice, e mais especificamente sobre a mulher idosa, o homem idoso e as pessoas idosa, procuramos descrever, no próximo capítulo, como estas gerações representam o modo de vida das mulheres idosas e dos homens idosos e, em particular as actividades que desempenham.

Capítulo V – Caracterização do modo de vida e representações das actividades desempenhadas por mulheres e por homens idosos

Neste capítulo examinaremos mais particularmente a representação que os respondentes têm da mulher idosa e do homem idoso e procuraremos proceder à caracterização da mulher idosa e do homem idoso e do seu modo de vida salientando as actividades por eles desempenhadas.

O desenvolvimento deste capítulo tem subjacente a noção do envelhecimento activo que procura transmitir uma mensagem mais inclusiva das pessoas idosas através do assumir pelo idoso de um papel participativo na vida política, comunitária e familiar (WHO, 2002). Assim, partindo da noção de envelhecimento activo, o estudo das actividades desempenhadas por mulheres e homens idosos surge como relevante pelo contributo que pode trazer não só para o entendimento dos papéis por eles desempenhados mas também para ajudar a compreender a forma como são vistos pelas diferentes gerações que participam no nosso estudo.

5.1 – Objectivos

Neste estudo, dum modo global, pretendemos caracterizar o modo de vida dos homens idosos e das mulheres idosas. Mais especificamente pretendemos:

i) caracterizar as pessoas evocadas em termos etários, de sexo e designação da fase da vida;
ii) caracterizar os homens idosos e as mulheres idosas em termos etários, estado civil, modalidade de habitação, autonomia e designação;
iii) descrever a representação das actividades desempenhadas pela mulher idosa e pelo homem idoso;
iv) verificar como é que a representação das actividades varia em função do sexo da pessoa evocada e do sexo e grupo etário dos respondentes.

5.2 – Hipóteses

Este estudo deve, em particular, permitir-nos testar uma hipótese principal ligada às actividades desempenhadas na velhice. Atendendo a que a representação dos idosos remete para o afastamento da vida laboral e para a importância que a família e a religião assumem nas suas vidas (Magnabosco-Martins *et al.*, 2009), considerando que o ambiente doméstico é um ambiente predominantemente feminino (Areosa, 2004) e que mulheres e homens partilham crenças acerca das diferenças relativas aos papéis de género (Poeschl & Silva, 2001), esperamos que estes aspectos se reflictam nas actividades desempenhadas por mulheres e homens idosos. Mais especificamente esperamos:

Hipótese 1a – que as actividades realizadas pelas mulheres e homens idosos se distanciem do mundo do trabalho, isto é, que se circunscrevam a uma territorialidade de vizinhança doméstica, onde emirjam as actividades de lazer e de ocupação dos tempos livres assim como as actividades religiosas e familiares;

Hipótese 1b – que a mulher idosa surja associada às tarefas mais comunais e domésticas e o homem idoso a tarefas mais agênticas e de lazer;

Hipótese 1c – que os respondentes dos dois sexos estejam de acordo relativamente ao tipo de tarefas desempenhadas por mulheres e por homens idosos.

5.3 – Método

5.3.1 – Amostra

Participaram neste estudo os mesmos 160 sujeitos distribuídos equitativamente por sexo e por quatro fases do ciclo vital já apresentados no ponto 4.3.1.

5.3.2 – Questionário

Utilizámos como instrumento de recolha de dados o questionário que genericamente já apresentámos no ponto 4.3.2 (Anexo 4).

Mais especificamente, para consecução dos objectivos e testagem das hipóteses acima apresentados, utilizámos neste estudo os dados recolhidos na primeira parte do questionário relativos à recolha da opinião dos respondentes sobre a caracterização das pessoas evocadas (dados que serão apresentados mais à frente no ponto 5.4.1). Para esta caracterização perguntámos como se devia chamar à etapa da vida atingida pelas pessoas idosas, fornecendo as quatro alternativas de resposta seguintes: Anciania, Terceira idade, Velhice e Outra. Pedimos também aos respondentes que indicassem a idade e o sexo de três pessoas idosas com quem mantêm contacto regular.

No respeitante à caracterização e modo de vida das mulheres idosas e dos homens idosos utilizámos os dados recolhidos na sequência da apresentação da prova de associação livre relativa aos estímulos homem idoso e mulher idosa. A recolha efectuou-se através duma série de questões, maioritariamente fechadas, destinadas à caracterização da mulher idosa e do homem idoso em termos: i) profissionais (foram apresentadas duas opções: trabalhador/a ou

reformado/a); ii) etários; iii) autonomia (foram apresentadas três opções: dependente, independente ou necessita de apoio – dando espaço para especificar o tipo de apoio); iv) estado civil (foram apresentadas cinco opções: solteiro/a, junto/a, casado/a, viúvo/a ou divordiado/a); v) modalidade de habitação (foram apresentadas cinco opções: viver sozinho/a, sozinho/a com apoio domiciliário, num lar, com familiares e outra situação dando espaço para especificar o qual); vi) designação (foram apresentadas seis opções: idoso/a, velho/a, velhinho/o, velhote/a, anciã/o e outra situação dando espaço para especificar o qual) e vii) idade em que mulher e homem devem atingir a reforma (dados que serão apresentados mais à frente no ponto 5.4.2).

Para captar as representações das actividades desempenhadas pela mulher idosa e pelo homem idoso pedíamos aos respondentes que indicassem uma dezena de actividades desempenhadas por cada um dos alvos (dados que serão apresentados mais à frente no ponto 5.4.3).

5.3.3 – Procedimento

O procedimento já foi descrito no ponto 4.3.3 do capítulo anterior.

5.3.4 – Análise dos dados

No que respeita às actividades desempenhadas pela mulher idosa e pelo homem idoso, começámos por aplicar as regras de redução utilizadas classicamente para a análise das associações livres (cf. 3.3.2). Posteriormente as proposições foram agrupadas por sinonímia, por três juízes independentes, tendo como critério a forma usualmente mais utilizada.

Em seguida, construímos o dicionário "actividades" a partir do qual elaborámos dicionários específicos associados aos diferentes alvos, grupos etários e sexo dos respondentes que permitiu evidenciar as características dos campos lexicais dos diferentes dicionários específicos. Realizámos uma análise descritiva, analisámos a fluidez, a amplitude e a riqueza, e uma análise de semelhança calculando o índice de *Ellegard* (cf. 3.3.1).

O dicionário "actividades" esteve na base da análise categorial temática das actividades desempenhadas por mulheres e homens idosos. Dentro das categorias encontradas efectuámos análises da frequência e realizámos comparações quantitativas, de acordo com o plano experimental, através do teste do *qui-quadrado*.

Relativamente às outras questões, para as variáveis numéricas calculámos as médias e efectuámos análises da variância. Para as variáveis nominais calculámos percentagens e ou frequências adequando à especificidade das situações em causa.

5.3.5 – Plano experimental

O nosso plano experimental é um 2(Alvo: homem idoso *vs* mulher idosa) x 4(Grupo etário: adolescentes *vs* jovens adultos *vs* meia-idade *vs* terceira idade) x 2(Sexo dos respondentes: feminino *vs* masculino), com o primeiro factor intra-sujeito. Os respondentes foram distribuídos de forma equitativa pelas diferentes condições como se regista no Quadro 5.1.

Quadro 5.1 – Distribuição dos respondentes pelas condições experimentais

	Adolescentes		**Jovens adultos**		**Meia-idade**		**Terceira idade**		**Total**
Alvo*	Fem**	Mas**	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	
M/H	10	10	10	10	10	10	10	10	80
H/M	10	10	10	10	10	10	10	10	80
Total	**20**	**20**	**20**	**20**	**20**	**20**	**20**	**20**	**160**

*H = Homem idoso; M = Mulher idosa
** Fem = Respondentes do sexo feminino; Mas = Respondentes do sexo masculino

5.4 – Resultados e discussão

A apresentação dos resultados está estruturada em três pontos. No primeiro ponto, efectuámos a caracterização das pessoas idosas evocadas e clarificámos o modo como na opinião dos respondentes se deve chamar à etapa da vida atingida pelas pessoas idosas. No segundo ponto, procurámos caracterizar as mulheres idosas e dos homens idosos explicitando alguns aspectos relacionados com o seu modo de vida. No último ponto, caracterizámos o dicionário associado ao campo representacional das actividades desempenhadas por homens e mulheres idosas, apresentamos as dimensões que integram estas actividades e verificámos a sua variação em função do plano experimental.

5.4.1 – Caracterização das pessoas idosas evocadas

Designação da fase da vida

Relativamente à designação da fase da vida atingida pelas pessoas idosas, verificamos que a formulação apresentada que obteve maior escolha foi Terceira Idade com 74.4%, seguida de Velhice com 11.9% e da Anciania com apenas 3.8%. Numa percentagem correspondente a

9.9% do total foram incluídas diversas designações para as quais não foi possível encontrar um sentido.

Quando analisamos a forma que cada grupo propõe para designar a fase mais avançada da vida, verificamos que as formulações terceira idade e velhice são as mais referidas e sugerem trajectórias antagónicas. A designação terceira idade vai diminuindo com o avançar da idade ao passo que a referência à velhice aumenta (adolescentes, terceira idade: 80%; velhice: 5%; jovens adultos, terceira idade: 82.5%; velhice: 10%; meia-idade, terceira idade: 72.5%; velhice: 10%; terceira idade, terceira idade: 62.5%; velhice: 22.5%). O facto de velhice ser mais referida pelos respondentes da terceira idade pode, de certo modo, indiciar a introdução mais recente do termo terceira idade.

Ao analisarmos a forma que as respondentes e os respondentes propõem para designar a fase mais avançada da vida, verificámos que não existem diferenças significativas relativamente ao termo terceira idade (respondentes femininos: 66, respondentes masculinos: 53) e que os respondentes referem num número significativamente superior às respondentes a designação velhice (respondentes femininos: 2, respondentes masculinos: 17, $^2(1)=10.32$, $p\leq.01$).

Sexo e idade das pessoas evocadas

No total, foram evocadas 353 pessoas idosas, apenas 21.9% dos respondentes não evocou ninguém. Verificámos que 59.5% das pessoas evocadas são do sexo feminino com uma média de idades de 77.5 anos (a mais nova tem 57 e a mais velha tem 101 anos) e que 40.5% das evocações correspondem a idosos do sexo masculino que apresentam em média 75.5 anos (o mais novo tem 48 e o mais velho tem 100 anos). Estes dados sugerem uma maior longevidade da mulher dado terem sido evocadas significativamente mais mulheres do que homens (mulheres, evocações: 210; homens, evocações: 143, $^2(1)=12.72$, $p\leq.01$) e vão no mesmo sentido da informação disponibilizada pelo Instituto Nacional de Estatística (INE *on line*).

Os dados indicam que os grupos etários não diferem relativamente ao sexo das pessoas evocadas (adolescentes, mulheres: 44; jovens adultos, mulheres: 53; meia-idade: mulheres: 60; terceira idade, mulheres: 53; $^2(3)=2.46$, *ns;* adolescentes, homem: 29; jovens adultos, homem: 29; meia-idade, homem: 42; terceira idade, homem: 43; $^2(3)=5.11$, *ns*).

Uma análise da variância efectuada sobre a média das idades atribuídas às pessoas idosas evocadas por grupo etário, revela que os jovens adultos não se diferenciam dos respondentes da meia-idade e ambos referem uma idade significativamente superior à referida pelos adolescentes e respondentes da terceira idade, que também não se diferenciam entre si (adolescente: 74.03, jovens adultos: 78.58, meia-idade: 78.47, terceira idade: 75.15; $F(3,156)=7.66$, $p<.001$).

Uma análise relativamente ao sexo das pessoas evocadas por sexo dos respondentes indica que tanto as respondentes como os respondentes referem significativamente mais pessoas do seu sexo de pertença (Quadro 5.2).

Quadro 5.2 – Frequência de evocação do sexo dos alvos por sexo dos respondentes. Valores do ^{2}

	Respondentes femininos	**Respondentes masculinos**	^{2}
Mulher idosa	128	82	9.64**
Homem idoso	56	87	6.29**
Total	**184**	**169**	**0.56**

*p≤.05; **p≤.01; ***p≤.001

No que respeita à média de idade das pessoas evocadas, os respondentes femininos e masculinos não apresentam diferenças estatisticamente significativas (feminino: 77.41, masculino: 75.71; $t(158)=1.94$, *ns*).

5.4.2 – Caracterização e modo de vida das mulheres idosas e dos homens idosos

Situação profissional da mulher idosa e do homem idoso

Para os respondentes, a maioria das mulheres idosas e dos homens idosos são caracterizados como reformados, tanto em termos globais como atendendo ao sexo do alvo (global: 89.4%: homem: 89.7%; mulher: 89.1%), e apenas uma minoria é considerada trabalhador(a).

A comparação das frequências, através da utilização do teste do *qui-quadrado*, não revelou diferenças significativas em função dos alvos, do grupo etário e do sexo dos respondentes relativamente à situação profissional da mulher idosa e do homem idoso.

Globalmente, os nossos dados parecem sugerir uma estreita ligação entre reforma e velhice e vão no mesmo sentido dos dados disponibilizados pelo INE que indicam que os reformados

constituem a parte mais importante da população idosa inactiva (97.1% para os homens e 76.6% para mulheres, INE, 2002).

Idade das mulheres idosas e dos homens idosos

Globalmente, a mulher idosa tem em média 70.71 anos (variando entre os 50 e os 96 anos) e o homem idoso tem 71.20 anos (variando entre os 55 e os 100 anos). A comparação entre a média das idades da mulher e do homem idoso indica que não existem diferenças entre ambas ($t(151)=1.11$, *ns*).

Os respondentes femininos e masculinos apresentam médias de idades para a mulher e para o homem idoso que não se diferenciam entre si (feminino: 71.39, masculino: 70.47; $t(150)=.79$, *ns*).

Uma análise da variância efectuada sobre a média das idades da mulher idosa e do homem idoso por grupo etário, revela que os adolescentes referem uma idade significativamente inferior os respondentes da meia idade (adolescente: 68.63, jovens adultos: 71.15, meia-idade: 73.73, terceira idade: 70.38; $F(3,148)=3.57$, $p=.016$, sendo as duas médias significativamente segundo o teste *LSD*, *para comparações múltiplas*, $p<.05$).

Autonomia das mulheres idosas e dos homens idosos

No sentido de obter uma compreensão global sobre a autonomia percebida relativamente aos dois alvos, cotejamos, entre si, as frequências nas situações consideradas através do teste do *qui-quadrado* que revelou diferenças significativas (necessita de apoio: 149; independente: 94, dependente: 67; $^2(2)=139.00$, $p\leq.001$). Mais especificamente, esta análise revelou que os respondentes consideram que na velhice a necessidade de apoio é significativamente superior à independência ($^2(1)=12.00$, $p\leq.01$) que por sua vez é significativamente superior à dependência ($^2(1)=4.20$, $p\leq.05$).

Não existem diferenças na autonomia percebida, quando se compara cada uma das alternativas fornecidas (necessita de apoio, independente e dependente) por sexo dos respondentes e por alvo.

Quando comparamos as respostas em função dos grupos etários verificámos que existe uma diferença significativa relativamente à independência. Os adolescentes e os jovens adultos,

que não se diferenciam entre si, consideram as mulheres idosas e os homens idosos mais independentes do que os respondentes da meia-idade. Os jovens adultos consideram, ainda, mais independentes as mulheres idosas e os homens idosos do que os respondentes da terceira idade, que por sua vez não se diferenciam dos adolescentes (adolescentes: 29; jovens adultos: 33; meia-idade: 15; terceira idade: 17, $^2(3)=10.00$, $p\leq.05$).

Estado civil das mulheres idosas e dos homens idosos

Em termos globais, o estado civil de casado é assinalado numa frequência significativamente superior ao de viúvo (casado: 165; viúvo: 130, $^2(1)=3.92$, $p\leq.05$) e ambos, como previsível, se destacam de modo relevante do estado civil de solteiro e de divorciado que surgem com percentagens quase residuais (respectivamente 3.51% e 2.24%).

A utilização do teste do *qui-quadrado* para comparar as frequências atribuídas ao estado civil de casado e viúvo não revelou diferenças significativas em função dos alvos, do sexo dos respondentes e dos grupos etários.

Modalidade de habitação das mulheres idosas e dos homens idosos

No sentido de obter uma compreensão global sobre a modalidade de habitação relativamente aos dois alvos, cotejamos, entre si, as frequências das diferentes modalidades de habitação, através do teste do *qui-quadrado*, que revelou diferenças significativas (com familiares: 153, sozinho(a): 57; num lar: 48, com apoio: 34; $^2(3)=120.58$, $p\leq.001$). Mais especificamente, esta análise revelou que viver com familiares é a modalidade de habitação significativamente mais referida pelos respondentes para as mulheres e para os homens idosos. A modalidade viver sozinho(a), não se diferencia da modalidade viver num lar ($^2(1)=0.61$, *ns*) mas apresenta frequência de evocação significativamente superior à modalidade viver com apoio ($^2(1)=5.32$, $p\leq.05$) que por sua vez não se diferencia da modalidade viver num lar $^2(1)=2.06$, *ns*).

Uma comparação em função do alvo revela que o número de mulheres idosas a viverem sozinhas é significativamente superior ao dos homens (mulheres: 38; homens: 19 ($^2(1)=5.68$, $p\leq.05$). Não existem diferenças nas frequências relativas às modalidades de habitação quando comparamos as respostas fornecidas pelos respondentes dos dois sexos. No entanto, a mesma comparação por grupos etários revela que existe uma diferença significativa relativamente à

modalidade de viver sozinho(a): os respondentes da terceira idade referem um valor significativamente inferior a todos os outros grupos etários, que não se diferenciam entre si (adolescentes: 14; jovens adultos: 20; meia-idade: 18; terceira idade: 5; (^{2}(3)=9.32, p<.05).

Idade em que mulher e homem deviam atingir a reforma

Globalmente, a mulher devia atingir a reforma em média aos 59.27 anos e o homem aos 60.73 anos (variando para ambos entre os 45 e os 75 anos). A comparação entre as médias das idades em que mulher e homem deviam atingir a reforma indica que a mulher devia reformar-se significativamente mais cedo do que o homem (t(150)=4.43, p<.001).

Os respondentes femininos e masculinos apresentam médias de idades da reforma que não se diferenciam entre si (respondentes femininos: 59.92, respondentes masculino: 60.08 t(149)=.21, *ns*) e a análise da variância efectuada sobre a média das idades em que mulheres e homens deviam atingir a reforma por grupo etário, revela que também não existem diferenças entre os grupos (adolescentes: 60.62, jovens adultos: 60.42, meia-idade: 59.38; terceira idade: 59.54; F(3,149)=.67, *ns*, o teste *LSD*, *para comparações múltiplas*, p<.05).

Designação a utilizar para referir as mulheres e os homens

Quando analisamos a designação escolhida para referir as mulheres e os homens na última etapa do ciclo vital, verificámos que a solução maioritária foi Idosa/o (mulher: 61.9%; homem: 59.4%), seguindo-se Velhinha/o (mulher: 16.9%; homem: 15.6%); Velha/o (mulher: 5.7%; homem: 6.3%) Velhota/e (mulher: 5.0%; homem: 6.3%), Anciã/o (mulher: 3.8%; homem: 6.3%).

Verificamos, ainda, que a designação que prevalece, independentemente do sexo e do grupo etário dos respondentes, é o termo mais usado nos documentos oficiais – idosa(o). Verificamos ainda a preferência por velhinha/o face a velha/o.

Em síntese, relativamente à caracterização do modo de vida dos homens idosos e das mulheres idosas os nossos dados sugerem, contrariamente à legislação em vigor, que os respondentes consideraram que a idade da reforma devia ser inferior à estipulada e propõem diferenças na idade da reforma de homens e mulheres (reforma para a mulher é referida cerca

de 5 anos antes do previsto na lei e para o homem é referido 4 anos) Esta caracterização indica ainda que o termo maioritariamente proposto para designar as mulheres e os homens, independentemente do sexo e do grupo etário, é idosa(o), o que coincide com a terminologia comummente usada nos documentos oficiais.

Os nossos dados sugerem uma maior longevidade das mulheres e, curiosamente, os respondentes da meia-idade constituem-se como o grupo que considera que se é idoso numa idade mais tardia, talvez na tentativa de se distanciarem da velhice de que se aproximam.

Por fim, para retratar sinteticamente as mulheres idosas e os homens idosos que desempenham as actividades que em seguida se apresentam, podemos dizer que são maioritariamente reformados e casados ou viúvos, vivem sobretudo com familiares e têm necessidade de apoio ainda que também sejam considerados independentes e dependentes.

Relativamente à avaliação da autonomia, gostaríamos de salientar que a necessidade de apoio emerge como relevante na velhice e a independência surge superior à dependência. Este aspecto instigou-nos a procurar investigar, no estudo que apresentamos no Capítulo 6, a existência de fases na velhice procurando a sua articulação com diferentes designações (sénior, idoso e velho).

5.4.3 – Campo representacional associado às actividades desempenhadas pela mulher idosa e pelo homem idoso

5.4.3.1 – Análise descritiva das actividades desempenhadas pela mulher idosa e pelo homem idoso

Após a simplificação do *corpus* através da aplicação das regras de redução (Di Giacomo, 1981 in Poeschl, 1992) e da sinonímia das proposições de sentido similar, construímos um dicionário global de actividades desempenhadas pelo homem idoso e pela mulher idosa.

O dicionário global de actividades é constituído por 1659 palavras, sendo 133 diferentes, com uma frequência de evocação que varia entre 1 e 92. Os valores da amplitude (134), fluidez (1659) e riqueza (.08), patentes no Quadro 5.3, sugerem que, no conjunto, as actividades desempenhadas pelo homem e pela mulher idosa se revelam como um estímulo muito consensual e delimitado, na medida em que o número de palavras diferentes é reduzido, reflectindo-se num campo lexical extremamente pobre.

Quando analisamos o dicionário global das actividades em função do sexo dos respondentes, verificamos que os valores da amplitude são muito próximos (feminino: 109; masculino: 108). Embora se registe maior fluidez nos respondentes do sexo feminino essa diferença não é significativa (feminino: 865; masculino: 794, $^{2}(1)=1.45$, *ns*) nem produz grande expressão ao nível da riqueza do campo semântico (feminino: .13; masculino: .14) que continua a ser fraca.

Quadro 5.3 – Amplitude, fluidez e riqueza dos campos lexicais por grupo etário e global por sexo para o conjunto das actividades desempenhadas pelo homem idoso e pela mulher idosa

	Terceira idade		**Meia-idade**		**Jovens adultos**		**Adolescentes**		**Global**		
	Fem	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Total**
Amplitude	63	63	68	66	67	58	69	67	109	108	134
Fluidez	202	169	228	217	222	210	213	198	865	794	1659
Riqueza	.31	.37	.30	.30	.30	.28	.32	.34	.13	.14	.08

Mantendo como referência os dados do Quadro 5.3 e analisando comparativamente os dados em função do grupo etário por sexo dos respondentes, constatamos que não existem diferenças estatisticamente significativas ao nível da fluidez e da amplitude entre os respondentes do sexo feminino e masculino em todos os grupos etários.

Podemos ainda constatar, no Quadro 5.3, que a riqueza do campo lexical é baixa para todos os grupos etários considerados e que não existem grandes diferenças devido ao sexo dos respondentes (terceira idade, feminino: .31, masculino: .37; meia-idade, feminino: .30, masculino: .30; jovens adultos, feminino: .30, masculino: .28; adolescentes, feminino: .32, masculino: .34). O grupo da terceira idade apresenta maior riqueza vocabular que resulta sobretudo duma fluidez inferior à apresentada pelos restantes grupos, aspecto particularmente saliente nos respondentes do sexo masculino da terceira idade (feminino: 202, masculino: 169).

Uma análise mais detalhada tendo em conta os dicionários específicos em função das actividades desempenhadas pela mulher idosa e das actividades desempenhadas pelo homem idoso por grupo etário e por sexo é apresentada nos Quadros 5.4 e 5.5.

A análise comparativa dos dicionários em função do alvo permite constatar que o campo semântico das actividades desempenhadas pela mulher idosa é muito semelhante ao campo semântico das actividades desempenhadas pelo homem idoso (riqueza, mulher idosa: .12; homem idoso: .13).

Quadro 5.4 – Amplitude, fluidez e riqueza dos campos lexicais por grupo etário e por sexo para o alvo actividades desempenhadas pela mulher idosa

	Terceira idade		Meia-idade		Jovens adultos		Adolescentes		Global		
	Fem	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Total**
Amplitude	49	40	50	45	41	35	50	46	84	82	102
Fluidez	113	95	117	105	114	106	110	94	454	400	854
Riqueza	.43	.42	.43	.43	.36	.33	.45	.49	.19	.21	.12

Fem = Respondentes do Sexo Feminino; Mas = Respondentes do Sexo Masculino

Quadro 5.5 – Amplitude, fluidez e riqueza dos campos lexicais por grupo etário e por sexo para o alvo actividades desempenhadas pelo homem idoso

	Terceira idade		Meia-idade		Jovens adultos		Adolescentes		Global		
	Fem	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Total**
Amplitude	43	43	49	50	52	42	47	45	87	84	104
Fluidez	89	74	111	112	108	104	103	104	411	394	805
Riqueza	.48	.58	.44	.45	.48	.40	.46	.43	.21	.21	.13

Fem = Respondentes do Sexo Feminino; Mas = Respondentes do Sexo Masculino

Como podemos constatar nos Quadros 5.4 e 5.5, embora a fluidez das actividades desempenhadas pela mulher idosa seja superior à das actividades desempenhadas pelo homem idoso, esta diferença não é significativa (mulher idosa: 854; homem idoso: 805; $^{2}(1)=1.45$, *ns*) nem expressiva ao nível da riqueza dos campos semânticos.

Se atendermos ao número de palavras diferentes evocadas para cada um dos alvos, continuamos a verificar semelhanças na representação das actividades desempenhadas pelo homem e pela mulher idosa (mulher idosa: 102; homem idoso: 104).

Uma análise mais fina por grupo etário e por sexo dos respondentes permite constatar, no Quadro 5.8, que os campos lexicais, para as actividades desempenhadas pela mulher idosa, apresentam uma riqueza considerável para todos os grupos etários (terceira idade, feminino: .43, masculino: .42; meia-idade, feminino: .43, masculino: .43; jovens adultos, feminino: .36, masculino: .33; adolescentes, feminino: .45, masculino: .49).

Salienta-se maior riqueza no grupo etário dos adolescentes, especialmente nos respondentes do sexo masculino e menor riqueza no grupo etário dos jovens adultos também para os respondentes masculinos. Nos restantes grupos etários a riqueza é muito idêntica por grupo e por sexo dos respondentes. A maior riqueza apresentada no grupo dos adolescentes decorre da maior amplitude e menor fluidez comparativamente com os restantes grupos.

Os valores de amplitude e fluidez para todos os grupos etários considerados são superiores nos respondentes do sexo feminino, contudo essas diferenças não são significativas (amplitude: terceira idade, feminino: 49, masculino: 40; meia-idade, feminino: 50, masculino: 45; jovens adultos, feminino: 41, masculino: 35; adolescentes, feminino: 50, masculino: 46; $^2(7)=4.63$, *ns*; fluidez: terceira idade, feminino: 113, masculino: 95; meia-idade, feminino: 117, masculino: 105; jovens adultos, feminino: 114, masculino: 106; adolescentes, feminino: 110, masculino: 94; $^2(7)=4.79$ *ns*).

Como podemos verificar no Quadro 5.5 os campos lexicais, para as actividades desempenhadas pelo homem idoso, apresentam uma riqueza considerável para todos os grupos etários e superior à riqueza apresentada para as actividades da mulher idosa (terceira idade, feminino: .48, masculino: .58; meia-idade, feminino: .44, masculino: .45; jovens adultos, feminino: .48, masculino: .40; adolescentes, feminino: .46, masculino: .43).

Salienta-se maior riqueza no grupo etário da terceira idade, especialmente nos respondentes do sexo masculino, devido à menor fluidez e à menor amplitude, contudo estas diferenças não são significativas (amplitude: terceira idade, feminino: 43, masculino: 43; meia-idade, feminino: 49, masculino: 50; jovens adultos, feminino: 52, masculino: 42; adolescentes, feminino: 47, masculino: 45; $^2(7)=2.07$, *ns*; fluidez: terceira idade, feminino: 89, masculino: 74; meia-idade, feminino: 111, masculino: 112; jovens adultos, feminino: 108, masculino: 104; adolescentes, feminino: 103, masculino: 104, $^2(7)=11.57$, *ns*).

Nos restantes grupos etários regista-se uma riqueza muito idêntica por grupo e por sexo dos respondentes, à excepção do grupo dos jovens adultos, onde existe maior riqueza vocabular nos respondentes do sexo feminino devido à maior diversidade de palavras apresentada.

Em síntese, a análise descritiva efectuada, relativa às actividades desempenhadas pela mulher idosa e pelo homem idoso, revela que estamos perante estímulos consensuais, com número de palavras diferentes reduzido, reflectindo-se numa fraca riqueza dos campos semânticos.

5.4.3.2 – Análise de semelhança das actividades desempenhadas pela mulher idosa e pelo homem idoso

Com o intuito de obter uma medida global da semelhança entre os diversos universos semânticos foi efectuada uma análise de semelhança através do índice de *Ellegard* (ver ponto 3.3.1). Apresentamos os resultados no Quadro 5.6.

Quadro 5.6 – Semelhança dos campos semânticos segundo o Índice de *Ellegard* para os alvos actividades desempenhadas pela mulher idosa, homem idoso e global

	Mulher idosa *vs.* Homem idoso	**Mulher idosa** **Feminino *vs.* Masculino**	**Homem idoso** **Feminino *vs.* Masculino**	**Global (M.I, H.I)** **Masculino *vs.* Feminino**
Índice *Ellegard*	.68	.75	.77	.76

Da análise dos índices apresentados no Quadro 5.6, pensamos poder concluir que existe relativo consenso independentemente dos estímulos apresentados e do sexo dos respondentes. No entanto podemos constatar maior semelhança entre os campos semânticos quando comparamos os respondentes do sexo feminino com os respondentes do sexo masculino (mulher idosa, feminino vs masculino, *Rn*=.75; homem idoso, feminino vs masculino, *Rn*=.77 e global, feminino vs masculino, *Rn*=.76) do que a encontrada quando se comparam o alvo mulher idosa com o alvo homem idoso (*Rn*=.68).

5.4.3.3 – Dimensões das representações sociais das actividades desempenhadas pela mulher idosa e pelo homem idoso: análise categorial temática

O dicionário utilizado na análise categorial temática das actividades desempenhadas pela mulher idosa e pelo homem idoso é composto por 1659 palavras, 133 são formas lexicais distintas, das quais 35 foram referidas apenas uma vez.

A análise categorial temática efectuada permitiu encontrar cinco categorias ou "núcleos de sentido" (Bardin, 1995, p. 105) de actividades: recreação; subsistência; sociais; cuidado pessoal e religião. Por serem relativamente abrangentes as actividades foram agrupadas em subcategorias de modo a aumentar a inteligibilidade das categorias.

A apresentação das categorias é feita por ordem decrescente do total de frequências na categoria.

Actividades de recreação

As actividades de recreação (Quadro 5.7) englobam 632 respostas que correspondem a 38.10% do total de evocações. Nesta categoria foram incluídas 43 palavras diferentes com uma frequência que varia entre 1 e 85.

Quadro 5.7 – Actividades de recreação: subcategorias, número de palavras diferentes na categoria, frequência por palavra evocada para os dois alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria

Nº palavras diferentes	Subcategoria	Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria	Percentagem da subcategoria na categoria
	Ócio	Ver televisão	85	43.59	
		Ler	42	21.54	
		Ler o jornal	18	9.23	
		…	…	…	
15		**Total**	**195**		**30.85**
	Trabalhos	Jardinar	36	23.38	
	manuais	Croché	35	22.73	
		Tricotar	22	14.29	
		Bordar	17	11.04	
		Costurar	17	11.04	
		…	…	…	
8		**Total**	**154**		**24.37**
	Viajar	Passear	92	80.70	
		Viajar	20	17.54	
		…	…	…	
3		**Total**	**114**		**18.04**
	Jogar	Jogar às cartas	70	74.47	
		Jogos tradicionais	16	17.02	
		…	…	…	
3		**Total**	**94**		**14.87**
	Lazer	…	…	…	
14		**Total**	**75**		**11.87**
43		**Total Geral**	**632**		**100.00**

Como podemos ver no Quadro 5.7 a categoria recreação inclui um vasto número de palavras que remetem para diferentes aspectos, a saber:

i) Ócio – inclui palavras que no seu conjunto sugerem actividades de descanso que implicam pouca mobilidade por parte de quem as executa, como por exemplo ver televisão e ler. De certa forma este conjunto de actividades corresponde ao que no *Inquérito à ocupação do tempo 1999* (INE, 2001) foi designado por "lazer passivo". Constitui a subcategoria com maior percentagem de evocação (30.85%).

ii) Trabalhos manuais – inclui palavras que fazem apelo a actividades que implicam a execução manual, como por exemplo jardinar e croché. É a segunda subcategoria mais referida com 24.37% das evocações.
iii) Viajar – inclui palavras, nomeadamente passear e viajar, que remetem para actividades que implicam deslocação e conhecimento de outros lugares. Esta subcategoria corresponde a 18.04% das evocações.
iv) Jogar – inclui palavras associadas ao jogo nas quais jogar às cartas aparece de forma mais saliente. Corresponde a 14.87% das evocações.
v) Lazer – inclui palavras que indiciam actividades de descontracção que têm implícita maior mobilidade por parte de quem as executa, sugerindo uma territorialidade que não se confina ao espaço doméstico. As palavras mais referidas são pescar/caçar, actividades culturais, ir ao futebol e tasca. É a subcategoria com menor percentagem de evocação (11.87%).

Actividades de subsistência

As actividades de subsistência (Quadro 5.8) têm subjacente um carácter mais utilitário de modo a permitir fazer face às exigências do quotidiano. Engloba 33 palavras diferentes, cuja frequência varia entre 1 e 60, com um total de 482 frequências. Correspondem a 29.05% do total de evocações.

As actividades de subsistência estão subdivididas em quatro subcategorias:

i) Actividades domésticas – inclui palavras que remetem para o foro doméstico como: trabalho doméstico, cozinhar, ir às compras e arrumar a casa. Constitui a subcategoria com maior percentagem de evocação (45.02%).
ii) Actividades rurais – inclui, entre outras, as palavras trabalhar no campo, tratar dos animais, agricultura e cuidar da horta. Agrega 28.42% das evocações na categoria.
iii) Necessidades básicas – inclui palavras que sugerem actividades necessárias à sobrevivência tais como dormir e comer. Corresponde a 17.43% das evocações.
iv) Pequenas tarefas – espelha uma ligação a algumas tarefas importantes para a vida diária, que não exigem muita força física e/ou tempo, e que são apresentadas como pequenas coisas tal como mudar uma lâmpada ou lavar o carro. Apresenta a frequência de evocação mais baixa da categoria (9.13%).

Quadro 5.8 – Actividades de subsistência: subcategorias, número de palavras diferentes na categoria, frequência por palavra evocada para os dois alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria

Nº palavras diferentes	Subcategoria	Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria	Percentagem da subcategoria na categoria
	Actividades domésticas	Trabalho doméstico	60	27.65	
		Cozinhar	58	26.73	
		Ir às compras	24	11.06	
		Arrumar a casa	17	7.83	
		…	…	…	
12		**Total**	**217**		**45.02**
	Actividades rurais	Trabalhar no campo	40	29.20	
		Tratar dos animais	31	22.63	
		Agricultura	23	16.79	
		Cuidar da horta	21	15.33	
		…	…	…	
7		**Total**	**137**		**28.42**
	Necessidades básicas	Dormir	31	36.90	
		Comer	22	26.19	
		…	**…**	**…**	
7		**Total**	**84**		**17.43**
	Pequenas tarefas	Pequenas tarefas	16	36.36	
		…	…	…	
7		**Total**	**44**		**9.13**
33		**Total Geral**	**482**		**100.00**

Actividades sociais

As actividades sociais, correspondem a 22.24% do total das evocações, colocam a tónica na interacção interpessoal, familiar e social (Quadro 5.9). Esta categoria engloba 37 palavras diferentes, com uma frequência que varia entre 1 e 74, num total de 369 frequências.

As actividades sociais estão subdivididas em três subcategorias:

i) Relacionais – remete para actividades de interacção que ocorrem fora do meio ambiente familiar, nomeadamente conversar, ir ao café, conviver. Corresponde à subcategoria com maior percentagem de evocação (47.43%)
ii) Familiares – actividades que ocorrem no seio da família, onde assume particular relevo cuidar dos netos. Corresponde a 33.87% das evocações na categoria.
iii) Participação social – engloba actividades que decorrem fora do contexto da família e dos amigos assumindo um carácter de intervenção social e comunitária visível nas palavras acções de solidariedade, ensinar, voluntariado e participar em associações. Corresponde a 18.70% das evocações na categoria.

Quadro 5.9 – Actividades Sociais: subcategorias, número de palavras diferentes na categoria, frequência por palavra evocada para os dois alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria

Nº palavras diferentes	Subcategoria	Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria	Percentagem da subcategoria na categoria
	Relacionais	Conversar	46	26.29	
		Ir ao café	37	21.14	
		Conviver	36	20.57	
		Conviver com amigos	21	12.00	
		Conversar com amigos	17	9.71	
		…	…		
17		**Total**	**175**		**47.43**
	Familiares	Cuidar dos netos	74	59.20	
		…	…	…	
7		**Total**	**125**		**33.87**
	Participação social	…	…	…	
13		**Total**	**69**		**18.70**
37		**Total Geral**	**369**		**100.00**

Actividades de cuidado pessoal

As actividades de cuidado pessoal correspondem a uma percentagem de evocação consideravelmente inferior às anteriores categorias (5.91%). Como podemos verificar no Quadro 5.10 nesta dimensão são englobadas 15 palavras diferentes cuja frequência varia entre 1 e 23 e que no total correspondem a 98 evocações.

Quadro 5.10 – Actividades de cuidado pessoal: subcategorias, número de palavras diferentes na categoria, frequência por palavra evocada para os dois alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na subcategoria e percentagem da subcategoria na categoria

Nº palavras diferentes	Subcategoria	Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na subcategoria	Percentagem da subcategoria na categoria
	Actividade física	Caminhar	33	45.21	
	e saúde	Praticar desporto	26	35.62	
		…	…	…	
6		**Total**	**73**		**74.49**
	Aparência	…	…	…	
9		**Total**	**25**		**25.51**
15		**Total Geral**	**98**		**100.00**

Nas actividades de cuidado pessoal é visível uma preocupação com o próprio sujeito que abrange dois aspectos específicos:

i) Actividade física e saúde – engloba, entre outras, caminhar, praticar desporto, ir ao médico, que denotam uma tónica na manutenção da saúde. Corresponde a 74.49% das evocações na categoria.
ii) Aparência – engloba, entre outras, higiene pessoal, ir ao cabeleireiro, cuidar de si, que revelam preocupação e cuidado com a aparência. Corresponde a 25.51% das evocações na categoria.

Actividades religiosas

As actividades religiosas (Quadro 5.11) correspondem a 4.70% do total de evocações. Engloba as actividades ir à missa, rezar, actividades religiosas e culto, cuja frequência varia de 1 a 44 num total de 78 evocações.

Quadro 5.11 – Actividades religiosas: número de palavras diferentes na categoria, frequência por palavra evocada para os dois alvos por, no mínimo 10% dos respondentes, percentagem de evocação da palavra na categoria

Nº palavras diferentes	Categoria	Palavra	Frequência	Percentagem da palavra na categoria
	Actividades	Ir à missa	44	56.41
	religiosas	Rezar	17	21.79
		Actividades religiosas	16	20.51
		…	…	…
4		**Total Geral**	**78**	**100.00**

Em síntese, uma análise das actividades desempenhadas por mulheres e homens idosos revela um conjunto diversificado de actividades onde é notória a ausência de responsabilidades profissionais, que corrobora a percepção expressa pelos respondentes de que os homens e as mulheres idosas estão maioritariamente reformados. Esta análise sugere ainda, tal como indica o *Inquérito à ocupação do tempo* 1999 (INE, 2001), que nesta fase da vida o tempo profissional é agora substituído por actividades de lazer, repouso e de satisfação das necessidades básicas.

5.4.3.4 – Actividades desempenhadas na velhice em função do alvo

Para entendermos eventuais diferenças nas actividades desempenhadas em função do alvo comparamos, para o conjunto dos respondentes, as frequências de evocação em cada categoria e subcategoria. No Quadro 5.12 apresentamos as respectivas frequências e os valores do *qui-quadrado*.

Quadro 5.12 – Frequência de evocação, por categoria e subcategoria, das actividades desempenhadas por mulheres e homens idosos para o conjunto dos respondentes. Valores do ^{2}

Categoria	Subcategoria	Mulher idosa	Homem idoso	Geral	^{2}
Recreação	Ócio	85	110	195	2.95
	Trabalhos manuais	117	37	154	40.53***
	Viajar	52	62	114	0.71
	Jogar	8	86	94	63.07***
	Lazer	28	47	75	4.32*
	Total	**290**	**342**	**632**	**4.12***
Subsistência	Actividades domésticas	183	34	217	100.94***
	Actividades rurais	60	77	137	1.87
	Necessidades básicas	34	50	84	2.68
	Pequenas tarefas	14	30	44	5.11*
	Total	**291**	**191**	**482**	**20.33*****
Sociais	Relacionais	67	108	175	9.14**
	Familiares	76	49	125	5.41*
	Participação social	39	30	69	0.93
	Total	**182**	**187**	**369**	**0.04**
Cuidado pessoal	Actividade física saúde	27	46	73	4.44*
	Aparência	17	8	25	2.56
	Total	**44**	**54**	**98**	**0.83**
Religiosas	**…**	**…**	**…**	**…**	**…**
	Total	**52**	**26**	**78**	**8.01****
	Total Geral	**859**	**800**	**1659**	**8.01****

*p≤.05; **p≤.01; ***p≤.001

Uma análise global das frequências de evocação nas categorias e subcategorias de actividades desempenhadas por mulheres e homens idosos para o conjunto dos respondentes e alvos, (mulher idosa, homem idoso) revela que globalmente são referidas significativamente mais actividades para a mulher idosa do que para o homem idoso. Isto poderá indiciar que a mulher idosa é vista globalmente como mais activa do que o homem idoso, o que vai de encontro aos resultados obtidos por Areosa (2004) que sugerem que homens e mulheres com mais de 60 anos vêm a mulher idosa como mais activa do que o homem idoso.

Uma análise das categorias e subcategorias sugere que na velhice mulheres e homens partilham um conjunto de actividades sociais, de subsistência, recreativas e de cuidado pessoal. Mais especificamente, mulheres e homens idosos executam de igual modo actividades relacionadas com o ócio e as viagens, com os trabalhos rurais, com a satisfação das necessidades básicas, com a participação social e com os cuidados com a aparência, em concordância com os resultados expressos no *Inquérito à ocupação do tempo* 1999 (INE, 2001).

Esta análise permite ainda descrever um conjunto de actividades que são executadas em função do sexo da pessoa idosa. Verificámos assim que as actividades religiosas, as familiares, os trabalhos manuais e as actividades de subsistência são características da mulher idosa, devido sobretudo ao número significativo de actividades domésticas que lhe são atribuídas e são significativamente mais referidas do que para o homem idoso.

Os dados permitem ainda esclarecer que dentro das actividades de subsistência, as pequenas tarefas são significativamente mais atribuídas ao homem idoso; que dentro das actividades de cuidado pessoal, as actividades físicas e de saúde surgem também mais atribuídas ao homem idoso; assim como as actividades de recreação no seu conjunto. Podemos ver que dentro das actividades de recreação o jogo e o lazer são actividades masculinas, ao passo que os trabalhos manuais são actividades femininas. Este último aspecto parece interessante ao sugerir que o homem idoso quando exerce actividades de recreação efectivamente está a divertir-se ao passo que a mulher, mesmo quando se recreia, através duma actividade tipicamente feminina, continua a trabalhar.

Em termos globais pensamos que os nossos dados apontam para a manutenção dos papéis de género já referidos por diferentes autores e encontrados noutras investigações realizadas em Portugal por Poeschl e colaboradores (cf. por exemplo: Afonso & Poeschl, 2006; Poeschl, 2003; Poeschl *et al.*, 2004; Poeschl & Silva, 2001, 2001-2002).

Mais especificamente e relativamente às actividades domésticas e às actividades religiosas, os nossos dados vão no mesmo sentido dos apresentados por Silva e Gunther (2000) que referem serem as actividades domésticas as actividades que as mulheres idosas mais gostam e que as actividades religiosas são predominantes na velhice, sendo particularmente salientes nas mulheres idosas. Os nossos dados relativos à ligação da mulher às actividades domésticas e familiares são ainda concordantes com os apresentados no *Inquérito à ocupação do tempo* 1999 (INE, 2001) que sugerem que a vertente trabalhos domésticos é acentuada na condição da mulher reformada e que em conjunto com os cuidados à família constituem 25% do seu dia. No entanto, os nossos dados, são discordantes relativamente às actividades religiosas uma vez que o referido inquérito não apresenta diferenças entre o comportamento religioso de homens e mulheres.

Os nossos dados relativos à maior ligação dos homens idosos às pequenas tarefas e ao desporto vão no mesmo sentido dos apresentados pelo *Inquérito à ocupação do tempo* 1999

(INE, 2001) onde, particularmente os homens idosos, ocupam cerca de duas horas por dia nos passeios a pé.

Em síntese, pensamos poder concluir que a dimensão de género atribuída socialmente na realização das tarefas parece não perder relevância ao nível das actividades desempenhadas por homens e mulheres na velhice, uma vez que a mulher é vista sobretudo como alguém que trabalha mais em casa, que se dedica à família, à religião e aos trabalhos manuais, ao passo que o homem continua a ser vinculado ao território extra doméstico pela sua maior ligação às pequenas tarefas, à actividade física, ao jogo e ao lazer.

5.4.3.5 – Actividades desempenhadas na velhice em função do sexo dos respondentes

Para averiguar o efeito do sexo dos respondentes na evocação das categorias de actividades desempenhadas por mulheres e homens idosos comparamos, através do teste do *qui-quadrado*, as frequências de evocação por eles referidas (Quadro 5.13).

Esta análise revela que os respondentes femininos e masculinos apenas estão de acordo relativamente ao número de actividades de cuidado pessoal. As respondentes referem significativamente mais actividades de recreação, sociais e religiosas do que os respondentes e estes referem significativamente mais actividades de subsistência do que as respondentes.

Por outro lado, se a análise das categorias de actividades desempenhadas por homens e mulheres na velhice permite visualizar diferenças entre os respondentes dos dois sexos, essas diferenças esbatem-se quase inteiramente quando efectuamos uma análise mais detalhada das subcategorias identificadas.

Clarificando a ideia expressa no parágrafo anterior, podemos verificar no Quadro 5.13 que apenas na subcategoria das actividades ligadas à satisfação das necessidades básicas os respondentes referem mais actividades do que as respondentes. Estes dados estão de acordo com os resultados doutras investigações realizadas em Portugal por Poeschl e colaboradores que sugerem não só a diferença entre os papéis de género mas também que homens e mulheres estão de acordo face a essas diferenças (cf. por exemplo Poeschl, 2003; Poeschl *et al.*, 2006; Poeschl, Múrias & Costa, 2004; Poeschl *et al.*, 2004; Poeschl *et al.*, 2001-2002; Poeschl, 2001-2002; Poeschl & Serôdio, 1998; Poeschl & Silva, 2001; 2001-2002).

Quadro 5.13 – Frequência de evocação, por categoria e subcategoria, das actividades desempenhadas pelos respondentes femininos e masculinos para o conjunto dos alvos. Valores do ^{2}

Categoria	Subcategoria	Sexo dos respondentes		Geral	^{2}
		Feminino	Masculino		
Recreação	Ócio	100	95	195	0.08
	Trabalhos manuais	88	66	154	2.86
	Viajar	65	49	114	1.97
	Jogar	48	46	94	0.01
	Lazer	41	34	75	0.48
	Total	**342**	**290**	**632**	**4.12***
Subsistência	Actividades domésticas	96	121	217	2.65
	Actividades rurais	74	63	137	0.73
	Necessidades básicas	29	55	84	7.44**
	Pequenas tarefas	18	26	44	1.11
	Total	**217**	**265**	**482**	**4.58***
Sociais	Relacionais	98	77	175	2.29
	Familiares	65	60	125	0.13
	Participação social	41	28	69	2.09
	Total	**204**	**165**	**369**	**3.91***
Cuidado pessoal	Actividade física e saúde	41	32	73	0.88
	Aparência	11	14	25	0.16
	Total	**52**	**46**	**98**	**0.26**
Religiosas	**…**	**…**	**…**	**…**	**…**
	Total	**51**	**27**	**78**	**6.782****
Total	**Total**	**866**	**793**	**1659**	**3.13**

*p≤.05; **p≤.01; ***p≤.001

5.4.3.6 – Actividades desempenhadas na velhice em função do grupo etário dos respondentes

Para averiguar o efeito do grupo etário dos respondentes na evocação das actividades desempenhadas por mulheres e homens idosos comparamos as frequências referidas por cada grupo em cada categoria e subcategoria utilizando o teste do *qui-quadrado* (Quadro 5.14).

Uma análise das frequências de evocação nas categorias das actividades desempenhadas na velhice para o conjunto dos alvos por grupo etário dos respondentes revela que os grupos etários quando comparados entre si se diferenciam relativamente às categorias ligadas a actividades de subsistência e actividades sociais. Os adolescentes referem significativamente mais actividades de subsistência do que os respondentes de todos os outros grupos etários, que não se diferenciam entre si. Nas actividades sociais são os respondentes da meia-idade e os jovens adultos que não se diferenciam entre si mas referem significativamente mais

actividades sociais do que os adolescentes e respondentes da terceira idade, que também não se diferenciam entre si.

Podemos ver (Quadro 5.14) que na categoria actividades de subsistência existem diferenças nas actividades rurais, na satisfação de necessidades básicas e nas pequenas tarefas e que na categoria actividades sociais existem diferenças nas actividades relacionais, nas actividades familiares e nas actividades de participação social.

Quadro 5.14 – Frequência de evocação nas categorias e subcategorias de actividades para o conjunto dos alvos e sexo por grupo etário. Valores do ^{2}

Categoria	Subcategorias	Terceira Idade T	Meia-idade M	Jovem Adulto J	Adolescentes A	Total
Recreação	Ócio	49	61	50	35	195
	Trabalhos manuais	32	38	46	38	154
	Viajar	28	26	35	25	114
	Jogar	23	27	21	23	94
	Lazer	15	17	22	21	75
	Total	**147**	**169**	**174**	**142**	**632**
Subsistência	Actividades domésticas	60	52	61	44	217
	Actividades rurais	35	28	20	54	137
	Necessidades básicas	19	8	11	46	84
	Pequenas tarefas	6	12	7	19	44
	Total	**120**	**100**	**99**	**163**	**482**
Sociais	Relacionais	28	63	51	33	175
	Familiares	28	45	35	17	125
	Participação social	9	19	29	12	69
	Total	**65**	**127**	**115**	**62**	**369**
Cuidado Pessoal	Actividade física e saúde	13	19	21	20	73
	Aparência	2	7	3	13	25
	Total	**15**	**26**	**24**	**33**	**98**
Religiosas	**Total**	**23**	**22**	**22**	**11**	**78**
	Total	**370**	**444**	**434**	**411**	**1659**

Valores do ^{2}

Categoria	Subcategorias	T-M-J-A	T-M	T-J	T-A	M-J	M-A	J-A
Recreação	Ócio	6.99	1.100	0.000	2.01	0.90	6.51*	2.31
	Trabalhos manuais	2.57	0.36	2.17	0.36	0.58	0.01	0.58
	Viajar	2.14	0.02	0.58	0.08	1.05	0.00	1.35
	Jogar	0.81	0.18	0.02	0.02	0.52	0.02	0.02
	Lazer	1.75	0.03	0.97	0.69	0.41	0.24	0.00
	Total	**4.77**	**1.40**	**2.12**	**0.06**	**0.05**	**2.17**	**3.04**
Subsistência	Actividades domésticas	3. 48	0.44	0.00	2.16	0.57	0.51	2.44
	Actividades rurais	18.47***	0.57	3.56	3.64	1.02	7.62**	14.72***
	Necessidades básicas	42.76***	3.70	1.63	10.40**	0.21	25.35***	20.28***
	Pequenas tarefas	9.64*	1.39	0.00	5.76*	0.90	1.16	4.65*
	Total	**22.36*** **	**1.64**	**1.83**	**6.23***	**0.00**	**14.62*** **	**15.15*** **
Sociais	Relacionais	17.98***	12.70***	6.13*	0.26	1.06	8.76**	3.44
	Familiares	13.34**	3.51	0.57	2.22	1.03	11.76**	5.56*
	Participação social	13.73**	2.89	9.50**	0.19	1.69	1.16	6.24*
	Total	**36.67*** **	**19.38*** **	**13.34*** **	**0.03**	**0.50**	**21.67*** **	**15.28*** **
Cuidado Pessoal	Actividade física e saúde	2.12	0.78	1.44	1.09	0.84	0.00	0.00
	Aparência	11.96	1.78	0.00	6.67**	0.90	1.25	5.06*
	Total	**6.74**	**2.44**	**1.64**	**6.02***	**0.02**	**0.61**	**1.12**
Religiosas	**…**	**…**	**…**	**…**	**…**	**…**	**…**	**…**
	Total	**4.97**	**0.00**	**0.00**	**3.56**	**0.02**	**3.03**	**3.03**
Total Geral		**7.82**	**6.55**	**4.94**	**2.05**	**0.09**	**1.20**	**0.57**

*p≤.05; **p≤.01; ***p≤.001

Nas actividades rurais, os adolescentes não se diferenciam dos respondentes da terceira idade mas apresentam significativamente mais actividades rurais do que os respondentes da meia-idade e do que os jovens adultos, que não se diferenciam entre si nem dos respondentes da terceira idade.

Em relação às actividades para satisfação de necessidades básicas, os adolescentes referem significativamente mais actividades do que os respondentes da terceira idade, meia-idade e jovens adultos, que não se diferenciam entre si.

Nas pequenas tarefas, os adolescentes não se diferenciam dos respondentes da meia-idade mas referem significativamente mais actividades do que os respondentes da terceira idade e jovens adultos, que não se diferenciam entre si. Os respondentes da meia-idade não se diferenciam no número de pequenas tarefas comparativamente aos respondentes da terceira idade e jovens adultos.

Nas actividades relacionais, os respondentes da meia-idade não se diferenciam dos jovens adultos e ambos referem significativamente mais actividades relacionais do que os respondentes da terceira idade. Por sua vez, os respondentes da meia-idade referem significativamente mais actividades relacionais do que os adolescentes, que não se diferenciam dos jovens adultos e respondentes da terceira idade.

Nas actividades familiares, os respondentes da meia-idade não se diferenciam dos jovens adultos nem dos respondentes da terceira idade, que também não se diferenciam entre si, mas referem significativamente mais actividades familiares do que os adolescentes. Os jovens adultos referem significativamente mais actividades familiares do que os adolescentes.

Relativamente às actividades de participação social, os jovens adultos não se diferenciam dos respondentes da meia-idade mas referem actividades de participação social significativamente superiores às referidas pelos adolescentes e respondentes da terceira idade, que não se diferenciam entre si.

Em síntese, relativamente às actividades desempenhadas por mulheres e homens idosos, os nossos dados indiciam que o grupo dos adolescentes destaca sobretudo as actividades de subsistência, mais especificamente as actividades rurais, a satisfação das necessidades básicas e as pequenas tarefas, ao passo que os respondentes da meia-idade e os jovens adultos destacam sobretudo as actividades sociais.

5.5 – Conclusão

Dum modo global, pretendíamos neste estudo caracterizar as pessoas evocadas (em termos etários de sexo e designação da fase da vida) e caracterizar os homens e mulheres idosos (em termos etários, estado civil, modalidade de habitação, autonomia e designação). Os resultados obtidos indicam que a designação mais referida para a fase da vida é terceira idade e que a designação mais referida para as mulheres e homens é idosa/o. Indicam ainda, os resultados, uma maior evocação de mulheres acentuando a sua maior longevidade.

Dum modo geral os nossos dados sugerem um valor etário relativamente à idade a partir da qual se é idoso superior ao que é proposto pela Organização das Nações Unidas, pelo Conselho da Europa e pelo Instituto Nacional de Estatística (entre 10 a 13 e entre 5 a 6 anos tendo em conta respectivamente a caracterização etária das pessoas evocadas e a idade das mulheres e homens caracterizados) o que de certo pode ilustrar o crescente envelhecimento populacional. No entanto, curiosa e contrariamente à legislação e à tendência evolutiva geral, segundo os nossos respondentes a idade da reforma devia ser inferior à preconizada na lei e devia ainda ser mais baixa para as mulheres do que para os homens.

Os dados obtidos permitem também caracterizar as mulheres e os homens idosos: estes são vistos maioritariamente como casados/as, reformados/as, com necessidade de apoio e a viver com familiares.

Pudemos constatar que as actividades desempenhadas por mulheres e homens idosos são diversificadas e estruturadas em categorias e subcategorias bem definidas. Foram identificadas cinco categorias de actividades, subdivididas em quinze subcategorias: categoria "actividades de recreação" subdividida em "ócio", "trabalhos manuais", "viajar", "jogar" e "lazer"; categoria "actividades de subsistência" subdividida em "actividades domésticas", "actividades rurais", "necessidades básicas" e "pequenas tarefas"; categoria "actividades sociais" subdividida em "relacionais", "familiares" e "participação social"; categoria "actividades de cuidado pessoal" subdividida em "actividade física e saúde" e "aparência" e categoria "actividades religiosas".

Na Hipótese 1a apresentámos a expectativa de que as actividades realizadas pelas mulheres e homens idosos se distanciariam do mundo do trabalho, isto é, que se circunscreveriam a uma territorialidade de vizinhança doméstica onde as actividades de lazer e de ocupação dos

tempos livres assim como as actividades religiosas e familiares emergiriam. As actividades encontradas neste estudo e já referidas acima confirmam esta hipótese.

Na Hipótese 1b, previámos que a mulher idosa surgiria associada às tarefas mais comunais e domésticas e que o homem idoso surgiria associado a tarefas mais agênticas e de lazer. Os dados encontrados neste estudo apontam para a manutenção dos papéis de género, sugerindo a confirmação desta hipótese. Mais especificamente, verificámos que as actividades religiosas, as familiares, os trabalhos manuais e as actividades de subsistência são características da mulher idosa enquanto para o homem idoso emergem as pequenas tarefas, as actividades físicas e de saúde, assim como as actividades de recreação no seu conjunto. Dentro das actividades de recreação, o jogo e o lazer são actividades masculinas ao passo que os trabalhos manuais são actividades femininas.

Por último, esperávamos na Hipótese 1c que os respondentes de ambos os sexos estivessem de acordo relativamente ao tipo de tarefas desempenhadas pela mulher e pelo homem idoso. Esta hipótese é confirmada. Apesar de existirem diferenças relativamente às categorias contempladas, essas diferenças não se mantêm na análise das respostas fornecidas pelos respondentes quando comparamos as diferentes subcategorias de actividades. Em todas as subcategorias existe um elevado acordo entre as mulheres e os homens que integram a nossa amostra relativamente às actividades desempenhadas por mulheres e homens na velhice, à excepção das actividades ligadas à satisfação das necessidades básicas, onde os respondentes do sexo masculino referem mais actividades do que os do sexo feminino.

Pode ainda referir-se que, embora não tenhamos formulado uma hipótese relativamente a diferenças en função dos grupos etários, os adolescentes mencionam mais actividades de subsistência enquanto que os jovens adultos e a meia-idade sublinham sobretudo a importância das actividades sociais.

Depois de ter descrito, nos dois últimos capítulos, as representações da velhice em geral, e ter examinado as variações produzidas nestas representações pelo sexo e grupo de pertença dos indivíduos, tornamos a analisar, de acordo com os objectivos que orientam a nossa investigação, o efeito da denominação utilizada para designar a última fase do ciclo vital.

Capítulo VI – Efeito da designação utilizada sobre as representações sociais da velhice

Embora sempre tenha havido várias designações que se reportam a pessoas com 65 e mais anos, nomeadamente velhos e idosos, na sociedade actual impõe-se cada vez com mais pertinência a designação: seniores.

Os seniores são actualmente um "novo estrato social" que é caracterizado por dois elementos identificadores: o seu elevado número e relevância demográfica no conjunto da população e a sua capacidade de participação social (Serrão, 2006, p. 129).

Segundo Serrão (2006, p. 132) este novo estrato social dos seniores em Portugal "é seguramente, em 2006, de um milhão e quinhentos mil mulheres e homens, distribuídos por todo o território nacional".

A capacidade de intervenção social dos seniores é visível na definição apresentada por Serrão (2006) onde, para além da ausência de vínculo laboral, se acentua a manutenção de capacidades físicas e mentais e a participação social relacionada ou não, com anteriores capacidades e competências que utilizavam no desempenho da profissão exercida.

Recordando a proposta de Serrão (2006) é possível considerar que na faixa etária acima dos 65 anos existem quatro subtipos de homens e mulheres:

i) Idosos muito dependentes. Regra geral estes idosos têm idades acima dos 85 anos e a dependência resulta ou do envelhecimento natural ou surge "por doença, incluindo a doença oncológica em fase terminal" (Serrão, 2006, p. 132).
ii) Idosos dependentes. A dependência resulta sobretudo de doença crónica que obriga a tratamentos médicos constantes. Embora sejam dependentes, estes idosos ainda conseguem desempenhar pequenas tarefas que não exijam grande esforço ou continuidade.
iii) Idosos independentes. Estes idosos mantêm as suas capacidades mas estão inactivos "agarrados ao falso slogan: não faço nada porque estou reformado" (Serrão, 2006, p. 132).
iv) Seniores. São homens e mulheres com mais de 65 anos, desligados de actividades profissionais formais, que mantêm as suas capacidades, são independentes, saudáveis e activos e abrangem em termos etários três décadas, dos 65 aos 95 anos.

Se é certo que diferentes designações surgem tanto nas interacções comunicativas face a face do homem comum, como no discurso de diferentes especialistas, assim como na informação

difundida pelos meios de comunicação social, também é certo que a nova denominação – seniores – remete para novas concepções da velhice. Assim "À infância, adolescência, juventude, estado adulto e velhice há que acrescentar esta nova classe de cidadãos a que chamo seniores, que deve ser intercalada entre os adultos e os velhos" (Serrão, 2006, p. 129) e que remete para uma nova fase, a senioridade, intermediária entre a adultez e a velhice.

Sabemos que dar um nome a um objecto é crucial para a sua ancoragem (Moscovici, 1976) e que o processo de nomear um grupo estabelece uma relação entre este e o nome que lhe é atribuído. O nome atribuído ao grupo confere-lhe um conjunto de características e expectativas que remetem esse grupo para o interior de um sistema conceptual de relações, condições e crenças partilhadas (Philogène, 2001) que permitem situá-lo numa categoria conhecida. Sendo assim é importante perceber de que modo os diferentes nomes utilizados para designar pessoas com 65 e mais anos interferem na representação.

Neste contexto, onde quotidianamente constatamos o uso de diferentes nomes para designar pessoas com mais de 65 anos e reconhecendo a importância da construção de uma significação colectiva do nome, questionamos: O que é que os diferentes nomes provocam na mente dos indivíduos e qual o entendimento que possuem sobre cada termo?

6.1 – Objectivos

Tendo presente: i) que as representações sociais se revelam como um conjunto de proposições, reacções e avaliações que constituem o universo de opinião dum grupo sobre um dado objecto por si representado (Moscovici, 1976); ii) que a atitude geralmente é a dimensão mais frequente duma representação (Moscovici, 1976; Herzlich, 1972); iii) que a atitude pode ser considerada uma tomada de posição dum indivíduo sobre um objecto (Clémence, 2003) e iv) que o estudo da atitude se constitui determinante no estudo das representações sociais (Doise, 1986, 1990, 2005), privilegiamos a análise da atitude no estudo que agora apresentamos.

Assim, na apresentação deste estudo, conforme já anunciámos no Capítulo 3, em termos globais, pretendemos agora conhecer de que forma a denominação utilizada, pessoas velhas, pessoas idosas e pessoas seniores, afecta a representação, particularmente a atitude e a avaliação da fase mais avançada do ciclo vital. Mais especificamente pretendemos:

i) aceder às representações das pessoas velhas, idosas e seniores;

ii) avaliar globalmente as diferentes designações utilizadas e verificar como esta avaliação varia em função do grupo etário e sexo dos respondentes;
iii) encontrar dimensões dos sentimentos despertados pela situação das pessoas nesta fase do ciclo vital e verificar eventuais variações nessas dimensões em função da designação utilizada, do grupo etário e sexo dos respondentes;
iv) identificar diferentes dimensões das atitudes para com as pessoas velhas, idosas e seniores e verificar de que modo variam em função do grupo etário e sexo dos respondentes.

6.2 – Hipóteses

Este estudo devia nomeadamente permitir-nos testar uma hipótese principal ligada à avaliação da velhice e às designações propostas para a referir.

Reconhecendo que atribuir um nome é crucial para a sua ancoragem (Moscovici, 1976) e para a construção duma significação colectiva (Philogène, 2001), constatando que quotidianamente se usam diferentes nomes para designar a fase mais avançada do ciclo vital e que o termo sénior surge frequentemente relacionado com maior competência e autonomia (cf. por exemplo Serrão, 2006), tendo presente a polaridade que ao longo do tempo tem sido associada à velhice (Minois, 1999) e considerando que o idadismo, positivo e negativo, está presente na sociedade actual esperamos (Palmore, 2003, 2005):

Hipótese 1a – que as atitudes e os sentimentos face à situação das pessoas na fase mais avançada do ciclo vital se organizem em torno da polaridade positivo *vs* negativo;

Hipótese 1b – que exista uma correlação positiva entre sentimentos positivos e atitudes positivas e entre sentimentos negativos e atitudes negativas;

Hipótese 1c – que a designação sénior desperte mais sentimentos e atitudes positivas do que a designação velho e que a designação idoso assuma uma posição intermédia face às anteriores.

Relembrando que de acordo os dados obtidos no nosso Estudo 1 as representações dos velhos e da velhice vão ficando mais negativas à medida do envelhecimento dos grupos esperamos:

Hipótese 1d – que os adolescentes revelem para com a velhice mais sentimentos positivos e mais atitudes positivas do que os respondentes da terceira idade.

6.3 – Método

6.3.1 – Amostra

Participaram neste estudo 120 respondentes distribuídos equitativamente por sexo e por quatro fases do ciclo vital: adolescência – entre os 13 e os 20 anos; jovem adulto – entre os 21 e os 40 anos; meia-idade – entre os 41 e os 65 anos e terceira idade – mais de 65 anos (Papalia & Olds, 2000). No que diz respeito à idade média por grupo, os adolescentes têm em média 17 anos (o mais novo tem 14 e o mais velho tem 20 anos), os jovens adultos têm em média 31 anos (o mais novo tem 22 e o mais velho tem 40 anos), os de meia-idade têm em média 51 anos (o mais novo tem 42 e o mais velho tem 64 anos) e os da terceira idade têm em média 75 anos (o mais novo tem 66 e o mais velho tem 92 anos). No que concerne ao estado civil: 37.00% dos respondentes são solteiros, 52.00% são casados e 11.00% são viúvos ou divorciados. Em termos globais a maioria dos respondentes é católica (75.60%, dos quais cerca de 80% são praticantes) e de nacionalidade portuguesa (98.30%, dos quais cerca de 80% viveram sempre em Portugal). Os respondentes referem não ter tendência política (38.20%), identificam-se com a esquerda (24.30%), com a direita (15.00%), com o centro (12.50%) ou não responderam (10.00%). Relativamente à profissão, verificamos que: i) todos os adolescentes são estudantes; ii) os jovens adultos são predominantemente operários (31.00%), estudantes (13.80%), quadros (10.80%) e empresários (10.80%); iii) os respondentes da meia-idade são predominantemente operários (24.10%), professores (20.70%) e reformados (13.80%) e iv) os respondentes da terceira idade são maioritariamente reformados (78.60%) e independentes agrícolas (14.30%). As profissões mais referidas para os cônjuges dos respondentes casados, situam-se na área da indústria e comércio (32.20%, sendo a maioria operários), são reformados (27.10%), trabalham no ensino (11.90%), são donas de casa (8.50%) e independentes agrícolas (5.10%). Os respondentes têm em média três filhos (mínimo zero, máximo onze).

6.3.2 – Questionário

Utilizámos como instrumento de recolha de dados um questionário cujo pré-teste garantiu a sua inteligibilidade. Foram construídas três versões do questionário destinadas a avaliar as pessoas velhas, as pessoas idosas e as pessoas seniores, respectivamente. Em anexo apresentamos uma das versões do questionário usado (Anexo 5).

Este questionário era constituído por quatro partes.

Na primeira parte, apresentávamos de forma sucinta a investigação e garantíamos que os dados seriam tratados globalmente e de forma anónima. Recolhíamos dados sócio demográficos (sexo, estado civil, idade, religião, tendência política, nacionalidade, profissão, profissão do cônjuge e número de filhos) para a caracterização dos respondentes. Procurávamos conhecer a opinião dos respondentes sobre como se devia chamar à etapa da vida atingida pelas pessoas velhas (ou idosas ou seniores), qual a idade a partir da qual assim eram consideradas e pedíamos para referir o sexo e idade de até quatro pessoas velhas (ou idosas ou seniores) com quem mantivessem contacto regular.

Na segunda parte, pedíamos aos respondentes para escreverem cinco palavras ou expressões simples que lhes surgem espontaneamente na mente quando pensam no estímulo proposto. Solicitávamos que para cada resposta fornecida, fosse efectuada uma avaliação da positividade numa escala de 5 pontos (1=muito negativa e 5=muito positiva).

Na terceira parte, pedíamos aos respondentes para indicarem a intensidade de sentimentos que lhes surgem na mente quando pensam na situação actual das pessoas velhas (ou idosas ou seniores), numa escala de sete pontos (1=nada forte e 7=muito forte). A avaliação dos sentimentos despertados foi feita utilizando as 32 emoções da *Escala de Izard* (Isen, 1987): Interesse, Curiosidade, Atenção, Medo, Felicidade, Desânimo, Pasmo, Contentamento, Temor, Vergonha, Tristeza, Aflição, Agonia, Cólera, Surpresa, Ira, Nojo, Repulsa, Desprezo, Desdém, Menosprezo, Angústia, Raiva, Receio, Repugnância, Timidez, Acanhamento, Alegria, Espanto, Desmoralização, Culpa e Censura.

Na quarta parte, procurámos avaliar a opinião dos respondentes sobre as 29 proposições que constituem a *Fraboni Scale of Agism* (Fraboni *et al.,* 1990)[44], desenhada para aceder às componentes cognitiva e afectiva do idadismo: "Muitas pessoas idosas são avarentas e guardam o seu dinheiro e as suas posses; Muitas pessoas idosas não estão interessadas em fazer novos amigos, preferindo em vez disso o seu habitual círculo de amigos; Muitas pessoas idosas vivem no passado; Não se devia confiar crianças pequenas ao cuidado da maioria das pessoas idosas; Muitas pessoas idosas são mais felizes quando estão com pessoas da sua idade; Pode considerar-se que a maioria das pessoas idosas tem pouco cuidado com a higiene

[44] Traduzimos a formulação que era utilizada na versão original, para a avaliação das pessoas idosas e adaptámo-la às diferentes versões do nosso questionário.

pessoal; A maioria das pessoas idosas pode ser irritante porque conta sempre as mesmas histórias; As pessoas idosas queixam-se mais do que as outras pessoas; Se fosse convidado(a) para ir a um convívio num lar de pessoas idosas preferia não ir; O suicídio dos adolescentes é mais trágico do que o suicídio das pessoas idosas; Às vezes evito o contacto visual com pessoas idosas quando as vejo; Não gosto quando pessoas idosas tentam meter conversa comigo; Não se pode esperar conversas complexas e interessantes da maioria das pessoas idosas; Sentir-se deprimido(a) na companhia de pessoas idosas é provavelmente um sentimento comum; As pessoas idosas deviam encontrar amigos da sua idade; As pessoas idosas deviam sentir-se bem-vindas nos convívios de gente jovem; As pessoas idosas não precisam realmente de usar as instalações desportivas comunitárias; É melhor que as pessoas idosas vivam onde não possam incomodar ninguém; A companhia da maioria das pessoas idosas é bastante agradável; É triste ouvir falar sobre as dificuldades das pessoas idosas na sociedade dos nossos dias; As pessoas idosas deviam ser encorajadas a expressar as suas opiniões políticas; Na sua maioria as pessoas idosas são interessantes e originais; Pessoalmente não quereria passar muito tempo com uma pessoa idosa; Dentro das instalações desportivas, deviam existir clubes especiais reservados às pessoas idosas para que pudessem competir entre si; As pessoas idosas merecem os mesmos direitos e liberdades que os outros membros da nossa sociedade; À maioria das pessoas idosas não devia ser autorizada a renovação da carta de condução; As pessoas idosas podem ser muito criativas; Preferia não viver com uma pessoa idosa; As pessoas idosas não precisam de muito dinheiro para satisfazer as suas necessidades". Os respondentes foram convidados a manifestarem a sua opinião através de uma escala de cinco pontos (1=discordo totalmente e 5=concordo totalmente).

6.3.3 – Procedimento

Após terem concordado em responder ao questionário a maioria dos respondentes escreveu individualmente as suas respostas. Por solicitação de alguns respondentes, pertencentes ao grupo etário da terceira idade, as perguntas do questionário foram-lhes lidas pelo investigador, que anotou as respostas obtidas.

6.3.4 – Análise dos dados

Começamos por aplicar as regras de redução utilizadas classicamente para a análise das evocações livres (cf. ponto 3.3.2). Posteriormente três juízes independentes procederam ao

agrupamento por sinonímia das proposições de sentido similar tendo como critério a forma mais usual de utilização.

Em seguida, construímos um dicionário global a partir do qual elaborámos vários dicionários específicos associados aos diferentes alvos, sexo dos respondentes e grupo etário.

A primeira análise efectuada permitiu evidenciar as características dos campos lexicais associados aos diferentes alvos. Realizámos uma análise descritiva e uma análise de semelhança. Respectivamente analisámos a fluidez, a amplitude, a riqueza e calculámos o índice de *Ellegard* (cf. ponto 3.3.1).

Posteriormente, tendo por base o dicionário global e no sentido de aumentar o nível de compreensão dos nossos dados, optámos por realizar manualmente uma análise de conteúdo utilizando as categorias que haviam sido definidas para o estudo apresentado no Capítulo 4 (cf. ponto 4.4.1.4).

Para cada categoria efectuámos análises da frequência de evocação, dado que a frequência de evocação se constitui como um indicador da sua relevância e pertinência (Poeschl, 1992). Foram realizadas comparações quantitativas, aplicando um teste do *qui-quadrado*, sobre as frequências das categorias nas diferentes condições para evidenciar diferenças significativas entre o sexo dos respondentes (feminino e masculino); os grupos etários (adolescentes, jovens adultos, meia-idade e terceira idade) e alvos (pessoas velhas, pessoas idosas e pessoas seniores).

Para cada domínio analisado (sentimentos e idadismo) as respostas dos respondentes foram submetidas a uma análise factorial em componentes principais com rotação varimax. Sendo os valores do *alpha* de *Cronbach* satisfatórios, construímos, a partir dos factores encontrados, diferentes escalas que nos permitiram calcular as avaliações médias dos sujeitos por dimensões. Finalmente, aplicámos uma análise da variância sobre estas médias para determinar as diferenças significativas em função das três variáveis independentes incluídas no nosso plano experimental (cf. ponto 3.3.4).

6.3.5 – Plano experimental

O nosso plano experimental é um 3(Alvo: pessoas velhas *vs* pessoas idosas *vs* pessoas seniores) x 4(Grupo etário: adolescentes *vs* jovens adultos *vs* meia-idade *vs* terceira idade) x

2(Sexo dos respondentes: feminino *vs* masculino), inteiramente inter-sujeitos. Os respondentes foram distribuídos de forma equitativa pelas diferentes condições, como se pode ver no Quadro 6.1.

Quadro 6.1 – Distribuição dos respondentes pelas condições experimentais

	Adolescentes		**Jovens Adultos**		**Meia-idade**		**Terceira Idade**		
	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	**Total**
Pessoas velhas	5	5	5	5	5	5	5	5	40
Pessoas idosas	5	5	5	5	5	5	5	5	40
Pessoas seniores	5	5	5	5	5	5	5	5	40
Total	**15**	**15**	**15**	**15**	**15**	**15**	**15**	**15**	**120**

6.4 – Resultados e discussão

A apresentação dos resultados está estruturada em quatro pontos. No primeiro ponto efectuamos a caracterização das pessoas seniores, idosas e velhas evocadas clarificando o modo se deve chamar à etapa da vida por elas atingida e a idade a partir da qual as pessoas são consideradas seniores, idosas e velhas. Ainda neste ponto caracterizamos as pessoas evocadas em termos de idade e sexo. No segundo ponto caracterizamos o dicionário associado ao campo representacional das pessoas velhas, idosas e seniores, explicitamos a positividade das palavras referidas pelos respondentes sobre os alvos. Em seguida apresentamos as dimensões que integram o campo representacional das pessoas velhas, idosas e seniores e verificamos a sua variação em função do plano experimental. No terceiro e no quarto pontos apresentamos, respectivamente, as dimensões dos sentimentos despertados e as atitudes para com as pessoas velhas, idosas e seniores e as suas variações em função do plano experimental.

6.4.1 – Designação, caracterização e avaliação da etapa de vida atingida pelas pessoas velhas, idosas e seniores

Designação da etapa da vida atingida pelas pessoas velhas, idosas ou seniores

Ao analisarmos, para o conjunto dos alvos (pessoas velhas, idosas e seniores), as respostas relativas à questão de saber como devemos chamar à etapa da vida atingida pelos alvos, verificámos que foram utilizadas 28 palavras diferentes, cuja frequência varia entre 1 e 31, num total de 111 frequências. Registámos que 70.2% das frequências obtidas correspondem às designações terceira idade (27.9%), idosos (21.6%) e velhice (20.7%). As respostas por alvo são apresentadas no Quadro 6.2.

Quadro 6.2 – Palavras referidas para chamar à etapa da vida. Frequência e percentagem de evocação

Palavras	Pessoas velhas		Pessoas idosas		Pessoas seniores	
	Frequência	Percentagem	Frequência	Percentagem	Frequência	Percentagem
Idosos	11	28.95	3	8.57	10	26.32
Terceira idade	10	26.32	14	40.00	7	18.42
Velhice	6	15.80	10	28.57	7	18.42
Parcial	**27**	**71.07**	**27**	**77.14**	**24**	**63.16**
Vencedores	3	7.89				
Concretização	1	2.63				
Conquista	1	2.63				
Envelhecer	1	2.63				
Experientes	1	2.63				
Felicidade	1	2.63				
Geriátrica	1	2.63				
Idade da sabedoria	1	2.63				
Parcial	**10**	**26.30**				
Fase final			1	2.86		
Idade sublime			1	2.86		
Missão cumprida			1	2.86		
Quarto mais rápido da vida			1	2.86		
Reformado			1	2.86		
Respeito			1	2.86		
Senescência			1	2.86		
Parcial			**7**	**20.02**		
Maduro					3	7.90
Aproveitar					2	5.26
Adultos					1	2.63
Amadurecimento					1	2.63
Plataforma					1	2.63
Qualidade e honra					1	2.63
Senhores					1	2.63
Seniores					1	2.63
Parcial					**11**	**28.94**
Idade do descanso			1	2.86	2	5.26
Velhinhos	1	2.63			1	2.63
Parcial	**1**	**2.63**	**1**	**2.86**	**3**	**7.89**
Total	**38**	**100.00**	**35**	**100.00**	**38**	**100.00**

Para as pessoas velhas foram usadas 12 palavras diferentes, cuja frequência varia entre 1 e 11. Verificámos que 71.07% das evocações correspondem às três palavras mais frequentes.

Para as pessoas idosas foram usadas 11 palavras diferentes cuja frequência varia entre 1 e 14. Verificámos que 77.14% das evocações correspondem às três palavras mais frequentes.

Relativamente às pessoas seniores registámos 13 palavras diferentes, cuja frequência varia entre 1 e 10 e que às três palavras mais frequentes corresponde agora uma percentagem de evocação de 63.16%.

Quando analisamos as palavras usadas especificamente para cada um dos alvos verificamos que para o alvo pessoas seniores, estas palavras indiciam uma ligação à maturidade e à adultez (28.94%), por oposição às dos restantes alvos, onde se vislumbra uma ligação mais explícita à senectude (pessoas velhas: 26.3% e pessoas idosas: 20.2%).

Os dados encontrados sobre a designação da etapa da vida atingida pelas pessoas velhas, idosas ou seniores parecem sugerir que o alvo pessoas seniores se destaca dos restantes, remetendo-o para um grupo com menos idade e mais próximo da adultez.

Idade a partir da qual as pessoas são velhas, idosas ou seniores

Tendo como base a questão a partir da qual se considera uma pessoa velha, idosa ou sénior, calculámos as idades média, mínima e máxima por alvo. Estas informações estão registadas no Quadro 6.3.

Quadro 6.3 – Média de idades, desvio padrão, idade mínima e máxima a partir da qual os respondentes consideram uma pessoa velha, idosa ou sénior

Alvo	Média	Desvio Padrão	Idade Mínima	Idade Máxima
Pessoas velhas	72.23	9.80	60	99
Pessoas idosas	65.72	6.52	50	80
Pessoas seniores	66.00	9.31	40	80

A análise da variância efectuada sobre essas médias mostra que a idade a partir da qual as pessoas são consideradas velhas é significativamente superior á idade a partir da qual as pessoas são consideradas idosa ou seniores ($F(2,94)=8.32$, $p<.001$, as duas diferenças significativas segundo o teste *LSD para comparações múltiplas,* $p<.05$). Este resultado parece confirmar que as pessoas velhas se constituem como o grupo mais velho, aspecto corroborado pelo facto de as idades máxima e mínima, referidas para este grupo, serem as mais elevadas. Tendo em conta as idades mínimas, onde, entre os três alvos se regista uma diferença de dez anos, pensamos poder dizer, embora não haja diferenças entre a média de idades das pessoas idosas e seniores, que as pessoas seniores corresponderão ao grupo com menos idade e que as pessoas idosas se situarão numa posição intermédia face às pessoas seniores e velhas.

Sexo e idade das pessoas de referência

A aplicação do teste do *qui-quadrado* sobre as frequências de evocação do sexo das quatro pessoas velhas, idosas ou seniores com quem os respondentes mantêm contacto regular, revela, tal como aconteceu no Estudo 1, que foram evocadas significativamente mais mulheres do que homens (mulheres: 209, homens: 164; $^{2}(1)=5.19$, $p=.05$).

A análise da variância efectuada sobre as médias das idades das pessoas de referência por alvo mostra que as pessoas seniores são referidas com menos idade do que as pessoas idosas que

por sua vez também são consideradas com menos idade do que as pessoas velhas (pessoas velhas: 76.91; pessoas idosas: 74.64; pessoas seniores: 72.15; $F(2,370)=7.87$, $p\leq.001$, todas as médias significativamente diferentes segundo o teste *LSD para comparações múltiplas,* $p<.05$).

Em síntese, os dados encontrados sobre a designação da etapa da vida atingida pelas pessoas velhas, idosas ou seniores revelam que as palavras mais utilizadas para designar a última fase do ciclo vital são terceira idade, idosos e velhice. Confirmam que os respondentes contactam mais regularmente com mulheres do que com homens. Por fim, e mais importante, os nossos dados parecem sugerir que o alvo pessoas seniores se destaca dos restantes, remetendo para um grupo com menos idade e mais próximo da adultez.

6.4.2 – Campo representacional das pessoas velhas, idosas e seniores

6.4.2.1 – Análise descritiva dos campos lexicais associados às pessoas velhas, idosas e seniores

Nesta análise considerámos um dicionário global, constituído pelas palavras associadas ao conjunto dos três alvos, a partir do qual elaborámos dicionários específicos referentes aos diferentes alvos. Os resultados da análise descritiva – amplitude, fluidez e riqueza, para os diferentes dicionários são apresentados no Quadro 6.4.

Como podemos constatar no Quadro 6.4 o dicionário global da representação sobre o conjunto dos três alvos é constituído por 540 palavras, sendo 190 diferentes, com uma frequência de evocação que varia entre 1 e 28, possuindo uma riqueza de .35. Os valores da amplitude, fluidez e riqueza sugerem que o conjunto dos três alvos se constitui como um estímulo diversificado, na medida em que o número de palavras diferentes é considerável, reflectindo-se na riqueza do campo semântico.

Quadro 6.4 – Amplitude, fluidez e riqueza dos campos lexicais por alvo e global para o conjunto dos respondentes.

	Pessoas velhas	**Pessoas idosas**	**Pessoas seniores**	**Dicionário global**
Amplitude	91	92	105	190
Fluidez	165	188	187	540
Riqueza	0.55	0.49	0.56	0.35

Uma leitura incidindo sobre os resultados totais dos campos lexicais por alvo revela riqueza com valores idênticos nos três campos semânticos (pessoas velhas: .55, pessoas idosas: .49, pessoas seniores: .56) e que entre eles são pequenas as diferenças ao nível da fluidez e da amplitude.

6.4.2.2 – Análise de semelhança dos campos lexicais associados às pessoas velhas, idosas e seniores

Com o intuito de obter uma medida global da semelhança entre os três universos semânticos foi efectuada uma análise da semelhança através do índice de *Ellegard* (cf. ponto 3.3.1). Esta análise (Quadro 6.5) revela que a semelhança existente entre os campos semânticos não é muito forte e que os alvos pessoas velhas *vs* pessoas idosas são os que mais se assemelham.

Quadro 6.5 – Semelhança dos campos semânticos segundo o Índice de *Ellegard* para os alvos pessoas velhas, pessoas idosas e pessoas seniores.

	Pessoas velhas *vs* **Pessoas idosas**	**Pessoas velhas** *vs* **Pessoas seniores**	**Pessoas idosas** *vs* **Pessoas seniores**
Índice de *Ellegard*	.43	.37	.36

6.4.2.3 – Dimensões das representações das pessoas velhas, idosas e seniores

O dicionário global da representação sobre o conjunto dos três alvos constituiu o ponto de partida para a análise categorial temática. Efectuámos esta análise utilizando as categorias e subcategorias que foram definidas para a primeira análise categorial temática já apresentada no Capítulo 4 (cf. ponto 4.4.1.4). A apresentação é feita por ordem decrescente do total de frequências na categoria para o conjunto dos alvos (Quadro 6.6).

A categoria Filosófica, que agrupa palavras com uma conotação positiva, surge com maior percentagem de evocação (21.11%) e organiza-se em três subcategorias: Sabedoria, que inclui as palavras sabedoria e experiência; Compreensão, que inclui as palavras compreensão e conselheiro, e Respeito, onde se inclui a palavra respeito. Nesta categoria destaca-se a Sabedoria por apresentar uma percentagem de evocação claramente superior às outras duas.

Na categoria Axiológica, com uma percentagem de evocação próxima da anterior (20.37%), surgem as subcategorias: avaliação Favorável, que inclui as palavras simpatia e paciência;

avaliação Desfavorável, que inclui as palavras teimosia e chata e a avaliação Neutra, onde se incluem, por exemplo, as palavras preocupado e saudade. Nesta categoria destaca-se a maior percentagem da avaliação Favorável.

Os Sentimentos, com uma percentagem de evocação de 19.81%, estão organizados em Positivos e Negativos, neles se incluem por exemplo, respectivamente, felicidade e tristeza.

Quadro 6.6 – Categorias e percentagem de evocação. Frequências por categoria e subcategoria para o total dos respondentes por alvo pessoas velhas, idosas e seniores

Categoria e percentagem de evocação	Subcategoria	Total	Percentagem da subcategoria	Pessoas velhas	Pessoas idosas	Pessoas seniores
Filosófica (21.11%)	Sabedoria	72	63.16	16	17	39
	Compreensão	22	19.30	4	8	10
	Respeito	20	17.54	7	6	7
	Total	**114**	100.00	**27**	**31**	**56**
Axiológica (20.37%)	Favorável	58	52.73	20	15	23
	Desfavorável	41	37.27	18	18	5
	Neutra	11	10.00	6	1	4
	Total	**110**	100.00	**44**	**34**	**32**
Sentimentos (19.81%)	Sentimentos positivos	60	56.07	14	27	19
	Sentimentos negativos	47	43.93	17	14	16
	Total	**107**	100.00	**31**	**41**	**35**
Social (12.22%)	Exclusão	28	42.42	8	15	5
	Relações interpessoais	14	21.21	4	8	2
	Família	9	13.64	3	3	3
	Actividade sócio laboral	9	13.64	1	4	4
	Ausência Actividade sócio laboral	6	9.09	1	1	4
	Total	**66**	100.00	**17**	**31**	**18**
Morbilidade (7.04%)	Doenças	24	63.16	7	10	7
	Sofrimento	7	18.42	2	3	2
	Finitude	7	18.42	4	2	1
	Total	**38**	100.00	**13**	**15**	**10**
Debilidades (7.04%)	Económicas	20	52.63	10	6	4
	Mobilidade	14	36.84	3	3	8
	Psíquicas	4	10.53	1	2	1
	Total	**38**	100.00	**14**	**11**	**13**
Sinónimos (6.48%)	**Total**	**35**	100.00	**10**	**10**	**15**
Dispositivos de apoio (2.59%)	Sócio-económico	**14**	100.00	**2**	**7**	**5**
Aspecto (2.41%)	Fisionomia	7	53.85	3	2	2
	Apresentação	6	46.15	3	2	1
	Total	**13**		**6**	**4**	**3**
Habitação (.56%)	**Total**	**3**	100.00	**1**	**2**	**0**
Religiosidade (.37%)	**Total**	**2**	100.00	**1**	**1**	**0**
	Total geral	**540**		**166**	**187**	**187**

A categoria Social, que remete para diferentes aspectos da vida em sociedade, com uma percentagem de evocação de 12.22%, apresenta as subcategorias: Exclusão, que inclui por exemplo as palavras solidão e abandono; Relações interpessoais, que inclui por exemplo companhia e conversar; Família, que inclui por exemplo família e netos; Actividade sócio laboral, que inclui a palavra trabalhador e Ausência de actividade sócio laboral, onde se inclui reforma. A Exclusão é a subcategoria que se destaca pela maior percentagem de evocação.

Na categoria Morbilidade, que surge com uma percentagem de evocação de 7.04%, incluem-se as subcategorias Doenças, Sofrimento e Finitude. Nestas destaca-se a subcategoria Doenças pela maior percentagem de evocação.

A categoria Debilidades apresenta uma frequência de evocação igual à anterior (7.04%) e inclui subcategorias as debilidades Económicas, de Mobilidade e Psíquicas surgindo a primeira com uma percentagem de evocação maioritária.

A categoria Sinónimos, inclui diferentes designações, tal como velhos, velhice, que podem ser consideradas sinónimos dos alvos apresentados e surge com uma percentagem de evocação de 6.48%.

A categoria Dispositivos de Apoio, que no Estudo 1 apresentou a maior percentagem de evocação, surge aqui apenas com uma subcategoria, dispositivos de apoio Socio-económico e com uma percentagem de evocação muito baixa (2.59%).

A categoria Aspecto, também com baixa percentagem de evocação (2.41%), apresenta as subcategorias Fisionomia e Apresentação que incluem por exemplo, respectivamente, as palavras rugas e cuidados.

As categorias Habitação e Religiosidade apresentam percentagens de evocação residuais (0.56% e 0.37%) e incluem respectivamente as palavras lar e católicos.

Para evidenciar eventuais diferenças devidas ao alvo, utilizamos o teste do *qui-quadrado* para comparar as frequências nas categorias e subcategorias. Esta análise revelou que existem diferenças na categoria Filosófica (pessoas velhas: 27, pessoas idosas: 31 e pessoas seniores: 56, $^{2}(2)=13.00$, $p<.01$) devido às diferenças existentes na subcategoria Sabedoria (pessoas velhas: 16, pessoas idosas: 17 e pessoas seniores: 39, $^{2}(2)=14.08$, $p<.001$) e na Avaliação Desfavorável (pessoas velhas: 18, pessoas idosas: 18 e pessoas seniores: 5, $^{2}(2)=18.24$,

$p<.05$). Os respondentes consideram que as pessoas seniores possuem significativamente mais sabedoria e são avaliadas com menor desfavorabilidade do que as pessoas velhas e idosas, que não se diferenciam entre si.

Quando comparamos a análise temática efectuada a partir do dicionário global resultante do conjunto dos campos semânticos associados aos três alvos (pessoas velhas, pessoas idosas e pessoas seniores), com a análise efectuada a partir do dicionário global resultante dos campos semânticos associados aos alvos homem idoso, mulher idosa e pessoas idosas, apresentados no Estudo 1, podemos verificar que, não apenas as categorias Vestuário, Recreação e Subsistência não surgem nesta análise, mas desapareceram também as subcategorias Recursos e Osteoporose (categoria Morbilidade), Debilidades dos Sentidos, de Mastigação e de controlo dos Esfíncteres (categoria Debilidades), Dispositivos de apoio à Mobilidade, aos Sentidos, à Mastigação, ao Repouso e Dispositivos de apoio Urinário (categoria Dispositivos de Apoio).

Verificamos ainda uma alteração relativamente à percentagem das evocações por categoria. Assim, na representação das pessoas velhas, idosas e seniores, as categorias com maior percentagem de evocação são a Filosófica (21.11%), a Axiológica (20.37%) e Sentimentos (19.81%), que sugerem uma representação mais homogénea e positiva, ao passo que na representação da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas (objecto do Estudo 1) as categorias com maior percentagem de evocação são Dispositivos de Apoio (13.61%), Social (12.49%), Filosófica (9.43%), Axiológica (9.16%), sugerindo uma maior dicotomia da representação (positivo *vs* negativo).

6.4.2.4 – Avaliação da positividade das palavras ou expressões associadas às pessoas velhas, idosas e seniores

Para aceder a uma primeira avaliação global da positividade das diferentes *palavras ou expressões associadas* às pessoas velhas (idosas ou seniores) fomos calcular, para cada respondente, a média da positividade das respostas fornecidas através da prova de associação livre, numa escala de 5 pontos (1=muito negativa e 5=muito positiva). As médias obtidas revelam que a ressonância em termos de avaliação da positividade se situa no ponto médio da escala, correspondendo a uma posição neutra consistentemente com os dados apresentados no Estudo 1 (cf. p. 164): pessoas velhas: 3.16; pessoas idosas: 3.23; pessoas seniores: 3.57.

Posteriormente efectuámos uma análise da variância 3(Alvo: pessoas velhas *vs* pessoas idosas *vs* pessoas seniores) x 4(Grupo etário: adolescentes *vs* jovens adultos *vs* meia-idade *vs* terceira idade) x 2(Sexo dos respondentes: feminino *vs* masculino) sobre as médias da positividade, que demonstrou não existirem diferenças estatisticamente significativas.

6.4.3 – Sentimentos despertados pela situação das pessoas velhas, idosas e seniores

Para analisar a intensidade dos sentimentos despertados nos respondentes quando estes pensam na situação actual das pessoas velhas, idosas ou seniores, efectuámos uma análise factorial em componentes principais sobre as 32 emoções da *Escala Izard* (Isen, 1987). Da análise efectuada retivemos três factores que explicam no seu conjunto 54.12% da variância (Quadro 6.7).

O primeiro factor organiza-se com base em emoções reveladoras de preocupação que no seu conjunto remetem para o que denominamos de emoções depressivas. O segundo factor agrupa emoções de tonalidade afectiva negativa que reflectem uma reacção de rejeição e desinteresse face aos alvos. Por último, o terceiro factor, agrupa emoções de tonalidade afectiva positiva. A solução factorial adoptada fez sobressair dimensões ligeiramente diferentes das que encontramos em estudos anteriores (Silva, 1999), mas que vão no mesmo sentido.

Atendendo aos valores do *alpha* de *Cronbach* (Quadro 6.7) construímos três escalas. A análise de variância efectuada sobre as médias das três escalas revela serem todas significativamente diferentes (emoções depressivas: 3.33; emoções negativas: 2.42; emoções positivas: 4.27; $F(2,238)=91.52$, $p<.001$, todas as médias significativamente diferentes segundo o teste *LSD*, *para comparações múltiplas*, $p<.05$). Globalmente, verificámos que a ressonância em termos de emoções não foi elevada, uma vez que os valores médios, relativamente às diferentes emoções, oscilaram entre 2.19 para o desprezo e 4.95 para a atenção.

Para verificar de que modo o grupo etário, o alvo e a pertença sexual dos respondentes influenciam a intensidade das emoções despertadas, efectuámos uma análise da variância sobre as médias das três escalas. Os resultados e médias atribuídas pelo conjunto dos sujeitos em cada uma das escalas são apresentados no Quadro 6.8. Esta análise revela um efeito significativo de sexo para as emoções depressivas bem como uma interacção entre grupo etário e sexo para as emoções positivas.

Quadro 6.7 – Sentimentos: solução factorial após rotação varimax. Saturação, média e desvio padrão dos itens (1=nada forte, 7=muito forte) para o conjunto dos respondentes. *Alpha* de *Cronbach.*

	Factor 1	**Factor 2**	**Factor 3**		
	α =.94	α =.91	α =.79	**Média**	**Desvio Padrão**
Emoções Depressivas (35.30%)					
Aflição	.835	.208	-.107	3.58	1.78
Tristeza	.809	.192	-.152	3.84	2.02
Desânimo	.788	.101	-.005	3.78	1.92
Agonia	.756	.279	-.217	3.31	1.81
Temor	.733	.169	-.010	3.33	1.76
Medo	.711	.091	.059	3.81	2.18
Pasmo	.688	.154	.215	3.16	1.52
Angústia	.648	.375	-.051	3.27	1.71
Desmoralização	.618	.468	-.185	3.08	1.85
Cólera	.566	.521	-.146	2.67	1.60
Receio	.552	.420	-.125	3.38	1.92
Acanhamento	.419	.329	-.038	2.73	1.61
			Média	**3.33**	
Emoções Negativas (10.61%)					
Desdém	.066	.852	.007	2.24	1.36
Desprezo	.100	.835	-.005	2.19	1.52
Menosprezo	.025	.831	.090	2.20	1.32
Repugnância	.266	.807	-.090	2.32	1.51
Repulsa	.302	.740	-.126	2.32	1.50
Raiva	.386	.683	.047	2.42	1.75
Nojo	.281	.652	-.057	2.27	1.58
Vergonha	.459	.561	.098	2.98	1.84
Censura	.274	.554	-.093	2.65	1.83
Culpa	.380	.499	.016	2.46	1.58
Ira	.443	.493	-.157	2.43	1.67
Timidez	.343	.348	-.042	2.58	1.56
			Média	**2.42**	
Emoções Positivas (8.21%)					
Alegria	-.205	-.086	.745	4.23	1.86
Felicidade	-.228	-.110	.678	4.35	1.73
Contentamento	-.140	-.033	.675	4.17	1.60
Interesse	-.055	-.136	.619	4.67	1.49
Curiosidade	.050	.031	.616	4.58	1.53
Atenção	.001	-.209	.598	4.95	1.49
Surpresa	.109	.226	.594	3.67	1.71
Espanto	.309	.267	.507	3.55	1.65
			Média	**4.27**	

Como podemos ver no Quadro 6.8, o efeito significativo de sexo $F(1,96)=4.53$, $p=.036$) mostra que as mulheres apresentam uma intensidade de emoções depressivas, face à situação actual das pessoas na última fase do ciclo vital, significativamente superior às dos homens (mulheres: 3.59; homens: 3.07).

A interacção significativa entre grupo etário e sexo ($F(3,96)=4.41$, $p=.003$) mostra que as mulheres jovens adultas apresentam uma intensidade de emoções positivas, face à situação actual das pessoas na última fase do ciclo vital, significativamente superior à dos homens do mesmo grupo etário (mulheres: 4.05; homens: 3.55; $t(28)=2.98$, $p=.006$). Verificamos também que no grupo etário da meia-idade são os homens que apresentam uma intensidade de emoções positivas significativamente superior à das mulheres (mulheres: 4.36, homens: 4.77; $t(28)=2.22$, $p=.035$).

Quadro 6.8 – Médias das emoções despertadas por grupo etário, alvo e sexo (1=nada forte e 7=muito forte). Análise da variância

	Adolescentes						**Jovens adultos**					
Emoções	**Pessoas velhas**		**Pessoas idosas**		**Pessoas seniores**		**Pessoas velhas**		**Pessoas idosas**		**Pessoas seniores**	
	Mas	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**
Depressivas	2.38	3.08	2.67	3.10	3.00	3.85	2.52	3.57	3.60	4.27	2.93	3.40
Negativas	2.31	2.58	2.40	2.15	2.09	2.73	1.82	2.16	2.36	2.87	1.84	1.91
Positivas	3.58	3.78	4.23	5.63	4.53	3.80	3.43	4.45	3.30	4.43	3.93	4.80
	Meia-idade						**Terceira idade**					
Emoções	**Pessoas velhas**		**Pessoas idosas**		**Pessoas seniores**		**Pessoas velhas**		**Pessoas idosas**		**Pessoas seniores**	
	Mas	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**
Depressivas	3.38	2.75	3.00	4.08	3.25	3.75	3.45	3.63	3.37	4.80	2.83	2.80
Negativas	2.11	2.60	2.60	2.71	2.71	2.49	2.29	3.07	2.40	2.58	2.22	2.75
Positivas	5.00	4.53	4.63	3.75	4.53	3.73	4.83	4.40	4.93	3.75	4.25	4.33

Analise da variância

Emoções	Grupo etário F (3,96)	Alvo F (2,96)	Sexo F (1,96)	Grupo etárioXAlvo F (6,96)	Grupo etárioXSexo F (3,96)	Alvo X Sexo F (2,96)	Grupo X Alvo X Sexo F (6,96)
Depressivas	.84	1.88	4.53*	1.10	1.68	.36	.46
Negativas	.63	.21	1.59	.37	.12	.19	.19
Positivas	.79	.11	.01	2.15	4.91**	.21	1.32

*p≤.05; **p≤.01; ***p≤.001

Constatamos ainda que, contrariamente às mulheres, os homens dos diferentes grupos etários diferenciam-se entre si ($F(3,56)=5.40$, $p=.002$). Os jovens adultos apresentam uma intensidade de emoções positivas significativamente inferior à dos homens da meia-idade e da terceira idade que não se diferenciam entre si (jovens adultos: 3.55; meia-idade: 4.77; terceira idade: 4.67, diferenças significativas segundo o teste *LSD para comparações múltiplas*, $p<.05$). A intensidade de emoções positivas despertadas nos adolescentes (4.11) não difere relativamente a qualquer dos outros grupos etários considerados.

Em síntese, os sentimentos estão organizados em três dimensões: emoções depressivas, emoções negativas e emoções positivas. Verificámos que a ressonância em termos emocionais não foi elevada. No entanto, os nossos dados revelam que a situação das pessoas velhas, idosas e seniores despertam emoções positivas numa intensidade superior às depressivas e às

negativas. Verificámos também que, globalmente, as mulheres apresentam uma intensidade de emoções depressivas superior à dos homens. No grupo dos jovens adultos as mulheres apresentam um valor nas emoções positivas superior ao dos homens mas no grupo da meia-idade são os homens que apresentam um valor superior ao das mulheres.

6.4.4– Atitudes para com as pessoas velhas, idosas e seniores

Para identificar eventuais dimensões do idadismo relativamente às pessoas velhas, idosas ou seniores efectuámos uma análise factorial em componentes principais sobre as 29 proposições que constituem a *Fraboni Scale of Agism* (Fraboni *et al.,* 1990). Da análise efectuada retivemos três factores que explicam no seu conjunto 42.42% da variância. No Quadro 6.9 apresentamos estes factores após rotação varimax.

O primeiro factor, designado de afastamento, agrega proposições que no seu conjunto revelam o desejo dos respondentes se afastarem das pessoas velhas, idosas e seniores. O segundo factor, crenças, agrega proposições que remetem para um conjunto de crenças existentes e pouco favoráveis, sobre as pessoas idosas, seniores e velhas. O terceiro factor, atitude afectiva, relata atitudes emocionais, de tonalidade positiva, face aos três alvos.

A solução factorial por nós encontrada é semelhante à sugerida por outros autores como Fraboni *et al.* (1990) que propõem três factores: Anti-locução (*Antilocution*), Afastamento (*Avoidance*) e Discriminação (*Discrimination*) ou à de Rupp *et al.* (2005) que sugerem contudo designações diferentes: Estereótipos (*Stereotypes)*, Separação (*Separation*) e Atitude afectiva (*Affective attitude*).

Podemos considerar que o afastamento e as crenças remetem para desfavorabilidade face às pessoas idosas, velhas ou seniores, podendo ser responsáveis pela discriminação com base na idade ou idadismo negativo (Palmore, 1999, 2001). O terceiro factor, atitude afectiva, poderá explicar a ausência de discriminação face às pessoas velhas, idosas e seniores ou corresponder ao que Palmore (1999, 2001) designa por idadismo positivo.

Recorrendo à proposta que Dozois (2006) apresentou para agrupar as manifestações idadistas, os nossos resultados podem também ser entendidos como manifestações de idadismo em que o primeiro factor, afastamento, corresponderá ao que o autor designou por comportamento de distanciamento, o segundo factor, crenças, corresponderá aos comportamentos negativos e

pouco calorosos e o treceiro factor, atitude afectiva, corresponderá a comportamentos mais positivos ou protectores para com as pessoas velhas, idosas e seniores.

Quadro 6.9 – Idadismo: solução factorial após rotação varimax. Saturação, média e desvio padrão dos itens (1=discordo totalmente e 5=concordo totalmente) para o conjunto dos respondentes. *Alpha* de *Cronbach*

	Factor 1 α =.83	**Factor 2** α =.76	**Factor 3** α =.78	**Média**	**Desvio Padrão**
***Afastamento* (23.34%)**					
Não gosto quando pessoas idosas tentam meter conversa comigo	.728	.040	-.213	1.63	1.12
As pessoas idosas não precisam realmente de usar as instalações desportivas comunitárias	.693	.-.002	.082	1.91	1.17
Às vezes evito o contacto visual com pessoas idosas quando as vejo	.670	.079	-.189	1.43	.89
Sentir-se deprimido(a) na companhia de pessoas idosas é provavelmente um sentimento comum	.607	.247	-.134	2.04	1.12
As pessoas idosas deviam encontrar amigos da sua idade	.605	.108	.095	2.68	1.32
Não se pode esperar conversas complexas e interessantes da maioria das pessoas idosas	.568	.166	-.251	2.07	1.16
É melhor que as pessoas idosas vivam onde não possam incomodar ninguém	.539	-.078	-.269	1.48	1.03
Se fosse convidado(a) para ir a um convívio num lar de pessoas idosas preferia não ir	.486	.004	-.255	2.01	1.22
Muitas pessoas idosas são mais felizes quando estão com pessoas da sua idade	.467	.417	.189	3.32	1.22
Pessoalmente não quereria passar muito tempo com uma pessoa idosa	.459	.339	-.346	2.20	1.19
Preferia não viver com uma pessoa idosa	.447	.200	-.364	2.09	1.20
			Média	**2.08**	
***Crenças* (11.57%)**					
Muitas pessoas idosas são avarentas e guardam o seu dinheiro e as suas posses	-.083	.685	-.035	3.08	1.25
Pode considerar-se que a maioria das pessoas idosas tem pouco cuidado com a higiene pessoal	.162	.604	.121	3.05	1.26
Não se devia confiar crianças pequenas ao cuidado da maioria das pessoas idosas	.315	.594	.119	2.32	1.22
Muitas pessoas idosas vivem no passado	.025	.592	-.025	3.40	1.23
As pessoas idosas queixam-se mais do que as outras pessoas	.288	.588	.067	3.21	1.19
Muitas pessoas idosas não estão interessadas em fazer novos amigos, preferindo em vez disso o seu habitual círculo de amigos	-.152	.581	-.250	3.10	1.25
O suicídio dos adolescentes é mais trágico do que o suicídio das pessoas idosas	.099	.534	-.272	3.06	1.45
A maioria das pessoas idosas pode ser irritante porque conta sempre as mesmas histórias	.481	.490	.022	2.78	1.08
			Média	**3.00**	
***Atitude afectiva* (7.51%)**					
As pessoas idosas podem ser muito criativas	.250	.240	.773	3.98	.99
As pessoas idosas deviam sentir-se bem-vindas nos convívios de gente jovem	-.085	-.043	.715	3.97	1.12
As pessoas idosas deviam ser encorajadas a expressar as suas opiniões políticas	-.036	-.109	.668	3.76	1.09
Na sua maioria as pessoas idosas são interessantes e originais	-.201	-.104	.640	3.47	1.15
As pessoas idosas merecem os mesmos direitos e liberdades que os outros membros da nossa sociedade	-.371	.182	.545	4.60	.92
A companhia da maioria das pessoas idosas é bastante agradável	-.282	-.199	.456	3.93	1.00
É triste ouvir falar sobre as dificuldades das pessoas idosas na sociedade dos nossos dias	-.058	.165	.453	4.12	1.04
			Média	**3.97**	

Nota: Por terem comunalidades baixas foram retirados os três itens seguintes: As pessoas idosas não precisam de muito dinheiro para satisfazer as suas necessidades; À maioria das pessoas idosas não devia ser autorizada a renovação da carta de condução; Dentro das instalações desportivas, deviam existir clubes especiais reservados às pessoas idosas para que pudessem competir entre si.

Atendendo aos valores elevados do *alpha* de *Cronbach* (Quadro 6.9) construímos três escalas: afastamento, crenças e atitude afectiva. A análise efectuada sobre as médias das diferentes dimensões da escala de idadismo revela valores significativamente diferentes (afastamento: 2.08; crenças: 3.00; atitude afectiva: 3.97; $F(2,238)=230.80$, $p<.001$; todas as médias significativamente diferentes segundo o teste *LSD para comparações múltiplas*, $p<.05$).

A análise de variância efectuada sobre as médias das três escalas, em função do alvo, do sexo e grupo etário dos respondentes, apenas revela, para as crenças, um efeito de grupo etário e de alvo. Os resultados desta análise e as médias de cada uma das dimensões são apresentados no Quadro 6.10.

Relativamente ao efeito principal de grupo etário nas crenças, verificámos que os adolescentes e os jovens adultos não se diferenciam entre si e concordam menos com os itens apresentados do que os respondentes da meia-idade e da terceira idade, que também não se diferenciam entre si (adolescentes: 2.63; jovens adultos: 2.85; meia-idade: 3.24, terceira idade: 3.27; $F(3,96)=5.85$, $p=.001$, as duas diferenças significativas segundo o teste *LSD para comparações múltiplas, p*<.05).

Quadro 6.10 – Médias das dimensões do idadismo por grupo etário, alvo e sexo. Análise da variância

	Adolescentes						**Jovens adultos**					
	Pessoas velhas		**Pessoas idosas**		**Pessoas seniores**		**Pessoas velhas**		**Pessoas idosas**		**Pessoas seniores**	
	Mas	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**
Afastamento	2.41	2.51	2.04	2.31	1.96	2.27	2.13	1.76	1.58	2.07	1.96	1.51
Crenças	2.58	2.75	2.70	2.68	2.35	2.75	2.98	3.40	2.75	3.15	2.58	2.23
Atitude afectiva	3.46	3.69	3.97	3.71	4.26	3.69	3.80	3.86	3.91	3.66	4.11	4.54
	Meia-idade						**Terceira idade**					
	Pessoas velhas		**Pessoas idosas**		**Pessoas seniores**		**Pessoas velhas**		**Pessoas idosas**		**Pessoas seniores**	
	Mas	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**	**Mas**	**Fem**
Afastamento	1.84	2.69	2.54	2.20	1.53	1.84	1.90	2.07	2.05	1.80	2.27	2.56
Crenças	3.65	3.85	3.30	3.20	2.45	3.00	3.38	3.10	2.88	3.55	3.33	3.40
Atitude afectiva	4.37	3.86	4.06	4.14	3.80	4.06	4.11	3.83	4.17	4.40	3.83	4.09

	Análise da variância						
	Grupo etário $F(3,96)$	Alvo $F(2,96)$	Sexo $F(1,96)$	Grupo etário X Alvo $F(6,96)$	Grupo etário X Sexo $F(3,96)$	Alvo X Sexo $F(2,96)$	Grupo X Alvo X Sexo $F(6,96)$
Afastamento	1.87	.65	.80	1.54	.46	.11	1.22
Crenças	5.85**	4.13*	1.94	1.57	.01	.06	.95
Atitude afectiva	.94	.67	.05	.97	.25	.25	.82

*p≤.05; **p≤.01; ***p≤.001

Por sua vez o efeito de alvo, para as crenças, indica que existem diferenças entre pessoas velhas e pessoas seniores (pessoas velhas: 3.21; pessoas idosas: 3.03; pessoas seniores: 2.76;

$F(2,96)=4.13$, $p=.05$, diferença significativa segundo o teste *LSD para comparações múltiplas,* $p<.05$).

Uma vez que a dimensão crenças agrega proposições que remetem para um conjunto de convicções existentes e pouco favoráveis sobre as pessoas idosas, seniores e velhas, podemos dizer que o facto dos adolescentes e jovens adultos apresentarem um valor inferior ao referido pelos respondentes da meia-idade e terceira idade é consistente com os resultados que obtivemos no Estudo 1 e que apontam para que a negatividade para com a velhice aumenta com a idade dos grupos. Este resultado parece ir de encontro ao que Levy e Banaji (2002) designam por "auto-estereótipo negativo" (*negative self-stereotype*) e revela-se duplamente preocupante dado que a sua existência não só prejudica a performance dos mais velhos em diversos domínios (Levy, 1996; 2003; Levy *et al.*, 1999-2000; Levy & Banaji, 2002) e diminui a sua vontade de viver (Levy *et al.*, 1999-2000; Marques *et al.*, 2006), como funciona como uma espécie de confirmação que reforça as crenças negativas que promovem a sua própria discriminação enquanto mais velhos.

Na mesma linha de pensamento e dado que existem menos crenças para com as pessoas seniores do que para com as pessoas velhas, pensamos poder dizer que as primeiras são vistas dum modo menos negativo do que as pessoas velhas e que as pessoas idosas se situarão numa posição intermédia, aspecto que os resultados obtidos no Estudo 1 já sugeriam.

Efectuámos, ainda, uma análise das correlações entre as dimensões da escala de sentimentos e as dimensões da escala de idadismo que revelou uma correlação positiva entre as emoções negativas e o afastamento ($r(120)=.35$, $p<.001$) e entre as emoções negativas e as crenças ($r(120)=.21$, $p=.020$). Esta análise revelou ainda uma correlação positiva entre as emoções positivas e atitude afectiva ($r(120)=.29$, $p=.002$).

Em síntese, o idadismo está organizado em três dimensões: afastamento, crenças e atitude afectiva. O afastamento e as crenças remetem para uma apreciação desfavorável sobre as pessoas na última fase do ciclo vital e podem ser responsáveis pela discriminação com base na idade ou idadismo negativo (Palmore, 1999, 2001) e corresponder ao que Dozois (2006) designou como comportamentos de afastamento e comportamentos pouco calorosos. A atitude afectiva, uma vez que relata atitudes emocionais de tonalidade positiva, poderá explicar a ausência de discriminação negativa e corresponder a um idadismo positivo (Palmore, 1999,

2001) e/ou a comportamentos mais positivos ou protectores face às pessoas velhas, idosas ou seniores (Dozois, 2006).

Os resultados indicam que os grupos mais velhos (meia-idade e terceira idade) expressam mais crenças do que os grupos mais novos (adolescentes e jovens adultos). Este resultado é um pouco surpreendente uma vez que as crenças são pouco favoráveis e são os mais velhos que as expressam com maior intensidade, promovendo a sua própria discriminação. Os dados indicam ainda que as pessoas seniores suscitam menos crenças do que as pessoas velhas e regista-se que o afastamento e as crenças covariam com as emoções negativas e que a atitude afectiva covaria com as emoções positivas.

6.5 – Conclusão

Neste estudo, em termos globais, pretendemos conhecer de que forma a denominação utilizada, pessoas velhas, pessoas idosas e pessoas seniores, afectam as representações, particularmente a atitude e a avaliação da fase mais avançada do ciclo vital.

Os resultados, quando analisamos as palavras usadas especificamente para pessoas velhas, idosas e seniores, indiciam uma ligação à maturidade e adultez para as pessoas seniores e uma ligação mais explícita à senectude para as pessoas velhas e para as pessoas idosas. Este aspecto é corroborado pela análise das idades atribuídas às pessoas velhas, idosas e seniores que também parecem sugerir que o alvo pessoas seniores se destaca dos restantes, remetendo para um grupo com menos idade e mais próximo da adultez e que as pessoas idosas se situarão numa posição intermédia face às pessoas seniores e velhas. Tal acontece porque as pessoas velhas são imaginadas como tendo significativamente mais idade do que as pessoas idosas e seniores e porque, embora não haja diferenças entre a média de idades a partir da qual as pessoas eram consideradas idosas e seniores, se regista uma diferença de dez anos entre as idades mínimas dos três alvos.

A representação das pessoas velhas, idosas e seniores que ressalta deste estudo é ambivalente, tal como anteriormente encontramos no Estudo 1. Mas, contrariamente a esse estudo, a visão positiva agora encontrada, visível nas subcategorias Sabedoria, Compreensão, Respeito, Avaliação favorável e Sentimentos Positivos, parece ser maioritária, contrapondo-se à visão mais negativa, visível nas subcategorias Doenças, Sofrimento, Finitude, Debilidades económicas, Debilidades de mobilidade, Debilidades psíquicas e Exclusão Social.

Tínhamos ainda como objectivos encontrar dimensões dos sentimentos despertados face à situação actual das pessoas seniores (idosas e velhas), identificar diferentes dimensões das atitudes face às pessoas na fase do ciclo vital em estudo e verificar eventuais variações nas dimensões em função da designação utilizada, do grupo etário e sexo dos respondentes. Globalmente os resultados revelam que os sentimentos, com uma ressonância emocional pouco elevada estão organizados em três dimensões: emoções depressivas, emoções negativas e emoções positivas e que as atitudes estão organizados em atitude afectiva, crenças e afastamento.

Verificamos, ainda, que não existem variações nos sentimentos devidas às designações utilizadas e que as emoções positivas são despertadas numa intensidade superior às depressivas e às negativas; que as mulheres apresentam uma intensidade de emoções depressivas superiores às dos homens e que no grupo dos jovens adultos as mulheres apresentam um valor nas emoções positivas superior ao dos homens ao passo que no grupo da meia-idade são os homens que apresentam um valor superior ao das mulheres.

Os nossos resultados indicam também que os grupos mais velhos (meia-idade e terceira idade) expressam mais crenças (negativas) do que os grupos mais novos (adolescentes e jovens adultos) e que existem menos crenças para com as pessoas seniores do que para com as pessoas velhas.

Tendo em atenção as dimensões encontradas e embora o grau de concordância com essas dimensões seja moderado consideramos que não permite rejeitar a ideia duma organização em torno duma polaridade positivo *vs* negativo. Situamos no pólo positivo as emoções positivas e a atitude afectiva e no pólo negativo as emoções negativas, as crenças e o afastamento, aspecto que pode de certo modo ser corroborado pelo facto de se verificar que as emoções positivas covariam com a atitude afectiva e as emoções negativas covariam com as crenças e com o afastamento. Estes resultados confirmam as Hipóteses 1a e 1b onde esperávamos, respectivamente, que as atitudes e os sentimentos face à situação das pessoas na fase mais avançada do ciclo vital se organizassem em torno da polaridade positivo *vs* negativo (Hipótese 1a) e que existisse uma correlação positiva entre sentimentos positivos e atitudes positivas e entre sentimentos negativos e atitudes negativas (Hipótese 1b).

Na Hipótese 1c previámos que a designação sénior despertasse mais sentimentos e atitudes positivas do que a designação velho e que a designação idoso assumisse uma posição

intermédia face às anteriores. Os dados obtidos não permitiram confirmar a hipótese uma vez que apenas se verifica, para as crenças, diferenças entre as pessoas seniores e as pessoas velhas.

Contrariamente ao previsto na Hipótese 1d os adolescentes não revelaram para com a velhice mais sentimentos positivos do que os respondentes da terceira idade. No entanto, relativamente às atitudes, os adolescentes apresentaram menos crenças sobre a velhice do que os respondentes da terceira idade. Se atendermos ao facto de que as crenças agregam proposições pouco favoráveis sobre as pessoas idosas, seniores e velhas poderemos vislumbrar a existência duma atitude menos gravosa destes respondentes para com a velhice que é, de certo modo, consistente com a imagem de "avó gentil", por eles veiculada, e com a ideia de que a negatividade para com a velhice aumenta com a idade dos grupos.

Resta examinar as eventuais diferenças entre as representações da velhice própria e as representações da velhice dos outros. Esta comparação é o objecto do capítulo que se segue e que retoma, ainda, duas questões decorrentes dos estudos anteriores: a transformação representacional que ocorre na meia-idade e as fases da velhice. Procuramos também alargar a compreensão da velhice tentando aclarar estratégias usadas para a sua preparação, identificar papéis ou actividades a desempenhar nesta fase etária.

Capítulo VII – Representações da velhice, própria e dos outros, e influência do nível socioeconómico: actividades na velhice e estratégias para a sua preparação

Neste estudo procuramos esclarecer os diferentes factores que estão na base da transformação representacional que ocorre na meia-idade. Com este objectivo optámos por estudar de forma mais pormenorizada, através de uma entrevista aprofundada, a visão deste grupo etário sobre a velhice, fomentando uma maior implicação pessoal através da comparação entre a velhice dos outros e a própria velhice. Em simultâneo, pretendemos clarificar a existência de diferentes fases na velhice, quais as estratégias usadas para preparar a velhice e identificar papéis ou actividades a desempenhar nesta fase etária.

Para determinar a idade a considerar em cada fase da velhice, tivemos em atenção o facto dos 65 anos serem apontados como a idade a partir da qual se entra na velhice (INE, *on line*) e ainda o facto da idade mínima, referida para os alvos utilizados no estudo apresentado no Capítulo 5, variar de 10 anos entre cada rótulo. Decidimos utilizar uma diferença de 10 anos para separar as fases da velhice iniciando aos 65 anos e acrescentando um intervalo de variação de cinco anos. Assim a primeira fase situar-se-á nos 65 a 70 anos, a segunda nos 75 a 80 anos e a terceira nos 85 a 90 anos. Para facilitar a notação passamos a designar estas fases etárias, respectivamente, por sénior, idoso ou velho.

Por outro lado, atendendo a que o nível socioeconómico condiciona o acesso a determinados bens e interfere com a possibilidade de escolher eventuais tarefas e que a reforma implica redução dos proventos económicos, procuramos ainda verificar qual a influência do nível socioeconómico e do sexo de pertença dos respondentes na problemática em estudo.

7.1 – Objectivos

Neste estudo, em termos globais, pretendemos recolher uma visão sobre a velhice (a própria e a dos outros) de pessoas que integram o grupo etário da meia-idade. Mais especificamente pretendemos:

i) conhecer melhor as representações da velhice das pessoas da meia-idade;
ii) identificar actividades a desempenhar na velhice e eventuais variações devido ao sexo, nível socioeconómico dos respondentes, alvo e fases da velhice;
iii) listar estratégias para preparar a velhice e clarificar eventuais variações devido ao sexo, nível socioeconómico dos respondentes, alvo e fases da velhice;
iv) comparar a estrutura da representação da própria velhice e da velhice dos outros;

v) esclarecer os aspectos subjacentes à transformação representacional da velhice na meia-idade;
vi) equacionar semelhanças e diferenças entre homens e mulheres na velhice.

7.2 – Hipóteses

Este estudo devia em particular permitir-nos testar uma hipótese principal ligada à avaliação e à preparação da velhice própria e dos outros.

Os dados obtidos por alguns autores (Magnabosco-Martins *et al.*, 2009; Vaz, 2008) sugerem que, embora os sujeitos representem a velhice duma forma pouco positiva ou mesmo negativa, se distanciam pessoalmente dessa visão esperando para si próprios uma vivência mais positiva do que a que têm sobre a velhice dos outros, pelo que esperamos:

Hipótese 1a – que a própria velhice seja vista dum modo mais positivo do que a velhice dos outros.

Alguns estudos (cf. por exemplo Hummel, 2000; Veloz *et al.*, 1999) introduzem a noção da preparação da velhice fazendo sobressair a possibilidade das pessoas utilizarem estratégias pessoais para integrar de modo adaptativo as transformações ocorridas ao longo da vida. Por outro lado, atendendo à cada vez maior responsabilização pessoal na manutenção da saúde (WHO, 2002) e sabendo que na velhice há diminuição dos proventos económicos, esperamos que exista preocupação por parte dos respondentes com a preparação da velhice e que sejam identificadas diferentes estratégias para a sua preparação. Mais especificamente esperamos:

Hipótese 1b – que a preparação da velhice abarque diferentes dimensões do ser humano incluindo aspectos ligados à manutenção da saúde, ao desenvolvimento psicológico e à salvaguarda dos aspectos económicos;

Mantendo a perspectiva de que as mulheres apresentam maior preocupação com o aspecto físico e com a perda da beleza (Teixeira *et al.*, 2007; Veloz *et al.*, 1999; Wachelke *et al.*, 2008), esperamos:

Hipótese 1c – que as estratégias para preparar a velhice referidas pelas respondentes contenham mais aspectos associados aos cuidados com o aspecto físico e a aparência do que as estratégias referidas pelos respondentes.

Os dados obtidos por Araújo e Carvalho (2004) sugerem que a representação do envelhecimento pode variar em função do nível educacional e do poder aquisitivo e atendendo a que as expectativas face ao futuro são condicionadas pelas condições económicas pessoais onde a diminuição de proventos associada à reforma está presente (Vaz, 2008) esperamos:

Hipótese 1d – que nas estratégias de preparação da velhice referidas pelos respondentes do nível socioeconómico médio baixo se destaquem os aspectos financeiros, ao passo que nos respondentes do nível socioeconómico elevado prevaleçam as preocupações com aspecto físico e mental.

7.3 – Método

7.3.1 – Amostra

Participaram neste estudo 36 respondentes distribuídos equitativamente por sexo, nível socioeconómico (médio baixo *vs* elevado) e fase da velhice a avaliar (65 a 70 anos *vs* 75 a 80 anos *vs* 85 a 90 anos). Os respondentes situam-se na faixa etária entre os 41 anos e os 50 anos e têm em média 43.9 anos. São todos de nacionalidade portuguesa, a maioria viveu sempre em Portugal (88.9%), maioritariamente são casados (91.7%), tendo estes 1.7 filhos, em média. No que respeita à religião, a maioria é católica (75.0% praticantes e 16.7% não praticantes) e os restantes referem não ter religião. Em termos políticos, 44.4% referem não ter tendência política, 27.8% identificam-se com a direita, 16.7% identificam-se com a esquerda e os restantes com o centro.

No nível socioeconómico elevado, todos concluíram o ensino superior (licenciatura: 88.9% e bacharelato: 11.1%). Em termos profissionais, a maioria é docente (66.7%), sendo os restantes empresários e quadros superiores da indústria e comércio. No nível socioeconómico médio baixo, as habilitações académicas variam entre os 3 e os 11 anos de escolaridade. Em igual percentagem, e por ordem decrescente, surgem os 4 anos e os 11 anos de escolaridade (27.8%), os 6 e os 9 anos de escolaridade (16.7%) e os 3 e 10 anos de escolaridade (5.5%). Relativamente à profissão, verificamos que metade dos respondentes trabalham na área da administração e serviços (operários: 33.3%, empregados: 16.7%), 38.9% trabalham na área da indústria e comércio (independentes: 22.2%, operários: 11.1%, empregados: 5.6%), 5.6% trabalham como empregados nos serviços pessoais e domésticos, os restantes respondentes (5.5%) não referem a profissão.

7.3.2 – Guião de entrevista

A recolha de dados foi realizada por meio de uma entrevista estruturada organizada em três partes (Anexo 6).

Na primeira parte, referimos a importância de conhecer a opinião pessoal dos entrevistados sobre a velhice, garantimos a confidencialidade das respostas e salientámos que os dados obtidos seriam tratados globalmente e de forma anónima. Recolhemos dados sócio demográficos para a caracterização dos entrevistados e procurámos conhecer os hobbies ou outras actividades desenvolvidas pelos entrevistados nos seus tempos livres.

Seguiam-se as outras duas partes, cada uma composta por questões abertas. As perguntas foram apresentadas sempre na mesma ordem.

Na segunda parte, pretendemos conhecer a opinião dos entrevistados acerca da velhice dos outros. Solicitámos que referissem as palavras que lhes surgiam espontaneamente na mente quando pensavam numa pessoa com uma idade entre os 65 e 70 anos (ou 75 e 80 anos ou 85 e 90 anos). Perguntámos que tipo de recursos perdeu, manteve ou adquiriu uma pessoa com uma idade entre os 65 e 70 anos (ou 75 e 80 anos ou 85 e 90 anos) e qual a opinião dos entrevistados sobre diferentes aspectos onde esses recursos se manifestam. Pedimos que identificassem quais são os aspectos positivos e negativos da velhice duma pessoa na fase etária considerada. Solicitámos ainda a opinião sobre que papéis, funções ou actividades serão desempenhados por uma pessoa com uma idade entre os 65 e 70 anos (ou 75 e 80 anos ou 85 e 90 anos) e que tipo de apoios essas pessoas têm. Solicitámos a opinião dos entrevistados sobre o envelhecimento activo. Procurámos saber se, na sua opinião, as pessoas devem preparar a sua velhice, a partir de que altura, porquê e o que devem fazer concretamente. Questionámos se as pessoas se sentem preocupadas com a velhice e porquê. A segunda parte terminava perguntando se, na opinião dos entrevistados, a velhice nos homens e nas mulheres é semelhante ou diferente e porquê. Nesta fase solicitámos alguns exemplos sobre a forma como estas semelhanças e diferenças se manifestam na vida quotidiana.

Na terceira parte, pretendemos recolher a opinião dos entrevistados acerca da sua própria velhice. De forma semelhante ao que foi pedido na segunda parte, solicitámos aos entrevistados que nos referissem as palavras que lhe surgiam espontaneamente na mente quando pensavam em si próprio com uma idade entre os 65 e 70 anos (ou 75 e 80 anos ou 85

e 90 anos). Perguntámos que tipo de recursos imaginava teria perdido ou mantido ou adquirido ao atingir uma idade entre os 65 e 70 anos (ou 75 e 80 anos ou 85 e 90 anos) e qual a sua opinião sobre diferentes aspectos onde esses recursos se manifestariam. Pedimos aos entrevistados para identificarem que aspectos positivos e negativos esperariam vir a ter com essa idade. Solicitámos ainda a opinião sobre que papéis, funções ou actividades iriam desempenhar aos 65 e 70 anos (ou 75 e 80 anos ou 85 e 90 anos) e que tipo de apoios pensavam vir a ter na sua velhice. Procurámos saber se os entrevistados devem preparar a sua velhice, a partir de que altura e porquê, bem como o que fizeram concretamente ou pretendem fazer para esse efeito. Questionámos se os entrevistados se sentem preocupados ou não com a sua velhice e porquê.

A terceira parte terminava perguntando aos entrevistados a partir de que idade vão considerar que entram na velhice e como imaginam a sua vida daqui por 25 a 30 anos (ou 35 a 40 anos ou 40 a 45 anos, em função da fase da velhice considerada na segunda parte da entrevista). Questionámos, ainda, sobre o modo como os entrevistados esperam daqui por 25 a 30 anos (ou 35 a 40 anos ou 40 a 45 anos) responder à pergunta "Qual é a sua opinião sobre a sua própria velhice?". Finalizámos a entrevista perguntando aos entrevistados se gostariam de acrescentar algum aspecto e agradecendo mais uma vez a sua colaboração.

7.3.3 – Procedimento

Foram efectuados dois contactos com os entrevistados. No primeiro contacto foi feita a apresentação do investigador, solicitada uma entrevista individual informando que se pretendia conhecer a opinião pessoal do entrevistado sobre a velhice. Pedimos autorização para gravar a entrevista em áudio de modo a permitir um tratamento fiel da informação recolhida e asseguramos a confidencialidade e anonimato da informação fornecida. O entrevistado foi informado que, se assim o desejasse, lhe seria disponibilizada a transcrição da sua entrevista. Foi agendada a data e o local para realização da entrevista, em função da disponibilidade e preferência do entrevistado. No segundo contacto realizou-se a entrevista num local isento de interferências exteriores. As entrevistas acabaram por ser realizadas em casa dos entrevistados ou no seu local de trabalho após o horário laboral. Em média, cada entrevista demorou 24.43 minutos. A entrevista mais longa demorou 43.14 minutos e a mais curta demorou 13.21 minutos.

7.3.4 – Análise dos dados

O material recolhido através das entrevistas foi transcrito. Efectuámos análises de conteúdo às respostas relativas à associação livre sobre pessoas nas fases etárias consideradas, às actividades que serão desempenhadas e às estratégias para preparar a velhice. De seguida efectuamos uma análise automática de dados textuais, utilizando o programa ALCESTE (versão 4.7) sobre a totalidade do discurso dos entrevistados.

7.3.5 – Plano experimental

O nosso plano experimental é um plano: 2(sexo dos entrevistados: feminino *vs* masculino) x 2(nível socioeconómico: médio baixo *vs* elevado) x 3(fase da velhice: sénior *vs* idoso *vs* velho), inteiramente inter-sujeitos. Os entrevistados foram distribuídos equitativamente pelas diferentes condições (Quadro 7.1).

Quadro 7.1 – Distribuição dos entrevistados pelas condições experimentais

Sexo	Nível socioeconómico	65/70 anos	75/80 anos	85/90 anos	Total
Masculino	Médio baixo	3	3	3	9
	Elevado	3	3	3	9
Feminino	Médio baixo	3	3	3	9
	Elevado	3	3	3	9
	Total	**12**	**12**	**12**	**36**

7.4 – Resultados e discussão

7.4.1 – Análises de conteúdo

7.4.1.1 – Campo representacional da velhice na meia-idade

Na tentativa de clarificar a representação dos entrevistados sobre a velhice, analisámos apenas as respostas que forneceram quando sugerimos que "referissem as palavras que lhe surgem espontaneamente na mente quando pensam numa pessoa com idade entre os 65 e 70 anos (ou 75 e 80 anos ou 85 e 90 anos)" e "em si próprio com uma idade entre os 65 e 70 anos (ou 75 e 80 anos ou 85 e 90 anos)".

O *corpus*, resultante das respostas fornecidas pelos entrevistados, foi simplificado através da aplicação das regras de redução (Di Giacomo, 1981, in Poeschl, 1992) e da sinonímia das

proposições, resultando 58 palavras diferentes, cuja frequência varia entre um e oito, num total de 157 frequências. Em média os entrevistados referiram 4.36 palavras, variando entre uma e seis palavras.

No Quadro 7.2 apresentamos as dezasseis palavras com frequência igual ou superior a quatro (103 frequências) que correspondem a 65.62% do total das evocações.

No seu conjunto as palavras recolhidas reflectem uma visão negativa e incapacitante da velhice, que associámos à falência física (dependência, acabada/gasta, falta de saúde, doenças, morte) e à perda de interacção ou contacto interpessoal (solidão, reforma, preocupação, abandono/estorvo, tristeza). As palavras carinho e filhos surgem ligadas, respectivamente, à necessidade de carinho e ao facto de os filhos terem a "vida deles" pelo que não induzem uma imagem positiva.

Quadro 7.2 – Palavras referidas pelo conjunto dos entrevistados quando pensam em pessoas, e em si próprios, nas três fases etárias consideradas. Frequência e percentagem de evocação

Palavra	Frequência	Percentagem
Carinho	8	5.10
Dependência/necessidade de apoio	8	5.10
Acabada/gasta	7	4.46
Chegar lá	7	4.46
Falta de saúde	7	4.46
Idade	7	4.46
Morte	7	4.46
Medo	7	4.46
Reforma	7	4.46
Solidão	7	4.46
Velhice	7	4.46
Alzheimer/doenças	6	3.82
Abandono/estorvo	5	3.18
Preocupação	5	3.18
Filhos	4	2.55
Tristeza	4	2.55
Total parcial	**103**	**65.62**

Analisados globalmente, os dados obtidos sugerem uma imagem negativa da velhice que de certa forma esbate a ambivalência que os respondentes do grupo da meia-idade apresentaram no Estudo 1, sugerindo um princípio organizador semelhante ao identificado nesse estudo para os respondentes da terceira idade estruturado em torno da polaridade doença *vs* saúde onde a preocupação será o bem-estar e o estado de saúde.

7.4.1.2 – Actividades a desempenhar na velhice: variações em função do alvo e fase da velhice e do nível socioeconómico e sexo dos entrevistados

Para identificar actividades a desempenhar na velhice analisámos especificamente as respostas que o conjunto dos entrevistados forneceu às perguntas referentes aos papéis, funções ou actividades a serem desempenhados na velhice pelo outro, isto é, por uma pessoa com idade entre os 65 e 70 anos (ou 75 e 80 anos ou 85 e 90 anos) e pelo próprio nessas mesmas idades.

Após a simplificação do *corpus*, usando o procedimento apresentado no ponto anterior, verificámos que foram referidas 42 palavras diferentes, das quais 16 foram referidas apenas uma vez. Registámos um total de 85 frequências com uma variação entre 1 e 10. Cada respondente apresentou, em média, 2.36 respostas, variando entre um e quatro.

Para dar maior inteligibilidade aos dados efectuámos uma análise categorial temática (Quadro 7.3) utilizando as categorias que havíamos definido para a análise das actividades realizadas por mulheres e homens idosos no Estudo 1. Esta análise permitiu encontrar quatro categorias ou "núcleos de sentido" (Bardin, 1995, p. 105) e oito subcategorias (Quadro 7.3).

Quadro 7.3 – Actividades a desempenhar na velhice: frequência nas categorias por sexo dos entrevistados, alvo da velhice e fases de velhice.[1)]

		Sexo		Total	Alvo da velhice		Nível socioeconómico		Fases da velhice		
		Mas	Fem	Geral	Outros	Própria	Elevado	Médio baixo	Sénior	Idoso	Velho
Categoria	**Subcategoria**	**M**	**F**	**G**	**O**	**P**	**E**	**Mb**	**S**	**I**	**V**
Sociais	Relacionais	5	9	14	5	9	8	6	7	4	3
	Família	6	7	13	3	10	8	5	4	7	2
	Participação social	4	3	7	7	0	6	1	5	0	2
	Total parcial	**15**	**19**	**34**	**15**	**19**	**22**	**12**	**16**	**11**	**7**
Recreação	Lazer	7	7	14	5	9	7	7	5	3	6
	Ócio	2	6	8	1	7	2	6	1	1	6
	Total parcial	**9**	**13**	**22**	**6**	**16**	**9**	**13**	**6**	**4**	**12**
Subsistência	Actividades domésticas	7	8	15	9	6	5	10	2	5	8
	Total parcial	**7**	**8**	**15**	**9**	**6**	**5**	**10**	**2**	**5**	**8**
Cuidado pessoal	Aparência	0	9	9	6	3	3	6	5	2	2
	Actividade física e saúde	2	3	5	2	3	2	3	3	0	2
	Total parcial	**2**	**12**	**14**	**8**	**6**	**5**	**9**	**8**	**2**	**4**
	Total	**33**	**52**	**85**	**38**	**47**	**41**	**44**	**32**	**22**	**31**

1) Não foi efectuado o teste do *qui-quadrado* por causa das frequências reduzidas.

A categoria mais referida, actividades sociais (40.00%), apela às relações interpessoais e apresenta as mesmas subcategorias identificadas no Estudo 1, com valores percentuais muito

semelhantes: actividades relacionais (41.18%), que engloba "conviver/conversar" e "falar com os amigos"; actividades familiares (38.47%), que engloba por exemplo "cuidar dos netos" e "ajudar a família" e actividades de participação social (16.47%), que engloba por exemplo "voluntariado" e "solidariedade".

As actividades de recreação, que anteriormente apareciam como as actividades mais referidas (38.10%), surgem agora com 25.88% das evocações e apenas com duas subcategorias: lazer e ócio, que englobam respectivamente "ir ao café", "passear" e "sentado no sofá", "ver televisão", "ler".

As actividades de subsistência aparecem também, agora, com uma percentagem inferior (17.65% contra os anteriores 29.05%) e restringidas apenas à subcategoria actividades domésticas, englobando palavras como por exemplo "trabalho doméstico", "tratar do pequeno-almoço" e "cozinhar".

Por último surgem as actividades de cuidado pessoal, com uma percentagem de evocação superior à obtida no primeiro estudo (16.47% contra os anteriores 5.91%), mas mantendo as mesmas subcategorias, ainda que estas surjam com posições invertidas (aparência e actividade física e saúde).

Em síntese, as actividades ou papéis a serem desempenhadas na velhice organizam-se em quatro categorias: sociais, recreação, subsistência e cuidado pessoal, cuja execução parece circunscrever-se a uma territorialidade predominantemente caseira, centrada no convívio com familiares e amigos, nas idas ao café, na leitura, no ver televisão, nas tarefas domésticas e cuidados com o próprio. Estes resultados parecem restringir o campo de acção das actividades na velhice que a análise efectuada anteriormente às actividades parecia alvitrar (cf. ponto 5.4.3.3).

7.4.1.3 – Estratégias para preparar a velhice: variações em função do alvo da velhice, do nível socioeconómico, do sexo dos entrevistados e da fase da velhice considerada

Para identificar estratégias a usar na preparação da velhice analisámos especificamente as respostas que o conjunto dos entrevistados forneceu às perguntas referentes às estratégias utilizadas, ou a utilizar, para preparar a própria velhice e as estratégias utilizadas, ou a utilizar, pelas outras pessoas sugeridas.

Após a simplificação do *corpus*, usando o procedimento apresentado anteriormente, verificámos que foram referidas 42 palavras diferentes, 16 foram referidas apenas uma vez, com um total de 318 frequências e uma variação entre 1 e 53. Cada respondente apresentou em média 8.83 palavras, variando entre 2 e 12.

Efectuámos uma análise categorial temática sobre a totalidade das respostas e encontrámos seis categorias que apresentamos no Quadro 7.4.

As seis categorias de estratégias que encontrámos de certo modo reflectem as perguntas mais específicas colocadas sobre esta temática durante a entrevista e que remetem, predominantemente, para diferentes aspectos da vida pessoal.

Quadro 7.4 – Estratégias para preparar a velhice: frequência nas categorias por sexo dos entrevistados, alvo da velhice e fases de velhice[1)]

	Sexo		Total	Alvo da velhice		Nível socioeconómico		Fases da velhice		
	Masculino	Feminino		Outros	Própria	Elevado	Médio baixo	Sénior	Idoso	Velho
	M	F	Geral	O	P	E	Mb	S	I	V
Promoção da saúde	46	54	100	52	48	48	52	38	26	36
Relações pessoais	46	53	99	49	50	45	54	29	34	36
Finanças	35	33	68	31	37	33	35	18	22	28
Religião	15	14	29	14	15	10	19	11	12	6
Ocupação	7	11	18	10	8	12	6	6	7	5
Acção outros■■	3	1	4	2	2	1	3	1	1	2
Total	**152**	**166**	**318**	**158**	**160**	**149**	**169**	**103**	**102**	**113**

1) O teste do *qui-quadrado* efectuado não evidenciou diferenças estatisticamente significativas.

A categoria mais referida (31.45%), Promoção da saúde, engloba duas subcategorias que de certo modo reflectem a dualidade corpo *vs* mente. A primeira subcategoria, maioritária (corresponde a 80.97% das evocações) está ligada à manutenção do aspecto físico e saúde incluindo estratégias como por exemplo: "praticar desporto", "cuidados com a alimentação", vigilância médica" e "embelezar-se". A segunda subcategoria (minoritária correspondente a 19.05% das evocações) diz respeito à estimulação mental incluindo estratégias para estimular a mente com referências inespecíficas como "estimulação mental" e outras mais específicas como "ler" e "estudar".

A segunda categoria (31.13%), Relações pessoais, engloba duas subcategorias que reflectem as relações primordiais que se estabelecem com amigos e familiares. A primeira subcategoria (correspondente a 53.54% das evocações) inclui estratégias para manter relações com os

amigos e engloba, por exemplo, "conviver" e "conversar". A segunda subcategoria (correspondente a 46.46% das evocações) incide sobre a família e agrupa, por exemplo, "apoiar e unir a família", "conviver com a família" e "educar os filhos".

A terceira categoria (21.38%), Finanças, agrega estratégias que visam assegurar proventos económicos futuros tais como: "poupar", "poupança reforma", "seguros de saúde". Esta categoria, tal como as seguintes, não foi subdividida.

A quarta categoria (9.12%), Religião, concerne às estratégias religiosas e é constituída por referências como "ir à missa" e "participar nas actividades religiosas".

A quinta categoria (5.66%), Ocupação, diz respeito a estratégias destinadas a ocupar o tempo fora da territorialidade doméstica e inclui, por exemplo, "voluntariado", "hobbies" e "viajar".

Por fim, a sexta categoria (1.26%), Acção dos outros, remete para estratégias que permitem preparar a velhice e que não envolvem directamente os próprios e inclui palavras como: "acção governamental", "lares" e "aumentar as reformas".

As estratégias referidas remetem sobretudo para a responsabilidade pessoal na preparação da velhice, uma vez que apenas uma categoria, com frequência reduzida, aponta para a intervenção de outros. Este aspecto de certo modo já tinha emergido no estudo de Magnabosco-Martins *et al.* (2009) ao ser sugerido que a forma de viver a velhice é entendida como sendo da responsabilidade pessoal.

As estratégias de cariz pessoal encontradas no nosso estudo remetem para uma concepção humana plurifacetada e englobam dimensões que permitem colmatar diferentes necessidades do ser humano: i) dimensão fisiológica e necessidade de estimulação cognitiva visível na categoria "promoção da saúde"; ii) necessidade de interacção interpessoal e pertença familiar reflectidas na categoria "relações pessoais"; iii) necessidades básicas, materializadas, entre outras, na categoria "finanças"; iv) dimensão moral ou espiritual que se reflecte na categoria "religião" e v) necessidade de utilidade social e de ocupação do tempo a que corresponde a categoria "ocupação".

Paralelamente ao facto das estratégias remeterem para uma concepção humana plurifacetada, parecem procurar reflectir a promoção da salvaguarda dos *Princípios das Nações Unidas a favor das Pessoas Idosas* (Resolução 46/91, UN) na medida em que globalmente visam

assegurar a independência, a participação, os cuidados, a auto-realização e a dignidade (cf. pp. 47-52) que os entrevistados assumem primordialmente como uma responsabilidade pessoal.

Embora não tenhamos encontrado estudos específicos sobre a representação das estratégias para preparar a velhice, os resultados por nós obtidos corroboram dados que emergem de alguns estudos que remetem para a preparação da velhice, como é o caso do estudo de Magnabosco-Martins *et al.* (2009) que salienta a necessidade de salvaguardar a situação financeira, amealhando dinheiro e bens, antes de parar de trabalhar e de promover uma boa saúde através da alimentação saudável e equilibrada, da prática de exercício físico e do lazer. Ainda nesta linha, a estimulação da mente, ou espírito, aparece como forma de combater o envelhecimento (Hummel, 2000; Vaz, 2008) surgindo referências à necessidade de ter uma mente activa e positiva (Veloz *et al.*, 1999), à promoção de atitudes positivas perante a vida tais como o optimismo, a estimulação da criatividade, do interesse e do questionamento (Hummel, 2000).

No sentido de comparar as categorias em função do alvo da velhice (própria *vs* outros), nível socioeconómico (elevado *vs* médio baixo) e sexo (masculino *vs* feminino) dos entrevistados e da fase da velhice considerada (sénior *vs* idoso *vs* velho), utilizámos o teste do *qui-quadrado* que não evidenciou nenhuma diferença estatisticamente significativas.

Em síntese, os dados sugerem que as estratégias para preparar a velhice se organizam num conjunto diversificado de domínios que remetem para a responsabilização pessoal dessa preparação, claramente maioritária (promoção da saúde, relações pessoais, finanças, religião, ocupação), e que a preparação que remete para uma responsabilidade sóciocomunitária é residual e visível na baixa percentagem de evocação atribuída à acção dos outros.

A análise dos resultados permitiu concluir que nenhuma das variáveis em estudo modula as estratégias referidas pelos entrevistados para preparar a velhice.

Pensamos que os resultados obtidos sugerem que os três grandes eixos de estratégias de preparação da velhice são: as estratégias de promoção da saúde, abarcando a dimensão corporal e mental; as estratégias relacionais, que envolvem as pessoas significativas (amigos e familiares) e as estratégias financeiras. Dito de outro modo, para se preparar a velhice parece ser necessário cuidar do corpo e da mente, manter relações de afecto com amigos e familiares,

e amealhar dinheiro para se poder exorcizar o medo da doença, sofrimento, dependência, solidão e pobreza e garantir eventuais cuidados que a condição de velho poderá comportar.

7.4.2 – Análise automática: dimensões das representações sociais da velhice própria e dos outros

O material analisado é constituído pela totalidade das respostas fornecidas pelos entrevistados formando um *corpus* composto por 31 581 palavras. O *corpus* foi dividido em 36 unidades de contexto iniciais (UCI) que correspondem ao número de entrevistados que integram a amostra. Das 31 581 palavras que constituem o *corpus*, 2 990 são formas lexicais distintas, das quais 1 501 foram referidas apenas uma vez.

O *corpus* foi subdividido em 861 unidades de contexto elementar (UCE) de 13.8 palavras em média. Estas unidades de contexto elementar foram definidas pelo programa ALCESTE e correspondem aproximadamente ao tamanho de uma frase. Dentro das 861 UCE definidas, 672 foram classificadas, o que indica que 78.05% do material recolhido foi utilizado na análise.

A análise de classificação hierárquica, que teve por base 1282 palavras, citadas no mínimo quatro vezes, levou a uma partição em três classes: duas descrevem a velhice dos outros e uma descreve a própria velhice.

De modo a tentar garantir a pertinência das palavras na análise das classes utilizamos na sua apresentação palavras que em simultâneo têm: i) percentagem de evocação na classe igual ou superior a 50% e ii) *qui-quadrado* igual ou superior a 10.

A primeira classe, que designamos de "Balanço entre perdas e ganhos na velhice" (Quadro 7.5) é composta de 332 UCE, ou seja 49.40% das unidades analisadas. Esta classe agrega, entre outras, as palavras perder (^{2}=113.70), ganhar (^{2}=41.12), aspecto, idade, depender, importância e capacidade (^{2}>30.00), experiência, estatuto e positivo (^{2}>20.00), finanças, negativo, sociais e mentais (^{2}>15.00). Estas palavras são mais particularmente mencionadas nas declarações dos entrevistados com nível socioeconómico elevado (^{2}=17.14), sobre a velhice dos outros (^{2}=16.36) e reflectem sobretudo o discurso dos inquiridos do sexo masculino (^{2}=3.70).

Quadro 7.5 – Balanço entre perdas e ganhos na velhice: palavras associadas à classe, *qui-quadrado*, frequência e percentagem de evocação da palavra

Palavras	***Qui-quadrado***	**Frequência**	**Percentagem**
Perder	113.70	141	85.45
Ganhar	41.12	58	86.57
Aspecto	35.51	47	88.68
Idade	35.37	97	72.39
Depender	33.68	62	80.52
Importância	32.32	50	84.75
Capacidade	30.87	34	94.44
Experiência	26.09	32	91.43
Estatuto	25.87	34	89.47
Positivo	20.70	27	90.00
Finanças	17.95	62	70.45
Negativo	17.78	22	91.67
Sociais	15.72	30	81.08
Mentais	15.29	38	76.00
Físicos	14.68	45	72.58
Conhecer	14.45	21	87.5
Pessoas	13.68	165	57.69
Agilidade	12.51	12	100.00
Determinação	11.46	20	83.33
Avançar	11.45	11	100.00
Fase	10.40	10	100.00

Assim, a primeira classe expressa a inevitabilidade da passagem do tempo (idade, avançar, fase) e desvela uma imagem da velhice dos outros associada ao balanço entre perdas e ganhos ou entre aspectos negativos e aspectos positivos pelo que foi designada de "Balanço entre perdas e ganhos na velhice".

A segunda classe particularmente associada à velhice dos outros (^{2}=17.62) e ao nível socioeconómico médio baixo (^{2}=9.09), é composta por 56 UCE ou seja 8.33% da totalidade das unidades analisadas (ver Quadro 7.6). Destas, 36 UCE fazem especificamente referência às diferenças e semelhanças entre homens e mulheres na velhice. Uma análise mais detalhada das 36 UCE revela que a minoria das UCE (7; 19.44%) refere as semelhanças e a maioria das UCE (29; 80.56%) aborda as diferenças. A classe agrega, entre outras, as palavras: mulher (^{2}=327.26), homem (^{2}=274.41), diferentes (^{2}=103.47), semelhantes (^{2}=44.26) e notar (^{2}=22.06).

Quadro 7.6 – Semelhanças e diferenças entre homens e mulheres na velhice: palavras associadas à classe, *qui-quadrado*, frequência e percentagem de evocação da palavra

Palavras	***Qui-quadrado***	**Frequência**	**Percentagem**
Mulher	327.26	34	85.00
Homem	274.41	31	79.49
Diferentes	103.47	20	52.63
Semelhantes	44.26	4	100.00
Notar	22.06	4	57.14

Esta segunda classe veicula uma imagem da velhice dos outros onde se equacionam as semelhanças, minoritárias, e as diferenças, maioritárias, entre homens e mulheres na velhice pelo que foi designada de "Semelhanças e diferenças entre homens e mulheres na velhice".

A terceira classe particularmente associada à própria velhice (^{2}=41.50), aos entrevistados de nível socioeconómico médio baixo (^{2}=6.26) e aos entrevistados do sexo feminino (^{2}=2.72), é composta por 284 UCE e corresponde a 42.27% da totalidade das unidades analisadas (ver Quadro 7.7). Esta classe que indicia preocupação com a própria velhice e coloca a tónica na sua preparação, sobretudo ao nível de garantir a subsistência do ponto de vista económico, inclui um discurso que remete para diferentes razões e domínios dessa preparação. Agrega, entre outras, as palavras preparar, fazer (^{2}>50.00), dever, tentar (^{2}>30.00), conviver, começar, pé de meia (^{2}>20.00), poupar, preocupar, dinheiro, pensar (^{2}>15.00) e foi designada de "Preocupação com a velhice e sua preparação".

Uma leitura conjunta das três classes revela que no *corpus* global o balanço entre perdas e ganhos na velhice e a preparação da (própria) velhice são abordados com uma importância semelhante, dado que o número de UCE que cada classe integra é próximo. Contudo, são os homens e os entrevistados de nível socioeconómico elevado que mais evocam as perdas e os ganhos ao passo que são as mulheres e os entrevistados de nível socioeconómico mais baixo que mais se exprimem sobre a preparação da (sua própria) velhice.

Quadro 7.7 – Preocupação com a velhice e sua preparação: palavras associadas à classe, *Qui-quadrado*, frequência e percentagem de evocação da palavra

Palavras	***Qui-quadrado***	**Frequência**	**Percentagem**
Preparar	56.48	62	82.67
Fazer	50.97	120	64.17
Dever	36.75	82	66.67
Tentar	35.71	46	79.31
Conviver	27.67	31	83.78
Começar	25.20	42	73.68
Pé-de-meia	20.64	17	94.44
Poupar	19.62	25	80.65
Preocupar	18.35	41	68.33
Dinheiro	15.23	23	76.67
Pensar	15.13	56	60.87
Parar	13.87	10	100.00
Possibilidades	13.30	17	80.95
Dizer	13.20	24	72.73
Passear	12.46	9	100.00
Velhice	12.00	112	51.85
Gostar	11.76	43	61.43
Centro de dia	11.06	8	100.00
Tomar	11.06	12	85.71
Tempo	10.56	31	64.58
Dar	10.14	38	61.29

Verificámos ainda que as semelhanças e diferenças entre homens e mulheres na velhice assumem menor importância, uma vez que o número de UCE que integra a classe é substancialmente inferior ao das outras duas classes. O menor número de UCE de certo modo é compreensível, atendendo à estrutura do guião utilizado nas entrevistas que consigna um espaço curto e bem delimitado às diferenças dos dois sexos. Porém, é interessante verificar que a temática das diferenças inter-individuais emergiu, na análise textual automática realizada, o que pode indiciar a pertinência do seu estudo nesta fase do ciclo vital, à imagem do que acontece em outras fases da vida (cf. por exemplo Poeschl & Silva, 2001-2002; Poeschl *et al.*, 2004).

Mantendo uma leitura conjunta das classes, verificámos grandes diferenças no discurso associado a cada um dos domínios encontrados na análise automática, como se pode observar da análise factorial de correspondência apresentada no Figura 7.1.

Figura 7.1 – Análise factorial de correspondência



Nesta análise, o Factor 1, com um valor próprio de .20, explica 54.69% da inércia enquanto o Factor 2, com um valor próprio de .17, explica 45.31% da inércia. As variáveis independentes relacionadas significativamente com as classes, alvo da velhice (outro *vs* própria), nível socioeconómico (elevado *vs* médio baixo) e sexo dos entrevistados (homens *vs* mulheres), foram acrescentadas, a negrito, como variáveis suplementares. Pode-se constatar que as diferentes fases da velhice (sénior, idoso ou velho) não se associam particularmente a nenhuma das classes extraídas.

A Figura 7.1 permite observar, no eixo horizontal, uma primeira divisão entre o nível socioeconómico médio baixo e o nível socioeconómico elevado e uma segunda oposição, no eixo vertical, entre as opiniões sobre a própria velhice e as opiniões sobre a velhice dos outros.

Observamos ainda uma relação preferencial entre variáveis: nível socioeconómico médio baixo, sexo feminino, própria velhice e nível socioeconómico elevado, sexo masculino, velhice dos outros. Dito de outro modo, a análise confirma que, as palavras incluídas na descrição da própria velhice traduzem sobretudo o discurso das mulheres entrevistadas e de nível socioeconómico médio baixo, ao passo que as palavras incluídas na descrição da velhice dos outros traduzem sobretudo o discurso dos homens entrevistados e de nível socioeconómico elevado.

Em síntese, as representações da velhice que o grupo da meia-idade apresenta quando é fomentada uma maior implicação pessoal através da comparação entre a própria velhice e a velhice dos outros, são operacionalizadas em três classes. Uma análise das UCE mais representativas de cada uma das classes permite ilustrar o tipo de discurso produzido pelos grupos que mais contribuíram para a formação das mesmas.

7.4.2.1 – Classe 1 velhice dos outros: balanço entre perdas e ganhos na velhice

Para muitos entrevistados de nível socioeconómico elevado e do sexo masculino a velhice dos outros é objectivada no balanço entre perdas, maioritárias, e ganhos, minoritários. As perdas referidas são sobretudo: físicas, mentais, de estatuto ou importância social e de independência. Os ganhos surgem associados à experiência, à religião e à família sobretudo ao desempenho do papel de avós.

No que concerne ao aspecto físico, é consensual a noção de perda: "Em termos físicos vão perder. Vão perder força, agilidade" (homem, NSE elevado) ou ainda: "Diminuíram as capacidades fisiológicas no seu conjunto, diminui a dinâmica e a força física. Em termos de manutenção, sobre o ponto de vista físico, com a idade, não mantém grande coisa, antes pelo contrário, há uma degradação total" (homem, NSE elevado).

A par da diminuição da funcionalidade do corpo, a aparência física também é afectada de forma negativa: "Perdeu beleza. O tempo leva tudo, principalmente a beleza" (mulher, NSE elevado). Embora seja clara a noção de perda e a dificuldade em manter a condição física e a

beleza, existe também a consciência de que é necessário e possível fazer algo: "Se eu não fizer nada ao nível físico, desporto, alimentação, aí acredito que a velhice será um pouco complicada" (homem, NSE médio baixo) e: "Há sempre qualquer coisa a fazer, a não ser que haja uma doença que os leve a desleixarem-se" (mulher, NSE elevado).

Não é só a nível da força e da aparência que se vislumbram perdas: "A maior parte fica com menos saúde" (mulher, NSE elevado) ou: "Acho que se perde nos aspectos de aparência e saúde" (homem, NSE médio baixo). A saúde assume um papel determinante na qualidade de vida na velhice: "Para mim a saúde é a parte principal <…> depende da saúde para eu pensar se de facto terei um bom final de vida ou não" (homem, NSE médio baixo).

Em simultâneo com as perdas fisiológicas, há a consciência de que podem ocorrer perdas a nível mental: "Lentamente começa-se a perder algumas faculdades, por exemplo memória, menos capacidade para ginasticar a mente e o raciocínio" (homem, NSE elevado) que podem produzir uma certa inflexibilidade nesta fase da vida: "Os velhos ficam teimosos, tem a ver com as dificuldades de ginasticar a mente e raciocinar" (homem, NSE elevado).

As perdas mentais são entendidas como inevitáveis e preocupantes "As pessoas também vão perder sempre as suas faculdades e é uma coisa que me preocupa bastante. Tratar de uma pessoa com problemas de cabeça é muito complicado" (mulher, NSE elevado). Se por um lado é considerada inevitável a perda a nível mental, vislumbramos no discurso dos entrevistados a noção da variabilidade que existe: "Há pessoas que se mantêm no activo a todos os níveis e outras não. Existem pessoas lúcidas em todos os aspectos e há pessoas que com menos idade já perderam muita coisa" (homem, NSE médio baixo) ou: "É muito relativo. Depende do espírito de cada um. Eu conheço pessoas velhas com 30 anos e conheço pessoas novas com 70 anos" (mulher, NSE elevado).

As perdas financeiras são assumidas e de um modo geral são associadas à reforma e aos problemas de saúde: "A maioria tem poucos poderes financeiros. Pelo que a gente vê, a maioria dos idosos estão reformados com reformas muito, muito pequenas, quase não conseguem sobreviver" (mulher, NSE elevado) ou: "O nível financeiro é uma desgraça. As reformas não duram todo o mês. As pessoas aumentam os custos muitas vezes com problemas de saúde que implicam gastos superiores. Necessita, muitas vezes, de outro tipo de condições ambientais na própria casa em que reside" (homem, NSE médio baixo).

É também clara a sensação que as desigualdades económicas se acentuam nesta fase da vida: "Ao nível financeiro temos de ver duas coisas: há uma classe que se calhar não perdeu nada, até pelo contrário o dinheiro sobra, na classe média baixa, aí sim se calhar perdeu muito, já não estavam bem e ficam muito pior" (homem, NSE elevado). Os proventos económicos são associados à qualidade de vida na velhice: "Há pessoas que têm um suporte financeiro mais elevado do que outras e têm um final de vida se calhar mais confortável e há aquelas pessoas que infelizmente por qualquer motivo chegam ao final da vida com um suporte financeiro menor e se calhar aí torna-se tudo muito mais complicado (homem, NSE elevado) daí ter sido referido: "O único aspecto que gostaria de acrescentar é que é necessário criar condições, e o máximo de condições possíveis, para que as pessoas que não têm suporte financeiro, que é a parte principal, possam ter um final de vida o mais honroso possível a todos os níveis" (homem, NSE médio baixo).

A perda de importância social na velhice está imbricada em três aspectos que se inter-relacionam com o mundo laboral: o percurso pessoal, a improdutividade associada à velhice e a forma como a sociedade encara os velhos. Relativamente ao percurso pessoal, segundo os entrevistados, a perda de importância: "Depende do que construiu durante a fase plena da vida. De facto se houver um passado de que possa orgulhar-se, com certeza que o estatuto e a importância social serão positivas e favoráveis (homem, NSE elevado) ou ainda: "Se as pessoas tiveram alguma notoriedade sobre algum aspecto, pessoal, profissional ou social, terá um estatuto digno. Se assim não for …" (homem, NSE elevado). A improdutividade joga um papel importante na perda de importância: "A sociedade indirectamente faz passar essa imagem <improdutivo>, agora está a tentar recuperar um pouco, mas as pessoas idosas ainda são vistas como alguém que já não faz falta e não interessam mais à economia. Ainda são vistas como dispensáveis" (mulher, NSE elevado). A forma como a sociedade encara o velho é desvalorizante: "A opinião pessoal deles, com a idade, acaba por não ter tanta importância, ou a sociedade não lhes dá tanta importância" (homem, NSE elevado) e "As pessoas com mais idade, hoje em dia, são um bocadinho vistas como um empecilho" (mulher, NSE elevado).

A perda de importância surge, no discurso dos entrevistados, imbricada no contexto laboral e produtivo o que reforça a ideia de que numa sociedade competitiva, onde se valoriza a produção e o consumo, a reforma significa não só a perda de um papel importante mas também a perda de um espaço social reconhecido e valorizado (Dal Rio, 2004).

A dependência surge ligada à velhice e à doença, é vista como negativa e preocupante: "A maior parte, nesta idade, estão quase todos doentes e dependentes de outrem. O ser dependente é um aspecto muito negativo" (mulher, NSE elevado,) ou ainda "Preocupa-me muito a dependência. Estar dependente é deprimente" (homem, NSE elevado). Esta visão negativa e preocupante surge porque "A dependência faz diminuir as pessoas em vários aspectos" (homem, NSE elevado) nomeadamente "Perda de capacidade de cuidar de si própria, poder orientar-se, ter disponibilidade financeira, principalmente para poder tratar-se quando a doença surge, e precisar muitas vezes da família que nem sempre corresponde…" (homem, NSE elevado).

Relativamente aos ganhos ou aspectos positivos da velhice, sobressai sobretudo o respeito pela experiência, sabedoria, maturidade e o papel de conselheiro: "Aspectos positivos? Maturidade, experiência de vida, desapego a aspectos não tão importantes da vida e maior disponibilidade para os outros" (homem, NSE elevado) ou "Olho para essas pessoas com respeito, com carinho, como exemplos de experiência, com obra feita" (mulher, NSE médio baixo) ou ainda: "São pessoas com uma vida com muitas experiências e muito saber que podem servir de exemplo <…>. Têm uma experiência adquirida que é uma mais valia importantíssima" (homem, NSE elevado).

Em termos morais e religiosos os entrevistados veiculam a ideia de que não existirão perdas: "Ao nível religioso não sei se ganha ou perde, sei que a maioria das pessoas mantém o estatuto religioso" (homem, NSE médio baixo) ou "Ao nível moral e religioso acho que não perdeu nada. Pelo contrário acho que ganhou" (homem, NSE elevado). As pessoas nesta fase da vida são vistas como "Mais ponderadas, com mais riqueza de conhecimentos e de virtudes e mais evoluídas moralmente" (homem, NSE elevado) ou "Em termos morais e religiosos está mais positiva. As pessoas ficam mais moralistas, mais sensíveis, dedicam-se mais à religião." (mulher, NSE elevado). A religião surge por vezes com o papel de confortar na velhice "O apego à religião é uma forma de encontrar algum tipo de conforto na velhice" (homem, NSE médio baixo) ou "Por vezes, recorrem mais ao espiritual para ver se vão buscar alguma coisa que lhes compense algo que lhes falta" (mulher, NSE elevado).

Nas relações familiares embora seja referido que: "Muitas vezes se pode precisar da família e que ela nem sempre corresponde" (homem, NSE elevado) a ideia que prevalece é a de que não irá haver grandes perdas. Embora a noção de ganho a nível familiar prevaleça, há também a noção de que é importante investir na família e que esta se constitui como fonte de

gratificação e importância pessoal: "Em termos familiares, ganha se for mantendo um convívio saudável com a família, com os filhos, com os netos. Isso também faz com que a pessoa se sinta melhor, mais importante até, no seu seio familiar" (mulher, NSE elevado). No contexto familiar é unânime que os netos desempenham um papel primordial: "A velhice não tem aspectos positivos, a não ser que seja para tratar dos netos (homem, NSE elevado) ou ainda "Aspecto positivo? Ser avô, estar com os netos. <…>. A pessoa ganha o contacto com os netos" (homem, NSE elevado).

Em síntese as UCE apresentadas permitiram ilustrar um discurso sobre a velhice dos outros onde os entrevistados, predominantemente do sexo masculino e de nível socioeconómico elevado, efectuam um balanço entre as perdas e os ganhos na velhice.

Neste discurso é saliente o predomínio das perdas equacionadas em termos físicos, mentais, financeiros e de importância social e faz ressaltar a dependência como resultante das diferentes perdas e a saúde como determinante da qualidade de vida. As perdas físicas são ilustradas pela perda de força, de agilidade, de capacidades físicas e de beleza; as perdas mentais são consideradas de certo modo inevitáveis e variáveis em função do contexto de vida das pessoas; as perdas financeiras surgem ligadas à reforma e aos gastos com a saúde, que contribuem para o agravamento de desigualdades económicas já existentes antes da velhice e a perda de importância social decorre da perda do papel de trabalhador. Ainda que não tenham sido claramente identificadas perdas nas interacções sociais, estas podem ser subentendidas na perda de importância social pelo que os resultados no domínio das perdas espelham os anteriormente obtidos (cf. ponto 4.4.2.1).

Os ganhos, surgem com menor expressão no discurso dos entrevistados, decorrem da vida já vivida e são ilustrados pelo respeito, experiência, sabedoria, maturidade que conferem a autoridade de aconselhar. Ainda que nem sempre claramente identificados como ganhos, os aspectos morais e religiosos são identificados como zonas de conforto na vida uma vez que é unânime a ausência de perdas e a sua centralidade no universo da velhice. Nos ganhos sobressaem ainda os aspectos familiares com particular relevo para o papel de avô, o que corrobora o facto de no grupo da meia-idade os respondentes do sexo masculino se destacarem face aos respondentes femininos relativamente aos ganhos familiares (cf. ponto 4.4.2.3).

Pensamos que estes resultados não só são consonantes com os dados obtidos por Teixeira *et al.* (2007), onde a representação do envelhecimento se organiza em torno das perdas e dos ganhos, como corroboram os dados do nosso Estudo 1 sobre as perdas e os ganhos na velhice e legitimam a análise então efectuada, uma vez que vão no mesmo sentido.

7.4.2.2 – Classe 2 velhice dos outros: semelhanças e diferenças entre homens e mulheres na velhice

Nesta classe são equacionadas semelhanças e diferenças entre homens e mulheres na velhice, sobretudo na velhice dos outros, preferencialmente pelos entrevistados do nível socioeconómico médio baixo.

Mais detalhadamente podemos ver que as semelhanças referidas se relacionam com o facto de homens e mulheres na velhice terem: i) idades semelhantes: "Porque a idade dos casais é compatível e a velhice chega sempre de uma banda ou de outra (mulher, NSE médio baixo); ii) vida partilhada: "Os casais que vivem muitos anos juntos, de certa forma, com a vivência que vão tendo ao longo dos anos, vão-se parecendo muito" (homem, NSE médio baixo); iii) doenças comuns: "As doenças acontecem aos homens e às mulheres" (mulher, NSE médio baixo). Se existirem diferenças interpessoais, estas não são devidas ao sexo de pertença mas iv) a outros factores que podem afectar tanto os homens como as mulheres: "Há alguns que têm mais capacidade ao nível mental, outros ao nível físico" (homem, NSE médio baixo) e/ou variabilidade do contexto de vida pois "Diferem de pessoa para pessoa, por estarem em zonas em que os homens envelhecem mais e ficam em piores condições, mas há outras situações que é o inverso" (homem, NSE médio baixo) e ainda v) influência de práticas e valores sociais: "Semelhante em direitos, em termos teóricos, na prática nada disto funciona. Embora à medida que caminhamos para a velhice as diferenças acabam por se esvanecer um bocado, pois os velhos passam a ser um peso e são tratados de forma mais ou menos igual" (homem, NSE elevado).

Os aspectos semelhantes, evocados sobre homens e mulheres na velhice, remetem para duas imagens já encontradas em estudos anteriores, sobre outra fase da vida, a adultez (Silva & Poeschl, 2001-2002). A primeira imagem ilustra o facto de homens e mulheres serem semelhantes na sua essência (idade, patologia, contextos de vida) e a segunda ilustra uma igualdade de princípios.

No concernente às diferenças evocadas entre homens e mulheres na velhice, verificámos que estas se manifestam sobretudo no que Eagly (1987) designou por diferenças no comportamento social.

No discurso produzido é patente a ligação da mulher ao desempenho do papel familiar e ao domínio privado e a ligação do homem ao papel de trabalhador e ao domínio público, salientando diferenças nas actividades que ambos desempenham na velhice: "A mulher está mais habituada a tratar da casa o homem não, sai" (homem, NSE médio baixo) ou "O homem não faz nada em casa mas pode ir lá para fora" (mulher, NSE médio baixo) ou ainda "O homem que vemos agora envelhecido pertence à geração dos que não fazem nada em casa. Nota-se que a mulher trabalha muito mais e acaba por ter o tempo mais ocupado porque se ocupa sempre das tarefas domésticas. O homem está reformado e vai para o jardim jogar às cartas" (homem, NSE elevado).

Na velhice a ligação da mulher ao contexto doméstico é referida como tendo consequências positivas e negativas, tanto para os homens como para as mulheres.

A ligação da mulher ao contexto doméstico é vista, sobretudo pelas entrevistadas, como uma mais-valia para a mulher, em termos de autonomia pessoal e nível de actividade: "A mulher está mais preparada. Se eu ficar viúva eu ainda consigo fazer algo. E o homem não" (mulher, NSE médio baixo), ou "A mulher ocupa-se melhor. A própria lida da casa mantém a pessoa viva" (homem, NSE médio baixo) ou "As mulheres têm sempre mais actividade porque têm que fazer as coisas de casa. A mulher distrai-se mais. A mulher lida mais, o homem mete-se em casa, fica mais recatado, mais impertinente. É mais complicado" (mulher, NSE médio baixo) ou ainda "Acho que a mulher é mais activa, até pelas suas tarefas do dia-a-dia. Um homem resigna-se mais. Senta-se no sofá, a ver televisão, isso vai fazer com que se apodere da depressão, da solidão" (mulher, NSE elevado).

A ligação ao contexto doméstico é também, ainda que minoritariamente, apresentada, sobretudo pelos entrevistados, como desfavorável para a mulher e favorável para o homem: "Um homem espalha mais, vai a um café e distrai-se. A mulher não" (homem, NSE médio baixo) ou "Os homens acabam por ter uma velhice mais saudável. A mulher está mais habituada a estar em casa, o homem não, sai, conversa …" (homem, NSE médio baixo).

Se a ligação da mulher ao contexto doméstico é referida com consequências ambivalentes para ambos os sexos, o mesmo não se passa relativamente à ligação do homem ao contexto público. Em primeiro lugar porque não são feitas referências à mulher neste contexto e em segundo lugar porque o afastamento do homem deste espaço de intervenção é referido como desfavorável: "Os homens conseguem ser mais chatos do que as mulheres quando vão para a velhice, não sabem bem o que fazer" (homem, NSE médio baixo) e associado à perda de importância social: "O homem, quando fica menos novo, sem a sua actividade profissional, torna-se um indivíduo comum" (mulher, NSE médio baixo).

As diferenças entre homens e mulheres manifestam-se ainda na preparação da velhice: "A velhice nos homens e nas mulheres é diferente, eles não pensam tanto em termos de preparar a velhice. Estão menos tempo em casa e pensam menos em termos futuros, as mulheres são mais preocupadas nesse aspecto" (mulher, NSE elevado). Manifestam-se, ainda, no cuidado com a aparência: "As mulheres preocupam-se mais com a aparência. Quando se olha para as revistas cor-de-rosa é isso que vemos. As mulheres sempre a fazer *liftings*, plásticas. Os homens aceitam melhor a velhice, há homens que também fazem <plásticas> mas são muito poucos. As mulheres têm mais medo da velhice" (homem, NSE médio baixo) ou ainda "Nós, as mulheres, não nos desleixamos tanto. Os homens desleixam-se um pouco, ficam mais velhos, a nossa aparência é diferente, parecemos melhor" (mulher, NSE médio baixo).

Encontramos também, ainda que em menor escala, alusões que remetem para diferenças de carácter biológico: "Se formos a ver, morrem primeiro os homens. A duração de vida das mulheres é superior à dos homens" (mulher, NSE médio baixo) e que são usadas para explicar maior solidão nas mulheres: "Há mais mulheres sozinhas do que homens por razões que têm a ver com as nossa sócio fisiologia" (homem, NSE elevado) e diferenças a nível sexual "O homem sente mais que vai envelhecer, sente que vai perder actividade sexual" (homem, NSE médio baixo).

As diferenças encontradas sugerem que na velhice continua a existir diferenciação nos papéis desempenhados, na família e na sociedade, por homens e mulheres podendo estes contribuir, tal como Eagly (1987) sugere, para a manutenção das diferenças que estes apresentam ao nível do comportamento social. Ou seja, a velhice parece não introduzir grandes alterações na distribuição de papéis de género já encontrado em estudos anteriores (Silva & Poeschl, 2001-2002) e as diferenças encontradas na velhice. As diferenças agora encontradas vêm corroborar o facto das actividades desempenhadas na velhice, apresentadas no Capítulo 5, se

subordinarem ao sexo do executante apontando para uma divisão tradicional dos papéis de género, pela maior referência às pequenas tarefas, a actividades físicas e de saúde e a actividades relacionais para os homens idosos e pela maior referência a actividades familiares e a trabalhos manuais para as mulheres idosas (cf. ponto 5.4.3.4 e 5.4.3.5).

Por último, tendo em atenção o cenário das diferenças presente no discurso dos entrevistados, sobretudo pela ligação das mulheres à lida da casa e dos homens à sua ausência, pensamos ser legítimo supor que a velhice dos homens e das mulheres que povoam o imaginário dos entrevistados decorre no seu ambiente habitual e não num contexto de institucionalização.

7.4.2.3 – Classe 3 própria velhice: preocupação com a velhice e sua preparação

Para muitos entrevistados do sexo feminino e de nível sócio económico médio baixo é visível a preocupação com a própria velhice: "Sinto-me muito preocupada com a minha velhice, estou sempre a pensar quando for velha será que posso fazer isto ou aquilo" (mulher, NSE médio baixo) ou "Sinto-me preocupada com a velhice. Não sei como vou ser… É verdade que nos habituamos a nós próprios, e ainda bem que assim é, mas custa-me. Dizemos assim «velhos são os trapos», mas não deixam de nos chamar de velhos" (mulher, NSE elevado).

A preocupação com a velhice relaciona-se sobretudo com a incerteza e o desconhecido que lhe estão associados: "Sinto-me preocupada com a minha velhice. O futuro é uma incógnita. Vai depender de muitas condições, de muitas situações que não controlo" (mulher, NSE elevado) ou "Devo preparar a minha velhice, quando for velha, será que me vai acontecer isto, será que me vai acontecer aquilo, será que vou ter quem me ajude, ou não?" (mulher, NSE médio baixo).

Particularmente patente no discurso dos entrevistados, e que se reflecte de modo muito claro nas estratégias referidas para a preparação da velhice, é a incerteza relativamente à futura capacidade económica: "Tenho preocupação com o dinheiro, que ele me falte para o fim da vida" (mulher, NSE médio baixo) ou "Financeiramente é complicado, nem sempre o que se prevê acontece. As economias e as sociedades mudam rapidamente e nem sempre se tem aquilo que se julgava de direito" (homem, NSE médio baixo).

A incerteza quanto ao futuro equaciona-se ainda em termos da saúde, ou melhor da sua falta, da marginalização e da dependência: "Sinto-me preocupado se a minha velhice me trouxer consequências de saúde" (homem, NSE médio baixo) ou "Acho que toda a gente se preocupa.

Principalmente no aspecto de depois depender mais dos outros. Não sermos tão autónomos" (mulher, NSE elevado) e "Se lá chegar e não tiver saúde, fico preocupado. <…> E os outros põem-nos de parte. Pode até nem ser assim, mas a pessoa pensa nisso" (homem, NSE médio baixo) ou ainda "Ter uma doença grave nessa idade é complicado. Gostaria de me sentir bem para não dar que fazer a ninguém, que não precisasse de ninguém para as minhas voltas" (mulher, NSE médio baixo).

Para justificar a necessidade de preparar a velhice os entrevistados apontaram sobretudo razões de cariz conjuntural e razões ligadas à doença e dependência que surge na velhice.

Algumas razões de nível conjuntural que foram apontadas surgem ligadas ao descrédito na Segurança Social e no Governo: "O próprio país está mau e em tempos de futuro <…> não confio na segurança social" (homem, NSE médio baixo) ou "Hoje em dia os recursos governamentais não são nenhuns e nós devemos começar a preparar a velhice" (mulher, NSE médio baixo) e ainda "Porque hoje em dia, há tão poucos apoios, que começamos a pensar, quando chegar a esta idade, o que vai ser de mim <…> não vejo o governo a fazer nada por nós. Antes pelo contrário" (mulher, NSE médio baixo).

A referência às doenças e dependência associada à velhice surgem com preocupação: "Quanto mais andarmos para a frente mais perto estaremos do fim. A velhice trás doenças, faz-nos pensar agora sou novo e autónomo, e depois, quando não for, vou causar um incómodo aos meus filhos" (homem, NSE médio baixo) ou "Se estiver dependente <…> sei que as pessoas, hoje no dia-a-dia não estão preparadas para poderem ter recursos para ajudar as pessoas" (mulher, NSE elevado).

Relativamente à altura em que se deve preparar a velhice, parece consensual que esta deve começar precocemente: "Temos de começar o mais cedo possível" (mulher, NSE médio baixo) ou "Preparar a velhice desde a idade activa" (mulher, NSE médio baixo) no entanto apesar de "quanto mais cedo melhor, geralmente só começámos a pensar nisso a partir dos 40 anos" (mulher, NSE médio baixo).

A tónica da preparação da velhice parece organizar-se em torno de três eixos fundamentais: os aspectos económicos, os aspectos relacionais (família e amigos) e os aspectos mais gerais ligados ao exercício físico e saúde e à ocupação. Assim, para os entrevistados, garantir a subsistência económica é uma prioridade porque "Neste país os ordenados estão horríveis"

(mulher, NSE médio baixo) e "A reforma é uma miséria" (homem, NSE médio baixo). Para além de considerarem que os recursos sociais são insuficientes, os entrevistados valorizam o facto de ter dinheiro na velhice: "Ter dinheiro na velhice é importante" (homem, NSE médio baixo), consideram ainda que "A velhice sem dinheiro é uma desgraça" (mulher, NSE médio baixo) porque "Se não tiverem dinheiro as pessoas estão perdidas" (homem, NSE médio baixo).

A garantia económica surge como uma forma de acautelar o fim da vida: "Para que as pessoas tenham o mínimo de condições possíveis para um final de vida o mais feliz possível" (homem, NSE médio baixo) ou "Deveremos tentar ter um pé-de-meia para que possamos ter uma qualidade de vida mais ou menos considerada boa" (mulher, NSE elevado) ou ainda: "Ou temos apoio familiar, ou temos dinheiro para comprar esse apoio ou estamos tramados" (homem, NSE elevado). As poupanças, o "pé-de-meia" servem ainda para garantir que haverá um lugar onde viver: "Poder ir para um sítio, se não tiver ninguém que cuide de mim" (mulher, NSE elevado) ou que haverá alguém para prestar os cuidados necessários: "Poupar para um dia ter alguma coisa para alguém nos poder fazer o que for preciso. Se não tivermos dinheiro não temos quem olhe por nós" (mulher, NSE médio baixo).

Os entrevistados expressam a ideia de economizar como algo que deve ser feito de forma continuada: "Fiz poupança reforma e tenho um seguro" (mulher, NSE médio baixo), "Vou poupando o mais que posso" (mulher, NSE médio baixo) e tentam "Amealhar o máximo, ir fazendo um bom pé-de-meia" (mulher, NSE médio baixo). Economizar é também pensar na autonomia futura: "Vou tentar precaver-me agora, poupar, investir, para depois não precisar de ninguém" (mulher, NSE elevado), ou "Vou ter dinheiro para poder sair e não ter que pedir, a um filho ou a alguém, dinheiro para ir a um café,.... Para nos sentirmos úteis temos que nos sentir independentes em todos estes sentidos" (mulher, NSE elevado).

O segundo eixo que identificamos na preparação da velhice organiza-se em torno dos aspectos relacionais (família e amigos) de forma a manter as relações interpessoais evitando o isolamento e o abandono. Um aspecto marcante no discurso dos entrevistados é o medo de ser abandonado: "muitos idosos acabam por ficar sozinhos e eu nunca gostei de ficar sozinha. Espero que minha velhice seja positiva. O abandono é do que eu tenho mais medo" (mulher, NSE médio baixo) e a promoção de relações é considerada necessária e benéfica: "Um bom relacionamento acho que é muito melhor e torna a pessoa diferente e melhor" (homem, NSE médio baixo) ou: "Às vezes penso que um dia posso ficar sozinha e isso preocupa-me. É

importante investir nas relações hoje para depois, mais tarde, poderem existir amizades sólidas e não haver solidão" (mulher, NSE elevado).

A manutenção das redes de sociabilidade é entendida não só como forma de exorcizar o medo de ser abandonado mas também como forma de garantir cuidados no futuro. O investimento nas relações surge então como uma espécie de moeda de troca: dar para depois receber: "Se trabalhou durante a vida os afectos com a família e com os vizinhos, aí acho que é a altura de tentar recolher os frutos desse trabalho" (mulher, NSE elevado). Esta troca é ilustrada nas relações em geral e mais especificamente nas relações familiares: "Ser bom, para depois, mais tarde, serem bons com eles" (mulher, NSE médio baixo), ou "Dar-se bem com a família, para que um dia tenha um carinho, um apoio dos filhos ou até das pessoas de fora" (mulher, NSE médio baixo), ou ainda "Na própria relação com os meus familiares dou-lhes o meu apoio para que depois também me apoiem. Acho que é uma herança que se faz. Aquele provérbio «filho és, pai serás» enquadra-se muito nestas situações. A forma das pessoas se relacionarem, a forma como as pessoas convivem com os outros, dará os seus frutos" (mulher, NSE médio baixo).

O apoio familiar e a casa própria são assumidos como condição importante para o bem-estar na velhice: "Só quero o apoio familiar, morar na casa que estou a construir. <…> Não gosto de ver a maneira como os idosos estão a ser tratados. Já foi pior, hoje já há mais respeito num lar. Mas não queria ir para um lugar desses. Se a família não puder, não me importava de partilhar uma casa com vários deles e pagar a alguém que cuidasse de nós" (homem, NSE elevado) ou: "Os que estão em casa têm sempre mais carinho e são mais felizes do que aqueles que não estão (mulher, NSE médio baixo), ou ainda: "Já começou a surgir apoio. Um centro de dia, o apoio domiciliário, alguns lares <…> mas o apoio familiar é a solução" (mulher, NSE elevado).

A família e a união familiar são valorizadas como estratégias na preparação da velhice: "é bom criarmos uma família para termos quem nos deite as mão" (mulher, NSE médio baixo) e: "A família é o essencial de tudo por isso as pessoas devem tentar manter sempre a família unida" (homem, NSE médio baixo). Relativamente ao estabelecimento de laços familiares é sugerido que se deve "começar a criar raízes familiares e afectos ao longo da vida, tentar desenvolvê-los nomeadamente com a família nuclear" (mulher, NSE elevado).

Para além do papel de cuidar ser atribuído à família, é-lhe também atribuída a função de suprimir a escassez de apoio por parte do estado: "Apoios poucos. Só se for a nível de filhos" (mulher, NSE médio baixo) embora exista a consciência de condicionalismos, essencialmente por motivos profissionais: "Quem tiver filhos, ainda pode ter o apoio deles. Embora os filhos, que estão na casa dos quarenta, tenham uma vida com muita responsabilidade profissional e nem sempre podem fazer o que gostariam" (homem, NSE médio baixo) ou "Os familiares têm a vida deles, mas sempre haverá, sempre, a união entre a família" (mulher, NSE médio baixo).

Ainda que com uma breve referência o estado e o poder público são chamados a intervir na preparação da velhice sobretudo para os mais carenciados: "Para aquelas pessoas que não têm qualquer tipo de possibilidades, quer ao nível familiar quer ao nível monetário, deveria haver alguém nas câmaras, juntas de freguesia, e governo que tomasse medidas" (homem, NSE médio baixo) ou "Os governantes podiam colocar as reformas mais altas. Gostaria que os governantes olhassem mais para os idosos" (mulher, NSE médio baixo) ou "O governo podia apoiar muito mais. Há reformas que não dão para sobreviver <…> o resto da sociedade devia de lhes dar mais valor" (mulher, NSE médio baixo) ou porque "A família hoje em dia não será a solução para tudo. Terá que haver outra solução. Eles falam nos lares, nos centros de dia".

No terceiro eixo que identificamos na preparação da velhice, e que relacionamos com aspectos mais gerais ligados ao exercício físico e saúde e à ocupação, é saliente a importância de: "Fazer exercício. Ter uma alimentação saudável" (mulher, NSE elevado) e "Tentar emagrecer, andar muito a pé, ir ao ginásio e não comer certas coisas" (mulher, NSE médio baixo). Com o objectivo de "Quando chegar lá <à velhice> estar com uma boa forma" (homem, NSE médio baixo) e "manter sempre a força" (homem, NSE médio baixo).

Mais especificamente em termos médicos é importante: "Procurar tratar melhor da saúde, ir mais vezes aos médicos (mulher, NSE médio baixo) e "fazer o controlo <analítico> periódico" (mulher, NSE elevado).

Embora seja referido que "Em primeiro lugar devemos preparar-nos <para a velhice>, mental e psicologicamente" (mulher, NSE elevado) e que "Deve ser feita uma preparação intelectual" (homem, NSE médio baixo) porque "Temos que estar prevenidos, se não tivermos uma mentalidade forte caímos no buraco" (homem, NSE médio baixo) encontramos, nas UCE características da classe, apenas uma referência com acções específicas para exercitar a

mente: “Gosto de fazer jogos para exercitar a memória, leio, converso” (mulher, NSE elevado).

Segundo os entrevistados, “Também devemos fazer alguma coisa para o nosso bem moral” (mulher, NSE médio baixo) por exemplo: “Tentarei elevar-me o mais possível em termos morais” (homem, NSE elevado), “Manter sempre a religião activa” (homem, NSE médio baixo), “Irei à missa de vez em quanto, vou continuar a fazer como faço até agora não vou virar beata” (mulher, NSE médio baixo) ou “Estarei cada vez mais ligada a Deus” (mulher, NSE médio baixo) mas também “Ajudar o próximo” (homem, NSE médio baixo) e “A experiência da vida vai-nos ensinando que devemos ser o melhor possível com os outros” (mulher, NSE médio baixo).

Embora seja patente a associação entre reforma e velhice: “Aí já não serei mais o professor, serei mais o cidadão” (homem, NSE elevado) e “Trabalhar não pode, está reformada” (mulher, NSE médio baixo) a actividade ou ocupação é vista como fundamental: “Nunca parar. Ter sempre alguma coisa para fazer. Parar é morrer” (mulher, NSE médio baixo) ou “Vou estar ocupada. Eu detesto estar parada. A minha mente está sempre em movimento. Parar para mim seria uma desgraça” (mulher, NSE elevado) ou ainda “É importante ter uma actividade em que se sintam úteis” (homem, NSE médio baixo).

Nesta fase da vida a ocupação é vista por vezes como possibilidade de fazer coisas que antes não se conseguiam fazer: “Devo aproveitar a reforma para fazer aquilo que gosto e não tive oportunidade de fazer” (mulher, NSE elevado) ou “Gostava de fazer coisas que ainda não fiz. Ocupar o meu tempo com, por exemplo, viagens” (mulher, NSE elevado) ou ainda “Pode muito bem até fazer voluntariado” (homem, NSE médio baixo).

A actividade é considerada importante pelo papel que assume no estabelecimento de relações, na manutenção da vitalidade e como forma de passar o tempo. As actividades poderão ocorrer predominantemente:

i) na territorialidade doméstica: “O que eu mais quero é a fazer as minhas lides domésticas” (mulher, NSE médio baixo), “Tomar um café, ir até ao jardim, estar sentadinha no sofá a fazer tricô e malha, olhar pelos netos, se puder” (mulher, NSE médio baixo) ou “Estar em casa a olhar pelos netos, e bisnetos <…> juntar-me aos outros colegas da mesma idade”

(homem, NSE médio baixo) ou "Vou manter sempre algum trabalho, no campo ou na casa" (homem, NSE médio baixo);

ii) num contexto específico - o centro de dia: "Pretendo ter uma ocupação qualquer. Existem os centros de dia, posso passar lá o dia, conviver, arranjar lá uma actividade" (homem, NSE médio baixo) ou "Acho que vou frequentar um centro de dia, conviver com as outras pessoas. Acho que isso é fundamental" (mulher, NSE elevado);

iii) ou assumir uma territorialidade mais alargada: "Vou tentar falar com colegas, fazer amizades, passear" (mulher, NSE médio baixo) ou "Sair nestes passeios que existem de camionetas" (mulher, NSE médio baixo) ou "Vou relacionar-me, gosto muito de conviver" (mulher, NSE elevado).

Para se ocupar é necessário: "Ser uma pessoa activa e saber ocupar o seu tempo. Assim não tem espaços livres, não se limita a uma solidão. Deve ser uma pessoa activa, planificar bem os dias e não cair em tempos mortos e solidões" (homem, NSE médio baixo) e tentar manter uma certa rotina: "Sobre o meu dia a dia queria levantar-me mais ou menos à hora que me levanto hoje, <…> iria tomar o pequeno-almoço, ler o meu jornal, iria tentar ter uma actividade metódica, manter uma rotina" (homem, NSE elevado).

Em síntese, as UCE apresentadas permitiram ilustrar um discurso, sobretudo, sobre a própria velhice onde os entrevistados, predominantemente de nível socioeconómico médio baixo, expressam preocupação face à velhice, devido à imprevisibilidade económica, de saúde, marginalização e dependência que associam à velhice e apresentam estratégias para a sua preparação.

Salientamos por fim que as estratégias referidas para a preparação da (própria) velhice remetem para a responsabilidade pessoal abrangendo diferentes aspectos: relacionais, económicos, físicos, intelectuais, morais e ocupacionais, mas também são referidas intervenções, ainda que escassas, do poder público sobretudo para os mais carenciados embora tal não tenha sido questionado.

7.5 – Conclusão

Neste estudo pretendíamos comparar as representações da velhice própria com as representações da velhice dos outros e esclarecer os diferentes factores que estão na base da

transformação representacional que ocorre na meia-idade. Procurámos clarificar a existência de diferentes fases na velhice, quais as estratégias udadas para preparar a velhice, identificar papéis ou actividades a desempenhar nesta fase etária e examinar o efeito do nível socioeconómico e do sexo de pertença sobre estas representações.

Os resultados obtidos acentuam o pendor negativo que a velhice tem para as mulheres e homens deste grupo etário salientando a falência física, a morbilidade e perda nos contactos interpessoais e sugerindo uma eventual influência dum princípio organizado em torno da polaridade doença *vs* saúde.

Os resultados obtidos relativamente às actividades a desempenhar na velhice permitiram identificar quatro tipos de actividades que parecem decorrer predominantemente numa territorialidade familiar: actividades sociais, actividades recreativas, actividades de subsistência e actividades de cuidado pessoal que não são moduladas pelas variáveis independentes em estudo.

Atendendo à pretensão de listar estratégias para preparar a velhice, os dados permitiram identificar seis categorias de estratégias: promoção da saúde, relações pessoais, finanças, religião, ocupação e acção dos outros, que remetem sobretudo para a responsabilidade de cariz pessoal e que também não são moduladas pelas variáveis independentes em análise. Por outro lado, as estratégias apontam para uma concepção humana plurifacetada, englobando dimensões que permitem colmatar múltiplas necessidades do ser humano. Nestas dimensões é possível identificar três grandes eixos de estratégias de preparação da velhice: as estratégias de promoção da saúde, as estratégias relacionais e as estratégias financeiras.

No que respeita à comparação entre a estrutura da representação da própria velhice e da velhice dos outros verificou-se, através da análise textual automática, não existir relação entre a estrutura da representação e as fases da velhice. Contudo observou-se um efeito do sexo e do nível sociioeconómico dos entrevistados, assim como do indutor (velhice própria *vs* velhice dos outros). Os resultados salientam, nomeadamente, a existência duma relação preferencial entre as variáveis nível socioeconómico médio baixo, sexo feminino, própria velhice e nível socioeconómico elevado, sexo masculino, velhice dos outros.

Verificámos que o grupo da meia-idade, quando é fomentada uma maior implicação pessoal através da comparação entre a própria velhice e a velhice dos outros, operacionaliza as

representações da velhice em três classes: i) Balanço entre perdas e ganhos na velhice, que corresponde sobretudo ao discurso dos homens entrevistados e de nível socioeconómico elevado sobre a velhice dos outros; ii) Semelhanças e diferenças entre homens e mulheres na velhice, que corresponde sobretudo ao discurso dos entrevistados de nível socioeconómico médio baixo sobre a velhice dos outros e iii) Preocupação com a velhice e sua preparação, que corresponde sobretudo ao discurso das mulheres entrevistadas e de nível socioeconómico médio baixo sobre a própria velhice.

No discurso dos entrevistados, predominantemente do sexo masculino e de nível socioeconómico elevado sobre a velhice dos outros, é saliente o predomínio das perdas, equacionadas em termos físicos, mentais, financeiros e de importância social, sobre os ganhos, ilustrados pelo respeito, experiência, sabedoria, maturidade, que conferem a autoridade de aconselhar.

No discurso sobre a velhice dos outros, os entrevistados de ambos os sexos, predominantemente de nível socioeconómico médio baixo, utilizam um discurso que aponta para a manutenção tradicional dos papéis de género, com maior ligação da mulher ao contexto doméstico/privado e maior ligação do homem contexto público, o que nos leva a supor que a velhice dos homens e das mulheres que povoam o imaginário dos entrevistados decorre na sua própria casa ou na casa de familiares e não num contexto de institucionalização.

O discurso dos entrevistados, predominantemente do sexo feminino, de nível socioeconómico médio baixo, sobre a própria velhice expressa preocupação devido à imprevisibilidade que associam à velhice e apresenta estratégias para a sua preparação. Esta preparação, que remete primordialmente para a responsabilidade pessoal, surge articulada em torno de três eixos fundamentais: garantir proventos, fomentar relações gratificantes com familiares e amigos, promover a saúde.

Relativamente aos factores na base da transformação representacional da velhice na meia-idade, os resultados obtidos indiciam que esta transformação surge intrincada na proximidade da velhice. Pensamos poder dizer que esta proximidade suscitará preocupação face a iminentes alterações e promoverá uma reflexão sobre os recursos da velhice. Estes aspectos parecem desvelados pela operacionalização das representações da velhice em termos de balanço entre perdas e ganhos e em termos de preocupação com a velhice e sua preparação.

Por fim, neste estudo, pretendíamos equacionar semelhanças e diferenças entre homens e mulheres na velhice. Os resultados obtidos além de sugerirem que as mulheres e os homens são semelhantes na sua essência (idade, patologia, contextos de vida) e em igualdade de princípios, também apontam diferenças entre eles que ultrapassam as questões meramente biológicas.

As diferenças revelam-se pela maior ligação da mulher ao desempenho do papel familiar, o que lhe confere mais utilidade e autonomia nas actividades da vida diária mas também a confina ao território doméstico provocando maior tristeza e isolamento. A mulher surge como mais preocupada com a preparação da velhice e com os cuidados com a sua aparência, como se vislumbra nos resultados das classes que acabamos de referir.

As diferenças revelam-se, ainda, pela maior ligação do homem ao papel de trabalhador e ao domínio público, donde sai claramente em desvantagem devido ao afastamento decorrente da reforma. A desvinculação do homem do contexto doméstico traz consequências negativas por ferir a sua autonomia mas também comporta aspectos positivos pois poderá promover o convívio e a realização de actividades que o levam a sair de casa.

Na Hipótese 1a esperávamos que a própria velhice fosse vista dum modo mais positivo do que a velhice dos outros, aspecto que de certo modo os nossos dados parecem confirmar. A própria velhice, embora expresse preocupação, reflecte estratégias para a sua preparação que o próprio considera dependerem, sobretudo, das suas acções e surge eivada da esperança numa melhor velhice resultante de uma atitude pró-activa do sujeito enquanto construtor da sua velhice.

Relativamente à preparação da velhice, esperávamos que esta preparação abarcasse diferentes dimensões do ser humano e incluísse aspectos ligados à manutenção da saúde, ao desenvolvimento psicológico e à salvaguarda dos aspectos económicos (Hipótese 1b). Os resultados obtidos referentes às estratégias para preparar a velhice (cf. ponto 7.4.1.3) e a classe "Preocupação com a velhice e sua preparação" (cf. ponto 7.4.2.3) permitem a confirmação desta hipótese. Esta hipótese é confirmada uma vez que a preparação da velhice surge através de estratégias que visam abarcar a dimensão fisiológica e necessidade de estimulação cognitiva, visível na categoria "promoção da saúde", a necessidade de interacção interpessoal e pertença familiar, reflectidas na categoria "relações pessoais", a satisfação de necessidades básicas, materializada, entre outras, nas categorias "finanças" e "acção dos

outros", a dimensão moral ou espiritual que se reflecte na categoria "religião" e a necessidade de utilidade social e de ocupação do tempo, a que corresponde a categoria "ocupação" (cf. ponto 7.4.1.3).

Esperávamos, ainda, que as estratégias para preparar a velhice referidas pelas respondentes contivessem mais aspectos associados aos cuidados com o aspecto físico e a aparência do que as estratégias referidas pelos respondentes (Hipótese 1c) e que as estratégias de preparação da velhice referidas pelos respondentes do nível socioeconómico médio baixo se destacassem pelos aspectos financeiros ao passo que nos respondentes do nível socioeconómico elevado esperávamos que prevalecessem as preocupações com aspecto físico e mental (Hipótese 1d). Os resultados encontrados infirmam estas hipóteses uma vez que não se registam diferenças significativas em nenhuma das comparações efectuadas.

Capítulo VIII – Conclusões finais

Após, no capítulo anterior, termos apresentado e discutido de forma mais detalhada os resultados obtidos na investigação que delineámos sobre as representações sociais da velhice, propomo-nos neste capítulo efectuar uma síntese dos principais resultados obtidos em cada um dos estudos (ponto 8.1), revisitar os principais aspectos teóricos subjacentes à investigação a partir de alguns dos resultados obtidos (ponto 8.2) e apresentar reflexões decorrentes da realização deste trabalho (ponto 8.3).

8.1 - Síntese dos principais resultados

Recordamos que do ponto de vista teórico e metodológico na nossa investigação seguimos a proposta da Escola de Genebra, da qual salientamos a definição de representação social e as noções de princípios organizadores e ancoragem. Assumimos as representações sociais como "(…) princípios geradores de tomadas de posição que estão ligadas a inserções específicas num conjunto de relações sociais" (Doise, 1990, p. 127). Consideramos que esses princípios organizadores se desdobram frequentemente entre dois pólos (Clémence, 2003), que a sua clarificação permite compreender e assinalar a lógica que regula o pensamento e os seus movimentos de transformação num dado domínio (Clémence & Doise, 1995; Clémence, 2003), e que a sua ancoragem permite estudar a sua modulação. Salientamos que no decurso do desenvolvimento dos estudos privilegiámos a ancoragem sociológica – que se articula com o nível posicional e o nível ideológico (Papastamou & Chryssochoou, 2004) e que concerne a pertenças específicas dos indivíduos a grupos (Doise, 1992), como por exemplo o grupo etário, o sexo e o nível socioeconómico.

Os resultados apresentado no Capítulo 4, *Representações sociais da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas: perdas e ganhos associados à velhice*, através da análise textual automática, sugerem uma visão multidimensional sobre a velhice que se vai tornando mais triste à medida que a idade dos respondentes aumenta: os adolescentes e os jovens adultos surgem com uma visão neutra – ou mesmo positiva – e esta visão começa a transformar-se na meia-idade, tornando-se ainda mais negativa na representação das pessoas da terceira idade. Os dados, para além de sugerirem a existência das figuras "avó gentil", "velho descansado" e "velho doente", sugerem três princípios organizadores (o primeiro polarizado em torno das características físicas, o segundo em torno do trabalho *vs* lazer e o terceiro em torno da doença *vs* saúde) ancorados geracionalmente, associados, respectivamente, aos adolescentes, aos jovens adultos e aos respondentes da terceira idade. No grupo da meia-idade não é claro o

princípio organizador que modula a representação, sugerindo a existência duma representação bipolar.

Sugerimos que a ancoragem geracional dos princípios organizadores encontrados decorre das diferentes experiências, preocupações e interesses das gerações envolvidas no estudo. Propomos dois horizontes interpretativos, que se interpenetram, para tentar compreender os diferentes posicionamentos: i) a experiência e os interesses pessoais e ii) o conhecimento sobre o mundo dos mais velhos. Ao falarem da velhice, os adolescentes falam das pessoas idosas que conhecem – eventualmente os seus avós – e salientam a aparência física e o vestuário, aspectos que valorizam em si próprios; os jovens adultos falam dos pais e das pessoas recém-reformadas que conhecem, salientando sobretudo o tempo livre e o lazer que estes usufruem e que a si próprios escasseia, e os respondentes da terceira idade, preocupados com a sua saúde e bem-estar, falam deles próprios e dos amigos, descrevendo a sua situação ou a situação dos seus pares, marcada por diferentes morbilidades.

A análise categorial temática que efectuámos vem confirmar a multidimensionalidade das representações da mulher idosa, do homem idoso e das pessoas idosas, encontrada na análise textual automática, ao identificar um conjunto bem estruturado de categorias (dispositivos de apoio; social; filosófica; axiológica; vestuário; recreação; debilidades; sentimentos; morbilidade; aspecto; subsistência; religiosidade; sinónimos e habitação) subdivididas em subcategorias bem distintas, que reforçam a ambivalência face à velhice e acentuam o seu pendor negativo.

A visão mais negativa da velhice, que associamos à decrepitude e ao desgaste, é sugerida pelas categorias: dispositivos de apoio (mobilidade, sentidos, socioeconómicos, mastigação, repouso e urinários); debilidades (mobilidade, psíquicas, económicas, sentidos, mastigação, esfíncteres); morbilidade (doenças, recursos de tratamento, finitude, sofrimento, osteoarticular); aspecto (fisionomia e apresentação); habitação e pelas subcategorias exclusão social, sem actividade sócio laboral, julgamento desfavorável e sentimentos negativos. A visão mais positiva da velhice, minoritária, que associamos sobretudo à experiência e à sabedoria, é visível nas categorias filosófica (sabedoria, compreensão e respeito); recreação (ócio, lazer, jogar, viajar e trabalhos manuais), subsistência (necessidades básicas, actividades domésticas e ruralidade) e nas subcategorias sentimentos positivos, relações interpessoais, família, julgamento favorável e actividade sócio laboral.

Decorrente da análise categorial temática, e parecendo indiciar a existência de um princípio organizador de carácter mais geral em torno da polaridade "positivo *vs* negativo", foi possível equacionar na velhice os recursos perdidos (perdas funcionais, perdas de aparência, perdas afectivas e psicológicas, perdas nas interacções sociais, perdas financeiras e perdas de estatuto) e os recursos conservados e/ou adquiridos (ganhos morais e afectivos, ganhos ocupacionais, ganhos nas relações interpessoais, ganhos familiares, ganhos religiosos, ganhos gerais e ganhos de aparência).

A análise conjunta das subcategorias encontradas nas perdas e nos ganhos, para além de acentuar o pendor negativo da velhice, uma vez que as perdas prevalecem sobre os ganhos, parece indiciar a existência de dois domínios: o biológico e o psicossocial. Nas perdas, o domínio biológico está associado à falência dos órgãos ou sistemas vitais e ao desgaste e deterioração do organismo, englobando as perdas funcionais e as perdas de aparência. O domínio psicossocial remete para um empobrecimento das relações interpessoais e para a perda de importância pessoal e engloba as perdas afectivas e psicológicas, as perdas nas interacções sociais, as perdas financeiras e as perdas de estatuto. Nos ganhos, o domínio psicossocial remete para o reconhecimento de um conjunto de competências resultantes do acumular de experiências e para a valorização da capacidade de interacção visível nos ganhos morais e afectivos, nos ganhos nas relações interpessoais, nos ganhos familiares e nos ganhos religiosos. O domínio biológico dos ganhos surge marcado pela funcionalidade do corpo que permite a autonomia e é expresso através das subcategorias: ganhos ocupacionais, ganhos de aparência e ganhos gerais.

Os dados revelam que as perdas biológicas parecem ser compensadas por ganhos morais e afectivos e ocupacionais. Os resultados revelam ainda que uma certa impessoalidade favorece uma avaliação mais negativa (foram assinaladas mais perdas nas pessoas idosas do que na mulher idosa e no homem idoso, que não se diferenciam entre si) e indiciam a manutenção da visão estereotipada de mulheres e homens uma vez que a mulher idosa parece continuar ligada ao contexto familiar, pela maior ligação aos ganhos familiares e de aparência, enquanto no homem idoso prevalece o contexto público, pela maior ligação aos ganhos ocupacionais e os ganhos nas relações interpessoais.

A análise das perdas e dos ganhos em função do sexo dos respondentes revela apenas uma maior ligação do sexo feminino à religião. A mesma análise em função do grupo etário dos respondentes revela-se, dum modo geral, consistente com os dados da análise textual

automática. Neste aspecto, salientamos o grupo etário da meia-idade por referir um elevado número de perdas (perdas totais, perdas funcionais, afectivas e psicológicas e perdas nas interacções sociais) e de ganhos (ganhos morais e afectivos, ganhos nas relações interpessoais, ganhos religiosos, ganhos gerais e ganhos totais), o que acentua a sua visão bipolar da velhice.

Decorrente do estudo apresentado no Capítulo 5, *Caracterização do modo de vida e representações das actividades desempenhadas por mulheres e homens idosos*, concluímos que o homem idoso e a mulher idosa são considerados sobretudo casados ou viúvos. Ambos surgem, maioritariamente, como reformados, a viver com familiares, e são considerados idosos a partir dos 71 anos. A avaliação da autonomia sugere a existência de três tipos de velhice: uma, maioritária, caracterizada pela necessidade de apoio, e as outras duas, antagónicas, que remetem respectivamente para a dependência e para a independência, sendo esta última mais referida pelos respondentes velhos (meia-idade e terceira idade) do que pelos respondentes mais novos (adolescentes e jovens adultos.

Relativamente às representações das actividades desempenhadas pelo homem idoso e pela mulher idosa, os resultados sugerem uma estrutura diversificada de actividades (actividades de recreação, subdivididas em ócio, trabalhos manuais, viajar, jogar e lazer; actividades de subsistência, subdivididas em domésticas, rurais, necessidades básicas e pequenas tarefas; actividades sociais, subdivididas em relacionais, familiares e participação social; actividades de cuidado pessoal, subdivididas em física e saúde e aparência e actividades religiosas).

Os resultados revelam ainda que as representações das actividades surgem, sobretudo, modeladas pela pertença sexual dos alvos. Assim, ainda que tenham sido identificadas actividades partilhadas por homens e mulheres (ócio, viagens, trabalhos rurais, satisfação de necessidades básicas e cuidados com a aparência), os nossos dados indicam que, na sua maioria, as actividades desempenhadas na velhice se subordinam ao sexo do executante. A mulher idosa, para além de ser percebida globalmente como mais activa do que o homem idoso, é vista sobretudo como alguém que trabalha mais em casa, que se dedica à religião e aos trabalhos manuais. O homem idoso continua a ser vinculado ao território extra doméstico pela sua maior ligação às pequenas tarefas, à actividade física e desporto, ao jogo e ao lazer, o que remete para a manutenção das diferenças entre homens e mulheres nesta fase do ciclo vital.

Os resultados obtidos no estudo apresentado no Capítulo 6, *Efeito da designação utilizada sobre as representações sociais da velhice*, sugerem uma ligação à maturidade e adultez para as pessoas seniores e uma ligação das pessoas velhas e idosas à senectude. Os dados sugerem, ainda, que a designação pessoas seniores remete para o grupo com menos idade, que a designação pessoas velhas corresponde ao grupo com mais idade e que a designação pessoas idosas refere uma posição intermédia face aos outros dois e que os três indutores são avaliados sem diferenças entre eles.

Mais especificamente, verificámos não existirem diferenças entre os sentimentos despertados (depressivos, negativos e positivos) pelos três indutores e que as pessoas seniores suscitaram menos crenças (negativas) do que as pessoas velhas, embora não existam diferenças ao nível da atitude afectiva e do afastamento. Os resultados indicam que os grupos mais velhos (meia-idade e terceira idade) expressam mais crenças do que os grupos mais novos (adolescentes e jovens adultos) o que pode ser revelador da existência do "auto-estereótipo negativo" (Levy & Banaji, 2002). Os resultados clarificam ainda que a atitude afectiva covaria com as emoções positivas e que o afastamento e as crenças covariam com as emoções negativas desvelando, por parte dos respondentes, consistência afectivo-comportamental e cognitivo-afectiva (Morales & Moya, 1996).

Embora os resultados obtidos neste estudo tenham sugerido a existência de diferentes fases na velhice, uma vez que revelam maior favorabilidade face às pessoas seniores – que são consideradas mais sábias e avaliadas com menor desfavorabilidade do que as pessoas velhas e idosas – e a existência de menos crenças sobre as pessoas seniores do que sobre as pessoas velhas, eles não permitiram esclarecer os factores na base da transformação representacional que ocorre na meia-idade.

Os resultados obtidos no estudo apresentado no Capítulo 7, *Representações da própria velhice e dos outros e influência do nível socioeconómico: actividades a desempenhar na velhice e estratégias para a sua preparação*, concernentes à prova de associação livre sobre as fases da velhice consideradas (sénior, idoso e velho), sugerem uma imagem negativa da velhice que parece esbater a ambivalência que os respondentes do grupo da meia-idade apresentaram no nosso primeiro estudo.

Neste estudo os resultados relativos às actividades a desempenhar na velhice reforçam a ideia que as actividades elencadas colocam o próprio sujeito e o seu bem-estar no centro das actividades, aspecto já vislumbrado nos estudos anteriores.

As estratégias de preparação da velhice encontradas (promoção da saúde, relações pessoais, finanças, religião, ocupação e acção dos outros) são, maioritariamente, de cariz pessoal, destacam a responsabilização de cada um na preparação da sua própria velhice e remetem para uma concepção humana plurifacetada englobando dimensões que permitem colmatar diferentes necessidades do ser humano.

Os resultados obtidos através da análise textual automática sugerem diferenças entre a representação da própria velhice e a representação da velhice dos outros. Na representação da própria velhice é colocada a tónica na preocupação com a velhice e sua preparação o que vai de encontro ao revelado aquando da análise das estratégias para preparar a velhice. São clarificadas não só as razões da preocupação, sobretudo com a própria velhice, mas também são elencadas as estratégias a ter em conta na sua preparação, que abarcam diferentes dimensões do ser humano. Estes aspectos parecem remeter para um papel proactivo para o próprio, revelando não só uma responsabilização pessoal mas também a aspiração a uma boa velhice ou a uma velhice com qualidade de vida e mais feliz.

A representação da velhice dos outros é mais particularmente equacionada num balanço entre competências mantidas ou adquiridas e competências perdidas, remetendo para uma visão da velhice próxima da senectude, sugerindo globalmente resultados idênticos aos já encontrados na nossa primeira análise das perdas e ganhos. Este resultado contribui para reforçar a ideia do esbatimento da ambivalência que os respondentes do grupo da meia-idade revelaram nesse estudo, já emergente nos resultados da prova de associação livre sobre as fases da velhice (sénior, idoso e velho), e sugere a existência dum princípio organizador específico em torno da polaridade doença *vs* saúde. Por outro lado, ao serem equacionados os ganhos, minoritários, e as perdas, maioritárias, podemos supor que na avaliação da velhice dos outros, emerge uma representação mais negativa da velhice.

Na representação da velhice dos outros são, ainda, equacionadas as semelhanças e diferenças entre homens e mulheres na velhice, reforçando a existência do princípio organizador "masculino *vs* feminino" que os resultados relativos às actividades desempenhadas na velhice, já sugeriam.

Os resultados obtidos neste último estudo sugerem ainda uma ligação do nível socioeconómico e do sexo dos respondentes às dimensões das representações encontradas. O balanço entre os ganhos e as perdas associados à velhice dos outros é sobretudo referido pelos respondentes de nível socioeconómico elevado e pelos respondentes do sexo masculino, ao passo que as semelhanças e diferenças entre homens e mulheres, também associadas à velhice dos outros, são sobretudo referidas pelos respondentes de nível socioeconómico médio baixo e pelos respondentes do sexo feminino. A preocupação e preparação da própria velhice são sobretudo referidas pelos respondentes de nível socioeconómico médio baixo e pelos respondentes do sexo feminino.

8.2 – Revisitar os principais aspectos teóricos a partir dos resultados

Tendo presente que cada universo de opinião possui três dimensões (informação, campo da representação e atitude, Moscovici, 1976), que as representações sociais se constituem como princípios geradores das tomadas de posição (Doise, 1990), frequentemente desdobrados em dois pólos (Clémence, 2003), e que estudámos a ancoragem, sobretudo a sociológica, concernente a pertenças específicas dos indivíduos a grupos (Doise, 1992), tentaremos sintetizar os resultados obtidos recuperando alguns dos aspectos teóricos orientadores da investigação realizada.

Na investigação realizada procurámos aceder à atitude através: i) da avaliação da positividade das palavras, objectos e situações associados à mulher idosa, ao homem idoso e às pessoas idosas (Capítulo 4) e da avaliação da positividade das palavras associados às pessoas seniores, às pessoas idosas e às pessoas velhas (Capítulo 6) e ii) dos sentimentos despertados face à situação actual das pessoas seniores, pessoas idosas e pessoas velhas e das atitudes para com as pessoas seniores, pessoas idosas e pessoas velhas (Capítulo 6).

Apesar da avaliação da positividade das palavras, objectos e situações associados aos diferentes indutores (mulher idosa, ao homem idoso e às pessoas idosas e pessoas seniores, idosas e velhas) ter surgido como neutra, od dados deixam contudo vislumbrar a existência dum princípio organizador em torno da polaridade positivo *vs* negativo.

Na avaliação dos sentimentos, os sentimentos positivos situam-se no pólo positivo e surgem associados aos respondentes do sexo masculino mais velhos (respondentes da meia-idade e respondentes da terceira idade) enquanto os sentimentos depressivos e negativos remetem

para o pólo negativo. Apenas os sentimentos depressivos surgem associados aos respondentes do sexo feminino.

Nas atitudes para com as pessoas seniores, pessoas idosas e pessoas velhas, a atitude afectiva remete para o pólo positivo e as crenças e o afastamento remetem para o pólo negativo. As crenças (negativas) estão ancoradas geracionalmente surgindo associadas aos grupos etários mais velhos (meia-idade e terceira idade) e parecem aplicar-se menos às pessoas seniores do que às pessoas velhas.

O acesso à informação e ao campo da representação foi efectuado sobretudo através de provas de associação livre sobre a mulher idosa, o homem idoso e as pessoas idosas (Capítulo 4), as actividades desempenhadas pela mulher idosa e pelo homem idoso (Capítulo 5) e, ainda, sobre as estratégias para preparar a velhice (Capítulo 7).

No campo representacional surgem, em termos de conteúdo e organização, quatro domínios: imagens da velhice, actividades desempenhadas na velhice, recursos articulados com a velhice e estratégias para preparar a velhice.

Como já referimos as imagens parecem respeitar um princípio organizador mais geral, em torno da polaridade positivo *vs* negativo, do qual emerge a imagem de "avó gentil", "velho descansado" e "velho doente" que evidenciam diferentes princípios organizadores específicos ancorados geracionalmente. A imagem de "avó gentil" surge polarizada em torno das características pessoais e associada ao grupo etário dos adolescentes. A imagem de "velho descansado" surge organizada na polaridade trabalho *vs* lazer e associada ao grupo etário dos jovens adultos. A imagem de "velho doente" surge organizada na polaridade doença *vs* saúde e associada ao grupo etário da terceira idade.

As actividades desempenhadas por mulheres e homens idosos parecem respeitar um princípio organizador em torno da polaridade biológico *vs* psicossocial (designado por vezes por polaridade corpo *vs* espírito), do qual resultam actividades de subsistência e actividades de cuidado pessoal, que reenviam para o pólo biológico, e actividades de recreação, actividades sociais e actividades religiosas, que reenviam para o pólo psicossocial.

Ao articularmos o princípio organizador biológico *vs* psicossocial com os indutores mulher idosa e homem idoso, constatamos que no pólo biológico a categoria actividades ligadas à subsistência, particularmente as actividades domésticas, estão associadas à mulher idosa ao

passo que as pequenas tarefas (incluídas nas actividades de subsistência) e a actividade física e saúde (incluída nas actividades de cuidado pessoal) estão associadas ao homem idoso. Por seu lado, no pólo psicossocial os trabalhos manuais (incluídos nas actividades de recreação), as actividades familiares (incluídas nas actividades sociais) e as actividades religiosas estão associadas à mulher idosa ao passo que a recreação, particularmente o jogar e as actividades relacionais (incluídas nas actividades sociais) estão associadas ao homem idoso.

Por sua vez os recursos associados à velhice parecem obedecer a um princípio mais geral em torno da polaridade positivo *vs* negativo, do qual resultam as perdas (pólo negativo) e os ganhos (pólo positivo) associados à velhice. Tanto as perdas como os ganhos parecem estruturar-se em torno da polaridade biológico *vs* psicossocial.

As perdas organizam-se em perdas funcionais e perdas de aparência, que reenviam para o pólo biológico, e em perdas afectivas e psicológicas, perdas nas interacções sociais, perdas financeiras e perdas de estatuto, que reenviam para o pólo psicossocial. Os ganhos organizam-se em ganhos morais e afectivos, ganhos nas relações interpessoais, ganhos familiares e ganhos religiosos, que reenviam para o pólo psicossocial, e em ganhos ocupacionais, ganhos gerais e ganhos de aparência, que reenviam para o pólo biológico.

Em termos de ancoragem, as perdas funcionais e as perdas financeiras estão associadas às pessoas idosas, os ganhos familiares e os ganhos de aparência estão associados à mulher idosa, os ganhos ocupacionais e os ganhos nas relações interpessoais estão associados ao homem idoso e apenas os ganhos religiosos parecem mais relevantes para os respondentes do sexo feminino.

Em síntese, a análise dos diferentes aspectos estudados, relacionados com a atitude, a informação e o campo representacional da velhice, sugere que as representações sociais da velhice se caracterizam pela multidimensionalidade passível de identificar a coexistência de dois princípios gerais: positivo *vs* negativo e biológico *vs* psicossocial.

8.3 – Reflexões finais

Pensamos que o trabalho realizado ajuda a consolidar a ideia de que o objecto de estudo, a velhice, é uma temática de investigação essencial face ao panorama demográfico mundial onde o envelhecimento tem vindo a assumir proporções sem precedentes. Pensamos também que este trabalho realça a relevância do quadro teórico e metodológico da Escola de Genebra

para entender melhor esta nova realidade social. Consideramos, com efeito, que a investigação realizada – apesar das suas limitações que sublinham a necessidade de prosseguir neste domínio de estudo – fornece uma compreensão do entendimento dos indivíduos sobre a velhice e dos processos de interacção social sobre os quais se edificam explicações sobre o ser velho e a velhice no espaço nacional e num contexto de crescimento e transformação de elementos identificadores da velhice.

Numa perspectiva de intervenção social, valoriza-se especialmente as possibilidades dinâmicas das inter-relações entre as representações sociais e as práticas sociais. Aceitando-se que as representações sociais são condições de prática e que as práticas sociais são transformadoras das representações, o conhecimento sobre as representações da velhice constitui um poderoso instrumento para decisores políticos e outros agentes com responsabilidade no trabalho com os idosos intentarem medidas que contribuam para uma verdadeira inclusão dos idosos na sociedade fomentando uma cada vez maior solidariedade intergeracional.

A intervenção programada no domínio do envelhecimento, e especialmente na sua preparação e representações sociais são ainda embrionárias em Portugal, revelando-se pouco consistente e, essencialmente, com uma orientação intuitiva. Este tipo de intervenção é claramente insuficiente para lidar com uma realidade extremamente dinâmica e com uma população em acelerado crescimento. As políticas de intervenção nesta área têm sido maioritariamente direccionadas para a criação de espaços e para o desenvolvimento de actividades de animação sócio-cultural e de lazer, não tendo sido acompanhadas pelo conhecimento teórico e por investigação empírica sobre o fenómeno.

A aceitação da velhice como uma construção social, e consequentemente a sua dimensão transformacional, só agora começa a ser aceite pela generalidade dos decisores e profissionais ligados a este domínio, revelando-se uma falta de preparação para a velhice do nível micro ao macro.

Os resultados encontrados podem ser considerados relevantes para a compreensão do entendimento do todo social sobre as dimensões do fenómeno consideradas prioritárias à luz do *Plano de Acção Internacional Sobre o Envelhecimento*: capacitar o idoso para o desenvolvimento e entender o idoso como parte do desenvolvimento; promover a saúde e o bem-estar até à chegada da velhice e criar ambientes propícios e favoráveis. Assim, a

investigação realizada, e a componente teórica existente na literatura, permitem pensar na utilidade do desenvolvimento e implementação de programas integrados visando: i) formação dos indivíduos para a preparação da própria velhice que tivessem em conta os três eixos detectados: os aspectos económicos, os aspectos relacionais e os aspectos mais gerais ligados ao exercício físico e saúde e à ocupação; ii) a promoção do conhecimento e solidariedade intergeracional tendo em conta a maior favorabilidade face à velhice revelada pelos adolescentes e pelos jovens adultos, iii) a promoção da saúde e bem-estar na velhice; iv) a capacitação de prestadores de serviço e profissionais de saúde no domínio do envelhecimento salientando a importância que a sua própria representação e a representação que os idosos têm sobre si mesmos tem nas práticas e nas atitudes; v) a fomentação de estudos e de formações relativas às imagens do envelhecimento, dando especial atenção às diferenças de género, e ao contributo que as pessoas idosas dão, podem e devem dar numa sociedade cada vez mais envelhecida.

Referências bibliográficas

Abreu, D. M. B. (2001). A importância da linguagem gastronómica nas sátiras de Juvenal. *Estudos Clássicos em Debate*, 3, 80-95. Disponível em: http://www.dlc.ua.pt/classicos/Linguagem.pdf

Abric, J. C. (1984). A theoretical and experimental approach to the study of social representations in a situation of interaction. In R.M. Farr & S. Moscovici (Eds.), *Social representations* (pp. 169-183). Cambridge: Cambridge University Press.

Abric, J. C. (1993). Central system, peripheral system: theirs functions and roles in the dynamics of social representations. *Papers on Social Representations - Textes sur les Représentations Sociales*, 2 (2), 75-78.

Abric, J. C. (1994a). *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presse Universitaires de France.

Abric, J.C. (1994b). L'organisation interne des représentations sociales: système central et système périphérique. In C. Guimelli (Ed.) *Structures et transformations des représentations sociales*, (pp. 73-84). Neuchâtel: Delachaux & Niestlé.

Abric, J. C. (2001). A structural approach. In Deaux, K. & Philogène, G. (Eds.), *Representations of the social* (pp. 39-47). Oxford: Blackwell.

Abric, J. C. (2003). La recherche du noyau central et de la zone muette des représentations sociales. In J. C. Abric (Ed.), *Méthodes d'étude des représentations sociales* (pp. 59-80). Saint-Agne: ÉRÉS.

Afonso, R. M. & Poeschl, G. (2006). Representaciones del impacto de la situación de desempleo en las prácticas familiares. *Revista de Psicologia Social,* 21(3), 241-258.

Almeida, A. M. O. & Cunha, G. G. (2003). Representações Sociais do Desenvolvimento Humano. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (1), 147-155. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16806.pdf

Almeida, M. L. F. (1999). Crenças dos Enfermeiros Acerca do Envelhecimento Humano. *Referência*, 3, 7-14.

American Psychological Association (2004). Guidelines for psychological practice with older adults. *American Psychologist*, 56, 4: 236-260. Disponível em: http://www.apa.org/practice/guidelines/adult.pdf

Andrade, E. (1994). *Ofício de Paciência*. Porto: Fundação Eugénio de Andrade.

Alves, J. F. & Novo, R. F (2006). Avaliação da discriminação social de pessoas idosas em Portugal. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 6 (1), 65-77.

Araújo, C. L. A. (2006). A arte Cômica de Plauto e Ariano Suassuna. In A. T. B. Vieira & A. L. Teixeira (Orgs.), *Intertextualidade e Pensamento Clássico / Anais da XXV Semana de Estudos Clássicos* (pp.53-59). Rio de Janeiro: Serviço de Publicações/FL-UFRJ. Disponível em: http://www.letras.ufrj.br/pgclassicas/SEC-Textos-2005.pdf

Araújo, L. F & Carvalho, V. A. M. L. (2004). Velhices: estudo comparativo das representações sociais entre idosos de grupos de convivência. *Textos sobre Envelhecimento*, 7 (1), 10-22.

Araújo, L. F., Coutinho, M. P. L. & Carvalho, V. A. M. L. (2005). Social representation of the old age among elderly people who take part in groups of living together. *Psicol. cienc. prof* . [online], 25 (1), 118-131. Disponível em: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo

Araújo, L. F., Coutinho, M. P. L. & Santos, M. F. S. (2006). O idoso nas instituições gerontológicas: um estudo na perspectiva das representações sociais. *Psicologia & Sociedade*, 18 (2), 89-98.

Areosa, S. V. C. (2004). O que pensam as mulheres e os homens idosos sobre o seu envelhecimento? *Revista Virtual Textos & Contextos*, 3 (Dez). Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/fass/article/viewFile/978/758

Bacon, F. (s/d). *Essays, Civil and Moral.* Vol. III, Part 1. The Harvard Classics. New York: P.F. Collier & Son, 1909–14; Bartleby.com, 2001. Disponível em: www.bartleby.com/3/1/

Baltes, P.B. (1987). Theoretical propositions of life-span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, 23, 611-696.

Baltes, P. B., Reese, H. W. & Lipsitt, L. P. (1980). Life-span developmental psychology. *Annual Review of Psychology*, 31, 65-110. Palo Alto.

Banchs, M. A. (2000). Aproximaciones procesuales y estructurales al estudio de las representaciones sociales. *Papers on Social Representations – Textes sur les Représentations Sociales*, 9, 3.1-3.15.

Bardin, L. (1995). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bourdieu, P. (1992). Préface: Un progrès de la réflexivité. In W. Doise, A. Clémence & F. Lorenzi-Cioldi, *Représentations sociales et analyses de données* (pp. 7-8). Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.

Bourdieu, P. (2004). *Questões de Sociologia*. Lisboa: Fim de Século Edições.

Brandão, R. (s/d). *Húmus*. Lisboa: Vega.

Breckler, S. J. (1984). Empirical validation of affect, behavior, and cognition as distinct components of attitude. *Journal of Personality and Social Psychology*, *47*, 1191-1205.

Brewer, M., Dull, V. & Lui, L. (1981). Perceptions of the elderly: stereotypes and prototypes. *Journal of Personality and Social Psychology,* 41 (4), 656-670.

Brissos, A. (1992). Envelhecimento: algumas considerações do ponto de vista sociológico. *Servir*, 4 (1), 16-31.

Bulhoens, J. A. (1790). *A noiva fingida: drama jocoso em muzica*. Lisboa: na Off. de José de Aquino Bulhoens. Disponível em: http://purl.pt/6266

Butler, R. N. (1969). *Age-ism: another form of bigotry. The Gerentologist,* 9, 243-246.

Butler, R. N. (1975). *Why survive? Being old in America*. New York: Harper & Row.

Butler, R. N. (1980). Ageism: a foreword. *Journal of Social Issues,* 36 (2), 8-11.

Butler, R. N. & Lewis, M. I. (1985). *Sexo e amor na terceira idade*. São Paulo: Summus.

Bytheway, B. (2005). Ageism and Age Categorization. *Journal of Social Issues*, 61 (2), 361–374.

Câmara, J. (1983). *Os Velhos e Meia-Noite*. Porto: Civilização.

Carrilho, M. J. & Patrício, L. (2008). A Situação Demográfica Recente em Portugal. *Revista de Estudos Demográficos*, 42, 109-155.

Castelo-Branco, C. (1862). Coração, cabeça e estômago. Lisboa: Publicações Europa-América. Disponível em: http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/camilo.htm

Cezar, O. (1912). Os Velhos. In *A Vida Portuguesa*, 2, 15 de Novembro, 16-20.

Cícero. On Old Age. *The Harvard Classics*. New York: P.F. Collier & Son, 1909–14; Bartleby.com, 2001. Disponível em: www.bartleby.com/9/2/

Clémence, A. (2001). Social positioning and social representations. In K. Deaux & G. Philogène (Eds.), *Representations of the social* (pp. 83-95). Oxford: Blackwell Publishers.

Clémence, A. (2002). Prises de position et dynamique de la pensée représentative: les apports de la mémoire collective. In S. Laurens & N. Roussiau (Eds.), *La mémoire sociale. Identités et représentations sociales* (pp. 103-111). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Clémence, A. (2003). L'analyse des principes organisateurs des représentations sociales. In S. Moscovici & F. Buschini (Eds.), *Les méthodes des sciences humaines* (pp. 393-410). Paris: Presses Universitaires de France.

Clémence, A. & Doise, W. (1995). La représentation sociale de la justice. *L'Année Sociologique*, 45 (2), 371-400.

Clémence, A., Doise, W & Lorenzi-Cioldi, F. (1994). Prises de position et principes organisateurs des représentations sociales. In C. Guimelli (Ed.), *Structures et transformations des représentations sociales* (pp.119-152). Neuchâtel: Delachaux & Niestlé.

Clémence, A. & Lorenzi-Cioldi, F. (2004). Un modèle d'analyse des ancrages. *Nouvelle Revue de Psychologie Sociale / New Review of Social Psychology,* 3 (1-2), 157-165.

Cuddy, A. J. C. & Fiske, S. T. (2002). Doddering but dear: process, content, and fucntion in stereotyping of older persons In T. D. Nelson (Ed.), *Ageism: Stereotyping and prejudice against older persons* (pp. 3-26). Cambridge, MA: MIT Press.

Dal Rio, M. C. (2004). O Trabalho voluntário: uma questão contemporânea. São Paulo: SENAC.

Debert, G. G. (1999). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Ed. da USP.

Dicionário PRO de Língua Portuguesa (2005). Porto: Porto Editora.

Dijk, A. (2008). *Lucas van Leyden's artistic presence in Italy: the influence of his engravings on Italian contemporaries*. Universidade de Utreque. Disponível em: http://igitur-archive.library.uu.nl/student-theses/2008-1114-202738/UUindex.html

Dijksterhuis, A., & Bargh, J. A. (2001). The perception-behaviour expressway: Automatic effects of social perception on social behaviour. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (pp. 1-40). San Diego: Academic Press.

Direcção Geral de Saúde (1999). *A saúde em tempo de mudança*. Lisboa: DGS.

Doise, W. (1982). *L'explication en psychologie sociale*. Paris: Presses Universitaires de France.

Doise, W. (1985). Les représentations sociales: définition d'un concept. *Connexions*, 45, 243-252.

Doise, W. (1986) Les représentations sociales: définition d'un concept. In W. Doise & A. Palmonari (Eds.), *L'étude des représentations sociales* (pp. 81-94). Paris: Delachaux & Niestlé.

Doise, W. (1988). Les représentations sociales: Un label de qualité. *Connexions*, 51 (1), 99-113.

Doise, W. (1989). Attitudes et représentations sociales. In D. Jodelet (Dir.), *Les représentations sociales* (pp. 220-238). Paris: Presses Universitaires de France.

Doise, W. (1990). Les représentations sociales. In R. Ghiglione, C. Bonnet & J-F. Richard (Eds), *Traité de psychologie cognitive* (pp. 111-174). Paris: Dunod.

Doise, W. (1992). L'ancrage dans les études sur les représentations sociales. *Bulletin de psychologie*, 45, 189-195.

Doise, W. (1993). Debating social representation. In G. M. Breakwell & D. V. Canter (Eds.), *Empirical approaches to social representations* (p. 157-170). Oxford: Oxford University Press.

Doise, W., Clémence, A. & Lorenzi-Cioldi, F. (1992). *Représentations sociales et analyses de données*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.

Doise, W. & Papastamou, S. (1987). Représentations sociales des causes de la délinquance: croyances générales et cas concrets. *Déviance et Société*, 11, 153-162.

Dozois, E. (2006). *Ageism: a review of the literature*. Alberta: Worth on Street Consulting.

Duby, G. (2002). *L'art et la société. Moyen Age-XXe siècle.* Pari**s:** Éd. Galimard.

Durkheim, E. (1997). *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Pari**s:** Presses Universitaires de France.

Eagly, A. (1987). *Sex differences in social behaviour: a social-role interpretation*. London: LEA.

Eagly, A. H. & Chaiken, S. (1993). *The Psychology of Attitudes*, Fort Worth, TX: Harcourt Brace Jovanovich.

Eagly, A. H. & Chaiken, S. (1998). Attitude structure and function. In D. Gilbert, S. Fiske, & G. Lindzey (Eds.), *The handbook of social psychology* (pp. 269-322). New York: McGraw-Hill.

Eagly, A., Wood, W. & Diekman, A. B. (2000). Social role theory of sex differences and similarities: a current appraisal. In T. Eckes (Ed.), *The developmental social psychology of gender* (pp. 123-174). Mahwah. NJ: Erlbaum.

Eco, U. (2007). *História do Feio.* Algés: Difel.

Ermida, J. G. (1999). Processo de Envelhecimento. In A.A.V. *Idoso – Problemas e Realidades* (pp.41-50). Coimbra: Formasau.

Farr, R. M. (1984). Les représentations sociales: phénomènes. In S. Moscovici (Dir.), *Psychologie sociale* (pp. 379-389). Paris: Presses Universitaires de France.

Farr, R. M. (1998). From collective to social représentations: aller et retour. *Culture & Psychologie*, 4 (3), 175-296.

Farr, R. M. (2003). Representações sociais: a teoria e a sua história. In P. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs.), *Textos em representações sociais* (pp. 31-59). Petrópolis: Editora Vozes.

Fernandes, A. A. (1997). *A Velhice e a sociedade. Demografia, família e Politicas Sociais em Portugal.* Oeiras: Celta Editores.

Fernández-Ballesteros, R. (2000). *Gerontologia Social*. Madrid: Ediciones Pirâmide.

Ferreira, A. M. (2005). Eugénio de Andrade: figuras de melancolia. In A. M. Ferreira (Ed.), *A Luz de Saturno: figurações da velhice* (53-66). Aveiro: Universidade de Aveiro. Disponível em http://www.dlc.ua.pt/classicos/eug.andrade%202.pdf

Ferreira V. (1997). *Em nome da terra.* Lisboa: Bertrand.

Fishbein, M. & Ajzen, I. (1975). *Belief, attitude, intention and Behavior: An introdution to theorie and research*. Adisson –Wesley: Reading, Mass.

Fiske, S. T. (1998). Stereotyping, prejudice, and discrimination. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske & G. Lindzey (Eds.), *The handbook of social psychology* (pp. 357-411). McGraw-Hill Companies, Inc.

Fraboni, M., Saltstone, R. & Hughes, S. (1990). The Fraboni scale of ageism (FSA): An attempt at a more precise measure of ageism. *Canadian Journal on Aging*, 9, 56-66.

Flament, C. (1994a). Structure, dynamique et transformation des représentations sociales. In J.C. Abric (Ed.), *Pratiques sociales et représentations* (pp.37-57). Paris: Presses Universitaires de France.

Flament, C. (1994b). Aspects périphériques des représentations sociales. In C. Guimelli (Ed.), *Structures et transformations des représentations sociales* (pp. 85-118). Neuchâtel: Delachaux & Niestlé.

Flament, C. (1997). Structure et dynamique des représentations sociales. In D. Jodelet (Dir.), *Les représentations sociales* (pp. 224-239). Paris: Presses Universitaires de France.

Foucault, M. (1999). A*s palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes.

Galli, I. & Nigro, G. (1990). Les représentations sociales: la question de la genèse. *Revue International de Psychologie Sociale*, 3 (3), 429-450.

Gastron, L., Vujosevich, J., Andrés, H. & Oddone, M. J. (2000). La vejez como objecto de las representaciones sociales. *Conselo Latinoamericano de Ciencias Sociales*. Disponível em: http://red-am.com.ar/buscador/files/DEMOG012_Gastron.pdf

Giannakouris, K. (2008). *Population and Social Conditions*. *Eurostat: Statistics in Focus*, (72). Disponível em: http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_OFFPUB/KS-SF-08-072/EN/KS-SF-08-072-EN.PDF

Goff, J. (1980). *Para um novo conceito de Idade Média – tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Lisboa: Estampa.

Gonçalves, I. (1991). Fragilidades da velhice e da doença: alguns exemplos da Idade Média Beirã, *Medicina na Beira Interior, da Pré-História ao Século XX, Cadernos de Cultura*, 4, 4-7.

Graça, L. (2000). *História da Saúde no Trabalho: 1.1. Repressão, Assistência Pública e Capitalismo Liberal: O Contexto Europeu*. Disponível em: http://www.ensp.unl.pt/luis.graca/textos23.html

Guimelli, C. (1989). Pratiques nouvelles et transformation sans rupture d'une représentation sociale. In J. L. Beauvois, R. V. Joule & J. M. Monteil (Eds.), *Perspectives cognitives et conduites sociales* (pp. 117-138). Cousset: Del Val.

Guimelli, C. (1993). Concerning the structure of social representations. *Papers on Social Representations - Textes sur les Représentations Sociales*, 2 (2), 75-78.

Guimelli, C. (1994). *Structures et transformations des représentations sociales*. Neuchâtel: Delachaux & Niestlé.

Hechausen, J. & Lang, F. (1969). Social construction and old age: normative conceptions and interpersonal processes. In G. Semin & K. Fiedler (Eds.), *Applied social psychology* (pp. 375-398). London: Sage.

Herculano, A. (1973). *Opúsculos.* Tomo I. Lisboa: Viúva Bertrand. Disponível em: http://www.purl.pt/718

Herzlich, C. (1972). La représentation sociale. In S. Moscovici (Dir.), *Introduction à la psychologie sociale* (pp. 303-325). Paris: Larousse.

Hummel, C. (1995). *Images de la vieillesse, représentation de l'altérité*. Tese de DESS não publicada, Faculté des Sciences Économiques et Sociales, Université de Genève.

Hummel, C. (2000). *Représentations sociales de la vieillesse*. *Une étude qualitative menée auprès de jeunes adultes*. Tese de Doutoramento não publicada, Faculté des Sciences Économiques, Université de Genève.

Hummel, C. & Lalive d'Epinay, C. J. (1995). *Images of aging in western societies*. Geneva: Centre for Interdisciplinary Gerontology University of Geneva.

Hummert, M. L. (1990). Multiple stereotypes of elderly and young adults: A comparison of structure and evaluations. *Psychology and Aging*, 5, 82-193.

Hummert, M. L. (1993). Age and typicality judgments of stereotypes of elderly: perceptions of elderly vs. young adults. *International Journal of Aging and Human Development*, 37, 217-266.

Hummert, M. L., Garstka, T. A., Shaner, J. L. & Strahm, S. (1994). Stereotypes of the elderly held by young, middle-aged, and elderly adults. *Journals of Gerontology*, 49, 240-249.

INE (1999). *As gerações mais idosas*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, Série estudos, n.º 83.

INE (2001). *Inquérito à ocupação do tempo 1999: principais resultados*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

INE (2002). *O Envelhecimento em Portugal: Situação sócio-demográfica recente das pessoas idosas*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

INE (2004). *Projecções de População Residente, Portugal e NUTS II, 2000-2050*. Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.

INE (2006). Instituto Nacional de estatística. Disponível em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=65944632&PUBLICACOEStema=00&PUBLICACOESmodo=2

Isen, A. M. (1987). Positive affect, cognitive processes and social behaviour. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in Experimental Social Psychology*, 20, 203-253.

Jodelet, D. (1984). Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In S. Moscovici (Dir.), *Psychologie sociale* (pp. 357-378). Paris: Presses Universitaires de France.

Jodelet, D. (1986). Fou et folie dans un milieu rural français: une approche monographique. In W. Doise & A. Palmonari (Eds.), *L'étude des représentations sociales* (pp. 171-192). Neuchâtel: Delachaux & Niestlé.

Jodelet, D. (1987). Malades du cerveau, malades des nerfs. Construction et corrélats d'un savoir sur la folie. In B. Guglielmo (Ed.), *La représentation sociale de la maladie mentale* (pp. 181-194). Napoli.

Jodelet, D. (1989). *Folies et représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France.

Jodelet, D. (1997). Représentations sociales: un domaine en expansion. In D. Jodelet (Dir.), *Les représentations sociales* (pp. 47-78). Paris: Presses Universitaires de France.

Jodelet, D. (2004). Éclectisme et représentations sociales. N*ouvelle Revue de Psychologie Sociale / New Review of Social Psychology,* 3 (1-2), 145-150.

Jones, E. E. & Gerard, H. B. (1967). *Foundations of Social Psychology*. New York: Wiley.

Jovchelovitch, S. (2004) Psicologia social, saber, comunidade e cultura. *Psicologia e sociedade,* 16 (2), 20-31. Disponível em: http://eprints.lse.ac.uk/2653

Junqueiro, G. (1877). *Contos para a Infância*. Lisboa: Typographia Universal De Thomaz Quintino Antunes, Impressor da Casa Real. Disponível em: http://www.wattpad.com/18918-contos-para-a-inf%C3%A2ncia-escohidos-dos-melhores?p=6

Lahlou, S. (1998). *Penser manger*. Paris: Presses Universitaires de France.

Lahlou, S. (2001). Functional aspects of social representation. In K. Deaux & G. Philogène (Eds.), *Representations of the social,* (pp. 131-146). Blackwell.

La 58ª Asamblea Mundial de la Salud (2005)**.** *Promoción de un envejecimiento activo y saludable***.** Disponível em: http://www.who.int/gb/ebwha/pdf_files/WHA58/WHA58_16-sp.pdf

Levy, B. R. (1996). Improving memory in old age by implicit self-stereotyping. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 1092-1107.

Levy, B. R. (2003). Mind matters: Cognitive and physical effects of aging self stereotypes. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences,* 58 B (4), 203-211.

Levy, B., Ashman, O., & Dror, I. (1999-2000). To be or not to be: The effects of aging self-stereotypes on the will-to-live. *Omega: Journal of Death and Dying*, 40, 409-420.

Levy, B. R. & Banaji, M. R. (2002). Implicit ageism. In T. D. Nelson (Ed.), *Ageism: Stereotyping and prejudice against older persons* (pp. 49-75). Cambridge: The MIT Press.

Lopes, E. S. L. & Park, M. B. (2007). Representação de crianças acerca do velho e do envelhecimento. *Estudos de Psicologia*, 12 (2), 141-148.

Macnicol, J. (2006). *Age discrimination: An historical and contemporary analysis*. Cambridge: Cambridge University Press. Disponível em: http://assets.cambridge.org/97805218/47773/excerpt/excerpt

Magalhães, C. P. (2003). *Representação Social da Velhice em Enfermeiros*. Tese de Mestrado não Publicada, Universidade Fernando Pessoa.

Magnabosco-Martins, C. R., Vizeu-Camargo, B. & Biasus, F. (2009). Representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias. *Universitas Psychologica*, 8 (3), 831-847.

Mailloux-Poirier, D. (1994). *Pessoas idosas: uma abordagem global*. Lisboa: Lusodidata.

Marková, I. (2006). *Dialogicidade e representações sociais*. Petrópolis: Editora Vozes.

Marques, L. M. (1994). A velhice no tempo de Amato Lusitano. *Medicina na Beira Interior. Da pré-História ao Século XX*., 8, Outubro.

Marques, S. & Lima, M. L. (2010). Idadismo e a construção social da idade ou as razões psicossociais para o sucesso das anti-rugas, do botox e da tinta para o cabelo. *In-Mind_Português*, 1 (1), 13-21.

Marques, S., Lima, M. L. & Novo, R. (2006). Traços estereotípicos associados a pessoas jovens e idosas na cultura portuguesa. *Laboratório de psicologia*, 4 (1), 91-108.

Marques, S., Lima, M. L. & Novo, R. (2007). *The Effects of Subtle Activation of Aging Stereotypes on Older Individual's Will-to-Live: The Role of Age Identification*. (Working Paper No. 03/07). Lisboa: Centro de Investigação e Intervenção Social.

Martins, R. (2006) Envelhecimento Demográfio *in* Millenium. *Revista do Instituto Superior Politécnico de Viseu*, 32, Fevereiro. Disponível em: WWW.ipv.pt/millenium/Millenium26/26_23.htm

McGuire, W. J. (1968). Personality and attitude change: An information processing theory. In A. G. Greenwald, T. C. Brock, & T. M. Ostrom (Eds.), *Psychological foundations of attitudes* (pp. 171-196). San Diego, CA: Academic Press.

Ministério da Saúde (2004). *Programa Nacional para a Saúde das Pessoas Idosas*. Direcção Geral de Saúde.

Minois, G. (1999). *História da velhice no ocidente.* Lisboa: Teorema.

Miranda, J. R. & Miranda, L. A. (1998). As Representações que o Enfermeiro tem do Idoso. *Sinais Vitais*, 19, 21-25.

Moliner, P. (1996). *Images et représentations sociales*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.

Montepare, J. M. & Zebrowitz, L. (2002). A social-developmental view of ageism. In T. D. Nelson (Ed.), *Ageism: Stereotyping and prejudice against older persons* (pp. 75-161). Cambridge: The MIT Press.

Morales, J. F. & Moya, M. (1996). *Tratado de psicologia social*. Madrid: Síntesis.

Moscovici, S. (1976). *La psychanalyse son image et son public.* Paris: Presses Universitaires de France.

Moscovici, S. (1981). On social representations. In J. P. Forgas (Ed.), *Social Cognition: perspectives on everyday understanding* (pp. 181-209). London: Academic Press.

Moscovici, S. (1985). «Comment on Potter & Litton». British *Journal of Social Psychology*, 24, 91-92.

Moscovici, S. (1986). L'ère des représentations sociales. In W. Doise, & A. Palmonari, (Eds.), *L'étude des représentations sociales* (pp. 34-80). Paris: Delachaux & Niestlé.

Moscovici, S. (1988). Notes towards social representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250.

Moscovici, S. (1993). Introductory Address. *Papers on Social Representations - Textes sur les Représentations Sociales*, 2 (3), 160-170.

Moscovici, S. (1994). Social representations and pragmatic communication, *Social Science Information*, 33 (2), 163-177.

Moscovici, S. (1996). Communications et représentations sociales paradoxales. In J-C. Abric (Dir.), *Exclusion sociale et prévention* (pp. 19-21). Saint-Agne: Editions Érès.

Moscovici, S. (1997). Des représentations collectives aux représentations sociales. In D. Jodelet (Dir.), *Les représentations sociales* (pp. 79-103). Paris: Presses Universitaires de France.

Moscovici, S. (2001). Why a theory of social representations? In K. Deaux and G. Philogène (Ed.), *Representations of the Social: Bridging Theoretical Traditions* (pp. 8-35). Oxford: Blackwell Publishing.

Moscovici, S. (2003). Prefácio In P. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs.), *Textos em representações sociais* (pp. 7-16). Petrópolis: Editora Vozes.

Moscovici, S. (2005). *Representações sociais. Investigações em psicologia social.* Petrópolis: Editora Vozes.

Moscocivi, S. (2010). Conférence de Clôture de la 10e Conférence International Sur Les Représentations Sociales*. 10e Conférence International Sur Les Représentations Sociales: Représentations, transmission des savoirs et transformations sociales*.05-08 July, Tunis (Gammarth), Tunisie.

Moscovici, S. & Marková, I. (2005). Ideias e seu desenvolvimento. Um diálogo entre Serge Moscovici e Ivana Marková. In S. Moscovici, *Representações sociais* (pp. 305-387). Petrópolis: Editora Vozes.

Moscovici, S. & Vignaux, G. (1994). Le concept de thêmata. In C. Guimelli (Ed.) *Structutre et transformations des représentations sociales* (pp. 25-72). Neuchâtel: Delachaux & Niestlé.

Mugny, G. & Carugati, F. (1985). *L'intelligence au pluriel: les représentations sociales de l'intelligence et de son développment*. Cousset: DelVal.

Múrias, C. & Poeschl, G. (2007). Representações sociais da política e das mulheres e dos homens na política: procura de possíveis explicações para a fraca participação política das mulheres. In M. B. Monteiro, M. M. Calheiros, R. Jerónimo, C. Mouro & P. Duarte (Orgs.), *Percursos de Investigação em Psicologia Social e das Organizações* (Vol. II) (p.15-33). Lisboa: Edições Colibri.

Navarro, (2007). *Goya Gravurista na Coleção Caixanova. Catálogo da Exposição no MASP*. Instituto Cervantes e Caixanova.

Nazareth, J. M. (1994). O envelhecimento demográfico da população portuguesa no início dos anos noventa. *Geriatria*, *7* (64) Abr., 5-17.

Nelson, T. D. (2002). *Ageism: Stereotyping and prejudice against older persons*. Cambridge, MA: MIT Press.

Nelson, T. D. (2005). Ageism: Prejudice Against Our Feared Future Self, Journal *of Social Issues*, 61(2), 207–221.

Neto, F. (1999). As pessoas idosas são pessoas: aspectos psico-sociais do envelhecimento. *Psicologia Educação e Cultura*, III (2), 297-332.

Nielsen, J. M. (1990). *Sex and gender in society: perspectives on stratification*. Prospect Heights, Ill: Waveland Press.

Ng, S. H. (1998). Social Psychology in an Ageing World: Ageism and Intergenerational Relations. *Asian Journal of Social Psychology*, 1 (1), 99-116).

Nuttin, J. M. (1972). Changement d'attitude et rôle playing. In S. Moscovici (Dir.), *Introduction à la psychologie sociale* (pp. 13-58). Paris: Larousse.

Oliveira, C. & Machado S. (1968). *Textos Portugueses Medievais*. Coimbra: Coimbra Editora.

O'Neill, A. (1986). *Tomai lá do O'Neil! Uma antologia poética*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Páez, D. (1987). Características, funciones y processo de formación de las representaciones sociales. In D. Páez; Ayestaran & S. De Rosa (Eds.), *Pensamiento, individuo y sociedad. Cognición y representación social* (pp. 297-317). Madrid: Fundamentos.

Palmeira, T. M. S. (2005). *O Corpo na Velhice – Representações e Práticas*. Dissertação de Mestrado não publicada. Braga, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4913/2/capa.pdf

Palmonari, A. & Doise, W. (1986). Caractéristiques des représentations sociales. In W. Doise & A. Palmonari, (Eds.), *L'étude des représentations sociales* (pp. 12-33). Paris: Delachaux & Niestlé.

Palmore, E. B. (1977). Facts of age: A shortz quiz. *The Gerontologist*, 17, 315-320.

Palmore, E. B. (1980). The facts on aging quiz: a review on findings. *The Gerontologist*, 20, 669-672.

Palmore, E. B. (1999). *Ageism: negative and positive*. New York: Springer.

Palmore, E. B. (2001). The ageism survey: first findings. *The Gerontologist*, 41, 572-575.

Palmore, E. B. (2003). Ageism comes of age. *The Gerontologist*, 43, 418-420.

Palmore, E. B. (2005). Three decades of research on ageism. *Generations*, XXIX (3), 87-90.

Palmore, E. B., Branch, L. & Harris, D. (2005). *Encyclopedia of ageism*. Binghamton, Haworth Press.

Papalia, D., Olds, S. W. & Feldman, R. D. (2000). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Papastamou, S. & Chryssochoou, X. (2004). William Doise: pour une psychologie sociale a la jonction des systemes explicatifs. *Nouvelle Revue de Psychologie Sociale / New Review of Social Psychology*, 3 (1-2), 5-7.

Paúl, M. C. (1997). *Lá para o fim da vida*. Coimbra: Almedina.

Paúl, M. C. & Fonseca, A. M (1999). A saúde e a qualidade de vida dos idosos. *Psicologia, Educação e Cultura,* 3, 345-362.

Peçanha, S. F. G. A. (2006). Homero, Hesíodo e Píndaro: uma reflexão acerca da felicidade e do mérito. In A. T. B. Vieira & A. L. Teixeira (Orgs.), *Intertextualidade e Pensamento Clássico / Anais da XXV Semana de Estudos Clássicos* (pp.165-171). Rio de Janeiro: Serviço de Publicações/FL-UFRJ. Disponível em: http://www.letras.ufrj.br/pgclassicas/SEC-Textos-2005.pdf

Pereira, C. & Camino, L. (2003). Representações sociais, envolvimento nos direitos humanos e ideologia política em estudantes universitários de João Pessoa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (3), 447-460.

Pereira, M. H. R. (1982). *Helade. Antologia da Cultura Grega*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Pereira, M. H. R. (1988). *Estudos de História da Cultura Clássica. Cultura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Philogene, G. (1994). African American as a new social representation. *Journal for the Theory of Social Behaviour,* 24 (2), 89-109.

Philogene, G. (2001). From race to culture: the emergence of African American. In K.Deaux & G. Philogene (Eds.), *Representations of the social: Bridging theoretical traditions* (pp. 113-128). Malden, MA: Blackwell.

Poeschl, G. (1992). *L'Intelligence: un concept à la recherche d'un sens.* Tese de Doutoramento não publicada, Faculté de Psychologie et des Sciences de L'Éducation, Université de Genève.

Poeschl, G. (1998). Processus d'ancrage et représentations sociales de l'intelligence. *Psicologia,* 12 (1), 85-100.

Poeschl, G. (1999). Intelligence masculine et intelligence féminine. In B. Brill, P. Dasen, C. Sabatier & B. Krewer (Eds.), *Propos sur l'engant et l'adolescent: Quels enfants, pour quelles cultures?* (pp. 297-315). Paris: L'Hartmattan.

Poeschl, G. (2000). Trabalho doméstico e poder familiar: práticas, normas e ideais. *Análise Social*, XXXV(156), 695-719.

Poeschl, G. (2001). Social comparison and differentiation strategies in the social representations of intelligence. *Swiss Journal of Psychology*, 60(1), 15-26.

Poeschl, G. (2001-2002). Práticas familiares e representações das diferenças entre os sexos. *Cadernos de Consulta Psicológica,* 17/18 (1), 145-152.

Poeschl, G. (2003a). A teoria das representações sociais. In J.F. Morales & C. Huici, (Eds.), *Estudios de Psicología Social* (pp. 439-466). Madrid: UNED.

Poeschl, G. (2003b). Representations des différences entre les sexes et jeux de pouvoir. *Nouvelle Revue de Psychologie Sociale*, 2(1), 77-86.

Poeschl, G. (2003c). Representações das diferenças entre os sexos, práticas familiares e relações entre homens e mulheres. *Estudos Vida e Saúde. Revista da Universidade Católica de Goiares*, 30(1), 31-49.

Poeschl, G. (2003d). Inégalités sexuelles dans la mémoire collective et représentations des différences entre les sexes. *Connexions*, 80(2), 101-119.

Poeschl, G. (2004a). Dinâmicas posicionais e dinâmicas representacionais: Reflexões e interrogações. *Psicología,* 18(1), 7-11.

Poeschl, G. (2004b). De l'aimable nature des femmes. *Nouvelle Revue de Psychologie Sociale,* 3(1-2), 152-156.

Poeschl, G. (2008). Présentation de l'ouvrage. In G. Poeschl & J. Viaud (Eds.), *Images de la mondialisation. La construction sociale dune représentation* (9-13). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Poeschl, G., Campos, P. & Ben Alaya, D. (2007). Appartenances nationales et prises de position sur la mondialisation. *Bulletin de Psychologie,* 60 (1), 11-19.

Poeschl, G., Múrias, C., Costa, E. & Silva, A. (2001-2002). Representações das tarefas familiares. *Cadernos de Consulta Psicológica,* 17/18 (1), 161-170.

Poeschl, G. & Pinto, I. (2001-2002). Representações das diferenças entre os sexos e legitimação das relações entre homens e mulheres. *Cadernos de Consulta Psicológica,* 17/18 (1), 171-179.

Poeschl, G., Pinto, I., Múrias, C., Silva, A. & Ribeiro, R. (2006). Representations of family practices, belief in sex differences, and sexism. *Sex Roles,* 55, 111-121.

Poeschl, G. & Ribeiro, R. (2010). Ancoragens e variações nas representações da corrupção. *Análise Social, XLV* (196), 419-445.

Poeschl, G. & Serôdio, R. (1998). Rôles de genre, travail familial et pouvoir familial: Représentations et relations. *La Revue International de l'Education Familial,* 2 (2), 45-53.

Poeschl, G. & Silva, A. (2001-2002). Representações das semelhanças e das diferenças entre os sexos. *Cadernos de Consulta Psicológica,* 17/18 (1), 153-159.

Poeschl, G. & Silva, A. (2001). Efeito das crenças nas diferenças entre sexos na percepção e no julgamento das práticas familiares. *Psicologia*, XV (1), 93-113.

Poeschl, G., Silva, A. & Clémence, A. (2004). Representações da masculinidade e da feminilidade e retratos de homens e mulheres na literatura portuguesa. *Psicologia,* XVIII (1), 31-46.

Poeschl, G., Silva, A. & Múrias, C. (2004). Papéis conjugais desejáveis e traços de personalidade apropriados: uma explicação motivacional. *Psicologia e Educação,* 3(1), 121-135.

Prost, A. (1991). Fronteiras e Espaços do Privado. In P. Ariès & G. Georges (Dirs.). *História da Vida Privada. Da Primeira Guerra Mundial aos nossos Dias* (13-153). Lisboa: Afrontamento.

Quaimzade, A. & Mugny, G. (2004). Les niveaux d'analyse: le cas de l'influence des sources compétentes. *Nouvelle Revue de Psychologie Sociale / New Review of Social Psychology*, 3 (1-2), 65-72.

Queirós, E. (1888). *Os Maias*. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron. Disponível em http://purl.pt/23/1/

Reinert, M. (1990). ALCESTE, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurélia de Gérard de Nerval. *Bulletin de Méthodologie Sociologique*, 26, 24-54.

Reinert, M. (1998). *ALCESTE: analyse des données textuelles. Manuel d'utilisateur*. Toulousse, IMAGE.

Ribeiro, R. & Poeschl, G. (2007). As representações sociais da realização pessoal. In M. B. Monteiro, M. M Calheiros, R. Jerónimo, C. Mouro & P. Duarte (Orgs.), *Percursos da Investigação em Psicologia Social e Organizacional*, (Vol. II) (pp. 35-55). Lisboa: Edições Colibri.

Ribeiro, R. & Poeschl, G. (2008). Croyance dans um monde juste et mondialisation. In G. Poeschl & J. Viaud (Eds.), *Images de la mondialisation. La construction sociale d'une représentation* (pp. 189-202). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Robert, L. (1994). *O Envelhecimento*. Edições Piaget: Lisboa.

Robert, L. (1995) *O Envelhecimento – Factos e Teorias*. Edições Piaget: Lisboa.

Rosch, E. (1978). Principles of categorization. In E. Rosch, & B.B. Lloyd (Eds.) *Cognition and Categorization* (pp. 27-48). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

Rosenberg, M. J. & Hovland, C. I. (1960) Cognitive, affective and behavioral components of attitudes. In C. I. Hovland & M. J. Rosenberg, *Attitude organization and change* (pp.1-14). New Haven, CT: Yale University Press.

Roterdão, E. (1993). *O Elogio da Loucura*. Lisboa: Guimarães Editora.

Rupp, D. E., Vodanovich, S. J. & Credé, M. (2005). The multidimensional nature of ageism: construct validity and group differences. *The Journal of Social Psychology*, 145 (3), 335-362.

Sá, C. P. (2002). *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Editora Vozes.

Sá, M. (2006). Navegar é Preciso? As Palavras Proféticas de Nautes e do Velho do Restelo in *Intertextualidade e Pensamento Clássico* / Anais da XXV Semana de Estudos Clássicos. A. T. B. Vieira & A. L. Teixeira (Orgs.). Rio de Janeiro: Serviço de Publicações/FL-UFRJ.

Saldanha, M. H. (1996). Envelhecimento da mulher: perspectiva sociológica. *Geriatria*, 9, (87), 5-9.

Shakespeare, W. (1914). *King Lear in The complete works of William Shakespeare*. London: Oxford University Press. Disponível em: http://www.bartleby.com/70/

Shakespeare, W. (1914). *As You Like It*. The Oxford Shakespeare. Disponível em http://www.bartleby.com/70/2027.html

Sámouco, M. H. C., Botelho, M. A. & Ramilo, M. T. (1994). *Imagem e capacidade funcional da pessoa idosa: o envelhecimento nas periferias urbanas: um estudo no concelho de Oeiras*. Lisboa: Editora Internacional.

Santos, M. & Belo, I. (2000). Diferentes modelos de velhice. *Psico*, 31 (2), 31-48.

Saraceno, M. (1992). *Sociologia da família*. Lisboa: Editorial Estampa.

Sequeira, M. L. (1970). Situação dos idosos quanto ao meio de vida. Informação Social, 5 (20) (Outubro/Dezembro 1970). Disponível em: http://www.google.pt/#hl=pt-PT&q=Sequeira+(1970)+idosos&aq=f&aqi=&aql=&oq=Sequeira+(1970)+idosos&gs_rfai=&fp=374af2c9a885782a

Serrão, D. (2006). Seniores: um novo estrato social. In Escola Superior de Educação Paula Frassinetti (Ed.) *Intervenção social. Saberes e contextos* (pp. 129-137). Porto: ESEPF.

Schmidt, D. & Boland, S. (1986). Structure of perceptions of older adults. *Psychology and Aging*, 1 (3), 255-260.

Silva, A. (1999). *Papel de Género e Práticas Familiares*. Tese de Mestrado não publicada. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação U.P.

Silva, A. & Poeschl, G. (2001-2002). Representação das Semelhanças e Diferenças entre os Sexos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17-18, 161-170.

Silva, I. R. & Gunther, I. A. (2000). Papéis sociais e envelhecimento em uma perspectiva de curso de vida. *Psicologia: Teoria e Pesquisa,* 16 (1). Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ptp/v16n1/4385.pdf

Sousa, L. & Cerqueira, M. (2005). As imagens da velhice em diferentes grupos etários: um estudo exploratório na população portuguesa. *Revista Kairós*, 8 (2), 189-206.

Sousa, L. & Cerqueira, M. (2006). Influência do género nas imagens da velhice: um estudo exploratório na população portuguesa. *Revista Kairós*, 9 (2), 69-86.

Souza, N. A. (1999). Homet, Raquel. Los viejos y la vejez en la Edad Media. Sociedad e imaginario. *Revista Brasileira de História*, 19 (38), pp.313-318. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881999000200013&lng=en&nrm=iso

Spink, M. J. (1993). *O conhecimento no cotidiano. As representações na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.

Staerklé C. & Doise W. (2005). Ethic of rights and ethic of duties: societal change and stability in everyday thinking. In A-M. Pirttilä-Backman, M. Ahokas, L. Myyry & S. Lähteenoja (Eds.) *Values, Morality and Society*, (pp. 279-303). Gaudeamus: Helsinki.

Tajfel, H. (1972). La catégorisation sociale. In S. Moscovici (Org.), *Introduction à la psychologie sociale* (pp. 272-299). Paris: Larousse.

Tajfel, H. (1974). Social identity and intergroup behaviour. *Social Science Information*, 13, 65-93.

Tajfel, H. (1975). The exit of social mobility and the voice of social change. *Social Science Information*, 14, 101-118.

Tajfel, H. (1981). *Human groups and social categories: studies in social psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.

Teixeira, M. C. V., Settembre, F. M. & Leal, S. B. (2007).). A Survey of Women's Social Representations of Aging and Rejuvenation. *The Spanish Journal of Psychology,* 10 (1), 104-114. Disponível em: http://revistas.ucm.es/psi/11387416/articulos/SJOP0707120104A.PDF

Thane, P. (2003). Social histories of old age and aging. *Journal of Social Histor*y, 9 (22). Disponível em http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m2005/is_1_37/ai_109668472

The Golden Legend or Lives of the Saints. Compiled by Jacobus de Voragine, Archbishop of Genoa, 1275. First Edition Published 1470. Englished by William Caxton, First Edition 1483, Edited by F.S. Ellis, Temple Classics, 1900 (Reprinted 1922, 1931.). Disponível em: http://www.fordham.edu/halsall/basis/goldenlegend/index.htm

Tolentino N. (2005). *Obras poéticas*. The Project Gutenberg EBook of Obras poéticas. Disponível em: http://www.gutenberg.org/files/16385/16385-8.txt

Torga, M. (1981). *Antologia poética*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

Traxler, A. J. (1980). *Let's get gerontologized: Devloping a sensitivity to aging, the multipurpose senior center concept: A training manual for practitioners working witht he aging.* Springfielg, IL: Illinois Department of Aging.

United Nations (1991). *Princípios da Nações Unidas para as Pessoas Idosas* (resolução 46/91). Disponível em http://www.un.org/esa/population/cpd/cpd_resolutions.html

United Nations (1992). *Proclamação das Nações Unidas sobre o Envelhecimento* (resolução 47/5). Disponível em http://www.un.org/esa/population/cpd/cpd_resolutions.html

United Nations (2002). *Report of the Second World Assembly on Ageing*, (A/Conf.197/9), Madrid, 8 – 12 April 2002. Disponível em: http://www.un.org/esa/population/cpd/cpd_resolutions.html

United Nations (2009). *World Population Aging*. New York: United Nations. Disponível em: http://www.un.org/esa/population/cpd/cpd_resolutions.html

Vala, J. (1993). Representações sociais – para uma psicologia social do pensamento social. In J. Vala & M. B. Monteiro, (Eds.), *Psicologia social* (pp. 353-384). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vaz, E. (2008). *A velhice na primeira pessoa*. Penafiel: Editorial Novembro.

Vaz, E., Silva, B. & Sousa, I. (2003). Configurações de vida na velhice. *Antropológicas,* 7, 181-209.

Veloz, M. C. T., Nascimento-Schulze, C. M. & Camargo, B. V. (1999). Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia Reflexão e Critica,* 12 (2), 479-501.

Vicente, G. (1998). *O Velho da Horta, Auto da Barca do Inferno, Farsa de Inês Pereira*. S. Paulo: Ateliê Editorial.

Wagner, W. & Hayes N. (2005). *Everyday Discourse and Common Sense - The Theory of Social Representations*. Palgrave Macmillan Publishers.

Wachelke, J. F. R., Camargo, B. V., Hazan, J. V., Soares, D. R., Oliveira, L. T. P. & Reynaud, P. D. (2008). Princípios organizadores da representação social do envelhecimento: dados coletados via internet. *Estudos de Psicologia*, 13 (2), 107-116.

Wachelke, J. F. R. & Lins, S. L. B. (2008). Changing masks: a masking effect on young people's Social representation on aging? *Current Research in Social Psychology*, 13 (19), 232-242. Disponível em: http://www.uiowa.edu/~grpproc/crisp/crisp13_19.pdf

Wilde, O. (1890). *O Retrato de Dorian Grey*. Free hypertext e-book edition of Oscar Wilde's The Picture of Dorian Gray. Copyright 1995, 1998, 2000-04 by R. van Valkenburg. All Global Rights Reserved. Disponível em: http://www.upword.com/wilde/dorgray.html#3

Wheeler, S. C. & Petty, R. E. (2001). The effects of stereotype activation on behavior: A review of possible mechanisms. *Psychological Bulletin,* 127 (6), 797-826.

World Health Organization (1999). *Vieillissement: transcender les mythes.* Programme Vieillissement et santé. Organisation mondiale de la Santé.

World Health Organization (2002). *Active Ageing: a policy framework*. A contribution of the WHO to the Second United Nations World Assembly on Ageing, Madrid, Spain, April, 2002. Disponível em: http://whqlibdoc.who.int/hq/2002/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf

Zavalloni, M. (1990). L'effet de résonance dans la création de l'identité des représentations sociales. *Revue International de Psychologie Sociale*, 3 (3), 407-428.

Anexos



37. Niklaus Manuel, *Old Woman, Young Man and a Demon*, ca. 1515, drawing, Basel



Anexo 2 – *Velho Louco Beijando Rapariguinha*, de Lucas van Leyden (1520). Museum Kunstpalast, Dusseldorf (disponível em: http://www.museum-kunst-palast.de/mediabig/663A/index.html).


Que fais-tu ?
Musée des Beaux-Arts
Lille France

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Universidade do Porto

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior

Questionário N.º_____

Este questionário faz parte duma investigação onde procuramos conhecer o modo como percebemos pessoas de diferentes grupos etários. Os dados recolhidos serão tratados globalmente e de forma anónima. Não existem respostas certas ou erradas, o importante é a sua opinião.
Agradecemos desde já ter acedido a responder a este questionário.

1. Sexo: Masculino Feminino
2. Estado civil: Solteiro(a) Casado(a) Viúvo(a) Divorciado(a)
3. Idade (em anos):_____
4. Religião: _____ Praticante? Sim Não
5. Tendência Política: Esquerda Centro Direita Sem
6. Nacionalidade:_____

   Se Português, viveu sempre em Portugal? Sim Não
7. Profissão:_____ Profissão do Cônjuge:_____
8. Filhos: Não Sim Se Sim quantos? _____
9. No seu dia a dia ou no seu trabalho tem contacto com Idosos?
   Nunca Raramente Algumas Vezes Frequentemente
10. Na sua opinião como devemos chamar à etapa da vida atingida pelas Pessoas Idosas

    Anciania ; Terceira Idade ; Velhice ; Outra , qual?_____
11. Tem contacto com familiares Idosos?
    Nunca Raramente Algumas Vezes Frequentemente
12. Tem amigos Idosos? Sim Não
13. Consegue referir 3 pessoas idosas com quem mantém contacto regular: Sim Não Se sim indique: (1) idade _____ sexo _____

    (2) idade _____ sexo _____

    (3) idade _____ sexo _____

Anexo 4 – Questionário Estudo 1.

I – Gostávamos de conhecer a sua opinião sobre as **Pessoas Idosas**.

1) Procure escrever uma dezena de palavras ou expressões simples que lhe surgem espontaneamente na mente quando pensa nas **Pessoas Idosas**

Resposta A: _____

Resposta B: _____

Resposta C: _____

Resposta D: _____

Resposta E: _____

Resposta F: _____

Resposta G: _____

Resposta H: _____

Resposta I: _____

Resposta J: _____

2) Para cada resposta que acabou de fornecer, indique se, na sua opinião, ela é mais **negativa** ou mais **positiva**. Trace um círculo à volta do algarismo que melhor corresponde à sua resposta:

	Muito negativa	Sobretudo negativa	Às vezes positiva às vezes negativa	Sobretudo positiva	Muito positiva
Sua resposta A	1	2	3	4	5
Sua resposta B	1	2	3	4	5
Sua resposta C	1	2	3	4	5
Sua resposta D	1	2	3	4	5
Sua resposta E	1	2	3	4	5
Sua resposta F	1	2	3	4	5
Sua resposta G	1	2	3	4	5
Sua resposta H	1	2	3	4	5
Sua resposta I	1	2	3	4	5
Sua resposta J	1	2	3	4	5

3) Agora pretendemos que nos indique uma dezena de coisas, objectos e ou situações que associe às **Pessoas Idosas**

Resposta A: _____

Resposta B: _____

Resposta C: _____

Resposta D: _____

Resposta E: _____

Resposta F: _____

Resposta G: _____

Resposta H: _____

Resposta I: _____

Resposta J: _____

Resposta J: _____

4) Para cada resposta que acabou de fornecer, indique se, na sua opinião, ela é mais **negativa** ou mais **positiva**. Trace um círculo à volta do algarismo que melhor corresponde à sua resposta:

	Muito negativa	Sobretudo negativa	Às vezes positiva às vezes negativa	Sobretudo positiva	Muito positiva
Sua resposta A	1	2	3	4	5
Sua resposta B	1	2	3	4	5
Sua resposta C	1	2	3	4	5
Sua resposta D	1	2	3	4	5
Sua resposta E	1	2	3	4	5
Sua resposta F	1	2	3	4	5
Sua resposta G	1	2	3	4	5
Sua resposta H	1	2	3	4	5
Sua resposta I	1	2	3	4	5
Sua resposta J	1	2	3	4	5

II – Gostávamos de conhecer a sua opinião sobre a **Mulher Idosa.**

1) Procure escrever uma dezena de palavras ou expressões simples que lhe surgem espontaneamente na mente quando pensa na **Mulher Idosa.**

Resposta A: _____

Resposta B: _____

Resposta C: _____

Resposta D: _____

Resposta E: _____

Resposta F: _____

Resposta G: _____

Resposta H: _____

Resposta I: _____

Resposta J: _____

2) Para cada resposta que acabou de fornecer, indique se, na sua opinião, ela é mais **negativa** ou mais **positiva**. Trace um círculo à volta do algarismo que melhor corresponde à sua resposta:

	Muito negativa	Sobretudo negativa	Às vezes positiva às vezes negativa	Sobretudo positiva	Muito positiva
Sua resposta A	1	2	3	4	5
Sua resposta B	1	2	3	4	5
Sua resposta C	1	2	3	4	5
Sua resposta D	1	2	3	4	5
Sua resposta E	1	2	3	4	5
Sua resposta F	1	2	3	4	5
Sua resposta G	1	2	3	4	5
Sua resposta H	1	2	3	4	5
Sua resposta I	1	2	3	4	5
Sua resposta J	1	2	3	4	5

3) Agora pretendemos que nos indique uma dezena de coisas, objectos e ou situações que associe à **Mulher Idosa.**

Resposta A: _____

Resposta B: _____

Resposta C: _____

Resposta D: _____

Resposta E: _____

Resposta F: _____

Resposta G: _____

Resposta H: _____

Resposta I: _____

Resposta J: _____

4) Para cada resposta que acabou de fornecer, indique se, na sua opinião, ela é mais **negativa** ou mais **positiva**. Trace um círculo à volta do algarismo que melhor corresponde à sua resposta:

	Muito negativa	Sobretudo negativa	Às vezes positiva às vezes negativa	Sobretudo positiva	Muito positiva
Sua resposta A	1	2	3	4	5
Sua resposta B	1	2	3	4	5
Sua resposta C	1	2	3	4	5
Sua resposta D	1	2	3	4	5
Sua resposta E	1	2	3	4	5
Sua resposta F	1	2	3	4	5
Sua resposta G	1	2	3	4	5
Sua resposta H	1	2	3	4	5
Sua resposta I	1	2	3	4	5
Sua resposta J	1	2	3	4	5

III - Em seguida pedimos que apresente alguns aspectos que poderiam caracterizar a **Mulher Idosa.** Assinale com um X as opções que melhor correspondem à sua opinião

1. Situação profissional: Trabalhadora ; Reformada ;

2. Idade (em anos) : _____

3. Autonomia: Dependente ; Independente ; Necessita de Apoio ;

Se necessita de apoio refira em quê? _____

_____

4. Estado Civil: Solteira ; Junta ; Casada ; Viuva ; Divorciada

5. Com quem vive: Sozinha ; Sozinha com Apoio Domiciliário ; Num Lar ;
Com Familiares ; Outra situação Qual?_____

_____

6. Indique actividades desempenhadas pela **Mulher Idosa.**

_____ _____
_____ _____
_____ _____
_____ _____
_____ _____

7. Na sua opinião como devemos chamar à Mulher que atinge esta fase da vida?
(assinale apenas uma opção)

Idosa ; Velha ; Velhinha ; Velhota ; Anciã ; Outra
Se respondeu outra, por favor, indique qual?_____

8. Na sua opinião em que idade a Mulher devia atingir a reforma?_____

IV – Gostávamos de conhecer a sua opinião sobre o **Homem Idoso.**

1) Procure escrever uma dezena de palavras ou expressões simples que lhe surgem espontaneamente na mente quando pensa no **Homem Idoso.**

Resposta A: _____

Resposta B: _____

Resposta C: _____

Resposta D: _____

Resposta E: _____

Resposta F: _____

Resposta G: _____

Resposta H: _____

Resposta I: _____

Resposta J: _____

2) Para cada resposta que acabou de fornecer, indique se, na sua opinião, ela é mais **negativa** ou mais **positiva**. Trace um círculo à volta do algarismo que melhor corresponde à sua resposta:

	Muito negativa	Sobretudo negativa	Às vezes positiva às vezes negativa	Sobretudo positiva	Muito positiva
Sua resposta A	1	2	3	4	5
Sua resposta B	1	2	3	4	5
Sua resposta C	1	2	3	4	5
Sua resposta D	1	2	3	4	5
Sua resposta E	1	2	3	4	5
Sua resposta F	1	2	3	4	5
Sua resposta G	1	2	3	4	5
Sua resposta H	1	2	3	4	5
Sua resposta I	1	2	3	4	5

Sua resposta J	1	2	3	4	5

3) Agora pretendemos que nos indique uma dezena de coisas, objectos e ou situações que associe ao **Homem Idoso.**

Resposta A: _____

Resposta B: _____

Resposta C: _____

Resposta D: _____

Resposta E: _____

Resposta F: _____

Resposta G: _____

Resposta H: _____

Resposta I: _____

Resposta J: _____

4) Para cada resposta que acabou de fornecer, indique se, na sua opinião, ela é mais **negativa** ou mais **positiva**. Trace um círculo à volta do algarismo que melhor corresponde à sua resposta:

	Muito negativa	Sobretudo negativa	Às vezes positiva às vezes negativa	Sobretudo positiva	Muito positiva
Sua resposta A	1	2	3	4	5
Sua resposta B	1	2	3	4	5
Sua resposta C	1	2	3	4	5
Sua resposta D	1	2	3	4	5
Sua resposta E	1	2	3	4	5
Sua resposta F	1	2	3	4	5
Sua resposta G	1	2	3	4	5
Sua resposta H	1	2	3	4	5
Sua resposta I	1	2	3	4	5
Sua resposta J	1	2	3	4	5

V - Em seguida pedimos que apresente alguns aspectos que poderiam caracterizar o **Homem Idoso.** Assinale com um X as opções que melhor correspondem à sua opinião.

1. Situação profissional: Trabalhador ; Reformado ;

2. Idade (em anos) : _____

3. Autonomia: Dependente ; Independente ; Necessita de Apoio ;

Se necessita de apoio refira em quê? _____

_____

4. Estado Civil: Solteiro ; Junto ; Casado ; Viuvo ; Divorciado

5. Com quem vive: Sozinho ; Sozinho com Apoio Domiciliário ; Num Lar ;
Com Familiares ; Outra situação Qual?_____

_____

6. Indique actividades desempenhadas pelo **Homem Idoso.**

_____ _____
_____ _____
_____ _____
_____ _____
_____ _____

7. Na sua opinião como devemos chamar ao Homem que atinge esta fase da vida?
(assinale apenas uma opção)

Idoso ; Velho ; Velhinho ; Velhote ; Ancião ; Outra
Se respondeu outra, por favor, indique qual?_____

8. Na sua opinião em que idade o Homem devia atingir a reforma?_____

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade do Porto

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior

Questionário N.º_____

Este questionário faz parte duma investigação onde procuramos conhecer o modo como percebemos pessoas de diferentes grupos etários. Os dados recolhidos serão tratados globalmente e de forma anónima. Não existem respostas certas ou erradas, o importante é a sua opinião. Agradecemos desde já ter acedido responder a este questionário.

14. Sexo: Masculino Feminino
15. Estado civil: Solteiro(a) Casado(a) Viúvo(a) Divorciado(a)
16. Idade (em anos):_____
17. Religião: _____ Praticante? Sim Não
18. Tendência política: Esquerda Centro Direita Sem
19. Nacionalidade: _____

    Se português, viveu sempre em Portugal? Sim Não
20. Profissão: _____ Profissão do cônjuge: _____
21. Filhos: Não Sim Se sim quantos? _____
22. Na sua opinião como devemos chamar à etapa da vida atingida pelas pessoas idosas

    _____
23. A partir de que idade considera que uma pessoa é idosa: _____ (anos)
24. Procure referir a idade e o sexo de até quatro pessoas idosas com quem mantém contacto regular:

    (1) Idade _____ Sexo _____ (2) Idade _____ Sexo _____

    (3) Idade _____ Sexo _____ (4) Idade _____ Sexo _____

Anexo 5 – Questionário Estudo 2.

1) Procure escrever cinco palavras ou expressões simples que lhe surgem espontaneamente na mente quando pensa nas **pessoas idosas.**

Resposta A:·_____

Resposta B:·_____

Resposta C:·_____

Resposta D:_____

Resposta E:·_____

2) Para cada resposta que acabou de fornecer, indique se, na sua opinião, ela é mais **negativa** ou mais **positiva**.

Faça um círculo à volta do algarismo que melhor corresponde à sua resposta:

	Muito negativa	Sobretudo negativa	Nem negativa, nem positiva	Sobretudo positiva	Muito positiva
Sua resposta A	1	2	3	4	5
Sua resposta B	1	2	3	4	5
Sua resposta C	1	2	3	4	5
Sua resposta D	1	2	3	4	5
Sua resposta E	1	2	3	4	5

2) Pretendemos, agora, com base na lista de sentimentos que a seguir apresentamos, conhecer a intensidade de sentimentos que lhe surgem na mente quando pensa na situação actual das **pessoas idosas.**

Faça um círculo à volta do algarismo que melhor corresponde à sua opinião.

Nesta escala "1" = "Nada forte" e "7" = "Muito forte".

Interesse	1	2	3	4	5	6	7
Curiosidade	1	2	3	4	5	6	7
Atenção	1	2	3	4	5	6	7
Medo	1	2	3	4	5	6	7
Felicidade	1	2	3	4	5	6	7
Desânimo	1	2	3	4	5	6	7
Pasmo	1	2	3	4	5	6	7
Contentamento	1	2	3	4	5	6	7
Temor	1	2	3	4	5	6	7
Vergonha	1	2	3	4	5	6	7
Tristeza	1	2	3	4	5	6	7
Aflição	1	2	3	4	5	6	7
Agonia	1	2	3	4	5	6	7
Cólera	1	2	3	4	5	6	7
Surpresa	1	2	3	4	5	6	7
Ira	1	2	3	4	5	6	7
Nojo	1	2	3	4	5	6	7
Repulsa	1	2	3	4	5	6	7
Desprezo	1	2	3	4	5	6	7
Desdém	1	2	3	4	5	6	7
Menosprezo	1	2	3	4	5	6	7
Angústia	1	2	3	4	5	6	7
Raiva	1	2	3	4	5	6	7
Receio	1	2	3	4	5	6	7
Repugnância	1	2	3	4	5	6	7
Timidez	1	2	3	4	5	6	7
Acanhamento	1	2	3	4	5	6	7
Alegria	1	2	3	4	5	6	7
Espanto	1	2	3	4	5	6	7
Desmoralização	1	2	3	4	5	6	7
Culpa	1	2	3	4	5	6	7
Censura	1	2	3	4	5	6	7

3) Gostávamos, ainda, de conhecer a sua opinião sobre as afirmações que apresentamos de seguida relativas às **pessoas idosas.**
Faça um círculo à volta do algarismo que melhor corresponde à sua opinião
Nesta escala "1" = " Discordo totalmente " e "5" = " Concordo totalmente

Muitas pessoas idosas são avarentas e guardam o seu dinheiro e as suas posses.	1	2	3	4	5
Muitas pessoas idosas não estão interessadas em fazer novos amigos, preferindo em vez disso o seu habitual círculo de amigos	1	2	3	4	5
Muitas pessoas idosas vivem no passado	1	2	3	4	5
Não se devia confiar crianças pequenas ao cuidado da maioria das pessoas idosas	1	2	3	4	5
Muitas pessoas idosas são mais felizes quando estão com pessoas da sua idade	1	2	3	4	5
Pode considerar-se que a maioria das pessoas idosas tem pouco cuidado com a higiene pessoal	1	2	3	4	5
A maioria das pessoas idosas pode ser irritante porque conta sempre as mesmas histórias	1	2	3	4	5
As pessoas idosas queixam-se mais do que as outras pessoas	1	2	3	4	5
Se fosse convidado(a) para ir a um convívio num lar de pessoas idosas preferia não ir	1	2	3	4	5
O suicídio dos adolescentes é mais trágico do que o suicídio das pessoas idosas	1	2	3	4	5
Às vezes evito o contacto visual com pessoas idosas quando as vejo	1	2	3	4	5
Não gosto quando pessoas idosas tentam meter conversa comigo	1	2	3	4	5
Não se pode esperar conversas complexas e interessantes da maioria das pessoas idosas	1	2	3	4	5
Sentir-se deprimido(a) na companhia de pessoas idosas é provavelmente um sentimento comum	1	2	3	4	5
As pessoas idosas deviam encontrar amigos da sua idade	1	2	3	4	5
As pessoas idosas deviam sentir-se bem-vindas nos convívios de gente jovem	1	2	3	4	5
As pessoas idosas não precisam realmente de usar as instalações desportivas comunitárias	1	2	3	4	5
É melhor que as pessoas idosas vivam onde não possam incomodar ninguém	1	2	3	4	5
A companhia da maioria das pessoas idosas é bastante agradável	1	2	3	4	5
É triste ouvir falar sobre as dificuldades das pessoas idosas na sociedade dos nossos dias	1	2	3	4	5
As pessoas idosas deviam ser encorajadas a expressar as suas opiniões políticas	1	2	3	4	5
Na sua maioria as pessoas idosas são interessantes e originais	1	2	3	4	5
Pessoalmente não quereria passar muito tempo com uma pessoa idosa	1	2	3	4	5
Dentro das instalações desportivas, deviam existir clubes especiais reservados às pessoas idosas para que pudessem competir entre si	1	2	3	4	5
As pessoas idosas merecem os mesmos direitos e liberdades que os outros membros da nossa sociedade	1	2	3	4	5
À maioria das pessoas idosas não devia ser autorizada a renovação da carta de condução	1	2	3	4	5
As pessoas idosas podem ser muito criativas	1	2	3	4	5
Preferia não viver com uma pessoa idosa	1	2	3	4	5
As pessoas idosas não precisam de muito dinheiro para satisfazer as suas necessidades	1	2	3	4	5

GUIÃO DE ENTREVISTA

Entrevista n.º____

Mais uma vez agradeço a sua colaboração.

Vamos iniciar a entrevista onde o que pretendo é conhecer a sua opinião pessoal sobre a velhice.

Como já tinha dito esta conversa é confidencial, os dados vão ser tratados globalmente e o seu nome nunca será revelado. Como combinado posso gravar?

Para tratamento estatístico gostava de conhecer apenas alguns dos seus dados pessoais.

Dados sócio-demográficos

25. Sexo: Masculino Feminino
26. Estado civil: Solteiro(a) Casado(a) Viúvo(a) Divorciado(a)
27. Filhos: …Não Sim quantos? _____
28. Com quem vive actualmente? _____
29. Idade (em anos):_____
30. Religião: _____ Praticante?· Sim Não
31. Tendência política: Esquerda· Centro Direita Sem
32. Nacionalidade: _____viveu sempre em Portugal? Sim Não _____
33. Habilitações académicas: _____
34. Profissão: _____
35. Hobbies (outras actividades /tempos livres) _____

_____

A) Gostaria de conhecer a sua opinião sobre a velhice

1. Gostaria de conhecer quais são as palavras que lhe surgem espontaneamente na mente quando pensa numa pessoa com uma idade entre os 75/ 80 anos?
2. Na sua opinião que tipo de recursos ou coisas essa pessoa perdeu com a idade? Por exemplo

   Ao nível físico: aparência e saúde?
   Ao nível ocupacional ou do trabalho?
   Ao nível afectivo e mental?
   Ao nível moral e religioso?
   Ao nível financeiro?
   Ao nível familiar?
   Ao nível do estatuto ou importância social?
   Há outros recursos ou aspectos que a pessoa perdeu e sobre os quais gostaria de falar?

3. Na sua opinião que recursos uma pessoa com 75/ 80 anos conserva, mantém, ou adquiriu nessa idade? Por exemplo o que ganhou ou manteve em termos

   Físicos: aparência e saúde?
   Morais e religiosos?
   Afectivos e mentais?
   Ocupacionais ou do trabalho?
   Ao nível financeiro?
   Do relacionamento com as outras pessoas?
   Financeiros?
   Familiares?
   Estatuto ou importância social?
   Há outros recursos que a pessoa manteve ou adquiriu sobre os quais gostaria de falar?

4. Na sua opinião quais são os aspectos positivos da velhice duma pessoa com 75/ 80 anos?
5. Na sua opinião quais são os aspectos negativos da velhice duma pessoa com 75/ 80 anos?
6. Do seu ponto de vista que papéis, funções ou actividades serão desempenhados por uma pessoa com 75/ 80 anos? (O que é que ela faz no dia a dia?)
7. Na sua opinião que tipos de apoios tem uma pessoa com 75/ 80 anos?
8. Na sua opinião o que é o Envelhecimento Activo?
9. Na sua opinião as pessoas devem preparar a sua velhice? A partir de que altura? Porquê?
10. O que é que devem fazer concretamente? Por exemplo: o que é as pessoas devem fazer em termos

    Físicos: aparência e saúde?
    Morais e religiosos?
    Afectivos e mentais?
    Ocupacionais ou do trabalho?
    Ao nível financeiro?
    Do relacionamento com as outras pessoas?
    Financeiros?

Familiares?
Estatuto ou importância social?
Há outros aspectos sobre como preparar a velhice sobre os quais gostaria de falar?

11. Acha que as pessoas se sentem preocupadas com a sua velhice? Porque?

12. Pode dizer-me, se na sua opinião, a velhice nos homens e nas mulheres é semelhante e ou diferente?

13. - Semelhante em que aspectos – porquê? Seria capaz de me dar alguns exemplos sobre a forma como estas semelhanças se manifestam na vida quotidiana?

14. Diferente em que aspectos – porquê? Seria capaz de me dar alguns exemplos sobre a forma como estas diferenças se manifestam na vida quotidiana?

B) Gostaria agora de conhecer a sua opinião sobre a sua própria velhice

1. Quais são as palavras que lhe surgem espontaneamente na mente quando pensa em si com 75/ 80 anos?
2. Quando tiver essa idade (75/ 80 anos) o que imagina que terá perdido. Por exemplo

Ao nível físico: aparência e saúde?
Ao nível ocupacional ou do trabalho?
Ao nível afectivo e mental?
Ao nível moral e religioso?
Ao nível financeiro?
Ao nível familiar?
Ao nível do estatuto ou importância social?
Há outros recursos ou aspectos que pensa ter perdido e sobre os quais gostaria de falar?

3. Na sua opinião, quando tiver 75/ 80 anos que recursos irá conservar, manter, ou adquirir? Por exemplo o que terá ganho ou manteve em termos

Físicos: aparência e saúde?
Morais e religiosos?
Afectivos e mentais?
Ocupacionais ou do trabalho?
Ao nível financeiro?
Do relacionamento com as outras pessoas?
Financeiros?
Familiares?
Estatuto ou importância social?
Há outros recursos que pensa ter mantido ou adquirido sobre os quais gostaria de falar?

4. Na sua opinião que aspectos positivos irá ter com essa idade?

5. Na sua opinião que aspectos negativos irá ter com essa idade?

6. Do seu ponto de vista que papéis, funções ou actividades irá desempenhar aos75/ 80 anos?

7. Que tipos de apoio pensa ter na sua velhice?

8. Pessoalmente considera que deve preparar a sua velhice? Porquê?

9. Já começou essa preparação? A partir de que altura pensa começar?

10.Concretamente o que é que fez? Ou pretende fazer? Por exemplo em termos

Físicos: aparência e saúde?
Morais e religiosos?
Afectivos e mentais?
Ocupacionais ou do trabalho?
Ao nível financeiro?
Do relacionamento com as outras pessoas?
Financeiros?
Familiares?
Estatuto ou importância social?
Há outros aspectos sobre como preparar a velhice sobre os quais gostaria de falar?

11.Sente-se preocupado/a ou não a com a sua velhice? Porquê?

12.A partir de que idade vai considerar que entra na velhice?

13.Como imagina a sua vida daqui por 30 / 35 anos? (onde morará, como será o seu dia a dia, o que estará a fazer, com quem conviverá?)

14.Daqui por 30 / 35 anos como espera responder a pergunta "Qual é sua opinião sobre a sua própria velhice?"

Gostaria de acrescentar algum aspecto?

Terminamos a entrevista. Mais uma vez muito obrigada pela sua colaboração.